



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING

LUCAS POSSATTI

ANÁLISE DO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA POR FALANTES
RECIFENSES E PAULISTAS EM JOÃO PESSOA: UM ESTUDO LONGITUDINAL

JOÃO PESSOA

2025

LUCAS POSSATTI

**ANÁLISE DO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA POR FALANTES
RECIFENSES E PAULISTAS EM JOÃO PESSOA: UM ESTUDO LONGITUDINAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal da Paraíba,
na área de concentração Teoria e Análise Linguística
e linha de pesquisa Diversidade e Mudança
Linguística, como requisito para obtenção do título
de Doutor.

Orientador: Dr. Rubens Marques de Lucena

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P856a Possatti, Lucas.

Análise do processo de acomodação linguística por falantes recifenses e paulistas em João Pessoa : um estudo longitudinal / Lucas Possatti. - João Pessoa, 2025.

262 f. : il.

Orientação: Rubens Marques de Lucena.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Acomodação linguística - Estudo longitudinal. 2. Atitudes linguísticas - Identidade. 3. Contato dialetal. 4. Teoria da Variação Linguística. I. Lucena, Rubens Marques de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'28(043)



ATA DE DEFESA DE TESE DE
LUCAS POSSATTI DE OLIVEIRA

Aos trinta e um dias do mês de julho de dois mil e vinte e cinco (31/07/2025), às oito horas e trinta minutos, realizou-se, via Plataforma Google Meet, a sessão pública de defesa de Tese intitulada “ANÁLISE DO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO LINGÜÍSTICA POR FALANTES RECIFENSES E PAULISTAS EM JOÃO PESSOA: UM ESTUDO LONGITUDINAL”, apresentada pelo(a) doutorando(a) **LUCAS POSSATTI DE OLIVEIRA**, Graduado(a) em Letras pelo(a) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, orientando(a) do(a) Prof.(a). Dr(a) Rubens Marques de Lucena (PROLING-UFPB), que concluiu os créditos para obtenção do título de **DOUTOR(A) EM LINGÜÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof.(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof.(a). Dr(a). Rubens Marques de Lucena (PROLING - UFPB), na qualidade de Orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(as) Professores(as) Doutores(as) Carolina Gomes da Silva (Examinadora/PROLING-UFPB), Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (Examinadora/UFPB), Almir Anacleto de Araújo Gomes (Examinador/UFCG) e Anilda Costa Alves (Examinadora/UEPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente, Rubens Marques de Lucena, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) Doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Sr(a). Presidente, foram encerrados os trabalhos e, para constar foi lavrada a presente ata que será assinada juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 31 de julho de 2025.

Observações

A Banca Examinadora gostaria de destacar a qualidade do trabalho apresentado e recomendar as alterações das sugestões apontadas.

Documento assinado digitalmente
 **RUBENS MARQUES DE LUCENA**
Data: 30/10/2025 08:38:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Rubens Marques de Lucena
(Presidente da Banca Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 **CAROLINA GOMES DA SILVA**
Data: 06/08/2025 14:24:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Carolina Gomes da Silva
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 **JULIENE LOPES RIBEIRO PEDROSA**
Data: 04/08/2025 17:20:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 **ALMIR ANACLETO DE ARAUJO GOMES**
Data: 04/08/2025 10:42:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Almir Anacleto de Araújo Gomes
(Examinador)

Documento assinado digitalmente
 **ANILDA COSTA ALVES**
Data: 04/08/2025 10:32:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Anilda Costa Alves
(Examinadora)

LUCAS POSSATTI

**ANÁLISE DO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA POR
FALANTES RECIFENSES E PAULISTAS EM JOÃO PESSOA: UM ESTUDO
LONGITUDINAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística e linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, como requisito para obtenção do título de Doutor.

Aprovado em _____ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena – Orientador (UFPB)

Prof. Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes (UFCG)

Prof^a. Dra. Anilda Costa Alves (UEPB)

Prof^a. Dra. Carolina Gomes da Silva (UFPB)

Prof^a. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UFPB)

Prof^a. Dra. Tatiana Maranhão e Silva (IFPB)

João Pessoa

2025

RESUMO

Esta tese investiga o fenômeno da acomodação linguística em contexto de contato dialetal com o dialeto pessoense, experienciado por recifenses e paulistas residentes na cidade de João Pessoa, com base nos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991) e nos aportes da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]). O objetivo geral é descrever como ocorre, ao longo do tempo, e que fatores influenciam o processo de acomodação linguística de falantes paulistas e recifenses em contato com o dialeto pessoense. O corpus é composto por sete participantes (três recifenses e quatro paulistas), cujos dados foram coletados em seis momentos ao longo de dois anos, conferindo à pesquisa um caráter longitudinal ainda pouco explorado nos estudos sobre acomodação dialetal no Brasil. A análise combinou abordagem quantitativa, com o uso do programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), e análise qualitativa intra e interindividual, com foco na trajetória de acomodação dos participantes. Os resultados evidenciam que a acomodação linguística não é um processo linear. Fatores como tempo de exposição, atitudes que regulam julgamentos sociolinguísticos e posicionamentos identitários modulam o grau e o ritmo de evolução do processo de acomodação linguística. A tese contribui, assim, para o aprofundamento das discussões sobre acomodação linguística, identidade, e atitudes linguísticas em contexto de contato dialetal entre variedades do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: acomodação linguística, estudo longitudinal, atitudes linguísticas, identidade, contato dialetal, Teoria da Variação Linguística.

ABSTRACT

This thesis investigates the phenomenon of language accommodation in the context of dialectal contact with the local dialect of João Pessoa, experienced by speakers from Recife and São Paulo residing in that city. The study is grounded in the theoretical framework of Communication Accommodation Theory (Giles et al., 1991) and the principles of Variationist Sociolinguistics (Labov, 1966, 2008 [1972]). The general objective is to understand how the process of language accommodation develops over time, considering both linguistic and extralinguistic variables, with special attention to speakers' language attitudes and identity. The corpus consists of seven participants (three from Recife and four from São Paulo), whose speech were recorded in six different moments over a two-year period, granting the study a longitudinal character that has not yet been explored in studies on dialectal accommodation in Brazil. The analysis combines a quantitative approach, using the Goldvarb X software (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), with qualitative intra- and interindividual analysis focused on the participants' accommodation trajectories. The results show that language accommodation is not a linear process. Factors such as length of exposure, attitudes that regulate sociolinguistic judgments, and identity positions modulate both the degree and pace of evolution of the language accommodation process. This thesis thus contributes to the deepening of discussions on language accommodation, identity, and language attitudes in the context of dialectal contact between varieties of Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: language accommodation, longitudinal study, language attitudes, identity, dialectal contact, Variationist Sociolinguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Padrões silábicos.....	32
Quadro 2: Traços distintivos dos alofones do /S/.....	35
Quadro 3: Traços distintivos dos alofones do /R/.....	35
Quadro 4: Traços distintivos das fricativas coronais.....	41
Quadro 5: Variáveis controladas.....	106
Quadro 6: Variáveis selecionadas.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produções do /S/ na posição de coda em São Paulo.....	47
Gráfico 2: Produções do /S/ na posição de coda em Recife.....	48
Gráfico 3: Produções do /S/ na posição de coda em João Pessoa.....	48
Gráfico 4: Índices individuais de acomodação ao longo do tempo.....	111
Gráfico 5: Índices e médias gerais de acomodação ao longo do tempo.....	112
Gráfico 6: Índices de acomodação da Informante 1.....	148
Gráfico 7: Índices de acomodação da Informante 2.....	151
Gráfico 8: Índices de acomodação da Informante 3.....	155
Gráfico 9: Índices de acomodação da Informante 4.....	161
Gráfico 10: Índices de acomodação da Informante 5.....	165
Gráfico 11: Declínio nos índices de acomodação da Informante 5.....	171
Gráfico 12: Índices de acomodação da Informante 6.....	173
Gráfico 13: Índices de acomodação da Informante 7.....	177

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Volumes de imigração, emigração e trocas migratórias da Paraíba.....	16
Tabela 2: Perfil dos informantes.....	88
Tabela 3: Perfil dos informantes com projeções de acomodação.....	110
Tabela 4: Índices de acomodação de cada informante.....	110
Tabela 5: Acomodação linguística com base na variável contexto fonológico posterior.	114
Tabela 6: Acomodação linguística com base na variável contexto fonológico posterior para recifenses.....	114
Tabela 7: Acomodação linguística com base no fenômeno em estudo.....	118
Tabela 8: Acomodação linguística com base na variável tempo de exposição.....	121
Tabela 9: Acomodação linguística com base na variável contexto fonológico anterior..	126
Tabela 10: Acomodação linguística com base na variável idade.....	129
Tabela 11: Acomodação linguística com base na variável origem.....	130

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sílabas.....	31
Figura 2: Níveis hierárquicos da sílaba.....	31
Figura 3: Representação hierárquica dos traços distintivos do /s/.....	34
Figura 4: Neutralização das sibilantes.....	41
Figura 5: Articulação da fricativa alveolar surda [s].....	42
Figura 6: Articulação da fricativa alveolar sonora [z].....	43
Figura 7: Articulação da fricativa pós-alveolar surda [ʃ].....	44
Figura 8: Articulação da fricativa pós-alveolar sonora [ʒ].....	45
Figura 9: Mapa das realizações palatais do /S/ em coda silábica – interna e externa.....	46
Figura 10: Articulação do tepe alveolar [r].....	53
Figura 11: Articulação da fricativa glotal surda [h].....	53
Figura 12: Articulação da fricativa glotal sonora [ɦ].....	54
Figura 13: Mapa das realizações palatais do /R/ em coda silábica interna no estado de São Paulo.....	55
Figura 14: Articulação da tepe retroflexa [ɽ].....	56
Figura 15: Articulação da aproximante retroflexa [ɻ].....	56
Figura 16: Linha do tempo dos pontos de coleta.....	91
Figura 17: Vogais.....	105

LISTA DE SIGLAS

PB – Português do Brasil

SAT – *Speech Accommodation Theory*

CAT – *Communication Accommodation Theory*

LM – Língua materna

L2 – Segunda língua

LISTA DE SÍMBOLOS

/ / – Representação fonológica

[] – Representação fonética

/S/ – Arquifonema do S

/R/ – Arquifonema do R

/s/ – Fricativa alveolar surda

[ʃ] – Fricativa palatal surda

/z/ – Fricativa alveolar sonora

[ʒ] – Fricativa palatal sonora

/t/ – Oclusiva dental surda

/d/ – Oclusiva dental sonora

[h] – Fricativa glotal surda

[ɦ] – Fricativa glotal sonora

[ɽ] – Tepe retroflexa

[ɻ] – Aproximante retroflexa

[r] – Tepe

[Ø] – Zero fonético

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
Objetivo geral.....	24
Objetivos específicos.....	24
 CAPÍTULO I: OBJETO DE ESTUDO.....	 28
1.1 Acomodação linguística.....	29
1.2 Estrutura silábica do PB.....	30
1.3 Fenômenos fonético-fonológicos observados.....	36
1.3.1 Critérios de seleção e fundamentação empírica dos fenômenos analisados.....	38
1.3.2 /S/ em coda silábica no PB e a palatalização.....	40
1.3.3 /R/ em coda silábica nos falares paulista e pessoense.....	49
1.4 O prestígio social e sua influência no processo de acomodação linguística.....	57
1.5 Estudos relacionados.....	61
 CAPÍTULO II: MARCO TEÓRICO.....	 66
2.1 Teoria da variação linguística.....	67
2.2 Acomodação linguística e a teoria da acomodação da comunicação (CAT).....	71
2.3 Identidade linguística.....	79
2.4 Atitudes linguísticas.....	82
2.5 Inter-relações entre as teorias e conceitos no estudo da acomodação linguística.....	85
2.6 Considerações críticas sobre os modelos teóricos adotados.....	86
 CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	 88
3.1 Procedimento de coleta dos dados.....	88
3.2 A coleta longitudinal.....	90
3.3 Roteiros das entrevistas semiestruturadas.....	91
3.4 Paradoxo do observador.....	97
3.5 Variáveis controladas.....	100
3.6 Síntese metodológica.....	107

CAPÍTULO IV: RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTI-QUALITATIVA.....	109
4.1 Acomodação linguística com base no contexto fonológico posterior.....	113
4.2 Acomodação linguística com base no fenômeno em estudo.....	117
4.3 Acomodação linguística com base no tempo de exposição.....	121
4.3.1 Análise longitudinal da variável tempo de exposição.....	124
4.4 Acomodação linguística com base no contexto fonológico anterior.....	126
4.5 Acomodação linguística com base na variável idade.....	128
4.6 Acomodação linguística com base na variável origem.....	129
4.7 Atitudes linguísticas na acomodação: julgamento e prestígio.....	134
4.7.1 Atitudes afetivas na acomodação: vínculos interpessoais e espontaneidade...	138
4.8 Identidade linguística e pertencimento.....	139
4.9 Síntese interpretativa dos resultados.....	145
 CAPÍTULO V: ANÁLISE INTRA E INTERINDIVIDUAL.....	 147
5.1 Análise da informante 1 (I1).....	147
5.2 Análise da informante 2 (I2).....	151
5.3 Análise da informante 3 (I3).....	156
5.4 Análise da informante 1 (I4).....	160
5.5 Análise da informante 5 (I5).....	165
5.6 Análise do informante 6 (I6).....	172
5.7 Análise da informante 7 (I7).....	176
5.8 Considerações acerca da análise intra e interindividual.....	182
 CAPÍTULO VI: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E PERSPECTIVAS.....	 186
6.1 Respostas às questões norteadoras.....	186
6.2 Contribuições da pesquisa.....	189
6.3 Sugestões para pesquisas futuras.....	190
6.4 Impacto acadêmico e social.....	190
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 192
 REFERÊNCIAS.....	 196

APÊNDICES.....	204
Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido do participante.....	205
Apêndice B: Listas de perguntas específicas.....	206
Apêndice C: Entrevistas (trechos com perguntas específicas).....	208
 ANEXOS.....	 261
Anexo 1: Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos.....	262

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, o contato entre diferentes línguas, dialetos e culturas tornou-se tão comum que chega a ser inevitável. Em um mundo altamente globalizado, o acesso facilitado aos meios de transporte, à comunicação e à informação tem intensificado os deslocamentos e as trocas culturais. Viajar se tornou mais acessível e o acesso à informação nos permite entrar em contato e/ou conhecer outras culturas com facilidade. Por conseguinte, a movimentação de indivíduos entre cidades, estados, regiões, ou até países é uma ocorrência habitual. As motivações para tais migrações podem ser múltiplas, variando desde aspirações individuais até oportunidades ou demandas de trabalho.

Historicamente, observou-se um intenso movimento de migração de nordestinos para outras regiões do Brasil em busca de melhores condições de vida. No entanto, nas últimas duas décadas, essa dinâmica tem se transformado. Dados recentes indicam uma redução progressiva nos saldos migratórios negativos da Região Nordeste, de 763 mil pessoas entre 1995 e 2000 para apenas 53 mil entre 2001 e 2006, revelando uma mudança no padrão migratório (Baeninger, 2011). Esse novo cenário aponta para um enfraquecimento da migração em direção ao Sudeste e, paralelamente, o fortalecimento de deslocamentos internos ou mesmo de retorno, influenciados por fatores como a melhoria das condições socioeconômicas em capitais nordestinas, e possivelmente fatores como a saturação dos mercados de trabalho em grandes centros urbanos e o aumento da violência em metrópoles tradicionalmente receptoras. Assim, a tendência inversa, de fixação, retorno ou até migração ao Nordeste, tem se tornado cada vez mais relevante no debate sobre mobilidade populacional no Brasil, e consequentemente se torna relevante para a discussão de dialetos em contato.

Além da transformação nos fluxos migratórios do Nordeste, é necessário observar as mudanças internas na principal região historicamente receptora desses fluxos: o Sudeste. Nas duas primeiras décadas do século XXI, estados como São Paulo e Rio de Janeiro, que antes apresentavam saldos positivos expressivos, passaram a registrar perdas migratórias, sobretudo nas regiões metropolitanas. Segundo as PNADs¹ de 2006, 2008 e 2009, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve uma queda

¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

expressiva na imigração interestadual para São Paulo, de mais de 1,2 milhão de pessoas entre 1995 e 2000 para pouco mais de 535 mil entre 2004 e 2009. Conforme destaca Baeninger (2002), essas perdas se concentram sobretudo na Região Metropolitana de São Paulo, tradicional destino da migração nordestina, ao passo que o interior paulista tem se destacado como novo polo de atração, inclusive com fluxos originários do Nordeste. Esse movimento sugere não apenas uma redistribuição territorial dos fluxos, mas também a emergência de novos padrões migratórios que articulam retorno, retenção e deslocamentos seletivos para áreas com maior qualidade de vida.

Esse novo panorama revela dois vetores migratórios predominantes no Brasil contemporâneo: por um lado, uma dispersão migratória metropolitana, marcada por deslocamentos do Sudeste em direção ao Nordeste, sobretudo por meio da migração de retorno; por outro, o fortalecimento de fluxos intraestaduais que direcionam populações das grandes metrópoles para cidades do interior. Esse fenômeno de redistribuição populacional não ocorre de forma homogênea, sendo possível observar variações significativas entre os estados nordestinos, como veremos no caso da Paraíba.

Embora os dados ainda não indiquem um saldo migratório positivo consolidado para o Nordeste, sobretudo devido ao alto índice de emigração, observa-se o crescimento de dois fatores relevantes: a retenção de moradores e o retorno de migrantes. Paralelamente, há indícios de aumento na imigração de pessoas não originárias da região, atraídas por cidades nordestinas como João Pessoa, muitas vezes motivadas pelo desejo de escapar dos grandes centros urbanos em busca de uma melhor qualidade de vida.

Para esta pesquisa, interessam os números referentes à Paraíba. A tabela 1, portanto, contém dados de imigração, emigração e saldo migratório do estado, com base em dados do IBGE apresentados por Baeninger (2011):

Tabela 1 – Volumes de imigração, emigração e trocas migratórias da Paraíba

Período	Imigração	Emigração	Saldo
1995–2000	102.005	163.485	-61.480
1999–2004	138.328	95.857	+42.471
2001–2006	112.330	137.991	-25.661
2003–2008	56.340	86.270	-29.930
2004–2009	74.291	70.917	+3.374

Fonte: Adaptado de Baeninger (2011).

A Paraíba apresentou oscilações significativas, com saldo positivo no início dos anos 2000, seguido de saldos negativos moderados, até voltar a registrar um leve saldo positivo entre 2004 e 2009. Esses dados mostram que o Nordeste, e particularmente a Paraíba, vêm experimentando transformações nas dinâmicas migratórias, com a redução das perdas populacionais históricas e a emergência de fluxos de retorno e redistribuição interna.

De acordo com o IBGE (2011), e reforçando o que foi exposto previamente, essa reconfiguração migratória inclui a diminuição da atratividade da região Sudeste e a redução da emigração nordestina. A tendência é que, com o tempo, esses fatores resultem em um crescimento da presença de imigrantes no Nordeste, aumentando, por consequência, a frequência de situações de contato dialetal na região.

Diante desse cenário, torna-se relevante compreender como se dão as interações linguísticas entre os dialetos em contato. Quando se realiza uma comparação entre dois dialetos, as distinções entre eles são, muitas vezes, perceptíveis por meio dos traços salientes que os marcam. Neste estudo, examinarei a interação entre os dialetos recifense e paulista em contato com o dialeto pessoense, falado em João Pessoa.

Devido a elementos socioculturais e históricos, o dialeto pessoense tende a ser percebido como de menor prestígio em comparação com o dialeto recifense e, sobretudo, com o paulista, além da tendência de carregar menos prestígio em relação a diversas outras variedades do português brasileiro (PB), conforme indicado por estudos como os de Lima (2013) e Lima (2019), que relatam atitudes linguísticas predominantemente negativas por parte de paraibanos em relação ao próprio dialeto. Obras como *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, de Bagno (1999) e *Língua e sociedades partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*, de Lucchesi (2015), que tratam do imaginário sociolinguístico brasileiro em suas múltiplas dimensões, incluindo variedades regionais, sociais e estilísticas do português, evidenciam uma hierarquização entre as variedades do português falado no Brasil. Portanto, é natural que, em um processo de migração de indivíduos recifenses ou paulistas para João Pessoa, haja uma relutância em adotar o dialeto local. Devido a essa circunstância, despertou-se o interesse em examinar se ocorre a acomodação (ou convergência) linguística e de que modo isso se dá.

A acomodação linguística ou acomodação dialetal ocorre quando um indivíduo converge ou aproxima o seu modo de falar ao de um outro indivíduo. Isso ocorre tanto de

maneira consciente quanto inconsciente, e em diferentes níveis, em busca de alcançar diferentes objetivos. Na área da Sociolinguística variacionista, há diversos estudos envolvendo acomodação linguística no panorama acadêmico internacional (Giles, 1973; Giles *et al.*, 1987), mas esses ainda não são numerosos no Brasil, onde eles vêm crescendo nos últimos tempos. Para citar algumas, temos os estudos de Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012), Lima (2013) e Possatti (2020)². Essas pesquisas foram realizadas à luz dos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT³) (Giles *et al.*, 1991) e dos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]). Esses trabalhos buscam entender como os falantes assimilam novos traços fonético-fonológicos, lexicais e discursivos, quando em contato com outra variedade linguística.

A CAT oferece um arcabouço para compreender como e por que os falantes ajustam seu estilo comunicativo em interações sociais, seja por meio da convergência, aproximando-se do interlocutor, ou pela divergência, enfatizando distinções identitárias. Essa teoria destaca a influência de fatores como identidade social, atitudes linguísticas e dinâmicas intergrupais nos processos de acomodação. Por outro lado, a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]) fornece ferramentas metodológicas para a análise sistemática da variação linguística, considerando tanto os fatores linguísticos quanto os sociais envolvidos no processo. Essa abordagem permite investigar como variantes linguísticas se distribuem em diferentes contextos e grupos sociais, oferecendo uma maior compreensão, por exemplo, acerca dos processos de mudança em contexto de contato dialetal.

Isso é relevante pois esta pesquisa, alinhada aos estudos previamente mencionados, também adota essas duas perspectivas teóricas e objetiva investigar e compreender o processo de acomodação linguística de falantes paulistas e recifenses recém-chegados em João Pessoa, com base na Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1996, 2008 [1972]). Tenho como objetivo identificar em que medida a

² Esta última foi minha dissertação de mestrado intitulada “Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística”, em que observei o fenômeno fonético-fonológico da palatalização do /S/ em posição de coda final e investiguei a influência de fatores como os identitários e atitudinais no processo de acomodação de cariocas em João Pessoa. Uma das principais diferenças em relação a esta pesquisa se dá na metodologia, pois a pesquisa contou com apenas um ponto de coleta com cada um dos participantes, não tendo, portanto, o caráter longitudinal desta tese de doutorado.

³ Utilizarei a sigla em inglês: CAT – *Communication Accommodation Theory*

acomodação linguística ocorre, como ela avança, e quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que a favorecem. Além disso, com o objetivo de mapear as atitudes linguísticas e a identidade linguística dos falantes, apliquei questionários que revelassem em que medida atitudes linguísticas positivas em relação à nova variedade aceleram a acomodação. O mesmo foi feito em Possatti (2020), cujos resultados demonstraram justamente a relevância dos fatores identidade e atitudes linguísticas e seus papéis em acelerar ou desacelerar o processo de acomodação linguística.

Para melhor compreender a influência dos diferentes fatores envolvidos no processo de acomodação ao longo do tempo, os dados foram coletados de forma longitudinal, com seis pontos de coleta ao longo de um período de 2 anos. Assim se torna possível observar a evolução desses dados, levando em consideração a mudança de fatores como tempo de exposição e idade, também como possíveis ajustes de fatores identitários e atitudinais.

A originalidade deste estudo reside, em grande parte, na adoção de uma metodologia longitudinal, com acompanhamento dos participantes ao longo do tempo, abordagem ainda pouco explorada nas pesquisas sobre acomodação dialetal no Brasil. A maioria dos estudos existentes adota recortes sincrônicos ou compara grupos distintos com diferentes tempos de exposição, sem observar sistematicamente os ajustes linguísticos ao longo do tempo. Embora exista hoje um número crescente de pesquisas sobre acomodação linguística no Brasil, essas não adotaram uma abordagem longitudinal com coletas repetidas realizadas com os mesmos participantes. É possível encontrar trabalhos realizados no Brasil que tratem de maneira longitudinal o processo de aquisição de L2 (cf. Lima Jr., 2016; Alves, 2023), mas há uma grande lacuna no que trata de estudos longitudinais envolvendo acomodação entre dialetos do PB. Portanto, este estudo contribui para preencher essa lacuna, oferecendo uma contribuição significativa para a compreensão dos processos de acomodação dialetal entre falantes de variedades do PB.

No campo internacional, Ruch *et al.* (2023) destacam a escassez de estudos longitudinais na área de acomodação linguística. A exceção destacada por elas são os estudos sobre os efeitos da acomodação linguística em crianças, sendo essas frequentemente longitudinais. Elas afirmam que a maior parte das pesquisas sobre acomodação tem se baseado em interações únicas, frequentemente em contextos experimentais ou entrevistas sociolinguísticas pontuais. Um dos poucos trabalhos longitudinais envolvendo adultos, exemplificado por Ruch *et al.* (2023), é o artigo de

Auer *et al.* (1998), que investigam como falantes do alemão que migraram de uma região para outra ajustam ou não suas produções fonológicas aos traços do dialeto local, buscando entender por que a saliência de certos traços pode afetar a propensão à acomodação a eles.

Estudo como esse não são numerosos, contudo, e como resultado, pouco se sabe sobre como a acomodação evolui ao longo do tempo ou como os padrões de convergência e divergência se estabilizam, se intensificam ou se dissipam com o tempo. As autoras ressaltam a importância de estudos longitudinais para compreender a natureza dinâmica da acomodação, especialmente em contextos de contato prolongado entre indivíduos ou comunidades. Elas apontam que abordagens desse tipo permitiriam capturar mudanças graduais e estratégias adaptativas que não são visíveis em análises sincrônicas.

No âmbito de estudos realizados no Brasil, a dissertação de Barbosa (2011), intitulada *Gradientes alofônicos de oclusivas alveolares do português brasileiro em uma situação de contato dialetal*, representa uma contribuição relevante para o estudo da variação linguística entre variedades do PB. O trabalho investiga a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/, analisando a fala de cinco estudantes de Jundiaí-SP que viajam diariamente para Campinas-SP. Utilizando medidas de momentos espectrais e entrevistas sobre atitudes linguísticas, a pesquisa adota uma abordagem longitudinal com dois dos participantes ao longo de um ano, evidenciando diferentes estágios de adoção da variante africada e ajustes fonéticos decorrentes do contato dialetal. Seu enfoque é na fonologia, mas a autora faz uso da metodologia laboviana para estudar a variação linguística por contato com uma fala mais prestigiada, com o objetivo de descrever foneticamente esse processo; não há menção à Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT) de Giles *et al.* (1991) e também não utiliza o conceito de acomodação linguística como eixo central, tampouco em situações de mobilidade duradoura dos falantes.

Considerando, portanto, o cenário de pesquisas longitudinais sobre acomodação linguística ainda marcado pela escassez de estudos, sobretudo no Brasil, trago minhas próprias contribuições para o campo. Ao realizar entrevistas sucessivas com os mesmos informantes ao longo de dois anos, busco oferecer um olhar aprofundado e dinâmico sobre os processos de acomodação em curso, permitindo identificar padrões individuais de mudança, manutenção ou resistência fonológica, através da constatação da presença de traços fonológicos da variedade-alvo e de sua possível consolidação no repertório dos

falantes. Essa abordagem encontra respaldo nos estudos de Sankoff e Blondeau (2007), que demonstram como mudanças linguísticas ao longo da vida podem ser observadas e quantificadas quando os mesmos indivíduos são acompanhados em diferentes momentos, bem como nos trabalhos de Nycz (2015) e Ruch *et al.* (2023), que ressaltam a importância dos dados longitudinais para distinguir entre aquisição de novos padrões e adaptação estilística. Com isso, pretendo contribuir para a descrição das variedades em contato, assim como avançar no entendimento dos mecanismos linguísticos, sociais e individuais que condicionam a acomodação linguística em contextos de mobilidade.

Além de seu caráter metodológico inovador e relevante, tendo em vista a escassez de estudos longitudinais sobre acomodação dialetal no Brasil, realizar o estudo de forma longitudinal oferece a oportunidade de validar os resultados obtidos com base em diferentes coletas, ao longo do tempo, não apenas garantindo a consistência e confiabilidade dos dados, e, portanto, contribuindo para a robustez dos resultados da pesquisa, mas também fornecendo uma visão mais completa do processo de acomodação linguística. A combinação de dados de entrevista coletados em diferentes momentos pode revelar padrões e tendências que podem não ser evidentes em uma única coleta. Diante disso, busco trazer contribuições para uma melhor compreensão acerca da influência dos fatores envolvidos no processo de acomodação. Adicionalmente, um fator de destaque desta pesquisa é a investigação do processo a fim de responder se ele ocorre de maneira linear ou não-linear.

A linearidade, nesse contexto, implicaria uma trajetória previsível e progressiva de convergência linguística, em que a frequência ou intensidade de traços da variedade-alvo aumentaria de forma contínua nas diferentes coletas. No entanto, a hipótese da não-linearidade considera que o processo pode apresentar flutuações, estagnações e até retrocessos, em resposta a fatores sociais, identitários, atitudinais ou contextuais, como experiências pontuais negativas, mudança na rede de interações ou reconstruções de laços com o dialeto de origem.

Essa perspectiva não-linear encontra respaldo na literatura sociolinguística e na própria Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991), que entende a convergência e divergência como estratégias dinâmicas, sujeitas a motivações identitárias, avaliações sociais e atitudes linguísticas que podem variar ao longo do tempo e entre contextos distintos. Desse modo, adotar uma abordagem longitudinal permite

tanto captar a direção da mudança, quanto compreender a complexidade e os possíveis movimentos oscilatórios envolvidos no processo de acomodação.

Tendo isso em vista, e para atingir os objetivos delimitados, proponho algumas questões norteadoras, com hipóteses ventiladas a partir da leitura prévia de outras pesquisas realizadas sobre a acomodação linguística:

1. Diante de tantas variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciadoras, pode-se observar a convergência linguística por parte dos informantes paulistas e recifenses residentes em João Pessoa?
2. Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas exercem maior influência na acomodação linguística dos informantes paulistas e recifenses residentes em João Pessoa, e de que maneira?
3. Quais as diferentes atitudes linguísticas dos falantes para com os dois dialetos e de que maneira essas influenciam o processo de acomodação?
4. As diferentes coletas realizadas apresentam um claro avanço do processo de acomodação, com diferenças perceptíveis, tendo em vista o maior tempo de exposição, idade e possíveis mudanças atitudinais e identitárias dos informantes?
5. O processo de acomodação linguística, ao longo do tempo, evolui de forma linear ou não-linear? Ou seja, ao adquirir um novo padrão, este já se torna permanente na fala do informante, ou é algo que por vezes ocorre, e em outros momentos deixa de ocorrer?

Com relação à primeira questão norteadora, é possível que, em busca de uma maior aceitação social, os falantes entrevistados convirjam o seu modo de falar ao falar pessoense, o que está em consonância com o que é proposto por (Giles *et al.*, 1987, p.18), que afirmam que a integração social e a identificação com a nova realidade contribuem para o processo de convergência linguística. Assim, faço a inferência de que a busca por interação entre os indivíduos, integração e a aceitação social são fatores favorecedores da acomodação à nova variante linguística.

No que diz respeito à segunda questão norteadora, lanço as hipóteses de que fatores extralinguísticos como tempo de exposição, identidade e atitudes linguísticas dos falantes exerçam grande influência no processo de acomodação. Um maior tempo de

exposição deve resultar em um maior índice de acomodação, assim como atitudes favoráveis para com o novo dialeto devem acelerar o processo.

Considerando a terceira questão norteadora, espero resistência por parte daqueles que não possuem atitudes linguísticas positivas para com o dialeto pessoense, e/ou que porventura não se identifiquem com a cultura local. É comum guardarmos algo que represente nossas origens, a fim de se preservar a identidade, e, no caso dos integrantes desta pesquisa, os dialetos paulista e recifense carregam um certo prestígio social se comparados ao pessoense, possivelmente havendo, portanto, uma tendência natural a tentar mantê-los no contexto em questão. Contudo, com o passar do tempo, é possível que as atitudes e a identidade do informante sofram alterações e, sendo assim, a análise permite observar em que medida essas alterações influenciam a acomodação linguística dos informantes. Essa transformação ao longo do tempo encontra respaldo em autores como Hall (2006), que argumenta que o sujeito, outrora portador de uma identidade unificada e estável, torna-se cada vez mais fragmentado, assumindo múltiplas identidades que podem, inclusive, ser contraditórias entre si. Nessa mesma direção, Dubar (1991) entende a identidade não como algo fixo, mas como em processo contínuo de reconstrução, resultante das interações sociais e das reflexões individuais que os sujeitos elaboram sobre si mesmos.

As atitudes são formadas por comportamentos e condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço, como afirma Fernández (1998, p. 185). Parto da hipótese de que as atitudes positivas influenciarão a acomodação à nova variedade, assim como as atitudes negativas serão motivadoras da preservação do falar de origem.

De acordo com os resultados apresentados em Possatti (2020), aqueles que apresentam atitudes positivas para com o novo dialeto local acomodam com mais facilidade, então, espero que, caso as atitudes dos informantes tornem-se mais favoráveis ao novo dialeto, esses demonstrem um aumento no índice de acomodação linguística.

É evidente a importância das atitudes linguísticas e identidade linguística dos falantes para o processo de acomodação (Possatti, 2020), com sua influência muitas vezes se sobrepondo à de outras variáveis. Não obstante, é evidente também a importância de fatores como o tempo de exposição. Essa variável também se mostrou ser um fator relevante para a acomodação em pesquisas como as de Marques (2010) e Chacon (2012), nas quais a variável foi selecionada como a variável extralinguística de maior relevância

estatística no que diz respeito à sua influência no processo de acomodação dialetal. De acordo com Marques (2010), o tempo de exposição à nova variante apresenta-se como fator significativo para a ocorrência da acomodação. Em seu trabalho, a autora (2010) constata que a partir dos cinco anos de contato com a nova realidade linguística, os informantes abandonavam paulatinamente seu falar de origem, mostrando indícios de acomodação à nova variedade. Dessa maneira, no que diz respeito à quarta questão norteadora, levanto a hipótese de que se possa observar uma evolução relevante no processo de acomodação dos informantes, graças ao tratamento longitudinal dos dados.

Por fim, na tentativa de responder à quinta questão norteadora, opto por observar os fatores de atitudes linguísticas e identidade de maneira longitudinal e avaliar se essas se modificam com o tempo, passando a influenciar de outras formas a acomodação. O tratamento longitudinal dos dados permite observar como todas as variáveis se articulam ao fator tempo de exposição ao novo dialeto, o qual se torna um eixo transversal na análise do processo de acomodação linguística. Procuro, portanto, acompanhar a trajetória no processo de acomodação dos falantes ao longo de todo o período de coleta de dados. Assim, busco identificar se o processo de acomodação linguística se desenvolve de forma contínua e progressiva (linear) ou se apresenta oscilações, estagnações ou retrocessos (não-linear). Pesquisas no campo da aquisição de língua materna (LM) e segunda língua (L2) (Larsen-Freeman, 2017) sugerem que tais processos raramente seguem uma trajetória linear, o que reforça a hipótese de que a acomodação linguística possa apresentar comportamento semelhante.

Com tais questionamentos e hipóteses, são estabelecidos os seguintes objetivos:

Objetivo geral

Descrever como ocorre, ao longo do tempo, e que fatores influenciam o processo de acomodação linguística de falantes paulistas e recifenses em contato com o dialeto pessoense.

Objetivos específicos

a) Verificar em que medida ocorre o processo de convergência na fala dos informantes e se esse processo evolui de maneira linear ou não-linear. No caso dos recifenses, o fenômeno observado é tido como indicador de convergência ou acomodação

é o da não-palatalização do /S/ ([s] e [z] em oposição a [ʃ] e [ʒ]) em contexto de coda medial e final, excluindo-se contextos diante de /t/ e /d/. Assim, espero, por exemplo, que palavras como “mesmo” e “faz” sejam realizadas como “me[z]mo” e “fa[s]”, em vez de “me[ʒ]mo” e “fa[ʃ]”, aproximando-se do padrão pessoense. No caso dos paulistas, o fenômeno observado e tido como acomodação é o da realização do /R/ em coda medial como fricativa glotal [h, ɦ] (em oposição à tepe [r] ou à retroflexa [ɽ]) e a palatalização do /S/ antes de /t/ e /d/. Assim, espero a produção de palavras como “porta” e “estilo” ocorram como “po[h]ta” em lugar de “po[r]ta” ou “po[ɽ]ta”, e “e[ʃ]tilo” em vez de “e[s]tilo”, em conformidade com o padrão pessoense local;

b) Identificar algumas das possíveis variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam a ocorrência da acomodação;

c) Descrever as atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes ao longo do período de coleta;

d) Observar, se ao longo do tempo, fatores identitários e atitudinais dos informantes sofrem alterações e de que forma estes fatores, assim como o tempo de exposição, influenciam a acomodação linguística desses informantes.

Opto por realizar análises de cunho quantitativo e qualitativo a fim de alcançar os objetivos delimitados e para que se possa responder às questões propostas, a tese está estruturada em seis capítulos.

No capítulo I, apresento, descrevo, e contextualizo o objeto de estudo (acomodação linguística) e faço o mesmo para os fenômenos fonético-fonológicos escolhidos como meio de se observar esse objeto de estudo. No mesmo capítulo, faço um levantamento de pesquisas que também tratam da acomodação linguística e que sejam relevantes para a discussão do tema.

No capítulo II, apresento as abordagens teóricas adotadas nesta pesquisa e traço um breve panorama da Sociolinguística Variacionista e a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]). Em sequência, abordo a Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT) (Giles *et al.*, 1991) e a Teoria da Acomodação da Fala (Giles, 1973), com destaque para a exploração dos temas de identidade e atitudes linguísticas, com contribuições de autores como Trudgill (1986), Ayzen (1988), Lasagabaster (2004) e Kaufmann (2011).

No capítulo III, abordo os procedimentos metodológicos empregados na condução desta pesquisa. Nesse capítulo, faço o delineamento do perfil dos participantes que contribuíram com os dados que compõem o *corpus* deste estudo, forneço explicações acerca das estratégias e procedimentos de coleta de dados, e detalho as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas durante o processo.

Os capítulos IV e V concentram-se em analisar os dados obtidos quantitativamente e qualitativamente ao longo da pesquisa. A análise desses dados tem como objetivo esclarecer a acomodação linguística e os elementos que a influenciam, com foco especial nos fatores mais condicionantes à ocorrência ou não dessa acomodação. Portanto, serão apresentadas as variáveis identificadas como estatisticamente relevantes e trechos das entrevistas que melhor exemplificam as atitudes linguísticas e a identidade de cada informante.

No capítulo VI, busco responder às questões norteadoras desta pesquisa a partir de uma leitura mais ampla dos dados, utilizando-me de análises apenas possíveis devido ao caráter longitudinal desta pesquisa.

O trabalho se encerra com as considerações finais, nas quais trago reflexões acerca das contribuições desta pesquisa para a esfera de estudos que se debruçam sobre a acomodação linguística, atitudes linguísticas e identidade. Em especial, destaco as vantagens e os desafios metodológicos decorrentes do tratamento longitudinal adotado.

Dada a escassez de pesquisas longitudinais que investiguem a acomodação linguística entre variedades do PB, este estudo se justifica tanto pelo ineditismo de seu recorte quanto pela profundidade de sua abordagem. A proposta de observar longitudinalmente os efeitos de fatores identitários e atitudinais, bem como do tempo de exposição ao novo dialeto, juntamente com outras variáveis linguísticas e extralinguísticas, contribui para preencher uma lacuna nos estudos sociolinguísticos brasileiros e permite testar hipóteses relacionadas à natureza linear ou não-linear do processo de acomodação, algo ainda pouco explorado na literatura nacional.

A relevância social deste estudo também reside em sua capacidade de iluminar os mecanismos de acomodação linguística em contextos de mobilidade interna no Brasil, fenômeno cada vez mais frequente em virtude da urbanização, deslocamentos profissionais e acadêmicos. Ao compreender como falantes de diferentes origens ajustam

(ou não) suas práticas linguísticas em novos contextos, lanço luz sobre dinâmicas que envolvem pertencimento, aceitação, preconceito e identidade cultural.

Do ponto de vista científico, o estudo contribui para o aprofundamento da Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991) e dialoga com pressupostos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 2008 [1972]), oferecendo dados empíricos que podem apoiar ou tensionar esses referenciais. Ao tratar a acomodação como um processo potencialmente não-linear, alinhado às perspectivas de aquisição de L2 e mudança linguística gradual (Larsen-Freeman, 2017), esta pesquisa propõe um olhar dinâmico, complexo e mais realista sobre os modos de adaptação linguística no PB contemporâneo.

CAPÍTULO I: OBJETO DE ESTUDO

Neste capítulo, apresento e delimito o objeto de estudo desta pesquisa, assim como os fenômenos fonético-fonológicos escolhidos e que possibilitaram a análise. O foco do estudo recai sobre a acomodação linguística em situações de contato dialetal no PB, observada por meio da realização de traços fonético-fonológicos específicos em falantes originários de Recife (PE) e São Paulo (SP). Contextualizo também esses fenômenos no cenário das pesquisas sobre acomodação linguística realizadas no Brasil e destaco a importância desses fenômenos para o presente estudo.

Na seção 1.1, apresento a acomodação linguística como fenômeno central desta pesquisa, situando-a no contexto do PB e destacando sua relevância para a análise de processos de variação linguística em situações de mobilidade regional. Em seguida, na seção 1.2, abordo aspectos fundamentais da estrutura silábica do PB, considerando que os fenômenos analisados estão diretamente relacionados à posição dos segmentos na sílaba e aos contextos fonológicos em que ocorrem.

Na seção 1.3, descrevo os três fenômenos fonético-fonológicos que serviram de base para a análise: o /S/ em coda medial e final, o /R/ em coda medial e o /S/ diante de /t/ e /d/. Na subseção 1.3.1, justifico a escolha desses traços com base em critérios como frequência, saliência e estabilidade como marcadores dialetais. Em seguida, nas subseções 1.3.2 e 1.3.3, apresento com maior detalhamento os comportamentos fonológicos associados ao /S/ e ao /R/, conforme descritos na literatura e observados nos dados desta pesquisa.

Na seção 1.4, discuto a influência do prestígio social no processo de acomodação linguística, especialmente em situações de contato entre dialetos percebidos como hierarquicamente desiguais. Por fim, na seção 1.5, reviso trabalhos anteriores que abordam fenômenos similares ou contextos comparáveis, a fim de situar esta pesquisa no panorama dos estudos sobre variação e acomodação dialetal no Brasil.

1.1 ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA

O objeto de estudo desta pesquisa é a acomodação linguística (ou acomodação dialetal), entendida como o processo pelo qual falantes ajustam certos aspectos de sua produção linguística em situações de contato com outras variedades dialetais. No contexto do PB, esse fenômeno ocorre, por exemplo, quando migrantes de uma determinada região passam a conviver com falantes de outra variedade, potencialmente incorporando, de forma consciente ou não, traços característicos do dialeto local. Essa aproximação também pode ser chamada de convergência.

A investigação da acomodação linguística neste trabalho busca compreender como fatores sociais, atitudinais e identitários se refletem no comportamento linguístico de falantes em situações de contato dialetal. O processo de acomodação é observado a partir das realizações dos fenômenos mencionados previamente, selecionados por serem contrastivos entre os dialetos em contato: o /S/ em coda medial e final, o /R/ em coda medial e o /S/ diante de /t/ e /d/. Esses são traços perceptivelmente distintos entre os dialetos recifense e paulista em contato com o pessoense e apresentam alta frequência e estabilidade na fala espontânea.

A análise é conduzida com base em dados de fala de migrantes recifenses e paulistas residentes em João Pessoa, em comparação com padrões observados entre falantes nativos da variedade pessoense. O foco recai sobre a maneira como esses falantes mantêm, modificam ou ajustam os traços fonológicos em questão diante da variedade local, buscando compreender em que medida esses comportamentos refletem processos de convergência, divergência ou manutenção identitária.

Os fenômenos fonético-fonológicos observados serão discutidos na seção 1.3 e a fundamentação teórica que sustenta essa abordagem, em especial a Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT) (Giles *et al.*, 1991), será discutida em profundidade no Capítulo II. Antes disso, é necessário apresentar, de forma introdutória, alguns dos principais aspectos da estrutura silábica do PB, uma vez que os fenômenos fonético-fonológicos observados nesta pesquisa estão fortemente condicionados à posição dos segmentos dentro da sílaba e aos contextos fonológicos que os circundam. Esses elementos são fundamentais para a delimitação precisa dos contextos analisados.

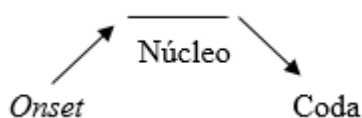
1.2 A ESTRUTURA SILÁBICA DO PB

A estrutura silábica do PB desempenha um papel central na forma como certos segmentos são realizados em diferentes contextos fonológicos. A posição que um fonema ocupa na sílaba condiciona sua realização fonética e, especialmente em coda medial e final, esses estão sujeitos a restrições articulatorias e fonológicas. No caso do PB, segmentos como /S/ e /R/ (observados nesta pesquisa) apresentam variações significativas nesses contextos, e, no caso do /S/, também quando ocorre diante de consoantes como /t/ e /d/. Esses fenômenos fonético-fonológicos refletem não somente regras internas do sistema, mas também indicam variações dialetais e sociolinguísticas que merecem investigação detalhada.

Tendo em vista que os fatores linguísticos definem os contextos em que determinadas variações podem ocorrer, faz-se importante estudar a estruturação silábica do PB para que se possa compreender o que subjaz às diferentes realizações dos diferentes fenômenos fonético-fonológicos desta pesquisa. Fatores como posição do fonema na sílaba, bem como os contextos fonológicos anteriores e posteriores ditam as possibilidades para variação. Por isso, os contextos a serem observados foram especificamente selecionados de forma a garantir máxima confiabilidade na marcação da ocorrência da acomodação.

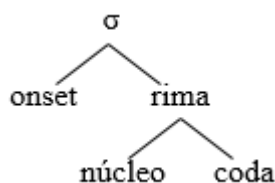
Na sequência, apresento os principais aspectos da estrutura silábica do PB, com base em modelos descritivos consolidados na literatura em fonologia, destacando as propriedades diretamente implicadas na variação dos fenômenos analisados. Vejamos, portanto, como a sílaba é caracterizada por autores cujas propostas influenciaram significativamente a descrição de sua estrutura em diferentes línguas, incluindo o PB.

Jakobson (1967, p. 133, apud Câmara Jr. 2004 [1970], p. 53) e Câmara Jr. (2004 [1970]) descrevem a sílaba como uma estrutura fonêmica fundamental que marca caracteristicamente as línguas. Câmara Jr. (2004 [1970]) a representa como uma unidade que apresenta uma ascensão sonora (ataque da sílaba ou *onset*), que atinge um ápice (núcleo silábico), sempre ocupado por uma vogal no PB, seguido por um declive (coda). A figura 1, extraída de Pedrosa (2012, p. 72), ilustra bem a sílaba:

Figura 1 – Sílabas

Fonte: Pedrosa (2012, p. 72)

De acordo com Selkirk (1982), os componentes da sílaba possuem dois níveis hierárquicos. O primeiro nível é composto pelo *onset* (ou ataque) e a rima; a rima se subdivide em núcleo e coda, que formam o segundo nível. Isso ocorre porque, como destaca Pedrosa (2012, p. 73), “a distância sonora entre o ataque e o núcleo é maior do que entre o núcleo e a coda”. Esses níveis hierárquicos estão ilustrados na figura 2, na qual a sílaba é representada pelo sigma (σ):

Figura 2 – Níveis hierárquicos da sílaba

Fonte: Selkirk (1982)

O núcleo é essencial para a sílaba, sendo este indispensável. Bisol (1999) demonstra que suas margens (*onset* e coda) podem ser excluídas. A posição de maior força na sílaba é o núcleo, sendo este, na maioria das línguas, ocupado exclusivamente por vogais. No caso do PB, apenas as vogais podem ocupar essa posição, como já anteriormente mencionado. Pedrosa (2012, p. 72) corrobora que isso ocorre porque as vogais são inerentemente mais sonoras do que as consoantes.

Portanto, a sílaba é preenchida obrigatoriamente pela vogal (V), que é mais sonora, e opcionalmente pela consoante (C), resultando em uma configuração mínima e máxima da sílaba. Segundo Câmara Jr. (2004 [1970]), a estrutura silábica do PB apresenta quatro tipos de configurações: simples (V), complexa crescente (CV), complexa decrescente (VC), e complexa crescente-decrescente (CVC). Dependendo da presença ou ausência do travamento silábico, as sílabas podem ser abertas (livres) ou fechadas (travadas).

Se chamarmos simbolicamente V o centro da sílaba e C um elemento marginal, teremos os tipos silábicos: V (sílabas simples), CV (sílabas complexas crescentes), CVC (sílabas complexas crescentes-decrescentes). Conforme a ausência ou a presença (isto é, V e CV, de um lado, e, de outro lado, VC e CVC), temos a sílaba aberta, ou melhor, livre, e a sílaba fechada, ou melhor, travada (Câmara Jr., 2004 [1970], p. 54).

Utilizando a representação de V e C, não é possível distinguir entre vogal e semivogal. Para resolver isso, Câmara Jr. (2004 [1970]) sugeriu a representação da semivogal com um V sobrescrito, como na palavra "céu", que segue o padrão CV^V (consoante, vogal e semivogal). No PB, os padrões mais comuns são CV (**ca.sa**⁴, **rá.pi.do**), V (**á.gua**, **e.la**) e CVC (**mes.mo**, **sem.pre**), mas a estrutura silábica pode chegar a um padrão máximo de CCVCC. Os possíveis padrões silábicos no PB estão ilustrados no quadro 1:

Quadro 1 – Padrões silábicos

V	a
VC	es.co.la
VCC	ins.tan.te
CV	sa.po
CVC	fes.ta
CVCC	cons.tan.te
CCV	pra.to
CCVC	pres.tí.gio
CCVCC	trans.por.te
VV	ou
CVV	seu
CCVV	trou.xe
CCVVC	graus

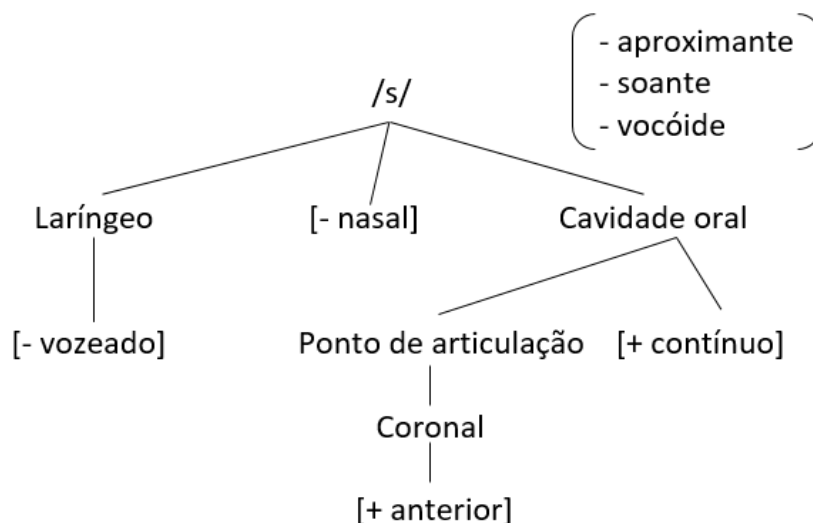
Fonte: Adaptado de Pedrosa (2012, p. 74)

⁴ As sílabas são delimitadas pelos pontos.

Além dos padrões silábicos permitidos, cada língua possui diferentes arranjos possíveis de fonemas dentro das sílabas e arranjos que são possíveis em uma nem sempre são possíveis em outra. Compreender as possíveis organizações das sílabas em um determinado idioma nos permite entender os fenômenos fonético-fonológicos que podem vir a nele ocorrer. A posição de um fonema na sílaba pode influenciar sua produção, no entanto, para entender quando e como tais mudanças podem ocorrer, é essencial compreender a noção de traços distintivos.

O conceito de traços distintivos, desenvolvido no âmbito da fonologia estruturalista, propõe que os fonemas são compostos por conjuntos de traços binários que representam propriedades articulatórias e acústicas específicas. Cada traço é marcado como presente [+] ou ausente [-], permitindo uma descrição precisa das características fonológicas dos sons. Por exemplo, o fonema /s/ pode ser caracterizado pelos traços [+consoante], [-soante], [+contínuo], [+coronal] e [+estridente], entre outros. Essa abordagem facilita a identificação de padrões de variação e assimilação fonológica, sendo particularmente útil na análise de processos como a palatalização e a variação dialetal observada no PB.

Inicialmente, a sílaba e os traços distintivos eram estudados de maneira linear, mas “com o advento das teorias não-lineares, as estruturas fonológicas (segmentos e sílabas) passam a ser vistas através de uma hierarquia, abandonando a visão de uma descrição plana do sistema fonológico” (Pedrosa, 2012, p. 74-75). Essa representação hierárquica organiza os traços distintivos dos segmentos em uma sequência que reflete a ordem de produção no aparelho vocal, tornando possível, por exemplo, a listagem de traços suprasegmentais. A figura 3, a seguir, apresenta a representação hierárquica dos traços distintivos do /s/, baseada na ilustração de Pedrosa (2012, p. 75):

Figura 3 – Representação hierárquica dos traços distintivos do /s/

Fonte: Adaptado de Pedrosa (2012, p. 75)

A figura apresentada ilustra a representação hierárquica dos traços distintivos associados ao fonema /s/, conforme descrito na teoria dos traços. Cada um desses traços contribui para delimitar com precisão o comportamento fonológico do segmento. O traço [-aproximante] indica que há uma obstrução significativa do fluxo de ar durante a produção do som, impedindo a formação de uma passagem ampla como ocorre nas líquidas. O traço [-soante] reforça essa característica ao classificar o /s/ como uma obstruinte, isto é, um som que não permite ressonância livre. Já o traço [-vocóide] assinala que o segmento não compartilha propriedades vocálicas, como abertura e sonoridade contínua. O traço [-nasal] especifica que o ar não escapa pela cavidade nasal, em oposição a sons como /n/ ou /m/, que são [+nasal]. A ausência de sonoridade também está marcada pelo traço [-vozeado], que indica que as pregas vocais não vibram durante a articulação de /s/, o que o diferencia de seu par sonoro /z/. A marcação [+contínuo] revela que há um fluxo constante de ar através de uma fenda estreita, sem oclusão total, o que contribui para o efeito acústico característico do /s/ e permite sua sustentação. Por fim, os traços [+coronal] e [+anterior] localizam a articulação na parte frontal da língua e próxima aos dentes, distinguindo esse som de outros que são articulados mais posteriormente na cavidade oral.

A descrição dos fonemas observados nesta pesquisa é fundamental para a análise da acomodação linguística, uma vez que a adoção ou manutenção de determinados traços pode refletir atitudes, identidade, ou estratégias de interação, manifestadas através da convergência ou resistência em situações de contato dialetal. Esses fonemas observados

e seus traços distintivos serão retomados na seção 1.3. A seguir, no quadro 2, apresento os alofones do arquifonema /S/ para que se possa visualizar as diferenças entre eles a partir de seus traços distintivos:

Quadro 2 – Traços distintivos dos alofones do /S/

Traço distintivo	[s]	[z]	[ʃ]	[ʒ]
Consoante	+	+	+	+
Coronal	+	+	+	+
Vozeado	-	+	-	+
Contínuo	+	+	+	+
Estridente	+	+	+	+
Anterior	+	+	-	-
Soante	-	-	-	-
Glotal	-	-	-	-
Nasal	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-

Fonte: Autor

Em sequência, no quadro 3, listo os traços distintivos dos alofones do /R/:

Quadro 3 – Traços distintivos dos alofones do /R/

Traço distintivo	[h] (fricativa glotal surda)	[ɦ] (fricativa glotal sonora)	[ɐ] (retroflexa)	[ɹ] (tepe alveolar)
Consoante	+	+	+	+
Coronal	-	-	+	+
Vozeado	-	+	+	+
Contínuo	+	+	-	-
Estridente	-	-	-	-
Anterior	-	-	-	+
Soante	-	-	+	+
Vibrante	-	-	+	+
Glotal	+	+	-	-
Nasal	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-

Fonte: Autor

Esses fones compõem o conjunto de variantes observadas nesta pesquisa, representando as diferentes realizações do /S/ e /R/ que são relevantes para o estudo. A descrição dos traços distintivos associados a cada um desses fones permite compreender com maior precisão os contrastes articulatórios e acústicos que fundamentam as variações observadas entre os dialetos em contato. Essa representação segmental oferece o suporte necessário para delimitar os contextos fonológicos nos quais ocorrem os ajustes linguísticos analisados, facilitando a identificação da acomodação linguística. Com base

nesses princípios, passo a descrever, a seguir, os fenômenos fonético-fonológicos específicos que constituem o foco empírico desta pesquisa.

1.3 FENÔMENOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS OBSERVADOS

Partindo desses direcionamentos iniciais e com base nas considerações teóricas sobre a estrutura silábica do PB, observei diferentes fenômenos cuja realização fonético-fonológica se mostrou especialmente relevante para a identificação da acomodação linguística em contextos de contato dialetal. São eles: 1) o /S/ em posição de coda medial⁵ e final, atentando-me para a ocorrência ou não da palatalização, com o intuito de identificar a acomodação linguística na fala de informantes recifenses, residentes em João Pessoa; 2) o /R/ em coda medial, atentando-me para sua realização como fricativa glotal [h, ħ] como marcadora da acomodação de informantes paulistas, residentes em João Pessoa; e 3) o /S/ diante de /t/ e /d/, observando exclusivamente os informantes paulistas, já que a produção palatal nesse contexto é comum tanto ao dialeto pessoense quanto ao recifense, sendo a realização alveolar a marca típica do dialeto paulista e a pronúncia palatal sendo a típica pessoense e marcadora de acomodação.

O primeiro desses fenômenos, observado na fala dos recifenses em situação de contato dialetal, com o intuito de analisar o processo de acomodação linguística destes ao dialeto de João Pessoa, é a ocorrência ou não da palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda medial e final. Esse contexto fonológico foi escolhido por marcar uma distinção clara entre os dialetos recifense e pessoense. No dialeto recifense, a fricativa é predominantemente articulada de forma palatal ([ʃ], [ʒ]), enquanto no dialeto pessoense, a fricativa é predominantemente alveolar ([s], [z]). Assim, a realização alveolar da fricativa, nesse contexto, pode indicar uma acomodação ao padrão pessoense. No entanto, considerando o caráter longitudinal desta pesquisa e os diferentes tempos de exposição à variedade local, entende-se que a acomodação não ocorre de forma abrupta ou binária. A presença de variantes intermediárias ou flutuações ao longo do tempo são esperadas, refletindo tanto aspectos individuais quanto fatores sociais que influenciam a adoção de traços fonológicos da variedade de contato. A acomodação é um processo que pode ocorrer em várias dimensões linguísticas, porém ao se analisar esse fenômeno específico,

⁵ Excluindo-se contextos do /S/ diante de /t/ ou /d/, por estes não marcarem distinção entre os dois dialetos.

é possível discernir com facilidade se houve ou não a acomodação dentro deste contexto. Devido à clara diferença entre as pronúncias de ambos os dialetos, a escolha desse fenômeno torna fácil a identificação e a observação do processo de acomodação linguística. A título de ilustração das disparidades entre os dialetos, temos:

- i) Dialeto pessoense: feli[z]; casa[s]; óculo[s]; ônibu[s]; português[s].
- ii) Dialeto recifense: feli[j]; casa[j]; óculo[j]; ônibu[j]; português[j].

Essa situação contrasta com a observada por Lima (2013), cuja pesquisa investigou o processo de acomodação linguística de paraibanos vivendo em Recife (PE). Assim como neste trabalho, a autora escolheu a fricativa coronal /S/ em posição de coda como fenômeno fonético-fonológico de distinção entre os dialetos, o que reforça sua eficácia como marcador de acomodação linguística.

O segundo fenômeno observado diz respeito à produção fonético-fonológica do /R/ em posição de coda medial. Esse contexto foi escolhido por apresentar uma distinção sistemática entre os dialetos paulista e pessoense. No dialeto paulista, o /R/ tende a ser realizado como um tepe alveolar [r] ou, em algumas variantes, como um retroflexo [ɾ]. Já no dialeto pessoense, a forma predominante é a fricativa glotal [h, ɦ], que, neste estudo, foi considerada como marcador de acomodação. Foram analisadas apenas ocorrências de /R/ em coda medial, uma vez que em posição final há tendência de apagamento em ambos os dialetos, o que tornaria menos confiável a identificação da acomodação.

O terceiro fenômeno analisado foi a produção fonético-fonológica do /S/ diante das oclusivas dentais /t/ e /d/. Nesse contexto, o dialeto paulista apresenta predominantemente uma realização alveolar ([s] ou [z]), enquanto o dialeto pessoense, assim como o recifense, tende à palatalização, resultando em [ʃ] ou [ʒ]. Assim, a presença da forma palatal entre os informantes paulistas foi tomada como indicadora de acomodação ao dialeto pessoense. Esse fenômeno se mostrou especialmente produtivo por ocorrer com frequência na fala espontânea e por apresentar alta saliência perceptual, facilitando sua identificação sem a necessidade de análise acústica detalhada.

Ambos o segundo e terceiro fenômeno analisados, a realização do /R/ em coda medial e do /S/ diante de /t/ e /d/, oferecem contrastes claros entre os dialetos paulista e pessoense, funcionando como indicadores robustos para a identificação da acomodação linguística. A escolha desses fenômenos permite identificar com clareza se há ou não

acomodação ao dialeto pessoense ou paulista, uma vez que as diferenças na pronúncia são facilmente perceptíveis mesmo sem a utilização de ferramentas e a realização de análise acústica. Marcam distintamente a acomodação a produção fricativa glotal surda [h] ou sonora [ɦ] do /R/ e a produção alveolar do /S/ diante de /t/ e /d/. Para ilustrar as diferenças entre os dialetos, vejamos os exemplos:

- i) Dialeto pessoense: ca[ɦ]ne; pe[h]to; co[ɦ]da; ci[h]co; cu[h]to.
- ii) Dialeto paulista: ca[r]ne; pe[r]to; co[r]da; ci[r]co; cu[r]to; ou, em algumas variantes, ca[ɾ]ne; pe[ɾ]to; co[ɾ]da; ci[ɾ]co; cu[ɾ]to.
- iii) Dialeto pessoense: fe[ʃ]ta; pa[ʃ]to; po[ʃ]to; ve[ʃ]tido; de[ʒ]de.
- iv) Dialeto paulista: fe[s]ta; pa[s]to; po[s]to; ve[s]tido; de[z]de.

Com isso, os três fenômenos fonético-fonológicos observados oferecem uma via clara para observar o processo de acomodação linguística, seja este entre os falantes recifenses ou os paulistas.

1.3.1 Critérios de seleção e fundamentação empírica dos fenômenos analisados

A seleção desses três fenômenos fonético-fonológicos foi orientada por sua eficácia empírica em sinalizar padrões de acomodação linguística. Embora existam outros traços dialetais passíveis de análise, como a realização de vogais médias pretônicas, as produções de /ti/ e /di/ como africadas ([tʃi], [dʒi]) ou não, ou até mesmo entoações e padrões rítmicos, optei por fenômenos consonantais bem delimitados e de alta saliência perceptual. Tais fenômenos permitem a identificação clara e relativamente objetiva de variação e acomodação linguística, sem depender de análises acústicas sofisticadas. Além disso, os três fenômenos escolhidos já foram abordados por estudos anteriores (como Chacon, 2012; Lima, 2013; Henrique, 2016), o que possibilita comparações diretas e amplia a robustez dos resultados desta pesquisa. Esses estudos também reforçam a estabilidade dos fenômenos como marcadores dialetais distintivos entre os dialetos recifense, paulista e pessoense. Por fim, a alta frequência de ocorrência deles na fala espontânea facilita a coleta de dados através das entrevistas que compõem o corpus desta pesquisa.

Inicialmente, o fonema /S/ em posição de coda se mostrou um candidato promissor como único fenômeno fonético-fonológico a ser analisado nesta pesquisa, pois permite distinguir claramente o falar pessoense tanto do recifense quanto do paulista. A diferença de produção do /S/ entre os dialetos pessoense e recifense ocorre na maioria dos contextos, com algumas exceções. No entanto, a diferença de produção dessa fricativa entre os dialetos pessoense e paulista se restringe principalmente aos contextos em que /S/ ocorre antes de /t/ e /d/, e ocorrências nesses contextos podem ser pouco frequentes na fala espontânea. Pensando em uma amostra de dados maior, incluí um segundo fenômeno de análise: a realização do /R/ em coda medial, dada sua alta variabilidade e relevância nos falares em contato. Devido ao fato do /R/ poder sofrer apagamento em posição de coda final, este contexto foi descartado.

Os traços descartados, portanto, apresentavam limitações como menor previsibilidade como marcadores dialetais e/ou a necessidade de análises acústicas sofisticadas que dificultariam a delimitação clara dos contextos de acomodação. A escolha final, portanto, recaiu sobre fenômenos que possibilitam a identificação precisa e relativamente objetiva da acomodação linguística, mesmo sem o uso de ferramentas acústicas. Essa decisão metodológica visa garantir maior confiabilidade na marcação das realizações fonológicas, sem que isso dificulte a comparação entre os dados obtidos. Em resumo, os fenômenos selecionados, além de se adequarem aos objetivos da pesquisa, também ampliam a compreensão dos processos de acomodação linguística no PB, ao oferecerem uma base empírica sólida, respaldada por estudos anteriores na área de acomodação linguística.

Por fim, vale observar que os fenômenos selecionados são também representativos de mudanças fonológicas condicionadas estruturalmente, ou seja, sua realização está fortemente ligada à posição silábica e ao contexto segmental, o que os torna ideais para mapear padrões consistentes de acomodação linguística, especialmente em contextos em que o contato dialetal é prolongado.

1.3.2 /S/ em coda silábica no PB e a palatalização

A neutralização do /S/

Dois dos fenômenos estudados neste trabalho envolvem a fricativa coronal /S/, um deles sendo em posição de coda, excluindo ocorrências diante das oclusivas dentais /t/ e /d/, e o outro sendo exclusivamente em contextos que precedem estas mesmas oclusivas dentais. Seja qual for o contexto, o que me interessa observar é a ocorrência ou não da palatalização desse /S/, caracterizada pelo levantamento da língua em direção ao palato duro.

Estabeleci previamente que a sílaba necessita um núcleo, não podendo ser formada sem este. Tendo caráter obrigatório, o núcleo é o componente mais sonoro e mais forte da sílaba. Já a coda é a posição mais fraca dentro da sílaba (Selkirk, 1982), e seu preenchimento é opcional, o que a torna “bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, acentuando-se ainda mais na posição final” (Hora *et al.*, 2010). Esse aspecto facilitou a delimitação de dois dos três fenômenos fonético-fonológicos observados nesta pesquisa: a) o /S/ em posição de coda silábica (medial ou final) excluindo contextos diante de /t/ e /d/, e b) o /S/ em coda silábica diante de /t/ e /d/.

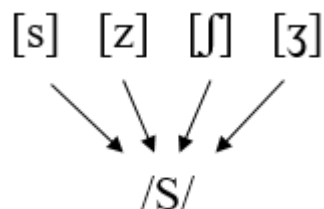
Em português, as fricativas [s], [z], [ʃ] e [ʒ] contrastam em contextos como início de palavra e posição intervocálica, produzindo pares mínimos como a[s]a (assa) e a[z]a (aza), a[ʃ]a (acha) e há[ʒ]a (haja), [ʃ]á (chá) e [ʒ]á (já) (Callou; Leite, 2009, p. 57). Mas a fricativa pós-vocálica sofre um processo de neutralização em posição final de sílaba, já que há um desaparecimento das oposições distintivas nesse contexto.

A fricativa pós-vocálica sofre um processo de neutralização em posição final de sílaba, já que há um desaparecimento das oposições distintivas nesse contexto. De fato, as quatro possibilidades de fricativas possíveis nessa posição (/s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/) se reduzem a duas: um segmento subespecificado vozeado e outro desvozeado. A depender do dialeto, esse segmento terá características palatais ou não (Lucena, 2012, p. 115).

Entende-se por neutralização o processo fonológico pelo qual oposições fonológicas (como o traço de sonoridade ou o ponto de articulação) que normalmente

distinguem sons se tornam irrelevantes em determinado contexto, passando a permitir diferentes pronúncias; para exemplificar, no contexto da palavra “pessoas”, as pronúncias “pessoa[s]” e “pessoa[ʃ]” são ambas aceitas com o mesmo significado. Como observou Câmara Jr. (2004 [1970]), a oposição entre vozeado e desvozeado é redundante, nesse contexto, uma vez que sua realização será determinada pelo traço de sonoridade do segmento seguinte. Assim, há a neutralização dessa oposição e, com isso, as sibilantes [s] e [z], [ʃ] e [ʒ] em posição de coda no PB se reduzem a um único arquifonema, mantendo apenas o traço distintivo da fricção produzida pela língua, como mostra a figura 4.

Figura 4 – Neutralização das sibilantes



Fonte: Possatti (2020)

Com quatro alofones [s, z, ʃ, ʒ] em posição final de sílaba, o arquifonema /S/ é resultante dessa neutralização, caracterizado pelos traços [+ coronal] e [+ contínuo]. Esses traços estão presentes nos quatro alofones e os distinguem dos demais sons consonantais. Para ilustrar como esses traços se organizam no arquifonema /S/, o quadro 4 apresenta os traços distintivos de cada um desses alofones:

Quadro 4 - Traços distintivos das fricativas coronais

	/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/
Coronal	+	+	+	+
Anterior	+	+	-	-
Alto	-	-	+	+
Vozeado	-	+	-	+
Contínuo	+	+	+	+

Fonte: Possatti (2020)

Os traços apresentados no quadro 4 ajudam a compreender como se organizam os alofones do arquifonema /S/ no PB. O traço [+coronal] é comum a todos os segmentos listados, indicando que todos são articulados com a parte anterior da língua. A distinção entre os alofones alveolares ([s], [z]) e palatais ([ʃ], [ʒ]) é captada principalmente pelos traços [anterior] e [alto]: os alveolares são [+anterior] e [−alto], enquanto os palatais são [−anterior] e [+alto]. Já o traço [vozeado] distingue as variantes sonoras ([z], [ʒ]) das surdas ([s], [ʃ]), e o traço [+contínuo] confirma que todos os segmentos são fricativos, produzidos com fluxo contínuo de ar. Esses traços tornam evidente que, embora a neutralização em posição de coda apague certas oposições, como a de sonoridade, outras propriedades articulatórias, como o grau de anterioridade ou o ponto de articulação, permanecem relevantes para identificar padrões fonológicos e dialetais específicos.

Para que se possa distinguir entre as produções dos alofones do /S/ nos dados de coleta desta pesquisa, detalharei a seguir suas principais características articulatórias.

Fricativa alveolar surda [s]

A variante [s] corresponde à fricativa alveolar surda, articulada com a língua próxima aos alvéolos, sem vibração das pregas vocais. É frequente em contextos como os dos telejornais (c.f. Henrique *et al.*, 2022), bem como é típica de variedades do Sul e Sudeste do Brasil. Essa realização também é típica do falar pessoense, exceto quando se encontra diante de /t/ ou /d/. O som [s] ocorre em palavras como “sala” [ˈsala], “massa” [ˈmasa] e “açúcar” [aˈsukaɾ], aparecendo tanto no início quanto em posições intervocálicas ou de coda. A figura 5 ilustra a articulação dessa consoante:

Figura 5 - Articulação da fricativa alveolar surda [s]

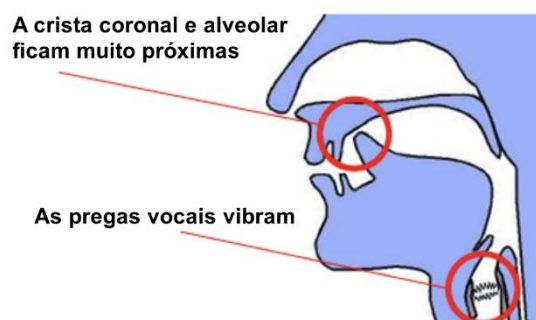


Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Fricativa alveolar sonora [z]

A variante [z] é uma fricativa alveolar sonora, articulada com a língua próxima aos alvéolos, caracterizada pela vibração das pregas vocais durante sua produção. Sua ocorrência é comum em posição intervocálica, como em “casa” [ˈkazɐ], e em início de palavra, como em “zero” [ˈzɛru]. Em contextos de coda silábica, especialmente diante de consoantes sonoras, o /z/ pode ser mantido, como em “as baleias” [az ˈbaleias]. No entanto, em algumas variedades do PB, observa-se a neutralização entre /s/ e /z/ em posição final de sílaba, resultando em uma realização desvozeada [s] ou mesmo em variantes como [ʃ] ou [ʒ], dependendo do dialeto e do contexto fonológico. A configuração da articulação dessa consoante está representada na figura 6:

Figura 6 - Articulação da fricativa alveolar sonora [z]



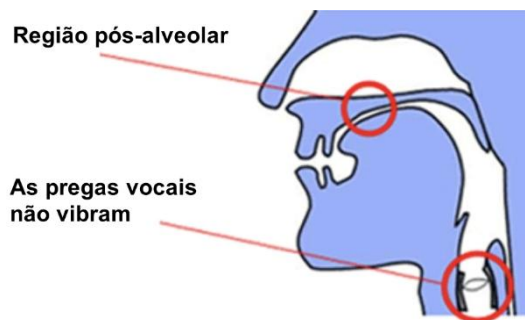
Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Fricativa pós-alveolar surda [ʃ]

A variante [ʃ], fricativa pós-alveolar surda, é produzida sem vibração das pregas vocais, com a língua posicionada mais para trás em relação a [s] e com maior área de contato, de forma em que o ar que passa produz um som “chiado”. Essa variante é típica de dialetos como o recifense e o carioca, sendo frequente em posição de coda, especialmente final, como em “fez” [feʃ] ou “nós” [nɔʃ]. Sua presença é

sociolinguisticamente marcada⁶ e pode carregar traços identitários regionais. No dialeto pessoense, ela ocorre em posição de coda quando diante de /t/ ou /d/, e em processos de acomodação, pode ser substituída por [s] conforme o dialeto de chegada. Na figura 7, está a representação da articulação da variante:

Figura 7 - Articulação da fricativa pós-alveolar surda [ʃ]



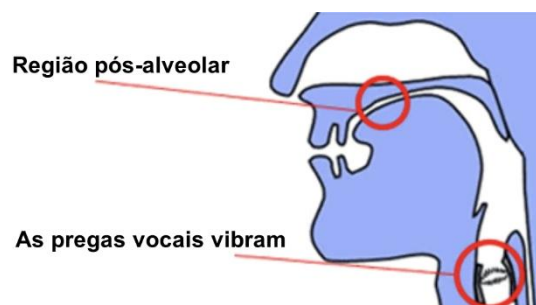
Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Fricativa pós-alveolar sonora [ʒ]

A variante [ʒ] é uma fricativa pós-alveolar sonora, produzida com a língua posicionada próxima ao palato duro e com vibração das pregas vocais. Sua ocorrência é típica em posição intervocálica e em início de palavra, como nas palavras “viagem” [vi'azẽj] ou “jogo” ['ʒogu]. Contudo, essa variante também pode surgir como realização do /S/ em posição de coda, especialmente diante de consoantes sonoras, por assimilação regressiva da sonoridade. Assim, em contextos como “mesmo” ['mezmu] ou “os dias” [oʒ 'dʒiəs], o /S/ subjacente é sonorizado, resultando na fricativa pós-alveolar sonora [ʒ]. A articulação dessa variante está representada na figura 8:

⁶ Uma variante é sociolinguisticamente marcada quando está associada a determinados grupos sociais, estilos de fala ou situações comunicativas específicas, carregando um valor social ou avaliativo (positivo ou negativo). Em contraste, uma variante não marcada tende a ser percebida como neutra, mais prestigiada ou mais ampla em seu uso.

Figura 8 - Articulação da fricativa pós-alveolar sonora [ʒ]



Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Variação do /S/ de acordo com a região

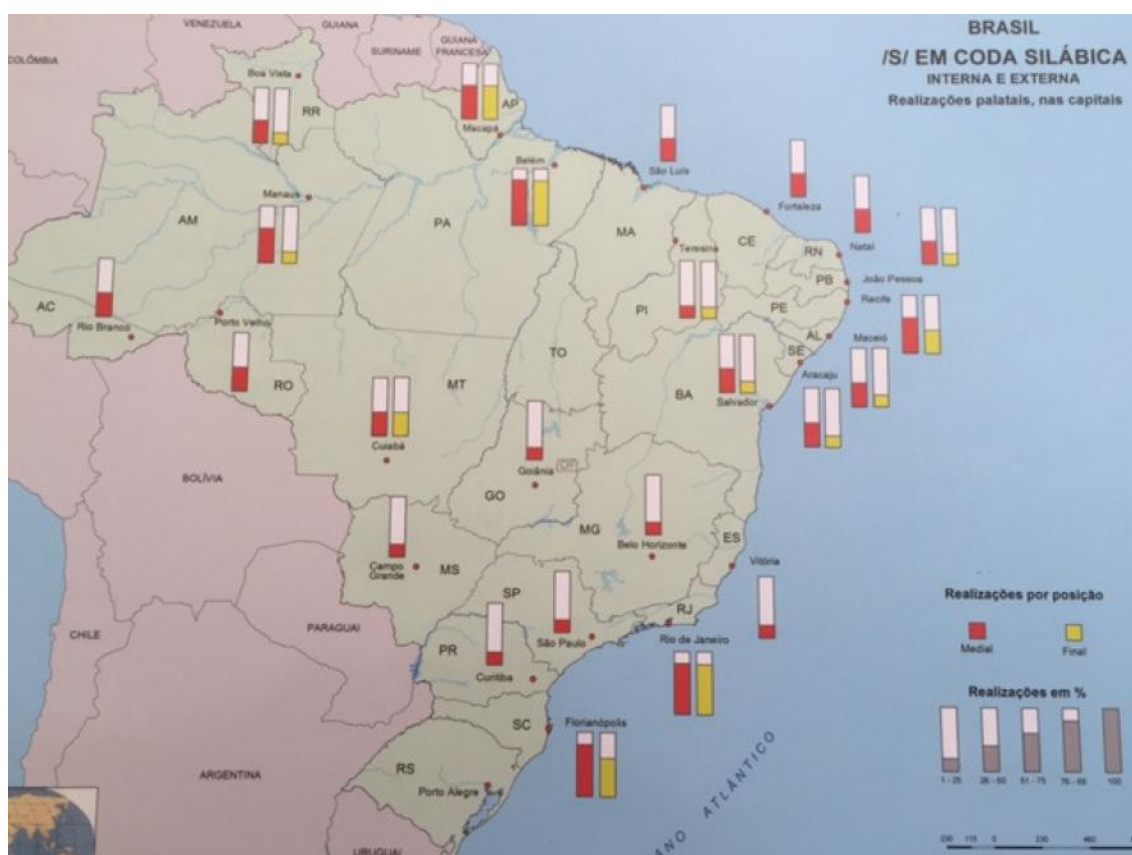
A forma aspirada [h] e o apagamento [Ø] do arquifonema /S/ também podem ocorrer, já que a coda silábica é suscetível a esses fenômenos. No entanto, as formas mais frequentes são as alveolares ([s], [z]) e as palatais ([ʃ], [ʒ]), que são as responsáveis por marcar diferenças entre os dialetos em contato estudados nesta pesquisa. Como já fora mencionado, o /S/, em posição de coda medial e final, foi o fenômeno observado para indicar a incidência de acomodação linguística dos falantes recifenses em situação de contato dialetal.

Por sua vez, as fricativas alveolares em posição de coda medial diante das oclusivas dentais /t/ e /d/ marcam uma distinção entre os dialetos paulista e pessoense, uma vez que o primeiro tende a fazer uso da pronúncia alveolar (por exemplo, “fe[s]ta” e “de[z]de”, enquanto o falar pessoense é caracterizado pela palatalização diante das oclusivas (“fe[ʃ]ta” e “de[ʒ]de”). A observação dessa distinção no falar paulista é respaldada por Câmara Jr. (2004 [1970], p. 93), que contrasta o falar carioca (no qual a pronúncia da fricativa alveolar surda e sonora é rara) com o falar paulista. No falar paulista o /s/ tem pronúncia alveolar diante de pausa ou de consoante surda inicial, enquanto diante de consoante sonora inicial, sem pausa, ocorre a realização alveolar do /z/. Já as observações de Hora (2000, apud Macedo, 2004) que descrevem o dialeto pessoense, apontam que, na posição de coda silábica medial, a palatalização é condicionada pelas consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/.

A fricativa coronal /S/ em posição de coda medial e final, ocorre de maneira variável em diferentes regiões do Brasil. A figura 9 ilustra a distribuição do /S/, em

posição de coda silábica medial e final, pelo Brasil, com base nas realizações da palatalização. Em vermelho temos todas as realizações palatais em contexto de coda medial, e em amarelo temos as que se encontram em contexto de coda final. Para as situações em que o /S/ não é produzido de forma alveo-palatal, podemos assumir que sejam, em sua maioria, produções alveolares.

Figura 9 – Mapa das realizações palatais do /S/ em coda silábica – interna e externa



Fonte: Cardoso *et al.* (2014, apud Henrique, 2016, p. 32)

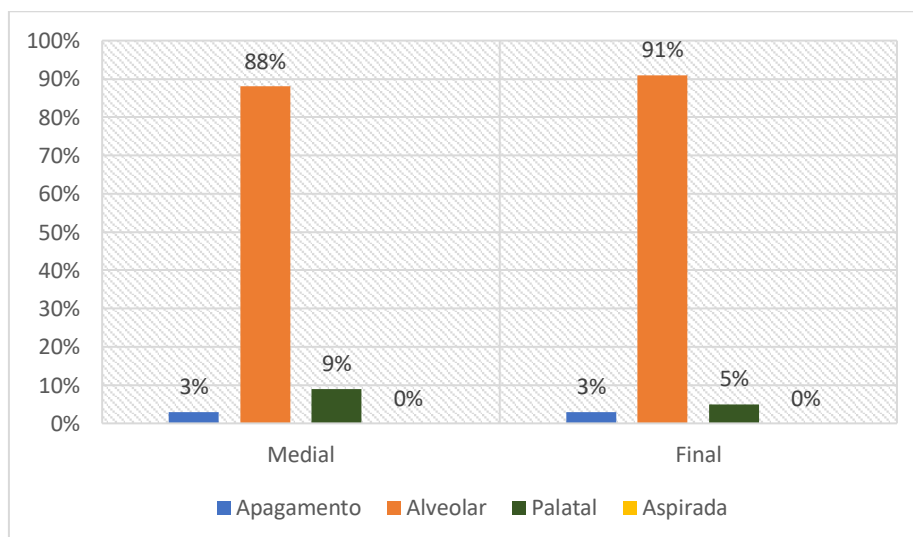
A partir da figura 9, alguns aspectos que interessam a esta pesquisa ficam em evidência: pode-se notar que, em João Pessoa (PB), o /S/ tem um nível razoável de palatalização quando se trata dos contextos que se encontram em coda medial (barra da esquerda, em vermelho). Isso pode ser explicado pela forma em que se produz, tipicamente, o fonema nessa posição silábica, quando seguido de /t/ ou /d/, como aponta Hora (2000, apud Macedo, 2004). Se comparado às produções de São Paulo (SP), a palatalização é mais frequente, tendo em vista que em São Paulo as realizações são

predominantemente alveolares por uma grande margem. Em ambos os contextos (medial e final), os falantes de Recife (PE) produzem mais realizações palatais se comparadas a João Pessoa. Sabemos que em Recife, a produção do /S/ tende a ser palatal em todos os contextos. Traçando ainda mais comparações, no dialeto pessoense, apesar da quase que categórica produção palatal diante de /t/ e /d/, em outros contextos o /S/ tende a ser alveolar, especialmente em posição de coda final.

Conforme ilustrado no mapa e como será discutido mais adiante com base nos estudos de Hora (2003) e Ribeiro (2006), o /S/ em posição de coda final é amplamente difundido em sua forma alveolar no Brasil. Essa forma é predominante no dialeto pessoense. Contudo, conforme demonstrado pela ilustração, em posição medial, a forma palatal tem uma maior presença. No caso do dialeto pessoense, a fricativa se realiza de forma palatal quando ocorre antes das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/.

Esses dados estão de acordo com o que Callou, Leite e Moraes (2002) constataram sobre a frequência de ocorrências das possíveis produções do /S/ pós-vocálico em coda medial e final. Em São Paulo, os autores verificaram uma produção majoritariamente alveolar em ambos os contextos:

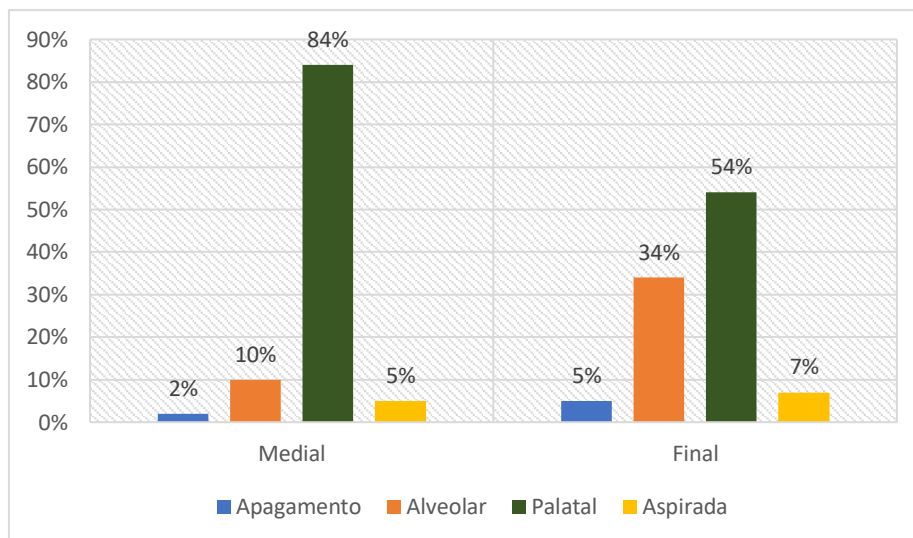
Gráfico 1 – Produções do /S/ na posição de coda em São Paulo



Fonte: Adaptado de Callou, Leite e Moraes (2002) apud Pedrosa (2009, p. 22)

E em Recife, eles verificaram uma produção majoritariamente palatal, especialmente no contexto de coda medial, o que também repete o padrão visto na figura 9, anteriormente:

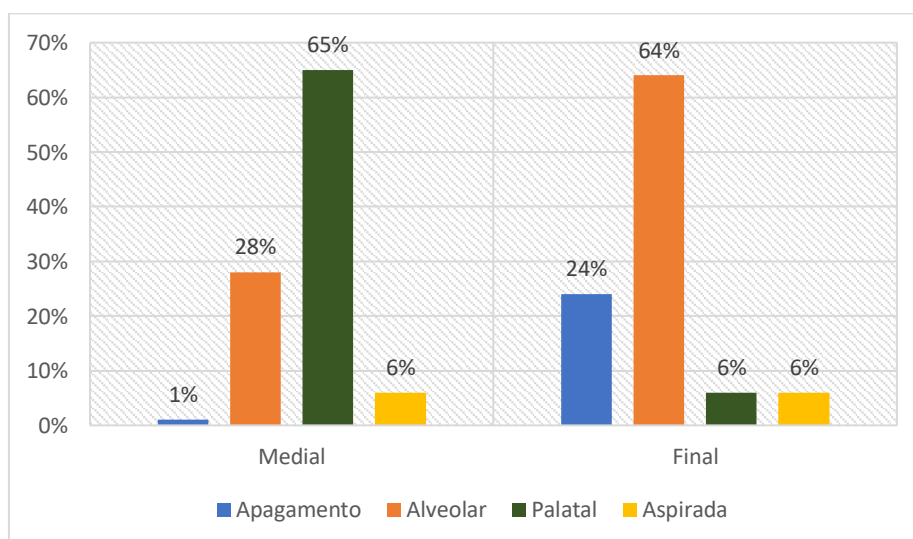
Gráfico 2 – Produções do /S/ na posição de coda em Recife



Fonte: Adaptado Callou, Leite e Moraes (2002) apud Pedrosa (2009, p. 23)

Esses dados contrastam com os de João Pessoa, em que a produção é majoritariamente alveolar:

Gráfico 3 – Produções do /S/ na posição de coda em João Pessoa



Fonte: Adaptado de Hora (2003) e Ribeiro (2006), apud Henrique *et al.* (2022)

Em sua dissertação, Henrique (2016) faz a seguinte observação sobre a fricativa em coda:

Segundo Callou, Moraes e Leite (2002), a realização palatalizada da fricativa coronal em coda restringia-se, primeiramente, ao dialeto carioca. A forma palatalizada estendeu-se para o Nordeste por ser considerada uma pronúncia nobre, importada da corte portuguesa, que tinha a representatividade na norma de prestígio no falar da antiga capital (Henrique, 2016, p. 33).

Essa expansão da forma palatalizada para grande parte do país provavelmente está relacionada ao prestígio atribuído a essa pronúncia, mesmo que ela não seja a mais produtiva. Tal constatação reforça como fatores sociais, como o prestígio e a identificação com determinadas normas de fala, influenciam diretamente a propagação e a adoção de variantes fonéticas. Nesse sentido, a descrição da fricativa /S/ em posição de coda evidencia a diversidade de variantes observadas nas variedades do PB, considerando os fatores linguísticos e sociais que condicionam sua realização. De modo semelhante, o segmento /R/ em coda silábica revela um amplo repertório de variantes fonéticas e comportamentos regionais igualmente complexos. Na seção 1.3.3, volto a atenção para descrever esse último, considerando os processos envolvidos em sua produção e fazendo relação com os falares paulista e pessoense.

1.3.3 /R/ em coda silábica nos falares paulista e pessoense

A posteriorização do /R/

No PB, a realização do /R/ é variada nas diferentes posições da sílaba, mas, especialmente em coda silábica, ela é caracterizada por ampla variação fonética. No contexto desta pesquisa, observo três de seus alofones: o tepe [r], o retroflexo [ɽ] e a fricativa glotal [h, ɦ] (surda e sonora), cujas distribuições e valores sociais variam conforme a região. Essa diversidade de formas resulta de condicionamentos fonológicos, estilísticos e sociais, e está amplamente documentada na literatura da fonologia e da

sociolinguística (cf. Cristófar-Silva *et al.*, 2019; Linares *et al.*, 2008; Seara *et al.*, 2011; Rennicke, 2011, 2015).

Entre os diferentes contextos de variação, destaca-se o processo de posteriorização, pelo qual o ponto de articulação do /R/ se desloca para posições mais posteriores da cavidade oral, e/ou sofre alteração no modo de articulação, passando de vibrante para fricativa, frequentemente como etapa intermediária antes do apagamento (cf. Brandão, 2022). Esse processo de enfraquecimento ocorre mais em contextos de fala informal e o apagamento total da consoante ([Ø]) tende a se manifestar de modo mais evidente em verbos, como mostram os dados de Linares *et al.* (2008, p. 7):

Com relação ao ambiente em que é mais comum a variação apagamento do /r/, foi constatada que a recorrência é maior entre os verbos com 292 casos (67,12% do total) contra 143 ocorrências (32,88%) do apagamento em nomes (aqui foram considerados como “nomes” os substantivos, adjetivos, advérbios e preposições que terminavam em /r/) [...] É um fato existente na língua o predomínio do apagamento da consoante final nos infinitivos verbais e essa tendência é observada não apenas no dialeto carioca, mas em quase a totalidade do dialeto brasileiro [...]

O processo de posteriorização não é homogêneo e se manifesta de forma diversa conforme a variedade dialetal, o grau de monitoramento da fala e as identidades sociais dos falantes. A literatura sobre o tema (cf. Rennicke, 2011) evidencia um contínuo de variantes que vai desde o tepe alveolar [r] até o apagamento total da consoante, passando por estágios intermediários como a retroflexão [ɾ] ou [ɻ], a fricativização velar [x], a fricativa glotal [h] e, por fim, a elisão. Esse encadeamento pode ser representado esquematicamente como:

$$[r] \rightarrow [ɾ] \rightarrow [ɻ]/[ɻ] \rightarrow [x] \rightarrow [h] \rightarrow [\emptyset]$$

Essa trajetória indica tanto um deslocamento articulatorio quanto um enfraquecimento gradual do segmento, conforme descrito por Callou, Leite e Moraes (2002). Em alguns casos, essas mudanças podem ser vistas como dois processos distintos,

a depender se a mudança ocorre apenas no ponto ou no modo de articulação, como representado no esquema a seguir:

$$[r] \rightarrow \begin{array}{l} [r] \rightarrow [ɾ]/[ɻ] \\ [x] \rightarrow [h] \end{array} \rightarrow [\emptyset]$$

O grau de posteriorização tende a ser maior em contextos de fala espontânea, em ambientes informais e entre falantes jovens, refletindo padrões mais amplos de mudança linguística por redução articulatória. Fatores linguísticos, como contexto fonológico posterior, e fatores extralinguísticos e sociais, como o nível de escolaridade, se mostram influenciar significativamente o processo, refletindo a complexidade da variação sociolinguística dentro do PB (cf. Brandão, 2022). Além disso, o processo de posteriorização está associado a avaliações sociais divergentes. Enquanto variantes mais anteriores, como o tepe [r], tendem a ser percebidas como neutras ou prestigiadas, variantes mais posteriores, como [h] ou [∅], podem ser interpretadas ora como marcas de identidade regional, ora como formas estigmatizadas.

Freitas (2023) reforça a noção de enfraquecimento do /R/ de Callou, Leite e Moraes (2002) e observa que o retroflexo [ɻ] aparece com frequência em São Paulo, especificamente no Extremo da Zona Sul, justamente em posição de coda medial, em palavras como “po[ɻ]ta”, “qua[ɻ]to” e “ce[ɻ]to”. Como mostra sua análise, a manutenção do retroflexo por jovens periféricos pode ser um recurso expressivo de resistência identitária frente a modelos linguísticos normativos.

Investigar a presença do apagamento (ou zero fonético [∅]) na realização do /R/ não contribui para os objetivos desta pesquisa, uma vez que esse não marca distinção entre os dialetos em estudo, portanto, optei por observar as ocorrências do /R/ apenas em contexto de coda medial, assim evitando a possibilidade do apagamento como ocorrência nos dados coletados.

A variante que marca a acomodação linguística nesta pesquisa é a realização do /R/ como fricativa glotal [h, ɦ] em coda medial, forma comumente associada ao dialeto pessoense. Em São Paulo, essa forma é muito menos frequente, uma vez que o /R/ tende a ser realizado como [r] (tepe alveolar) ou, em alguns casos, como [ɻ] (retroflexa),

dependendo da origem do falante. O contraste entre essas duas variedades permite observar a ocorrência (ou ausência) da acomodação linguística por parte dos paulistas em contato com o dialeto pessoense. Assim, o foco recai sobre a presença ou não da fricativa glotal [h, h̥] em coda medial.

Em contextos de contato dialetal, como o que se observa nesta pesquisa entre recifenses, paulistas e pessoenses residentes em João Pessoa, a posteriorização do /R/ pode tanto ser mitigada quanto acentuada, dependendo das dinâmicas de convergência, identidade e prestígio envolvidas. Dessa forma, a análise da acomodação linguística do /R/ em coda exige a consideração não somente dos aspectos fonético-fonológicos, mas também dos fatores sociais que orientam a escolha entre variantes ao longo do contínuo de posteriorização.

Para que se possa melhor diferenciar os alofones do /R/ observados nesta pesquisa, é necessário apresentar suas principais características articulatórias.

Tepe alveolar [r]

O tepe alveolar [r] é produzido com um único toque rápido da ponta da língua nos alvéolos, acompanhado de sonoridade. É considerado uma forma prestigiada de pronunciar o /R/ e está presente em onsets complexos e na coda, especialmente em estados como São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua duração é muito curta, o que a diferencia acusticamente das vibrantes múltiplas e das oclusivas. É tipicamente sonoro e ocorre como alofone do /R/ entre vogais ou em *onset* complexo (ex.: “a[r]eia”; “g[r]ande”), podendo também ocorrer em outros contextos fonológicos como em coda intervocálica ou coda final em várias variedades do PB (ex.: “ca[r]ta”; “amo[r]”). A figura 10 ilustra como essa produção se articula:

Figura 10 - Articulação do tepe alveolar [r]

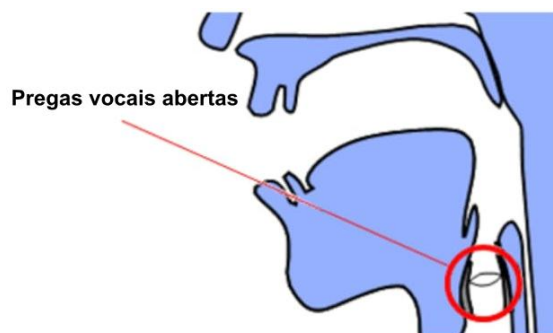


Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Fricativa glotal surda [h]

A fricativa glotal [h] é produzida na glote, sem obstrução da cavidade oral. Diferentemente das fricativas orais, como [s] ou [ʃ], sua realização apresenta baixa intensidade sonora e ausência de um ponto articulatório claramente definido, características que favorecem seu enfraquecimento, apagamento ou fusão com vogais subsequentes. Quase sem um ponto articulatório definido, a fricativa glotal [h] é vista como uma etapa intermediária antes do apagamento, se assemelhando a este. Essa variante é típica de dialetos que realizam o /R/ como fricativa glotal em posição de coda, especialmente ao final de palavra, como ocorre em falares do estado do Rio de Janeiro e em diversas regiões do Nordeste brasileiro, incluindo o falar pessoense. A figura 11 ilustra a configuração articulatória dessa consoante:

Figura 11 - Articulação da fricativa glotal surda [h]

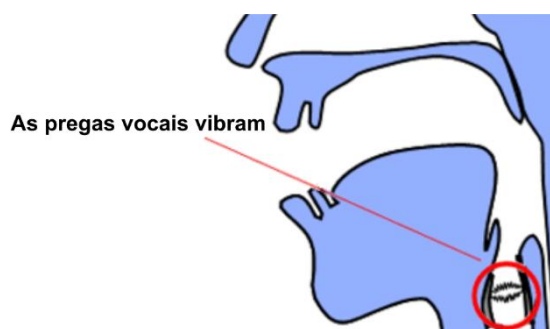


Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Fricativa glotal sonora [ɦ]

A fricativa glotal sonora [ɦ] é produzida com o mesmo ponto de articulação que a variante surda [h], ou seja, na glote, mas com vibração das pregas vocais. Essa leve sonoridade confere ao som uma qualidade mais suave e soprosa, mantendo, contudo, baixa intensidade acústica e ausência de um ponto articulatório bem delimitado. Assim como [h], a variante [ɦ] tende a ocorrer em contextos de enfraquecimento articulatório e pode representar uma etapa intermediária entre a fricativa glotal surda e o apagamento total do segmento. Essa realização também é observada em dialetos que produzem o /R/ como fricativa glotal em posição de coda, como em “porta” [ˈpõɦtɐ] ou “carro” [ˈkaɦu]. A configuração articulatória dessa consoante é ilustrada na figura 12:

Figura 12 - Articulação da fricativa glotal sonora [ɦ]



Fonte: Adaptado de Wee (2024)

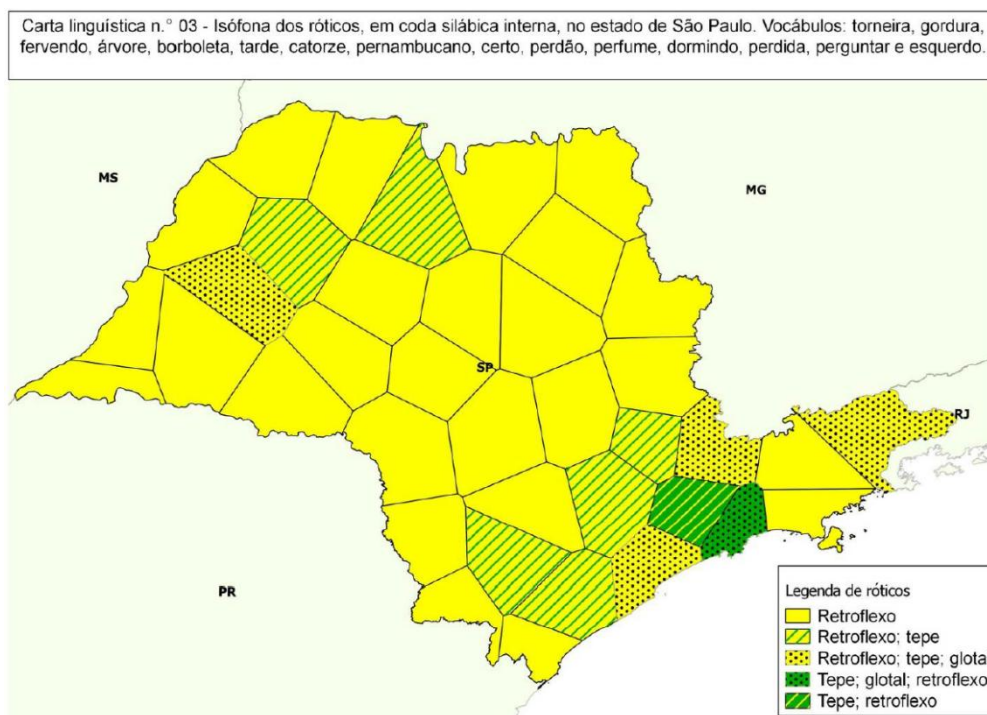
/R/ retroflexo ([ɽ] e [ɻ])

O /R/ retroflexo pode ocorrer como [ɽ] (tepe retroflexo ou [ɻ] (aproximante). Ambos são articulados com a língua curvada para trás, sendo mais posterior do que alveolar, mas, enquanto o tepe toca o palato brevemente, a aproximante apenas se aproxima dele.

Cristófaró Silva *et al.* (2019) reconhecem o uso de variantes retroflexas em regiões específicas, como São Paulo e interior de Minas Gerais. Essas variantes podem ser tepes retroflexos ([ɽ]) ou aproximantes retroflexos ([ɻ]). Como afirmam Seara *et al.* (2011), a

retroflexa é percebida no dialeto caipira⁷ e é a variante que predomina no interior de São Paulo (cf. Mendes, 2010). A predominância dessa variante está representada no mapa da figura 13:

Figura 13 – Mapa das realizações palatais do /R/ em coda silábica interna no estado de São Paulo



Fonte: Silva (2016, p. 132)

Considerando esse panorama das realizações do /R/ no estado de São Paulo, especialmente a predominância do tepe alveolar [r] na capital e a ocorrência marcada do retroflexo [ɽ] em áreas do interior, é relevante observar como essas variantes se articulam no trato vocal. Tendo já previamente ilustrado a articulação do tepe alveolar [r], as figuras a seguir ilustram os principais pontos e modos de articulação envolvidos na produção dos alofones retroflexos [ɽ] e [ɻ]:

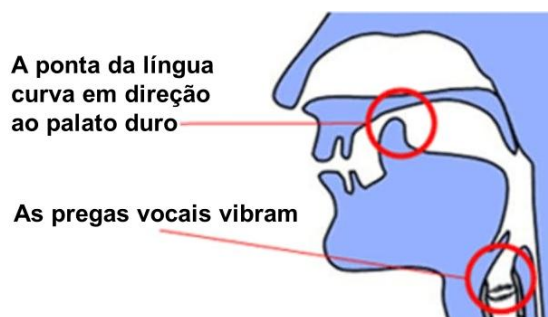
⁷ Variedade regional do PB falada principalmente no interior dos estados de São Paulo, sul de Minas Gerais, norte do Paraná, partes de Goiás e Mato Grosso do Sul. É uma das variedades mais estudadas da língua portuguesa no Brasil, tanto por sua história quanto por suas características fonológicas, morfossintáticas e lexicais. Um dos estudos mais relevantes sobre esse dialeto é o de Amadeu Amaral, em seu livro *O dialeto caipira* (1920), considerado pioneiro na linguística brasileira.

Figura 14 - Articulação da tepe retroflexa [ɾ]



Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Figura 15 - Articulação da aproximante retroflexa [ɻ]



Fonte: Adaptado de Wee (2024)

Distribuição regional e padrões de acomodação do /R/

A distribuição das variantes do /R/ em posição de coda no Brasil revela forte marcação regional. Em regiões como o Sul e partes do Sudeste, prevalece o tepe alveolar [r]; no interior paulista, encontra-se a retroflexa [ɾ]; no Nordeste, especialmente na Paraíba, a fricativa glotal [h, ɦ] é predominante. Em João Pessoa, estudos como o de Hora & Wetzels (2010) demonstram que a variante aspirada [h] é amplamente utilizada, representando cerca de 73% das ocorrências no corpus analisado. A variante zero fonético ([Ø]) aparece em 22% dos casos, e as produções majoritárias em São Paulo (tepe alveolar [r] e retroflexa [ɾ]) representam apenas 5% dos usos entre os paraibanos. Os dados em questão não limitam, no entanto, ao /R/ em coda medial, englobando também a posição de final de palavra.

Ao investigar paraibanos que migraram para São Paulo e vivem na capital há mais de cinco anos, eles observaram que, mesmo em contextos monitorados de fala, em que se

esperaria o uso de variantes de maior prestígio, muitos informantes mantêm o uso da variante aspirada [h], associada ao dialeto de origem. Embora alguns consigam identificar a existência de variantes diferentes em São Paulo, como o tepe [r] e a retroflexa [ɾ], a saliência perceptiva da retroflexa parece conduzir parte desses falantes a adotá-la como estratégia de acomodação, ainda que ela não seja a forma predominante entre os paulistanos dos principais centros urbanos.

Além disso, o estudo revela que os informantes com menor escolarização tendem a estigmatizar mais o próprio dialeto paraibano, ainda que não se prenda necessariamente à produção do /R/ e que não se reconheça explicitamente as razões. A atribuição de prestígio ou estigma às variantes do /R/ parece ocorrer de forma pouco explícita, sendo guiada mais por percepções subjetivas de “clareza”, “beleza” ou “acerto” da fala do que por um domínio consciente de aspectos fonéticos. Isso sugere que a seleção das respectivas variantes está mais ligada a construções identitárias do que a exigências formais de estilo.

A variação regional do /R/ mostra-se profundamente enraizada em padrões identitários e perceptuais, e nem sempre responde de forma direta à atenção prestada à fala ou ao grau de monitoramento. Como demonstrado por Hora & Wetzels (2010), fatores como escolaridade, tempo de residência, saliência fonética e atitudes em relação aos falares locais e de origem interferem nas escolhas fonéticas dos falantes. Assim, para compreender plenamente os processos de acomodação linguística, é necessário considerar os valores sociais atribuídos às variantes fonético-fonológicas, tema que será explorado na próxima seção, dedicada ao prestígio social e sua influência no processo de acomodação linguística.

1.4 O PRESTÍGIO SOCIAL E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA

O prestígio social atribuído a determinadas variedades linguísticas é resultado de dinâmicas históricas, políticas e ideológicas que moldam as hierarquias entre os falares. Variedades associadas a centros de poder econômico, educacional ou midiático tendem a ser percebidas como mais corretas ou desejáveis, enquanto outras podem ser

estigmatizadas ou até marginalizadas. Essas avaliações influenciam diretamente os processos de acomodação linguística, uma vez que falantes em contextos de contato dialetal tendem, de modo geral, a ajustar suas falas em direção às formas consideradas socialmente valorizadas. Assim, compreender os fatores que conferem prestígio a uma variedade é fundamental para interpretar os padrões de mudança ou manutenção linguística em situações de contato dialetal.

Um exemplo notável de variedade cuja valorização social se consolidou historicamente é o falar paulista, especialmente aquele associado à capital do estado. Como demonstra Carreão (2017), o prestígio social atribuído ao falar paulista é fruto de um processo histórico de construção simbólica, especialmente a partir da urbanização de São Paulo e da fundação da Faculdade de Direito no século XIX, que de acordo com o autor, marca o início do processo de padronização da fala paulista e alavancou a urbanização da cidade. Carreão (2017, p. 41):

A instalação da Faculdade de Direito pode ser entendida como um marco da civilidade paulista. Como essa referência na história do estado se iniciou com debates sobre a língua, é interesse verificar como a variedade de fala de São Paulo mudou com o passar do tempo.

Ele conclui seu trabalho com as seguintes afirmações:

Os diferentes processos envolvidos na fundação das cidades ajudam a entender como determinada forma linguística pode ser vista com prestígio ou com estigma. Em especial, com a Faculdade de Direito de São Paulo, é possível observar uma instituição social que não apenas impulsiona a urbanização – e o desenvolvimento advindo dela – mas que também recorta um espaço como centro de cultura e de civilidade, ao mesmo tempo em que delega a instrumentos normativos (como as gramáticas) a obrigação de que a língua dos sujeitos letrados expresse essas características (Carreão, 2017, p. 62).

Esses marcos consolidaram o espaço paulista como centro político e cultural, contribuindo para a valorização de sua variedade linguística. Com o tempo, a difusão dessa variedade pelos meios de comunicação fortaleceu sua associação a ideias de correção, clareza e neutralidade, naturalizando seu status como “fala padrão” e invisibilizando suas marcas regionais.

Em contraste, o falar recifense revela uma percepção de prestígio mais contextual, variando conforme o grau de formalidade da situação comunicativa. Os dados de Lopes *et al.* (2014) revelam que ouvintes recifenses demonstram uma percepção diferenciada de prestígio em relação ao próprio dialeto: preferem a ausência de traços regionais, como a palatalização do /S/ em coda medial, em contextos formais, como na fala de telejornalistas. Mas esses mesmos falantes valorizam a presença dessas características na fala da comunidade local em situações informais. No entanto, quando avaliam a própria fala, mesmo em contexto informal, não há uma preferência uniforme por formas regionais ou suavizadas. Com essas considerações, pode-se atribuir certo prestígio à palatalização do /S/ no falar recifense; ideia corroborada também por Macedo (2004) e Lima (2013).

Já o falar pessoense, embora fortemente associado à identidade local, tende a ocupar uma posição de menor prestígio social no imaginário linguístico mais amplo, sendo frequentemente ofuscado por variedades consideradas mais neutras ou valorizadas, como a paulista e a recifense. Lima (2019), em sua tese de doutorado, investiga as atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar, e seus resultados revelaram manifestações negativas pela maioria dos entrevistados.

Em todas as mesorregiões paraibanas, observamos uma constante associação negativa tanto com relação ao sotaque quanto aos termos dialetais. O modo de falar “arrastado” ou “carregado” foi mencionado com uma conotação desfavorável por parte dos paraibanos em questão. Um fato interessante é que esse dado representa exatamente o espelho das atitudes expressas pelos interlocutores dos participantes. Nas perguntas que buscavam aferir as atitudes linguísticas com relação ao falar paraibano na perspectiva do outro, os participantes respondiam que seus ouvintes utilizavam os mesmos adjetivos para qualificar nosso dialeto (Lima, 2019, p.165).

Ela observou também que os falantes paraibanos entrevistados, quando questionados diretamente sobre o tema, manifestaram avaliações positivas em relação a suas próprias maneiras de falar, e, se questionados de forma indireta, demonstraram atitudes negativas para com a forma de falar de outros membros de sua própria comunidade linguística. Parece haver uma percepção, por parte dos próprios falantes paraibanos, do prestígio social atrelado aos dialetos locais. Os resultados de Lima (2019), portanto, corroboram a noção de que o falar paraibano não carrega muito prestígio se comparado a outros, estando sujeito ao rechaço e ao preconceito. As pressões sociais

atuantes no processo de acomodação linguística são diversas, mas o prestígio social é certamente um dos grandes influenciadores dos processos em estudo neste trabalho.

Deve-se, portanto, considerar que os participantes desta pesquisa, recifenses e paulistas que residem em João Pessoa, estão em contato com um dialeto que é tido como sendo de menor prestígio se comparado aos de suas cidades natais. Esse fator pode atuar como um inibidor da acomodação linguística, sobretudo entre falantes que atribuem maior valor simbólico ao próprio modo de falar (cf. Possatti, 2020). Nesse sentido, é importante observar que normas socioculturais exercem um papel regulador sobre o comportamento linguístico dos falantes, como a escolha da variedade linguística considerada mais adequada para cada contexto. Essas normas orientam as escolhas linguísticas dos interlocutores, especialmente em situações de assimetria social. Dentre as normas socioculturais, há a expectativa de que falantes convirjam para a fala considerada mais padrão ou a variedade que carregue mais prestígio social (cf. Giles & Marlow, 2011).

Diferentemente dos estudos de Marques (2006) e Lima (2013), que observaram o comportamento linguístico de falantes oriundos de uma variedade percebida como menos prestigiada⁸, este estudo volta-se para falantes vindos de dialetos de maior prestígio em contato com uma variedade que carrega menos prestígio. Trata-se, portanto, de uma dinâmica de contato distinta, cujos efeitos sobre a acomodação linguística podem se manifestar de forma diversa.

Chacon (2012), semelhantemente a esta pesquisa, estuda o contato dialetal de paulistas com pessoenses. Ela concluiu que falantes que se veem como tendo maior prestígio, quando em contato com falantes considerados de menor prestígio, são igualmente pressionados a acomodar a fala quando em situações de exposição prolongada iniciadas na infância ou adolescência. Pode-se deduzir que a diferença de prestígio se manifesta mais acentuadamente entre adultos. Ou seja, quando a exposição a um outro dialeto se inicia na fase adulta, falantes de um dialeto de maior prestígio em contato com outro de menor prestígio tendem a acomodar de forma muito mais lenta se comparada à situação inversa.

⁸ Marques (2006) investigou o contato dialetal de paraibanos (metade dos quais advindos da zona rural) com o dialeto carioca, após migração para o Rio de Janeiro; Lima (2013) investigou o contato dialetal de nove paraibanos residentes em Recife.

Dessa forma, o prestígio social das variedades linguísticas exerce papel central nos processos de acomodação, influenciando tanto a direção quanto a intensidade das mudanças observadas em contextos de contato dialetal. Variedades percebidas como mais prestigiosas tendem a resistir mais à acomodação, enquanto falantes de dialetos menos valorizados podem ser socialmente pressionados a ajustar sua fala. Essas dinâmicas são fundamentais para compreender o processo de acomodação linguística e servem de base para os estudos apresentados na próxima seção, os quais abordam fenômenos fonético-fonológicos semelhantes e envolvem o contato entre as mesmas variedades analisadas nesta pesquisa.

1.5 ESTUDOS RELACIONADOS

Apresento uma breve revisão de literatura, com pesquisas da sociolinguística envolvendo os mesmos fenômenos fonético-fonológicos ou de mesma natureza desta. Esses trabalhos serviram de base tanto para a delimitação do objeto de estudo quanto para os fenômenos fonético-fonológicos observados nesta pesquisa, oferecendo contribuições teóricas e metodológicas fundamentais para a compreensão da variação e dos processos de acomodação linguística em contextos de contato dialetal.

Nesse panorama, destaca-se o trabalho de Chacon (2012), desenvolvido como dissertação de mestrado, que pesquisou a acomodação linguística através da palatalização do /S/ em coda medial diante das oclusivas /t/ e /d/ no contato dialetal de paulistas com pessoenses. Ela analisou variáveis estilísticas (estilos de leitura de texto e de entrevistas), sociais (idade, tempo de exposição e naturalidade dos pais) e atitudinais (atitudes linguísticas) de dez participantes. O índice de acomodação obtido por ela foi de 34,8% e as variáveis sociais com maior significância estatística foram tempo de exposição e idade, respectivamente. Observou-se que, quanto maior o tempo de exposição, maiores foram os índices de acomodação linguística. Além disso, o grupo mais jovem, com idades entre 19 e 25 anos, foi o que apresentou os maiores níveis de acomodação. Devido ao papel das atitudes linguísticas, Chacon (2012) ressaltou a importância de se fazer uma análise qualitativa complementar à análise estatística, destacando que os aspectos subjetivos das atitudes dos falantes se entrelaçam com os fatores sociais, formando uma engrenagem linguístico-psicossocial que influencia diretamente a ocorrência ou não da acomodação.

Outra contribuição relevante à compreensão da acomodação linguística em contexto de migração é o estudo de Lima (2013), que investigou a acomodação dialetal de nove (9) paraibanos residentes em Recife (PE) há pelo menos dois anos, através da observação da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica. Diferentemente a este estudo, que analisa a possível acomodação de falantes oriundos de dialetos de maior prestígio ao padrão pessoense, a pesquisa dela focalizou falantes de um dialeto regional frequentemente percebido como menos prestigiado, em contato com uma variedade urbana de maior prestígio sociolinguístico. No contexto de sua pesquisa, a hipótese levantada pela pesquisadora foi a de que atitudes positivas em relação ao dialeto recifense fossem contribuidoras da acomodação linguística. Considerando a posição socioeconômica favorável de Recife, ela sugeriu que questões de prestígio social estariam atreladas também ao dialeto local (Lima, 2013, p. 18).

Ela trouxe exemplos que demonstraram que pressões sociais, como o preconceito, favoreceram o processo de acomodação ao novo dialeto, ocorrendo o abandono do dialeto de origem em busca de maior aceitação. Por vezes, as pressões sociais demonstraram se sobressair à avaliação das/dos informantes acerca do falar recifense, mas observou-se que avaliações positivas foram favorecedoras da acomodação, enquanto as negativas foram inibidoras, levando à preservação do dialeto de origem. A autora também constatou que o contato diuturno com recifenses se mostrou bastante relevante, sendo este também favorecedor da acomodação. Em ordem de relevância, a autora destacou as seguintes variáveis: o tempo de permanência, o contato diuturno com falantes recifenses, o contexto fonológico seguinte, o estilo e a frequência das visitas; e através da análise qualitativa também realizada por ela foram observadas as atitudes linguísticas dos participantes, que, como já exposto, tiveram importante papel no processo de acomodação linguística.

Embora também se concentre na acomodação linguística em contextos de mobilidade, o estudo de Marques (2006) adota uma abordagem distinta, ao comparar situações de contato dialetal tanto no âmbito nacional quanto internacional. A autora realizou uma análise quantitativa da variação linguística decorrente do contato dialetal entre paraibanos e cariocas na cidade do Rio de Janeiro, e entre brasileiros e portugueses em Lisboa. Seu foco recaiu sobre a realização das vogais médias pretônicas (/e/; /o/), as quais marcam diferença entre os dialetos estudados por ela, investigando como essas se comportam em contextos de contato linguístico prolongado. A autora observou que houve acomodação linguística em relação a ambas as vogais analisadas, embora com dinâmicas

distintas entre os contextos de contato inter-regional e intercontinental. Um período de exposição de dez anos mostrou-se suficiente para que falantes acomodassem a fala do dialeto paraibano em direção ao carioca. No entanto, esse mesmo intervalo não foi o suficiente para que brasileiros vivendo em Lisboa apresentassem uma acomodação perceptível aos traços do português europeu, pelo menos no fenômeno específico investigado. Uma possível explicação para essa diferença está nas distintas pressões sociais envolvidas em cada situação: no Brasil, as variações dialetais são menos marcadas e, ademais, os dialetos nordestinos costumam ser percebidos como menos prestigiosos, o que pode intensificar a pressão pela acomodação. A pesquisa de Marques (2006) amplia a discussão sobre os efeitos do contato dialetal prolongado na acomodação linguística, evidenciando como fatores socioculturais e o prestígio das variedades influenciam de forma distinta os processos de convergência em contextos inter-regionais e intercontinentais.

Dando continuidade aos estudos sobre acomodação no contato entre dialetos brasileiros, Martins (2008) investigou a palatalização de oclusivas dentais /t/ e /d/ seguidas de [i] em situação de contato dialetal, com foco em migrantes paraibanos residentes no Rio de Janeiro. Sua análise indicou que a acomodação ocorre com maior frequência na realização da variante alvéolo-palatal surda, o que a levou a concluir que esse é o contexto de maior saliência perceptiva.

Ampliando a discussão para o campo da percepção linguística, Henrique (2016) investigou como falantes pessoenses percebem a palatalização do /S/ em coda medial diante de consoantes dentais, com foco em três dimensões principais: 1) se há distinção perceptiva entre as variantes alveolar e palatal em diferentes contextos fonético-fonológicos seguintes; 2) se os ouvintes têm consciência da variante predominante em seu próprio dialeto; e 3) se atribuem valor identitário à fricativa em coda. Ele realizou três experimentos de percepção com ouvintes pessoenses, os quais revelaram que os participantes atribuem o mesmo grau de diferença às duas variantes independentemente do contexto fonológico seguinte, têm consciência da fricativa característica do dialeto local e reconhecem essa fricativa como um marcador identitário. O estudo, portanto, não se debruça diretamente sobre produção ou mudança, mas sobre os fatores perceptivos e atitudinais que podem influenciar a acomodação, evidenciando o papel da percepção linguística na manutenção ou aceitação de traços dialetais. Seu trabalho reforça também que produção da fricativa palatal [ʃ] em coda medial diante de consoantes dentais constitui

um traço fonológico saliente do falar pessoense, funcionando como marcador identitário reconhecido pelos próprios falantes da comunidade.

Complementarmente aos estudos sobre produção e percepção fonética em contextos de contato dialetal e reforçando a centralidade das atitudes linguísticas na construção das identidades locais, a pesquisa de Lima (2019) contribui com uma abordagem voltada à forma como os próprios paraibanos avaliam seu modo de falar. A autora, com base na Teoria Variacionista e em estudos sobre atitudes linguísticas, analisou as manifestações avaliativas de falantes das quatro mesorregiões da Paraíba quanto ao dialeto local. Os resultados revelam uma percepção ambígua: embora muitos reconheçam o falar paraibano como parte da herança cultural e um marcador identitário regional, há também a presença de avaliações negativas, que associam o sotaque a características indesejáveis, como uma fala “arrastada” ou “carregada”. Além disso, os entrevistados identificam a existência de preconceito linguístico não exclusivamente externo, mas também no interior da própria comunidade. Essas contradições evidenciam como as atitudes podem exercer um papel relevante tanto na valorização quanto na estigmatização de traços linguísticos, influenciando a aceitação ou rejeição de determinadas variantes em contextos de contato dialetal.

Para além dos estudos voltados às percepções e atitudes, a descrição linguística do falar pessoense constitui um elemento fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Diversos estudos sobre o falar pessoense contribuíram para a delimitação do fenômeno fonético-fonológico aqui observado, em especial no que diz respeito à realização do /s/ em posição de coda. Ribeiro (2006) destaca que, no PB, a variante alveolar do /s/ é mais produtiva do que a variante palatal, típica do dialeto carioca, sendo predominante no dialeto pessoense, exceto em contextos específicos. Hora (2003) já havia apontado que, diante das oclusivas dentais /t/ e /d/, a realização do /s/ tende à forma palatal, seja em coda medial ou final. Esses dados permitem afirmar que, no dialeto pessoense, a realização alveolar é a forma não marcada em coda final, enquanto a palatalização ocorre sistematicamente quando o segmento seguinte é uma consoante oclusiva dental. A presente pesquisa toma esses trabalhos como base empírica, aliando-se ainda a aportes teóricos como os de Câmara Jr. (1973) sobre a estrutura silábica do português, ao modelo silábico de Selkirk (1982) e suas adaptações por Bisol (1999), além das descrições fonéticas fornecidas por Câmara Jr. (2004 [1970]) e por Callou e Leite (2009), fundamentais para a análise das variantes em foco.

Trabalhos como os de Chacon (2012), Lima (2013), Marques (2006), Martins (2008) e Henrique (2016) demonstram que a acomodação linguística não ocorre de forma uniforme e é condicionada por variáveis linguísticas estruturais como a posição do segmento na sílaba ou o contexto fonológico seguinte, e extralinguísticas como tempo de exposição, idade, prestígio dialetal, atitudes dos falantes. Além disso, a diversidade metodológica observada, que inclui análises quantitativas, qualitativas e perceptivas, contribui para um panorama abrangente da dinâmica da mudança linguística em situações de contato.

Essas investigações fornecem suporte teórico e empírico fundamental para a presente pesquisa, a qual se insere nesse campo ao analisar os efeitos do contato dialetal entre falantes de diferentes regiões do Brasil em João Pessoa. Assim como nas pesquisas apresentadas, considero tanto fatores internos à estrutura linguística quanto elementos de ordem sociocultural e identitária, em busca de aprofundar a compreensão dos processos de acomodação a partir de uma abordagem longitudinal e multifatorial. Com a presente pesquisa, sigo caminhos já traçados por estudos anteriores, como os apresentados, e, simultaneamente, exploro novas dimensões do processo de acomodação linguística e as variáveis que a regem.

CAPÍTULO II: MARCO TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os principais aportes teóricos que sustentam a análise da acomodação dialetal observada nesta pesquisa. A investigação fundamenta-se em um conjunto articulado de teorias provenientes da Sociolinguística Variacionista e da Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT) (Giles *et al.*, 1991), complementadas por reflexões sobre identidade e atitudes linguísticas. Essas abordagens são empregadas de forma integrada para compreender os comportamentos fonético-fonológicos de falantes paulistas e recifenses residentes em João Pessoa, particularmente no que diz respeito a três fenômenos: 1) a não-palatalização do /S/ em coda por recifenses; 2) a palatalização do /S/ antes de /t/ e /d/ por paulistas; e 3) a realização do /R/ em coda medial como fricativa glotal [h, ħ], também entre paulistas.

A exposição dos referenciais teóricos avança por entre diferentes vertentes, cujos fundamentos, embora distintos, convergem na construção de um olhar analítico sobre os processos de acomodação em situações de contato dialetal. Ao final, procuro evidenciar algumas das interseções possíveis entre esses aportes, considerando a complexidade que marca os fenômenos linguísticos em estudo.

O ponto de partida dessa fundamentação, discutido na seção 2.1, é a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]), cuja contribuição é central para a compreensão da natureza sistemática da variação fonológica em contextos sociais específicos. Mais adiante, na seção 2.2, apresento o segundo pilar teórico que complementa essa perspectiva: a Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991). Nas seções subsequentes, desenvolvo as discussões sobre identidade linguística, na seção 2.3, atitudes linguísticas, na seção 2.4, as inter-relações entre as teorias exploradas neste capítulo no que tange o estudo da acomodação dialetal, na seção 2.5 e, por fim, encerro o capítulo, com a seção 2.6, fazendo algumas considerações críticas sobre os modelos teóricos aqui considerados no que diz respeito ao contexto brasileiro.

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A Sociolinguística Variacionista, consolidada a partir dos trabalhos de William Labov na década de 1960, surge como uma resposta crítica ao modelo gerativo chomskyano, que priorizava a competência idealizada de falantes nativos em detrimento da diversidade linguística real. No modelo gerativo de Chomsky (1965), aspectos extralinguísticos não recebiam atenção, pois ele se especializava no estudo da sintaxe, a qual ele considerava fundamental para explicar a linguagem. Fundamentada em uma perspectiva mentalista, essa abordagem buscava descrever a competência linguística de um falante ideal, descolada das manifestações empíricas da linguagem. Como consequência, a variação sociolinguística não foi priorizada, em favor de um modelo centrado no falante abstrato.

O problema para o linguista, bem como para a criança que aprende a língua, é determinar a partir dos dados de desempenho o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele usa para o desempenho real. Assim, no sentido técnico, a teoria linguística é mentalista, uma vez que se preocupa em descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento real (Chomsky, 1965, p. 4, tradução nossa).

Contudo, no século XX, o sistema da língua passou a não ser o único interesse dos estudos linguísticos, dando destaque também ao uso desse sistema. Em outras palavras, a fala ganha atenção e passa a ser foco de observação em diferentes áreas da linguística, dando origem à sociolinguística. A sociolinguística, campo da ciência que relaciona os estudos da língua com a sociedade que a utiliza, emergiu fortemente com os trabalhos de William Labov. Para Labov, a língua era social, e toda linguística era, essencialmente, sociolinguística. Ele argumentava que o termo ‘sociolinguística’ não era muito apropriado, uma vez que implicava a existência de uma teoria linguística que não fosse social. Enquanto o gerativismo dedicava-se à competência linguística de um falante-ouvinte ideal desprovido de inserção social, a proposta laboviana volta-se para o uso efetivo da língua em contextos naturais de interação, defendendo que a variação não é um ruído no sistema, mas parte estruturante e significativa da linguagem.

Para Labov (2008 [1972]), a fala vernácula, caracterizada por ser espontânea, pouco monitorada e situada socialmente, é o objeto de estudo privilegiado da sociolinguística. É nela que os padrões de variação e mudança se manifestam com maior nitidez, refletindo tanto condicionamentos linguísticos quanto extralinguísticos (sociais, estilísticos e identitários). Essa perspectiva representa uma mudança de paradigma, ao incorporar a heterogeneidade como elemento essencial da estrutura da língua.

A partir da consolidação da ideia da heterogeneidade linguística iniciada por estudos dialetológicos e etnolinguísticos, e em oposição ao modelo gerativo de Chomsky (1965), começaram a ser desenvolvidos, na década de 1960, estudos que procuravam incorporar o aspecto social aos estudos linguísticos. No final da mesma década, surge a primeira proposta concreta para tratar a questão da variação e mudança na língua, com o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968), trabalho seminal que deu origem à Teoria da Variação Linguística.

Antes mesmo da consolidação da Sociolinguística Variacionista, a ideia de que a linguagem constitui um fato social já havia sido articulada por Émile Durkheim (2007 [1895]) e, posteriormente, aprofundada por Antoine Meillet (2021 [1906]). Este último argumentava que a língua, por existir independentemente dos indivíduos que a utilizam e por estar sujeita às influências do coletivo, deveria ser entendida como um fato social. Essa concepção antecipa princípios centrais da sociolinguística, como a heterogeneidade estruturada e a relação entre variação e estrutura social, e lança as bases para uma análise da linguagem como fenômeno eminentemente social, nos moldes do conceito durkheimiano de fato social.

A Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]) estabelece relação entre as variações da língua e os fatores extralinguísticos e sociais e, através da sistematização dessas variações, torna sua observação tangível. A língua está sob constante influência de fatores extralinguísticos, sendo moldada por eles e, assim, passou a ser observada como um sistema heterogêneo e dinâmico, que está sempre mudando. Como já fora evidenciado, essa nova perspectiva surgiu como resposta ao fato de que o modelo gerativo chomskyano não tinha como foco o componente social, insistindo na relação entre língua e sociedade e revelando outras dimensões da realidade heterogênea das línguas. Da mesma forma, o processo de acomodação linguística, explorado na seção 2.2 deste capítulo, também está vinculado a uma série de fatores extralinguísticos e sociais que exercem influência no processo.

A Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]) se fundamenta na análise quantitativa da correlação entre fatores linguísticos e sociais. Através da observação sistemática da fala em contextos naturais e do uso de ferramentas estatísticas, como o programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), utilizado nesta pesquisa, torna-se possível descrever e prever padrões variáveis de realização fonológica, como os investigados nesta pesquisa. Essa abordagem permite identificar as probabilidades de ocorrência de determinadas variantes em função de variáveis como idade, sexo e origem geográfica dos informantes.

Outro conceito fundamental da teoria laboviana é o da heterogeneidade ordenada. A língua não é um conjunto caótico de formas concorrentes, mas sim um sistema estruturado em que as escolhas variáveis são condicionadas por regras probabilísticas. Não só isso, mas, antes mesmo de Labov, a ideia de que a heterogeneidade é não apenas uma característica da língua, mas o próprio motor da mudança linguística, já se encontrava nas reflexões de Meillet (2021 [1906]). Para ele, a coexistência de diferentes grupos sociais e suas práticas discursivas distintas impulsiona transformações semânticas e estruturais no interior das línguas. Labov (2008 [1972]), ao dar forma empírica e metodológica a esse princípio, consolida a heterogeneidade como eixo de análise, demonstrando como fatores como classe, idade, escolaridade e identidade moldam padrões variáveis de fala. O diálogo entre essas duas perspectivas (uma de base teórica e histórica, outra de base empírica e quantitativa) contribui para uma compreensão ampliada da variação linguística como reflexo das dinâmicas sociais que atravessam a linguagem.

Além do já exposto, a noção de “mudança em tempo aparente”, consolidada no campo da sociolinguística por Labov, revela-se especialmente relevante para este estudo. Essa metodologia consiste em comparar o comportamento linguístico de diferentes faixas etárias dentro de uma mesma comunidade para inferir possíveis mudanças em curso, partindo do pressuposto de que diferenças sistemáticas entre gerações podem refletir estágios distintos de uma mudança progressiva. Ela se distingue da mudança em tempo real, que envolve observação longitudinal de um mesmo grupo ao longo do tempo, enquanto a mudança em tempo aparente é inferida por meio da comparação entre diferentes faixas etárias em um dado momento. Os dados desta pesquisa foram coletados ao longo de um período de dois anos, o que permite, ainda que de forma limitada, observar possíveis indícios de mudança em tempo real. Essa dimensão temporal, ainda que

modesta, contribui para enriquecer a análise da acomodação dialetal, ao oferecer um vislumbre da evolução recente dos padrões fonético-fonológicos entre migrantes em João Pessoa.

No contexto desta pesquisa, essas abordagens permitem observar se determinados padrões fonético-fonológicos, como a não-palatalização do /S/ por recifenses, ou a adoção de traços do dialeto local por falantes paulistas, estão sendo progressivamente incorporados por grupos mais jovens ou mais expostos à variedade pessoense. Isso é particularmente relevante no caso de migrantes que vivem há anos em João Pessoa, cujos repertórios linguísticos podem apresentar sinais de reconfiguração motivada pelo contato prolongado com a nova variedade. Assim, a análise contribui não somente para descrever padrões estáticos de variação, mas também para apontar tendências de acomodação dialetal que podem resultar, a longo prazo, em mudança linguística efetiva.

A Teoria da Variação Linguística é fundamental para este trabalho porque permite a descrição e análise sistemática dos três fenômenos fonético-fonológicos em foco: a não-palatalização do /S/ por recifenses em João Pessoa; a realização do /R/ como [h] por paulistas; e a palatalização do /S/ antes de /t/ e /d/ também por paulistas. A perspectiva laboviana, ao incorporar fatores sociais e estilísticos à variação linguística, permite entender como essas realizações se distribuem e se transformam em contextos de contato dialetal. Ao reconhecer a heterogeneidade como parte constitutiva da língua, essa teoria sustenta a abordagem empírica deste estudo, que busca identificar padrões e motivações sociais por trás da adoção ou manutenção de variantes em processos de acomodação.

Assim, é necessário articular a variação observada às dinâmicas interacionais que a motivam. É aqui que a CAT se mostra particularmente relevante, uma vez que esse modelo teórico explica como e por que os falantes ajustam a fala em situações de contato, visando aproximação ou distinção social. A integração entre a perspectiva variacionista e a CAT possibilita compreender tanto o que pode variar quanto as condições sociais em que determinadas variantes são adotadas, mantidas ou abandonadas em contextos de mobilidade e interação entre dialetos.

2.2 ACOMODAÇÃO LINGÜÍSTICA E A TEORIA DA ACOMODAÇÃO DA COMUNICAÇÃO (CAT)

Grice e a pragmática da acomodação

A interação social, em suas diversas formas, sempre foi essencial para nós, seres humanos. As várias atividades que realizamos diariamente dependem da comunicação entre indivíduos, que ocorre oralmente provavelmente desde muito antes de termos evidências científicas sobre isso. Durante essas interações, podemos sentir a necessidade de mostrar solidariedade, buscar aceitação, ser compreendidos ou até mesmo nos diferenciar e afastar de outros indivíduos ou grupos.

Grice (1975) argumenta que os falantes têm a intenção de cooperar quando se comunicam, uma vez que a comunicação não depende apenas da mensagem transmitida, mas também da maneira em que isso é feito. Grice (1975) formulou o princípio da cooperação, um conjunto de normas esperadas em uma conversação. Essas normas são as quatro máximas conversacionais que devemos seguir para cooperar e sermos compreendidos: a máxima de qualidade; a máxima de quantidade; a máxima de relevância; e a máxima de modo.

Para que não se viole a máxima da qualidade, não se deve dizer algo que se acredita ser falso; para respeitar a máxima da quantidade, deve-se fornecer a quantidade ideal de informações, nem mais nem menos; a máxima da relevância exige que a resposta seja pertinente ao tópico discutido; e a máxima do modo pede que se fale de maneira clara, breve e organizada, evitando ambiguidades. Quando interagimos, muitas vezes de maneira inconsciente, seguimos diferentes regras importantes para a manutenção do discurso, e as máximas conversacionais que compõem o princípio de cooperação de Grice (1975) são algumas delas.

Essas máximas também se mostram observáveis na fala vernácula, foco principal dos estudos de Labov (2008 [1972]). Ao investigar a fala espontânea de comunidades de fala, Labov demonstrou que, mesmo em contextos informais e pouco monitorados, os falantes seguem estratégias discursivas que revelam uma organização coerente e funcional da conversação. A manutenção da pertinência temática (máxima da relevância),

a oferta de informação suficiente e apropriada (quantidade), o compromisso com a veracidade (qualidade) e a busca por clareza e economia na expressão (modo) são estratégias que emergem na fala cotidiana como meios de garantir a eficácia comunicativa. Assim, embora os falantes não estejam conscientemente orientados pelas máximas, suas práticas linguísticas espontâneas frequentemente refletem os princípios de cooperação de Grice, evidenciando que tais máximas não são apenas normativas, mas também descritivas do comportamento linguístico real.

A utilização do vernáculo, de acordo com Labov (2008 [1972]), ocorre em situações naturais de interação, em que a fala é descontraída e não monitorada. O que interessa para um pesquisador de sociolinguística é essa fala vernácula, menos formal e menos controlada, e para isso, certos cuidados devem ser tomados, pois o contexto de entrevista pode influenciar o grau de formalidade. Portanto, a maneira como se conduz a entrevista, na tentativa de reduzir o grau em que o participante se preocupa com o contexto ou com sua forma de falar, é crucial para a integridade e confiabilidade dos dados.

A relevância das máximas conversacionais propostas por Grice (1975) para esta pesquisa se evidencia no modo como elas permitem compreender os mecanismos pragmáticos que regem a acomodação linguística. Ao interagirem em contextos de contato dialetal, os falantes tendem a ajustar seu comportamento linguístico visando à convergência comunicativa, muitas vezes de maneira inconsciente. Esse ajuste pode se manifestar por meio do respeito às máximas da quantidade e da relevância, fornecendo informações adequadas e pertinentes ao interlocutor, ou pela adoção de formas linguísticas mais claras e socialmente aceitas, conforme a máxima do modo. Além disso, ao acomodar certos traços fonético-fonológicos ou lexicais, o falante pode também buscar preservar a máxima da qualidade, evitando formas que possam comprometer a credibilidade da interação. Dessa forma, as máximas conversacionais oferecem um arcabouço teórico que ajuda a explicar como e por que certos fenômenos de acomodação se concretizam nas interações verbais cotidianas entre falantes de diferentes variedades do PB.

Teoria da acomodação da comunicação (CAT)

Em seu trabalho inaugural, Giles (1973) abordou o fenômeno de convergência linguística entre falantes durante entrevistas, introduzindo o conceito de “mobilidade da fala”, que descreve a capacidade dos indivíduos de ajustar a comunicação verbal conforme o contexto interpessoal. Nessa perspectiva, os falantes tendem a ajustar seus estilos de fala de modo a se aproximar do interlocutor. Enquanto Labov associava a formalidade-informalidade do contexto ao critério de “atenção à fala”, associados por Labov ao prestígio de fala, Giles argumentou que eles poderiam ser interpretados como processos de acomodação interpessoal (cf. Giles *et al.*, 1991). Ou seja, em discordância com o paradigma laboviano, a teoria propôs que a explicação baseada na formalidade-informalidade do contexto pudesse ser substituída por uma interpretação centrada na influência interpessoal, manifestada por meio da convergência linguística de um falante. É o primeiro passo da Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT), proposta por Giles (1973), originalmente como Teoria da Acomodação da Fala (SAT). Além dos padrões e comportamentos de fala, a CAT passou também a abranger os gestos corporais, taxa ou velocidade de fala, pausas e outros elementos não verbais⁹.

Para ele, com o propósito de atingirmos diferentes objetivos na comunicação, conscientemente ou inconscientemente realizamos ajustes na fala, adaptando-a às nossas necessidades. Há a motivação de se realizarem ajustes na fala e acomodar como meio de expressar valores, atitudes e intenções para com os outros (Giles *et al.*, 1982). A acomodação pode ser resultante das atitudes que um falante tem em relação aos seus interlocutores, o que pode levar esses interlocutores a ajustarem suas próprias atitudes e comportamentos, também promovendo acomodação. As acomodações podem trazer benefícios para um ou mais falantes envolvidos, como facilitar a compreensão mútua, reduzir tensões na interação e promover uma maior identificação entre os interlocutores. Ao ajustar sua fala, o falante pode criar um ambiente mais colaborativo e harmonioso, o que favorece o desenvolvimento de relações sociais mais próximas e de maior confiança.

⁹ Deve-se atentar, no entanto, que, na perspectiva da língua como um fenômeno multimodal, a fala é vista como um conjunto indissociável de manifestações acústicas (padrões de vocalização e entonação, pausas e ritmicidades) e cinéticas (movimentos dos olhos, pálpebras, sobrancelhas, boca e padrões de ação da cabeça e das mãos) (Kendon, 2009).

A psicologia social deu origem aos estudos sobre acomodação, que passaram por diversas mudanças com diferentes metodologias. Inicialmente, a teoria proposta por Giles tinha uma abordagem sociopsicológica, concentrando-se nos processos sociocognitivos que mediam as percepções individuais. Com o tempo, a teoria tomou uma direção interdisciplinar, incorporando todos os fenômenos relacionados aos processos de interação comunicativa, assim, melhor garantindo a confiabilidade dos dados, sendo estes os mais fiéis o possível à fala vernácula que ocorre nas interações espontâneas.

Conceitos centrais da CAT

Dentro da perspectiva teórica desenvolvida por Giles (1973), dois conceitos principais são destacados: convergência e divergência. Tais conceitos são fundamentais para a análise dos mecanismos de acomodação que ocorrem durante interações comunicativas. A convergência diz respeito a ajustes da fala de um indivíduo de modo a torná-la mais próxima à do interlocutor, sendo comum em contextos em que se busca aceitação ou prestígio em um grupo. A divergência, por outro lado, acontece quando o falante reduz as semelhanças dialetais, reforçando traços linguísticos que evidenciam diferenças em relação ao outro. Os aspectos ajustáveis são variados, podendo incluir características fonológicas, ritmo da fala, pausas, e até gestos e expressões corporais. Por fim, há também a manutenção, que se configura na ausência de modificações perceptíveis, sugerindo relações simétricas ou a valorização do modo de falar do próprio indivíduo. A manutenção pode ocorrer, por exemplo, em situações em que o falante considere vantajoso usufruir do prestígio que carrega em sua fala.

No contexto desta pesquisa, tais categorias permitem interpretar comportamentos entre os grupos observados. A realização do /R/ como [h] entre paulistas pode ser lida como uma estratégia de convergência à variedade local, enquanto a persistência da produção alveolar de /S/ diante de /t/ e /d/ por alguns desses falantes, mesmo após anos de residência em João Pessoa, pode sugerir manutenção ou mesmo divergência em relação aos padrões do dialeto pessoense. No caso dos recifenses, a não-palatalização do /S/ pode, por sua vez, ser um indício de acomodação parcial, seletiva ou condicionada por atitudes e valores associados à norma pessoense.

A teoria da acomodação e, portanto, os conceitos de convergência e/ou divergência, também se aplicam a contextos como entrevistas, em que há influência mútua entre entrevistador e entrevistado. Ainda que se trate de uma situação estruturada, o modo de falar do entrevistado ou do entrevistador pode variar conforme a postura, linguagem e grau de formalidade do entrevistador, caracterizando um tipo de acomodação interpessoal (Giles *et al.*, 1991).

Conforme os mesmos autores, tanto a convergência quanto a divergência podem ocorrer em duas direções: *upward* (para cima), quando há ajuste para uma variante mais prestigiosa, e *downward* (para baixo), quando o falante recorre a formas menos formais ou de menor valor social. Um exemplo de convergência *upward* seria o de alguém que busca causar boa impressão em uma apresentação profissional; já a *downward* aparece em situações em que se deseja ser mais acessível, como ao explicar algo de modo simples a alguém com menos instrução formal, ou ser aceito por um grupo específico.

Convergir e divergir podem ser entendidos, respectivamente, como acomodar e desacomodar. Vale lembrar, no entanto, que os interlocutores nem sempre ajustam sua fala da mesma maneira ou na mesma proporção. Assim, em uma interação, o falante A pode acomodar mais que o falante B, e a convergência pode ocorrer em diferentes graus, variando conforme a quantidade de traços linguísticos ajustados, e em diferentes intensidades, para cada um desses traços. Pressupõe-se, nesse sentido, a existência de um nível ideal de acomodação, que equilibra tanto o número quanto a intensidade dos ajustes realizados pelo falante.

Então, embora a convergência seja frequentemente associada à cooperação e integração social, Giles *et al.* (1991) alertam para os riscos de acomodar para além do nível ideal, ou de forma insuficiente. Quando esse ponto ideal é ultrapassado, temos o que se chama de *overaccommodation*, caracterizado por um ajuste excessivo, e se o nível de convergência for insuficiente, falhando em alcançar os objetivos comunicativos desejados, isso recebe o nome de *underaccommodation*. Imagine, por exemplo, que o falante A tente acompanhar a velocidade de fala do interlocutor B, que fala mais depressa; o falante A pode aumentar seu ritmo de fala e ainda assim não o igualar, ou talvez ele aumente tanto seu ritmo até chegar a exceder a do interlocutor B, criando um descompasso. Em alguns casos, é possível levantar a hipótese de que determinados falantes tenham recorrido a formas estigmatizadas com excesso de zelo, aproximando-se da variedade local de maneira perceptivelmente artificial, o que poderia caracterizar um

caso de *overaccommodation*. Essa superconvergência pode ser percebida como artificial ou desrespeitosa pelos interlocutores, resultando em efeitos negativos na interação. No caso inverso, em que o nível de acomodação é inferior ao ponto ideal (*underaccommodation*), podemos imaginar, no caso desta pesquisa, que para um falante paulista ou recifense recém-chegado a João Pessoa, isso estaria associado a questões como baixo tempo de exposição, atitudes negativas ou fortes laços identitários. Em ambos os casos, as atitudes linguísticas de todos os indivíduos envolvidos na interação desempenham um papel crucial na determinação do nível adequado de acomodação. Essas nuances reforçam a importância de considerar a acomodação como um fenômeno gradativo, permeado por avaliações sociais e afetivas.

Vale salientar que essas alterações não se restringem à velocidade da fala, previamente usada como exemplo, podendo afetar diversos traços, inclusive os fonético-fonológicos. Além disso, a convergência não é necessariamente recíproca. É possível que um dos falantes acomode e aproxime sua fala à do outro, sem receber a mesma resposta em retorno.

Ademais, as acomodações podem ser classificadas como objetivas ou subjetivas. Quando os ajustes são desencadeados por fatores contextuais, como o tipo de evento, independentemente de outra pessoa envolvida na interação, eles são considerados objetivos. Já os subjetivos estão ligados à percepção do falante em relação a seu interlocutor, podendo eles ser conscientes ou não, e dependem da leitura que o indivíduo faz da interação em curso. Para exemplificar as acomodações objetivas, em situações de entrevistas de emprego ou apresentações importantes é esperado que se realize ajustes na fala visando a um nível de formalidade maior; e como exemplo de acomodação subjetiva, podemos imaginar que o falante, ao interagir com um interlocutor por quem manifesta simpatia ou proximidade afetiva, adote características de fala semelhantes à daquela pessoa; ambos esses tipos de acomodação ocorrem de forma consciente e inconsciente.

Acomodação de curto e longo prazo

Trudgill (1986), ao tratar do contato entre dialetos, propõe uma divisão entre acomodações de curto e de longo prazo. As primeiras ocorrem de forma pontual, podendo

ser conscientes ou inconscientes, e visam facilitar a interação em um dado momento. Por exemplo, um falante de João Pessoa pode, em contato com um gaúcho, modificar temporariamente a realização do /s/ em “festa”, trocando [ʃ] por [s], mas retoma sua pronúncia habitual após o fim da conversa.

As acomodações de longo prazo, por sua vez, são fruto da sucessiva repetição de acomodações pontuais em contextos de contato frequente com outro dialeto ou comunidade de fala. Com o tempo, essas mudanças se tornam permanentes. Se tratando do resultado de sucessivas acomodações de curto prazo, a acomodação de longo prazo está, portanto, também, sujeita à influência de fatores, linguísticos e extralinguísticos, tais como questões atitudinais e identitárias.

Em certa medida, o processo de acomodação a longo prazo pode ser comparado ao processo de aquisição de uma nova língua, de forma em que o processo seria mais fácil e rápido para crianças em comparação a adultos, embora os fatores biológicos envolvidos possam não exercer o mesmo tipo de influência em ambas as situações. Portanto, não se pode afirmar que as dificuldades de acomodação dos adultos estejam relacionadas a uma janela temporal de desenvolvimento biológico. Em vez disso, é necessário considerar que outros elementos, como as dinâmicas sociais e os fatores contextuais, exercem papel decisivo nesse processo. A abertura ao novo repertório linguístico está fortemente condicionada por variáveis externas ao indivíduo, que ultrapassam as limitações cognitivas ou etárias.

Esses fatores externos, especialmente os de ordem social, interagem com aspectos atitudinais e identitários na acomodação de longo prazo, influenciando a adoção ou resistência a determinadas variantes. Trudgill (1986) destaca que variantes mais frequentes e menos marcadas tendem a ser assimiladas mais facilmente, enquanto traços altamente salientes ou estigmatizados podem encontrar resistência, mesmo em contextos de contato prolongado. Adicionalmente, a estrutura das redes sociais dos falantes desempenha um papel crucial; indivíduos inseridos em redes densas e locais podem manter traços linguísticos de sua comunidade de origem, ao passo que aqueles em redes mais abertas e heterogêneas estão mais propensos à acomodação linguística. Esses fatores interagem de maneira complexa, influenciando a trajetória e a extensão das mudanças linguísticas em contextos de contato dialetal.

Considerando esses aspectos, é evidente que a acomodação linguística, especialmente a de longo prazo, resulta de uma interação multifacetada entre fatores linguísticos, sociais e individuais. Compreender esses mecanismos é fundamental para analisar como falantes ajustam suas práticas linguísticas em contextos de mobilidade e contato dialetal.

Aplicação ao corpus desta pesquisa

O foco deste estudo em falantes migrantes residentes há anos em João Pessoa permite observar possíveis acomodações de longo prazo, como definidas por Trudgill (1986). Ao analisar se traços da variedade local passam a ser incorporados de forma mais estável, como no caso da não-palatalização entre recifenses, se torna possível captar indícios de acomodação fonológica duradoura. Esses movimentos se tornam ainda mais relevantes quando associados ao tempo de exposição e ao grau de engajamento social dos informantes com a comunidade de fala pessoense.

Conforme destacado por Giles *et al.* (1991), a acomodação ocorre em função das necessidades do falante. A teoria abordada neste estudo investiga atitudes, motivações e estratégias empregadas pelos indivíduos para alcançar integração social e/ou preservar suas identidades. A acomodação, portanto, não se limita a um ajuste técnico da fala, mas pode ser entendida como prática performática da identidade. Como apontam autores como Coupland (1984) e Eckert (2000), escolhas linguísticas sinalizam pertencimentos sociais, e o grau de acomodação reflete negociações identitárias em curso, especialmente em contextos de mobilidade social ou geográfica, como é o caso dos migrantes investigados nesta pesquisa.

A CAT oferece o arcabouço teórico que explica os ajustes fonético-fonológicos observados em situações de contato dialetal. Neste trabalho, ela permite interpretar, por exemplo, a adoção da não-palatalização do /S/ por recifenses como uma possível estratégia de convergência diante da norma local pessoense; da mesma forma, as realizações do /R/ como [h] e a palatalização de /S/ antes de /t/ e /d/ por paulistas podem ser vistas como tentativas de acomodação ao modo de falar predominante em João Pessoa. No entanto, tais ajustes não ocorrem de maneira isolada ou meramente estratégica, pois

estão vinculados a posicionamentos identitários mais amplos. A linguagem, nesse contexto, opera também como marcador simbólico de pertencimento, distinção e memória social. Portanto, a CAT também possibilita identificar quando tais ajustes representam, ao contrário, um movimento de divergência ou de manutenção identitária. A teoria, portanto, permite uma leitura mais aprofundada das motivações interacionais e sociais que influenciam o comportamento linguístico dos informantes. Ademais, torna-se necessário aprofundar a discussão sobre o papel da identidade na acomodação linguística, considerando especialmente os contextos de mobilidade regional que caracterizam os informantes desta pesquisa. É essa dimensão que passo a abordar na seção 2.3 deste trabalho.

2.3 IDENTIDADE LINGUÍSTICA

A identidade desempenha um papel crucial no processo de acomodação linguística, refletindo diretamente nas escolhas fonológicas dos falantes em contextos de contato dialetal. Como enfatizado por Hall (2006), a identidade não é uma essência fixa ou um traço imutável do sujeito, mas uma construção discursiva, relacional e histórica, produzida no interior de práticas sociais e contextos específicos. Assim, falar de identidade linguística é reconhecer a linguagem como um dos principais recursos por meio dos quais os indivíduos constroem, negociam e projetam pertencimentos, distinções e posicionamentos sociais.

No contexto da mobilidade geográfica, como no caso dos migrantes paulistas e recifenses residentes em João Pessoa, a língua torna-se um marcador ainda mais sensível da identidade social. As escolhas linguísticas feitas pelos falantes, como adotar ou resistir a variantes locais, podem indicar estratégias de aproximação ao grupo de acolhimento, de manutenção de vínculos com o grupo de origem, ou ainda de negociação identitária entre os dois polos. Eckert (2000) argumenta que estilos linguísticos funcionam como performances identitárias, permitindo que os sujeitos “posicionem-se” em relação aos demais interlocutores e ao espaço social que ocupam. Nesse processo de construção e expressão identitária, as atitudes linguísticas exercem um papel central, influenciando tanto as percepções quanto as práticas comunicativas adotadas pelos falantes em situações de contato dialetal.

As atitudes e opiniões de um indivíduo em relação a determinados grupos ou dialetos podem influenciar significativamente sua maneira de falar ao interagir com esses grupos. Por exemplo, alguém pode optar por se distanciar da fala de um grupo se não quiser ser associado a ele, enquanto outra pessoa, que busca ser aceita ou reconhecida como parte do grupo, provavelmente tentará aproximar sua fala à daquele grupo.

Assim, a convergência pode parecer um aspecto positivo para a interação, enquanto a divergência pode ser vista de forma negativa. No entanto, a situação é mais complexa, já que diversos fatores influenciam o processo de interação. Além disso, vale destacar que existe um lado negativo na convergência: ouvintes podem se sentir ofendidos se perceberem que os traços de seu dialeto são facilmente imitados ou adotados. Como esses traços fazem parte de sua cultura e identidade, a imitação pode ser vista como algo negativo. Para Giles (1980), os ouvintes têm um certo nível de tolerância para a convergência, sendo ela aceitável apenas até um certo ponto, além do qual passa a ser considerada negativa. Da mesma forma, há um lado positivo na divergência: a preservação de traços linguísticos típicos de dialetos ou grupos de maior prestígio é geralmente bem aceita, como ocorre frequentemente no Nordeste em relação às variedades do Sudeste.

Prestígio pode ser atribuído a determinados grupos a partir de diferentes fatores sociais, influenciando as atitudes dos indivíduos em relação a esses grupos. Grupos considerados socialmente relevantes ou capazes de ascensão social tendem a ser mais desejáveis e aceitos. Essa percepção de prestígio também se manifesta na linguagem, na qual certos traços linguísticos associados a grupos socialmente valorizados são vistos como mais prestigiosos. Esses traços funcionam, assim, como fronteiras linguísticas perceptíveis, que distinguem grupos e reafirmam (ou desafiam) sentidos de pertencimento social. Assim, os marcadores linguísticos específicos de uma comunidade de fala não apenas refletem características fonéticas, mas também carregam significados sociais e identitários que influenciam a forma como os falantes são percebidos e como percebem a si mesmos.

Todo dialeto possui marcadores linguísticos, que são traços específicos a uma comunidade de fala, com alguns sendo mais salientes que outros. Essa saliência caracteriza-se pela mudança linguística e estigmatização, gerando contraste e distanciamento fonético em relação a outros dialetos (Timberlake, 1977; Kerswill, 1985), caracterizando, portanto, os marcadores linguísticos de uma comunidade de fala. Assim,

os traços mais distinguíveis são chamados de salientes e são frequentemente percebidos por falantes externos à comunidade de fala. Exemplos de marcadores linguísticos incluem o /t/ e /d/ nos dialetos nordestinos, que não são palatalizados antes da vogal /i/ e após a semivogal /j/, como em [t]ia e [d]ia e em mui[t]o e doi[d]o. Além disso, no mesmo dialeto, o /s/ e /z/ são palatalizados antes de /t/ e /d/, como em fe[ʃ]ta e de[ʒ]de, sendo estes traços típicos dos dialetos nordestinos.

Os marcadores linguísticos salientes tendem a estar mais sujeitos a julgamentos sociais, sendo mais fortemente associadas a estigmas ou prestígios atribuídos a determinadas comunidades de fala. Por essa razão, sua adoção pode representar um movimento identitário carregado de implicações simbólicas: ao palatalizar ou não o /S/, um falante pode estar, conscientemente ou não, assumindo uma posição social e afetiva diante do novo grupo com o qual interage. Espera-se que os marcadores mais salientes sofram maior influência dos fatores sociais de atitude e identidade no processo de convergência. Esses fatores podem favorecer ou inibir a acomodação linguística do falante.

Além disso, quando um traço é muito saliente, pode ser desconfortável para o falante acomodá-lo, uma vez que ele pertence a uma outra comunidade de fala e constitui parte da identidade dessa comunidade. Assim, ao adotar esses traços, o falante pode sentir que está abandonando sua própria identidade. Com isso em mente, a análise qualitativa realizada nesta pesquisa é de suma importância para a constatação da relevância do fator de identidade e a sua influência no processo de acomodação dos informantes entrevistados.

Ademais, alguns traços são mais facilmente acomodados do que outros e os traços característicos de um dialeto específico não são assimilados todos de uma só vez. Há também trajetórias individuais no processo de acomodação, assim como diferentes dificuldades e restrições. Por exemplo, um falante não pode produzir um som que não faz parte de seu inventário fonético antes de adquiri-lo. Em muitos casos, o processo de acomodação é seletivo, gradual e dependente de fatores subjetivos, como atitudes, autoestima linguística e experiências prévias de discriminação. A resistência a determinadas variantes pode estar vinculada a um desconforto identitário, sobretudo quando essas formas são percebidas como profundamente associadas à cultura de outra comunidade. Por outro lado, a assimilação de traços fonético-fonológicos da nova

variedade pode ser vista como um indício de integração, particularmente quando há investimento emocional e afetivo na comunidade de acolhimento.

A identidade linguística é um componente central nesta pesquisa, pois ajuda a compreender como os falantes paulistas e recifenses se posicionam diante do dialeto pessoense. A escolha de adotar ou resistir a determinadas variantes pode ser interpretada como uma forma de construção identitária, revelando vínculos afetivos, sentimentos de pertencimento ou estratégias de distinção. A partir da observação dos comportamentos linguísticos nas entrevistas, torna-se possível avaliar como os informantes usam a linguagem como marcador simbólico de sua origem ou de sua tentativa de integração na nova comunidade.

A variável identidade não exerce influência sobre a acomodação de forma isolada, mas interage, por exemplo, com o prestígio percebido, tempo de exposição no novo local, vínculo afetivo com o grupo de origem e o novo grupo, e questões atitudinais. Considerar essa variável em conjunto com as demais contribui para a análise mais ampla do fenômeno da acomodação dialetal. Na seção 2.4, passo a examinar a influência das atitudes linguísticas no comportamento dos falantes, considerando suas avaliações subjetivas e predisposições em relação às variedades em contato.

2.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Atitudes são definidas por Ayzen (1988) como uma predisposição para reagir favoravelmente ou desfavoravelmente a um objeto, pessoa ou situação. No âmbito linguístico, essas predisposições são direcionadas à língua e aos falantes que a utilizam, e podem ser expressas por meio de crenças, emoções e intenções comportamentais (Kaufmann, 2011). Essas atitudes podem variar em função de fatores como prestígio social, estereótipos regionais e experiências pessoais, influenciando o comportamento linguístico de maneiras significativas. A atitude, portanto, influencia a resposta de um indivíduo, que é mediada por fatores, grupos e normas sociais, como explica Lasagabaster (2004, p. 399), ao argumentar que as pessoas tendem a “ajustar suas atitudes para se adequarem àqueles que são as predominantes nos grupos sociais a que se vinculam”.

Kaufmann (2011) menciona uma divisão das atitudes em três componentes distintos: a componente cognitiva, a componente afetiva, e a componente conativa.

Com relação à estrutura interna de atitudes, distinguem-se, tradicionalmente, três componentes: a componente cognitiva, refletindo convicções e crenças sobre o objeto da atitude; a componente afetiva, considerando a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude; e a componente conativa, na qual “crenças e valores emocionais relevantes são transformados em intenções comportamentais mais ou menos específicas” (Deprez; Persoons, 1987, p. 126). Ayzen e Fishbein reduziram o conceito de *atitude* à componente afetiva dizendo que ao invés de tratar cognição, afeto e conação como três componentes da atitude, Fishbein e Ayzen preferem tratar esses três tipos de respostas tendenciais como construtos independentes nomeados, respectivamente, como crença, atitude e intenção (Kaufmann, 2011, p. 122-123).

Para compreender seu impacto no comportamento linguístico, as atitudes podem ser analisadas a partir dessas três componentes: a cognitiva está relacionada às crenças (tudo aquilo que é considerado e entendido como verdadeiro e que julgamos e acreditamos saber), a componente afetiva diz respeito aos sentimentos pessoais (opiniões positivas ou negativas sobre indivíduos, objetos, situações, ideias), e a componente conativa está ligada ao comportamento, em que as crenças e emoções (presentes nas componentes anteriores) se transformam em predisposições e intenções. Dessa forma, a componente conativa influencia o que se pretende fazer ou dizer, afetando nossas ações e reações.

No entanto, é importante lembrar que um comportamento específico nem sempre é o reflexo das atitudes de um indivíduo. Kaufmann (2011, p. 123) exemplifica isso da seguinte maneira: “mesmo não gostando de pessoas dos Estados Unidos em geral, pode-se querer dominar o inglês estadunidense fluentemente, porque isso pode trazer vantagens importantes no trabalho”.

Diante da complexidade que envolve a constituição das atitudes linguísticas, diferentes abordagens teóricas foram desenvolvidas para compreendê-las sob distintas perspectivas. Duas correntes principais se destacam nesse campo: a *mentalista*, que enfoca os estados internos e subjetivos que influenciam a ação, e a *behaviorista*, centrada na observação dos comportamentos externos dos falantes. Cada uma dessas abordagens oferece contribuições relevantes para o entendimento dos fatores que moldam as atitudes

em contextos sociais e linguísticos distintos, ao mesmo tempo em que apresenta limitações específicas quanto ao acesso e interpretação dos dados atitudinais.

Segundo a visão mentalista, a atitude é concebida como um estado interno de prontidão para a ação, mas a resposta comportamental é a única manifestação tangível desse estado, e nem sempre reflete fielmente a atitude subjacente. Essa assimetria entre atitude e comportamento representa um dos principais desafios metodológicos para o estudo das atitudes. De acordo com Ayzen e Fishbein (1980), as atitudes são compostas por crenças, emoções e intenções, que moldam as ações linguísticas de formas complexas e contextuais. Embora essa perspectiva permita uma compreensão mais profunda das motivações e valores que orientam os falantes, ela exige abordagens interpretativas refinadas para lidar com a natureza subjetiva e muitas vezes implícita das atitudes.

Já a visão behaviorista entende as atitudes como disposições que se manifestam em comportamentos observáveis, assumindo que é possível inferi-las a partir das respostas dos indivíduos em situações sociais concretas. No âmbito desta pesquisa, entretanto, as atitudes que interessam são as linguísticas, ou seja, aquelas direcionadas especificamente à língua e seu uso. No campo das atitudes linguísticas, isso significa analisar escolhas de fala, reações a diferentes dialetos ou estilos e ajustes realizados durante interações comunicativas. Essa abordagem, centrada em evidências empíricas, permite o estudo sistemático de atitudes linguísticas com base em dados acessíveis. No entanto, por privilegiar o comportamento externo, a perspectiva behaviorista tende a capturar apenas os aspectos mais visíveis das atitudes, deixando de fora nuances emocionais e motivações subjetivas. Para esta pesquisa, optei por adotar essa abordagem para a análise das atitudes linguísticas dos informantes, ciente das limitações envolvidas, que serão detalhadas no capítulo III.

As atitudes linguísticas desempenham um papel determinante na análise dos fenômenos fonético-fonológicos investigados neste trabalho. A forma como os falantes percebem o prestígio, a aceitabilidade ou a marca regional de variantes como a palatalização de /S/ ou o uso de [h] influencia diretamente suas escolhas linguísticas. A adoção ou resistência a essas variantes não pode ser entendida apenas como um reflexo automático do ambiente, mas como resultado de crenças e sentimentos que os indivíduos nutrem em relação aos diferentes dialetos em contato. Assim, a observação das atitudes ajuda a explicar por que certos falantes acomodam mais facilmente ao padrão local, enquanto outros preservam mais traços de seu dialeto de origem. Entender essas escolhas

é fundamental para interpretar os padrões de acomodação observados nos fenômenos fonético-fonológicos analisados nesta pesquisa.

2.5 INTER-RELAÇÕES ENTRE AS TEORIAS E CONCEITOS NO ESTUDO DA ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA

O fenômeno da acomodação dialetal investigado nesta pesquisa, observado a partir dos ajustes fonético-fonológicos realizados por paulistas e recifenses residentes em João Pessoa, não pode ser plenamente compreendido a partir de uma única perspectiva teórica. A complexidade das interações linguísticas em contextos de contato exige uma abordagem multidimensional, capaz de articular diferentes níveis de análise: estrutural, social, interacional e subjetivo. É nesse sentido que se justifica a adoção integrada da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1996, 2008 [1972]), da Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991) e dos conceitos de identidade e atitudes linguísticas.

A Teoria da Variação Linguística (Labov, 1996, 2008 [1972]) oferece a base metodológica para descrever os padrões fonético-fonológicos variáveis em uso. Sua ênfase na correlação entre fatores linguísticos e extralinguísticos permite capturar como fenômenos como a realização do /R/ como [h] ou a (não) palatalização do /S/ se distribuem segundo variáveis como origem geográfica, tempo de exposição, idade ou contexto de fala. Essa teoria contribui para a construção do perfil linguístico de cada grupo investigado, permitindo observar tendências de acomodação, manutenção ou resistência.

Já a Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT) (Giles *et al.*, 1991) permite interpretar esses padrões de variação sob a ótica da interação. Ao considerar que os falantes ajustam seus comportamentos linguísticos em função de fatores como solidariedade, prestígio, pertencimento ou diferenciação, a CAT introduz uma dimensão interpessoal à análise, útil para compreender por que certas variantes são adotadas, evitadas ou enfatizadas. Ela permite que se observe, por exemplo, quando a palatalização ou a não-palatalização deixa de ser apenas uma questão de origem regional e passa a indicar pertencimento social ou posicionamento identitário em relação a determinado grupo ou contexto. A forma como o falante percebe sua própria variedade, a do outro, e

as implicações sociais de cada uma, influencia diretamente sua propensão a convergir, divergir, ou optar pela manutenção de seus traços de origem. As noções de identidade e atitudes linguísticas, portanto, oferecem a chave para compreender os sentidos sociais atribuídos a essas práticas.

A articulação entre essas teorias e conceitos permite uma leitura mais ampla da acomodação dialetal como fenômeno complexo e multifacetado, profundamente situado em relação ao contexto social, histórico, cultural e interacional específico em que ocorre, estando, assim, na confluência entre práticas discursivas, posicionamentos identitários e dinâmicas de poder. Ainda assim, é importante lembrar que esses modelos foram criados em contextos distintos do brasileiro. Por isso, na seção 2.6, discuto de forma mais crítica os limites e as possibilidades dessas abordagens quando aplicadas à realidade sociolinguística de João Pessoa.

2.6 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE OS MODELOS TEÓRICOS ADOTADOS

Apesar de sua robustez e ampla aceitação, os modelos teóricos utilizados nesta pesquisa não estão isentos de limitações, sobretudo quando aplicados ao contexto sociolinguístico brasileiro, caracterizado por grande diversidade interna e frequente e intenso contato entre variedades.

No caso da Teoria da Acomodação da Comunicação (CAT) (Giles *et al.*, 1991), por exemplo, os processos de convergência e divergência podem não dar conta, de forma integral, das complexidades envolvidas em comunidades multilíngues ou marcadas por fluxos migratórios intensos. Em contextos como o da cidade de João Pessoa, onde convivem falantes oriundos de diferentes regiões do Brasil com repertórios linguísticos amplos e sobrepostos, os limites entre acomodação, identidade e lealdade linguística nem sempre são facilmente delimitáveis. A acomodação, nesses casos, pode nem sempre seguir um padrão estável ou coerente; ela pode ocorrer apenas em alguns traços, variar conforme o interlocutor ou até mesmo apresentar movimentos opostos ao longo da interação devido a conflitos identitários ou mudanças contextuais. Essas possíveis nuances fogem às categorias mais rígidas da CAT, que pressupõem escolhas mais sistemáticas de aproximação ou afastamento entre falantes.

Outra limitação relevante diz respeito à abordagem tradicionalmente behaviorista adotada nos estudos de atitudes linguísticas, que tende a se apoiar em respostas explícitas a questionários ou entrevistas diretas. Tais métodos, embora úteis para mensurar percepções conscientes, frequentemente não captam nuances atitudinais mais profundas ou contraditórias, sobretudo em contextos em que há uma forte dissociação entre crenças declaradas e comportamentos linguísticos efetivos. A atitude linguística, como prática socialmente situada, pode se manifestar de forma implícita ou performática, demandando abordagens mais etnográficas e interpretativas para sua apreensão. Reconhecendo essa limitação, tento identificar inconsistências nas respostas fornecidas pelos informantes desta pesquisa através de perguntas similares entre si, que buscam investigar as mesmas questões, mas que são apresentadas de formas diferentes.

Por fim, no campo da Sociolinguística Variacionista, ainda que o modelo laboviano preveja estratégias para minimizar o efeito do pesquisador na coleta dos dados (conhecido como paradoxo do observador), em busca da fala vernácula espontânea, sabe-se que o contexto de entrevista, especialmente quando envolve questões de prestígio, tende a influenciar o grau de monitoramento da fala dos informantes. Esse fator é particularmente sensível em pesquisas que envolvem categorias sociais como identidade regional e será discutido mais adiante no capítulo III.

Esses desafios, contudo, podem ser minimizados com o uso de estratégias metodológicas complementares. O diálogo entre diferentes abordagens, quantitativas e qualitativas, diretas e indiretas, possibilita um olhar mais diversificado sobre os fenômenos linguísticos. No caso das atitudes, por exemplo, a inclusão de entrevistas semiestruturadas, relatos de experiência e observações etnográficas pode revelar aspectos que escapam a instrumentos mais fechados. Quanto à influência do pesquisador, uma postura reflexiva e consciente durante a coleta, aliada à construção de um ambiente de confiança com os participantes, contribui para mitigar os efeitos do Paradoxo do Observador (Labov, 2008 [1972]) (c.f. seção 3.4).

As escolhas metodológicas, detalhadas no capítulo III, orientam a condução desta pesquisa e representam um esforço de adequação das ferramentas teóricas e analíticas às especificidades do estudo. Nesse mesmo capítulo, apresento os perfis dos informantes, bem como os procedimentos adotados para a coleta, seleção e análise dos dados.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

O corpus desta pesquisa foi constituído de sete (7) informantes ao total, sendo três (3) recifenses (nascidos na região metropolitana de Recife) e quatro (4) paulistas (nascidos na região metropolitana de São Paulo), que agora residem em João Pessoa há pelo menos um (1) ano e no máximo seis (6) anos¹⁰. Temos, na tabela 2, o perfil desses informantes:

Tabela 2 – Perfil dos informantes

Informante	Idade	Cidade natal	Tempo de exposição inicial	Tempo de exposição final
1	26	Recife	2 anos	4 anos
2	34	Recife	5 anos	7 anos
3	30	Recife	6 anos	8 anos
4	33	São Paulo	1 ano	3 anos
5	28	São Paulo	1 ano	3 anos
6	34	São Paulo	6 anos	8 anos
7	21	São Paulo	2 anos	4 anos

Fonte: Autor

3.1 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados foi realizada, com cada um dos participantes, através de seis entrevistas realizadas ao longo de um período de dois anos (de janeiro de 2023 a dezembro de 2024). Essas entrevistas foram distribuídas uniformemente nesse período, ocorrendo, portanto, aproximadamente a cada quatro meses, com duração média de trinta minutos. Todas as entrevistas foram conduzidas e gravadas (áudio) de forma remota, através do software Zoom e posteriormente transcritas para análises quantitativa e qualitativa dos dados. Devido aos desafios metodológicos envolvidos na pesquisa longitudinal, optei por iniciar as coletas com nove informantes, a fim de garantir a conclusão dessas com ao menos quatro participantes; ao final, concluí com sete participantes, satisfazendo e superando a meta inicial. Essa imprevisibilidade dificulta a estratificação de acordo com

¹⁰ O tempo de exposição apresentado se trata do tempo inicial, referente ao momento da primeira coleta de dados. Entre cada entrevista realizada, houve um intervalo de quatro meses, portanto, o tempo de exposição no momento da última entrevista é o tempo inicial acrescido de dois anos.

as variáveis controladas estatisticamente, mas iniciar a pesquisa com um número maior de informantes me assegurou da viabilidade de execução da pesquisa.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba, conforme parecer nº 7.787.110 e CAAE 87645925.8.0000.5188, atendendo às diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início das entrevistas.

As entrevistas foram feitas com base em roteiros que permitissem os entrevistados falar despreocupadamente e incluíram perguntas relacionadas às suas vidas em sua cidade natal e as diferenças encontradas em relação a João Pessoa, Paraíba. Também foram realizadas perguntas específicas (c.f. seção 3.3) relacionadas à percepção das diferenças linguísticas entre as duas variantes, a fim de se aferir as atitudes dos entrevistados em relação ao seu próprio dialeto e ao novo dialeto local. Para cada um dos seis pontos de coleta, as entrevistas consistiram em duas etapas, das quais a primeira teve por objetivo a coleta de dados de fala para a observação dos fenômenos escolhidos como variáveis dependentes. Se fez necessário coletar a fala em sua forma mais natural o possível, minimizando os efeitos do Paradoxo do Observador (Labov, 2008 [1972]) (c.f. seção 3.4) e, portanto, esse momento consistiu em perguntas abertas e gerais que envolvessem experiências de vida e os interesses pessoais dos entrevistados, realizado conforme a metodologia laboviana e as indicações propostas por Tagliamonte (2006), a fim de assegurar que os entrevistados prestassem menos atenção à própria fala e se policiassem menos.

A segunda etapa apresentou perguntas específicas vinculadas à identidade e às atitudes linguísticas dos entrevistados para com suas próprias maneiras de falarem, assim como para o dialeto pessoense. As perguntas realizadas nessa etapa buscaram revelar possíveis crenças, valores e possíveis preconceitos que por vezes se sobrepõem a outros fatores quando se trata de favorecerem ou inibirem a acomodação linguística.

3.2 A COLETA LONGITUDINAL

O objetivo central deste estudo é compreender o processo de acomodação linguística em contexto de contato dialetal a partir de uma abordagem longitudinal. A escolha por esse delineamento metodológico se justifica pela busca de preencher uma lacuna no campo dos estudos sobre acomodação linguística. A metodologia utilizada nesta pesquisa fornece recortes com dados de fala ao longo de um período de dois anos, o que permite a investigação de possíveis mudanças linguísticas, atitudinais e identitárias em falantes expostos a uma nova variedade regional. Conforme argumentam Sankoff e Blondeau (2007), Nycz (2015) e Ruch *et al.* (2023), somente por meio do monitoramento sistemático dos mesmos indivíduos é possível verificar se acomodações pontuais se estabilizam em padrões consistentes, ou seja, acomodações de longo prazo, ou se dissipam ao longo do tempo.

Como já foi exposto, com cada um dos informantes desta pesquisa, foram realizadas seis entrevistas ao longo de dois anos, com intervalos regulares de quatro meses entre cada ponto de coleta. Essa estrutura foi pensada com a intenção de capturar mudanças graduais, evitando interpretações baseadas em flutuações momentâneas e assegurando, sempre que possível, a comparabilidade entre os pontos de coleta. Essa escolha também se alinha com diretrizes metodológicas observadas em estudos longitudinais como os de Tagliamonte e Molfenter (2007), que documentam mudanças linguísticas progressivas em contextos de aquisição de segundo dialeto.

Devido ao fato de terem sido realizados diferentes pontos de coleta com os mesmos informantes, certos temas foram sendo introduzidos gradativamente e/ou de maneira estratégica a fim de não comprometer as próximas coletas. Isso foi feito para que se mantivesse a naturalidade de fala dos informantes, não comprometendo os dados linguísticos e tampouco os relacionados a atitudes e identidade. Isso se fez necessário pois, além dos fenômenos fonético-fonológicos (variáveis dependentes), tentou-se avaliar as possíveis mudanças atitudinais e identitárias dos informantes ao longo do tempo, assim como o impacto dessas mudanças nos processos de acomodação linguística.

Através de entrevistas semi-estruturadas compostas por uma etapa espontânea e outra com perguntas específicas envolvendo atitudes e identidade, cruzei os dados de produção linguística com informações metalinguísticas relevantes, tais como a percepção

das diferenças entre as variedades, posicionamentos afetivos e julgamento social de prestígio das variantes.

Cada uma das etapas das entrevistas (coleta de fala espontânea e perguntas específicas) teve duração média de quinze minutos. Como cada ponto de coleta consistiu de duas etapas, e como essas foram feitas em cada uma das seis coletas, realizadas com sete participantes distintos, o tempo total de gravação, calculado pela multiplicação desses fatores é aproximadamente de mil duzentos e sessenta minutos, ou seja, vinte e uma horas. A figura 16 apresenta os pontos de coleta organizados em uma linha do tempo:

Figura 16 – Linha do tempo dos pontos de coleta



Fonte: Autor

A estratégia de coleta longitudinal foi crucial para distinguir tendências de mudança linguística motivadas por acomodações esporádicas daquelas que revelam uma reestruturação fonético-fonológica mais estável, tal como discutido por Nycz (2015) em seu trabalho sobre aquisição de segundo dialeto. Em suma, a abordagem longitudinal que adotei neste estudo amplia significativamente a capacidade de analisar a acomodação linguística de forma dinâmica, melhor revelando não apenas o “se” os participantes se acomodam, mas “como”, “quando” e “por quê” essas acomodações ocorrem.

3.3 ROTEIROS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

As entrevistas realizadas nesta pesquisa foram organizadas em dois momentos principais, conforme detalhado anteriormente. Esta seção apresenta os roteiros utilizados em cada uma dessas etapas, com destaque para os temas abordados, as estratégias implementadas e a finalidade de cada conjunto de perguntas.

A primeira etapa das entrevistas foi estruturada com o intuito de estimular relatos espontâneos por parte dos informantes. Nesse momento inicial, foram feitas perguntas

abertas e não direcionadas, relacionadas a aspectos da vida pessoal, memórias afetivas e experiências cotidianas. Nessa etapa as perguntas foram mais sutis, sem tratar diretamente de traços de fala, atitudes e identidade dos entrevistados. A ideia foi promover um ambiente conversacional em que os participantes se sentissem à vontade para falar longamente, favorecendo assim a coleta de uma amostra de fala mais natural e menos monitorada. Esse procedimento segue os princípios da sociolinguística variacionista, especialmente as orientações metodológicas de Labov e de Tagliamonte (2006), que valorizam a eliciação de narrativas pessoais como estratégia para minimizar a atenção do falante à forma linguística. Nessa etapa, a ênfase não estava no teor da conversa e muitas perguntas surgiram de forma espontânea e não planejada, mas listo a seguir algumas das principais perguntas realizadas, variando entre os seis pontos de coleta:

Principais perguntas abertas

1. Gostaria que você se apresentasse. Dissesse seu nome, idade, e me falasse algo sobre você.
2. Me fale um pouco sobre seus Hobbies. O que você gosta de fazer em seu tempo livre?
3. E o que você gosta de fazer na cidade de João Pessoa? (Gosta de sair com amigos? Para que tipo de lugares? Quais tipos de atrações que te agradam em João Pessoa?)
4. Em datas como carnaval, São João, etc., você costuma ficar por aqui ou viajar (para onde?)
5. Você já fez alguma viagem que considera muito marcante? Qual ou quais as que mais marcaram?
6. Existe algum lugar que você queira muito visitar?
7. Houve alguma situação desafiadora que você enfrentou recentemente? Como você lidou com ela?
8. Houve alguma conquista pessoal recente a qual você se orgulhe?
9. O que você gostaria de realizar nos próximos anos?

Após esse momento mais livre e espontâneo de conversa, os informantes eram informados da transição para a etapa envolvendo perguntas mais específicas e a entrevista avançava para uma segunda etapa, mais direcionada, voltada à investigação das atitudes e percepções linguísticas dos participantes. Diferentemente da primeira parte, nesta fase foram feitas perguntas mais específicas sobre a relação do entrevistado com sua cidade de origem e o contato com pessoas de lá, expectativas acerca da Paraíba, em geral, e percepção de receptividade local, além de perguntas mais direcionadas a questões da linguagem como a maneira como os entrevistados percebiam sua própria forma de falar ou a fala dos pessoenses. O objetivo era explorar aspectos identitários e atitudinais que, muitas vezes, influenciam de forma significativa os processos de acomodação linguística, revelando crenças, avaliações e possíveis julgamentos que ultrapassam os condicionamentos puramente linguísticos.

Estão listadas a seguir as perguntas específicas (segunda etapa das entrevistas) referentes a cada um dos pontos de coleta; as perguntas realizadas nessa etapa variaram conforme o ponto de coleta, sendo introduzidas de forma gradativa e buscando respeitar o contexto e o tempo de residência de cada participante. Isso foi feito a fim de se evitar que a pessoa entrevistada passasse a ficar atenta à sua própria fala nas entrevistas subsequentes. Segue a lista de perguntas específicas realizadas no primeiro ponto de coleta:

Perguntas específicas – 1ª coleta

1. Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?
2. Você já possuía contato com paraibanos em sua cidade natal?
3. Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.
4. E agora que está aqui, o que acha?
5. Você tem interesse em voltar para sua cidade natal?
6. Você diria que sua vinda para cá foi espontânea ou obrigatória?
7. Você em algum momento já se sentiu deslocado/a aqui? Ainda se sente/Por quanto tempo?
8. Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?
9. Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

No segundo ponto de coleta, introduzi perguntas sobre experiências vividas pelo entrevistado em João Pessoa. Investiguei se o participante mantém contato frequente ou tem a intenção de manter contato com amigos e familiares de sua cidade natal. Além disso, busquei identificar se houve viagens recentes e quais foram as experiências vivenciadas em quaisquer viagens anteriores. Segue a lista de perguntas específicas realizadas no segundo ponto de coleta:

Perguntas específicas – 2ª coleta

1. Me conte sobre uma experiência positiva, que te marcou, aqui em João Pessoa.
2. Me conte sobre uma experiência negativa, que te marcou, aqui em João Pessoa.
3. O que mais você destacaria em relação a experiências vivenciadas na cidade?
4. Qual foi a última vez que você viajou?
5. Nesse meio tempo, entre uma entrevista e outra, você realizou alguma viagem ou recebeu visitas de fora da cidade ou do Estado?
6. Nesse meio tempo, alguém [mais] (família ou amigos) demonstrou interesse em te visitar ou receber sua visita?
7. Se tiver viajado, você destacaria alguma experiência vivenciada fora da cidade?
8. Você passou por alguma experiência recente que possa ter facilitado ou dificultado a sua experiência morando em João Pessoa? (ex.: moradia, cultura local, amizades, trabalho, etc.)
9. O que você considera que facilitaria sua sensação de adaptação?
10. O que você gosta em João Pessoa? Considerando as pessoas, a cultura, e outros fatores.
11. O que você não gosta em João Pessoa? Considerando as pessoas, a cultura, e outros fatores.

Na terceira coleta, as perguntas que fiz objetivaram investigar como os informantes foram ou são tratados por outros; a ideia aqui foi a de elicitare respostas que tratassem de seus sotaques ou forma de falar em geral; com perguntas que tratam de elogios ou preconceitos, situações que abrangem o modo de falar são esperadas, e essas se concretizaram nas entrevistas. Assim, alcancei os objetivos traçados para essa coleta.

Perguntas específicas – 3ª coleta

1. Você já recebeu elogios inesperados de pessoas que acabara de conhecer? Se sim, que tipos de elogios foram?
2. Você já passou por uma experiência em que considera que sofreu alguma forma de preconceito?
3. Você considera que se tornaram mais frequentes situações de elogios e/ou preconceitos após sua vinda para João Pessoa?
4. Você já recebeu comentários (positivos, negativos ou neutros) relacionados à sua cidade ou Estado de origem enquanto viajava?
5. E estando aqui em João Pessoa?
6. Você acredita que, estando aqui na PB, as pessoas podem saber de onde você é simplesmente a partir de algum comportamento seu, pela maneira como você fala, pela maneira que se veste, ou outra característica? Por quê?
7. Você gosta e/ou se orgulha de alguma dessas características?
8. Você não gosta e/ou sente vergonha de alguma dessas características?
9. Tendo essas características em mente (comportamento, maneira de falar, maneira de se vestir), volto às perguntas iniciais acerca de elogios e preconceitos: você se recorda de algum elogio ou situação de preconceito em relação a uma dessas características?

Nessa terceira coleta, a pergunta 6 menciona diretamente a forma de falar, juntamente com outras opções distratoras. Essa pergunta foi bastante eficaz, pois a resposta mais comum indicou que as pessoas percebem de onde elas são a partir de sua fala. Isso faz com que o entrevistado se sinta mais no controle da entrevista e fique menos consciente de que sua forma de falar está sendo observada. Esse contexto permite que as perguntas 7 e 8 investiguem efetivamente os fatores atitudinais em relação à sua própria fala, sem tornar isso evidente para o entrevistado.

As perguntas da quarta coleta focaram principalmente em investigar como o cotidiano dos informantes foi afetado por sua mudança para João Pessoa, especialmente em relação a diferenças culturais, hábitos, e experiências de socialização. As questões abordaram a adoção de novos comportamentos, formas de falar e a relação com a cultura local. Esse bloco de perguntas foi essencial para observar como os informantes internalizam e se adaptam às mudanças culturais, além de fornecer uma visão mais ampla sobre a influência do meio em suas atitudes e identidade. Em particular, as perguntas de 8 a 12 foram desenhadas com o intuito de estabelecer uma conexão mais profunda com

as coletas anteriores, possibilitando uma continuidade nas reflexões dos participantes sobre suas experiências em João Pessoa, a frequência e tipo de contato que eles mantêm com pessoas da cidade natal, assim como a sensação de pertencimento ao novo local.

Perguntas específicas – 4ª coleta

1. Você poderia me contar um pouco sobre como é seu dia a dia aqui em João Pessoa? Alguma diferença notável em relação a como era em sua cidade natal?
2. Você já participou de eventos culturais em João Pessoa? Quais tipos de eventos foram e como foram suas experiências? Como você percebe esses eventos?
3. Você acha que sua maneira de se vestir ou se comportar mudou desde que se mudou para João Pessoa? Se sim, de que forma?
4. Você se viu adotando novos hábitos ou costumes desde que se mudou para cá?
5. Há alguma expressão ou gíria que você começou a usar desde sua vinda para cá?
6. Você já teve alguma experiência em que percebeu que suas crenças ou valores culturais eram diferentes em relação à maioria das pessoas aqui em João Pessoa?
7. Quais são algumas das suas memórias mais marcantes desde que se mudou para João Pessoa?
8. Como você descreveria sua relação atual com a cultura paraibana?
9. Em poucas palavras, como você descreveria sua experiência de morar em João Pessoa?
10. Atualmente, qual a frequência em que você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?
11. Você realizou alguma viagem recente ou recebeu visitas de fora da cidade ou do Estado?
12. Desde nossa última entrevista, você se recorda de ter passado por alguma experiência que tenha o/a deixado com a sensação de estar deslocado(a)?

Na quinta coleta, um dos focos foi a socialização e os laços de amizade formados após a mudança. As perguntas investigaram a facilidade ou dificuldade em fazer novas amizades com pessoenses e pessoas de fora, destacando aspectos culturais e linguísticos que pudessem influenciar essas interações. Outro grande foco dessa etapa se deu com a introdução de perguntas que tratam mais explicitamente da fala, envolvendo o sotaque e outros fatores. Foi possível observar como os informantes percebem sua fala e como ela afeta suas interações. Aqui, as perguntas de 6 a 11 foram especialmente produtivas para entender como a forma de falar impacta suas interações sociais, tanto em João Pessoa quanto em viagens. Já a questão 3, menciona explicitamente o fator identidade, para que os entrevistados, em suas respostas, explorem o tema em alguma medida.

Perguntas específicas – 5ª coleta

1. Em João Pessoa, você fez amizades com pessoas que também são da sua cidade ou estado natal?
 - a. Se sim, nota alguma facilidade maior de interagir com essas pessoas em relação aos pessoenses?
 - b. Se não, acredita que teria mais facilidade de interagir com essas pessoas do que com os pessoenses?

2. Quantas novas amizades você diria que fez aqui em João Pessoa, de modo geral? Quantos desses amigos são nativos da região?
3. Quais são algumas das coisas que você mais gosta na cultura local de João Pessoa? Alguma delas teve um impacto significativo na sua identidade?
4. Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?
5. Você já passou por alguma situação em que sentiu dificuldade em se comunicar (entender ou ser entendido/a) com alguém em João Pessoa? E em outras cidades que já tenha visitado?
6. Você acha fácil compreender pessoas de outras partes do país?
7. Quando você viaja, há algo específico que as pessoas percebem na sua forma de falar?
8. Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?
9. Você pode compartilhar uma experiência em que sua forma de falar tenha causado uma reação inesperada (positiva ou negativa) em alguém?
10. Você já mudou sua forma de falar para se adaptar ao seu entorno?
11. Há alguma expressão ou gíria que você deixou de usar desde sua vinda para João Pessoa?

Já na sexta e última coleta, a linguagem foi o tema central, com uma ênfase particular nas percepções de julgamento e preconceito em relação à maneira de falar. As perguntas foram feitas para investigar os sentimentos dos informantes sobre seu próprio sotaque e fala, e como eles percebem a fala dos outros. A coleta também abordou a questão do desejo de adaptação linguística, e se os informantes já sentiram ou esperam sentir mudanças na sua forma de falar ao longo do tempo, refletindo o impacto da convivência com os pessoenses. As coletas anteriores já revelaram algumas dessas questões, em maior ou menor grau, a depender do participante, mas essa última mais explicitamente aborda fatores de identidade e atitudes linguísticas. Essa coleta forneceu uma perspectiva detalhada sobre a autoavaliação dos informantes em relação à linguagem e à possível acomodação linguística.

Perguntas específicas – 6ª coleta

1. Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam? De que maneira(s)?
2. Alguém já a/o julgou dessa forma?
3. Você considera alguns dialetos ou falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?
4. Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?
5. O que você acha da sua forma de falar?
6. Há algo específico de que você gosta na sua forma de falar?
7. Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?
8. Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?
9. O que você acha do seu sotaque?
10. Quando compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala das pessoas da PB, você pode dizer que aqui as pessoas falam: a) depressa; b) muito depressa; c) devagar; d) arrastado.
11. Você gostaria de falar como os pessoenses ou paraibanos? Por quê?
12. Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Acredita que sua fala já mudou? Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

Como já estabelecido previamente, ao longo das seis coletas, os roteiros das entrevistas foram sendo ajustados de forma gradual e estratégica, sempre com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre as experiências de migração, adaptação e percepção linguística dos participantes. A sequência e a formulação das perguntas buscaram não apenas gerar dados relevantes para a análise fonético-fonológica e atitudinal, mas também preservar a espontaneidade da fala dos informantes, especialmente nas primeiras etapas de cada entrevista.

Essa preocupação metodológica foi fundamental para lidar com um dos principais desafios da pesquisa sociolinguística: o Paradoxo do Observador (Labov, 2008 [1972]). A seguir, discuto com mais profundidade as estratégias adotadas nesta pesquisa para minimizar seus efeitos e assegurar a naturalidade dos dados de fala coletados.

3.4 PARADOXO DO OBSERVADOR

Os dados analisados quantitativamente, nesta pesquisa, foram obtidos a partir da fala espontânea durante a primeira fase das entrevistas. Essa abordagem busca capturar uma comunicação mais natural e menos monitorada por parte dos entrevistados, por se tratar de assuntos mais pessoais e descontraídos sem revelar o verdadeiro propósito da pesquisa. Essa tática visa reduzir os efeitos do Paradoxo do Observador (Labov, 2008 [1972]), permitindo aos entrevistados que fiquem mais relaxados e menos conscientes de sua própria fala.

Já os dados analisados de maneira qualitativa, envolvendo as questões atitudinais e identitárias, partem principalmente da segunda etapa das entrevistas, na qual o entrevistado é elicitado a falar sobre ou questionado diretamente acerca dos citados fatores. Para isso, serviram de base os resultados estatísticos já obtidos e foram feitas comparações entre as respostas de todos os informantes, a fim de se melhor entender o papel dos fatores controlados no processo de acomodação linguística.

Assim, no âmbito da análise quantitativa, os dados foram observados sob duas perspectivas complementares. A primeira delas refere-se à análise de produto, que considera o conjunto total das ocorrências produzidas pelos informantes ao longo de todas as coletas, permitindo identificar os resultados do processo de acomodação após o período

de exposição linguística. A segunda refere-se à análise de processo, na qual cada ponto de coleta é examinado individualmente, possibilitando acompanhar o desenvolvimento gradual das mudanças fonético-fonológicas e avaliar se elas ocorrem de forma contínua, estável ou flutuante entre os diferentes momentos da pesquisa. No que diz respeito à análise qualitativa, essa também se organiza sob uma perspectiva processual, ao investigar como atitudes, posicionamentos identitários e percepções sobre o dialeto local vão se transformando, ou se mantendo, à medida que o tempo de residência e de contato com a comunidade aumenta.

É importante reconhecer que os resultados de pesquisas que envolvem a produção da fala podem não refletir totalmente o contexto real de situações naturais. A escolha dos métodos de coleta de dados e o contexto da pesquisa podem afetar o nível de formalidade e a interação entre entrevistador e entrevistado, introduzindo o Paradoxo do Observador (Labov, 2008 [1972]). Esse paradoxo faz referência à situação em que o dado coletado e observado sofre influência devido à presença do observador (no caso, o pesquisador/entrevistador); no caso desta pesquisa, tal fenômeno poderia resultar em dados influenciados pelo contexto de entrevista ou inclusive a fala do próprio entrevistador.

Inclusive, como recifense, acredito que minha origem desempenhou um papel importante nas entrevistas que conduzi. O fato de eu não ser pessoense criou um distanciamento que parece ter ajudado a diminuir possíveis tensões ou receios dos entrevistados em expressar suas opiniões sobre João Pessoa, os pessoenses, e o dialeto local. Dessa forma, os entrevistados podem ter se sentido mais à vontade para compartilhar suas percepções e experiências de maneira autêntica, sem medo de julgamento ou receio da possibilidade de me ofender. Um exemplo claro disso se deu na segunda etapa da primeira coleta, quando uma das entrevistadas, ao ser questionada se considera as pessoas paraibanas receptivas e/ou acolhedoras respondeu: “(risos) Tu é paraibano, né?”. Após eu clarificar que não, ela seguiu com: “então eu vou falar [...]”, e procedeu a dar sua opinião de maneira que parecia genuína, na qual ela descreveu as pessoas paraibanas como um pouco agressivas e não acolhedoras.

Além das estratégias voltadas à naturalidade da fala, como forma de mitigar o Paradoxo do Observador (Labov, 2008 [1972]), a pesquisa também se apoiou em diferentes tipos de elicitación para acessar os aspectos atitudinais e identitários dos entrevistados. A combinação de métodos direto e indireto permitiu abordar esses fatores

sob diferentes ângulos, oferecendo maior profundidade analítica aos dados qualitativos obtidos. Cada método vai trazer consigo seus pontos positivos e negativos.

O método direto busca obter informações com perguntas diretas, como o nome já sugere, podendo ser feito por meio de questionários ou entrevistas, por exemplo. Nesta pesquisa, algumas das perguntas realizadas aos entrevistados visam elicitar dados através desse método; perguntas como “o que você acha do seu sotaque?” foram feitas nas últimas coletas a fim de se obter dados que pudessem mais explicitamente descrever o que se objetivava observar, como as questões atitudinais e identitárias dos falantes.

O método indireto, por sua vez, utiliza estratégias sutis para mascarar seus reais objetivos. Dessa forma, por exemplo, mesmo que os participantes da pesquisa saibam que estão avaliando algo, o método busca garantir que eles não saibam exatamente qual é o foco da avaliação. Esse método muitas vezes requer uma disponibilidade maior de recursos e pesquisadores envolvidos, tornando-o menos acessível que o anterior.

Ambos os métodos apresentam riscos de respostas não representativas da realidade, seja por falta de consciência dos próprios entrevistados sobre suas atitudes, ou devido a pressões sociais. Isso não quer dizer, necessariamente, que o informante tenha mentido ao responder às perguntas, pois ele mesmo pode não estar ciente de todas suas atitudes e valores em relação a certos grupos ou dialetos. Há também a possibilidade de o informante responder intencionalmente de maneira diferente do que realmente pensa e acredita, influenciado por pressões sociais. Como nem tudo é socialmente aceito ou bem-visto, respostas falsas podem ser fornecidas por esse motivo. Para minimizar esse problema, foi garantido o anonimato dos participantes desta pesquisa, permitindo uma maior liberdade nas respostas e reduzindo possíveis influências sociais na sua sinceridade.

Devido ao fato de as atitudes linguísticas e fatores identitários desempenharem papéis significativos no processo de acomodação dialetal, se fez ainda mais evidente a necessidade de uma escolha cuidadosa dos métodos de coleta e análise, considerando seus efeitos sobre a fala e as percepções dos informantes. A presente pesquisa, ao combinar abordagens diretas e indiretas com estratégias para minimizar o paradoxo do observador, buscou justamente responder a essa exigência metodológica. Na seção seguinte, detalho as variáveis controladas nesta pesquisa e como elas foram usadas para análise dos dados.

3.5 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Tendo em vista que esta pesquisa tem como foco central a acomodação linguística em contextos de contato dialetal, especialmente no que diz respeito à produção fonético-fonológica do /S/ e do /R/ em determinados contextos, a variável dependente desta pesquisa foi a de acomodação. Cada realização segmental foi classificada como acomodação ou não acomodação, conforme sua aderência às variantes típicas do dialeto pessoense. Isso significa que, a cada instância de uso, por exemplo, a produção de uma palavra com /S/ em coda, verifiquei se a forma realizada correspondia ou não à variante esperada localmente, caracterizando a acomodação ou a não-acomodação daquele fone. Com isso, foi possível chegar a um índice de acomodação de um determinado informante para cada entrevista.

Vale lembrar, como já apontado previamente, que o processo de acomodação linguística dificilmente se dá de forma total. A acomodação pode ocorrer em graus, variando de um fenômeno para outro ou mesmo entre diferentes contextos de uso da língua por um mesmo falante. Acomodação, aqui, refere-se especificamente à adoção, total ou parcial, de determinados traços fonético-fonológicos característicos do dialeto pessoense por parte de informantes paulistas e recifenses. Os fenômenos observados como indicadores dessa acomodação foram: 1) a realização do /S/ em coda final e medial com a produção alveolar ([s], [z]); 2) a realização do /R/ em coda medial como fricativa glotal [h, ɦ], em oposição ao tepe [r] ou ao retroflexo [ɽ]; e 3) a realização palatal do /S/ ([ʃ], [ʒ]) diante das oclusivas /t/ e /d/.

Dentro da perspectiva laboviana, busquei garantir a representatividade e a comparabilidade dos dados, observando fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam influenciar a realização dos fenômenos em estudo. Como é característico da abordagem laboviana, a seleção das variáveis independentes visou identificar os contextos de maior e menor favorecimento das variantes, possibilitando observar padrões de regularidade e variação sistemática. Foram controladas, portanto, as seguintes variáveis independentes, selecionadas com base em princípios da Sociolinguística Variacionista, conforme proposto por Labov (2008 [1972]):

a) **Tempo de exposição:** O tempo de exposição, de acordo com Laver *et al.* (1979) e Trudgill (1998), é um fator que contribui de modo significativo para o processo de acomodação linguística. Partindo da teoria da acomodação linguística desenvolvida por Giles (1973), Trudgill (1986) argumenta que, se um falante acomoda com frequência a um dialeto ou modo de falar, essa acomodação pode com o tempo se tornar permanente. Essa variável tem relevância extensivamente comprovada e já estabelecida, com base na literatura que envolve estudos linguísticos sobre acomodação linguística. Assim como qualquer outra variável, ela sozinha não se sobrepõe a todas as outras, mas sim, age em conjunto com elas como força que impulsiona ou inibe o processo de acomodação. Em Possatti (2020), ainda que ela não se sobrepusesse necessariamente a fatores identitários e atitudinais, das variáveis extralinguísticas controladas e analisadas estatisticamente, ela se mostrou a maior favorecedora da acomodação linguística. A variável tempo de exposição foi controlada de maneira longitudinal. De acordo com o que Marques (2006) constata em seu trabalho, quanto maior o contato com um novo dialeto, mais surgem sinais de acomodação na fala dos indivíduos, ocorrendo de forma gradativa. A hipótese é a de que o processo siga um percurso não-linear, o qual pode ser motivado por fatores diversos, como experiências pontuais negativas, mudança na rede de interações, revalorização da identidade de origem ou oscilação nas atitudes dos falantes em relação ao dialeto-alvo. Nesta pesquisa investigo se essa evolução do processo se dá de forma linear ou não-linear.

b) **Idade:** A literatura da área já apontou, desde Labov (1966), a importância da variável idade para os estudos sociolinguísticos. A partir desse marco teórico, inúmeros trabalhos passaram a considerar a idade como um fator essencial para compreender processos de variação e mudança linguística, já que diferentes gerações podem refletir estágios distintos de uso da língua e indicar tendências de mudança em curso.

A variável idade assume, portanto, papel fundamental nos estudos sociolinguísticos de cunho quantitativo, sobretudo no que tange à noção de tempo aparente, conforme delineado por Monteiro (2000). Esse conceito é nomeado assim por permitir uma visão análoga àquela que seria obtida por meio de um estudo longitudinal, ainda que sem o acompanhamento real dos falantes ao longo dos anos. Como os estudos ao longo de muitos anos são, muitas vezes, inviáveis, opto por analisar a fala de indivíduos de diferentes faixas etárias, na tentativa de captar o percurso de possíveis

mudanças linguísticas. Ainda assim, Monteiro (2000) adverte que nem toda variação etária implica uma mudança efetiva em curso.

Diferentemente da abordagem baseada exclusivamente no tempo aparente, esta pesquisa adota um delineamento longitudinal, realizando coletas sucessivas com os mesmos informantes ao longo de um intervalo temporal de dois anos. Essa estratégia permite observar um pouco além das diferenças entre faixas etárias, evidenciando transformações reais na fala de um mesmo indivíduo ao longo do tempo. Com isso, é possível identificar oscilações, progressões ou estagnações individuais no uso das variantes investigadas, fornecendo indícios mais robustos sobre a dinâmica da acomodação em contextos de contato dialetal e sobre a influência contínua de fatores como idade, mesmo se tratando de um recorte temporal relativamente curto.

Embora diversos fatores influenciem o fenômeno da acomodação linguística, a idade parece ter um peso importante. Espera-se que aqueles que entraram em contato com o novo dialeto ainda jovens estejam mais propensos à convergência linguística. Essa tendência seria explicada por uma maior inserção em redes sociais amplas, com frequente convivência entre pares, o que poderia resultar em maior pressão para adaptação. Nos mais jovens, a identidade ainda em formação e o desejo de pertencimento favorecem a adoção de traços locais. Vale observar que, no caso deste estudo, todos os informantes têm, no mínimo, 18 anos, o que sugere identidades mais consolidadas, ainda que não imunes a transformações, especialmente entre os mais novos.

Na fase adulta, a fala tende a se estabilizar, sobretudo com o avanço da idade. Contudo, entre os adultos mais jovens, as exigências do mercado de trabalho podem atuar como um fator relevante de mudança. Em ambientes profissionais, a adequação linguística pode ser uma ferramenta de integração e resolução de conflitos. Por outro lado, as pressões para adotar o dialeto local são geralmente menores nessa fase da vida, em que o sentimento de pertencimento já está mais sedimentado, assim como, muitas vezes, esse fator deixa de ser uma barreira para a socialização e pertencimento social.

Entre os mais velhos, as oportunidades de interação social costumam diminuir, especialmente com a aposentadoria, o que reduz as pressões externas para ajuste linguístico. Dito isso, é essencial considerar que variáveis como o tempo de exposição também tendem a aumentar com a idade, o que demanda cautela na análise isolada de

cada fator. Assim, é essencial observar os efeitos combinados de diferentes variáveis para uma compreensão mais precisa dos fenômenos linguísticos em jogo.

Por essa razão, a variável idade foi incluída como uma das variáveis independentes nesta pesquisa, partindo da hipótese de que será na população mais jovem que se encontrará menor resistência à convergência da acomodação linguística. Esta variável foi controlada da seguinte forma: a) 18-29 anos de idade (dentro do conceito de “adulto emergente”, proposto por Arnett (2007); b) acima de 30 anos de idade.

c) **Origem:** A variável origem foi considerada com base na procedência geográfica dos participantes, sendo categorizada em dois grupos: paulistas, oriundos da região metropolitana de São Paulo, e recifenses, oriundos da região metropolitana de Recife. A escolha por essa categorização se justifica tanto por diferenças sociolinguísticas amplamente documentadas entre essas duas variedades do PB quanto por aspectos logísticos e sociais que impactam o contato com a cidade de origem.

É importante notar que diferentes fatores teóricos sugerem expectativas divergentes quanto ao comportamento de acomodação desses dois grupos. Por um lado, a maior similaridade fonológica entre os dialetos recifense e pessoense poderia facilitar a acomodação dos recifenses, tornando o ajuste linguístico menos custoso do ponto de vista articulatorio e perceptual. Por outro lado, essa mesma proximidade estrutural, associada à menor distância geográfica entre João Pessoa e Recife, facilita visitas mais frequentes e o contato direto com familiares e amigos, além de exposições contínuas à variedade linguística recifense, fatores que podem, inversamente, reduzir a necessidade ou motivação para acomodar plenamente ao dialeto local.

Em contraste, os paulistas enfrentam uma maior distância fonológica em relação ao dialeto pessoense, o que, em tese, representaria maior desafio para a acomodação. No entanto, por residirem originalmente em uma região mais distante, tendem a visitar com menor frequência sua cidade natal e a manter redes de contato menos intensas com a variedade de origem, o que pode favorecer, por consequência, uma maior integração linguística e social ao novo ambiente. Dessa forma, enquanto a similaridade estrutural favoreceria os recifenses, o deslocamento geográfico e social mais radical pode atuar como catalisador de acomodação entre os paulistas.

Além desses fatores estruturais e geográficos, a percepção social sobre os dois dialetos, incluindo atitudes locais em relação aos sotaques paulista e recifense, pode

influenciar o modo como os falantes ajustam (ou resistem a ajustar) sua fala. O dialeto paulista, especialmente aquele associado à capital e à norma veiculada pelos meios de comunicação, costuma gozar de maior prestígio nacional, sendo frequentemente percebido como mais neutro ou “correto”. Já o dialeto recifense, embora amplamente reconhecido regionalmente, pode ser alvo de estigmatização fora do Nordeste, inclusive entre os próprios nordestinos, o que pode gerar diferentes pressões para acomodação. Por outro lado, observa-se entre recifenses um forte sentimento de orgulho em relação à sua identidade linguística e cultural, o que pode atuar como um fator de resistência à acomodação.

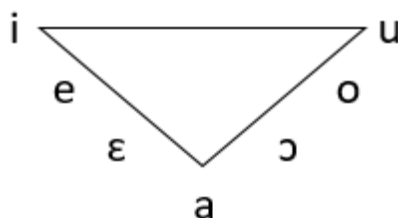
Dessa forma, a origem do falante implica não apenas diferentes pontos de partida fonológicos, mas também diferentes configurações de mobilidade geográfica, posicionamentos identitários e percepções de legitimidade linguística no novo espaço de convivência, variáveis que podem atuar em direções convergentes ou divergentes. Assim, com o objetivo de investigar qual conjunto de fatores exerce maior influência sobre as trajetórias de acomodação, a variável origem foi operacionalizada como: a) recifense; b) paulista.

d) **Fenômeno em estudo:** O intuito da delimitação desta variável é identificar a influência dos fenômenos escolhidos na acomodação. É importante frisar que os fenômenos observados dentre os recifenses e os paulistas não são os mesmos entre si, portanto, pode não ser fácil isolar os efeitos do fenômeno dos efeitos da variável origem. Dito isso, para essa variável, estou analisando: a) o /S/ em posição de coda medial e final, observando a presença ou ausência da palatalização, com o objetivo de identificar a acomodação linguística na fala de recifenses que residem em João Pessoa; b) o /R/ em coda medial, prestando atenção à sua realização como fricativa glotal [h, ɦ], para verificar sua função como marcador de acomodação entre paulistas que moram em João Pessoa, e; b) o /S/ antes de /t/ e /d/, já que a pronúncia palatal é característica pessoense e um possível indicador de acomodação dentre os paulistas.

e) **Contexto fonológico anterior:** A delimitação desta variável se dá com o objetivo de analisar a influência dos contextos fonológicos precedentes na produção dos fenômenos em estudo e, por consequência, identificar se estes favorecem ou inibem a acomodação destes. Foi controlado o tipo de vogal que precede os fenômenos em estudo (a fricativa coronal /S/ nas posições de coda final, coda medial, e coda seguida de /t/ e /d/),

assim como o /R/ em posição de coda medial), podendo essas vogais serem anteriores (/i/, /e/, /ɛ/), central (/a/), ou posteriores (/u/, /o/, /ɔ/), representadas na figura 17:

Figura 17 – Vogais



Fonte: Possatti (2020)

f) **Contexto fonológico posterior:** Ao delimitar esta variável, objetivo investigar em que medida os contextos fonológicos posteriores favorecem ou inibem os fenômenos observados, consequentemente influenciando o processo de acomodação linguística.

No dialeto recifense, o /S/ em coda diante de pausa ou de consoantes surdas é realizado como fricativa palatoalveolar surda ([ʃ]), e antes de consoante sonora, é realizado como fricativa palatoalveolar sonora ([ʃ]). Quando seguido de vogal, a mesma fricativa varia para uma produção alveolar ([z]). Dessa forma, no dialeto recifense os sons do /s/ sofrem palatalização quando não precedem uma vogal ou outra consoante fricativa alveolar, pois essas fazem com que a fricativa passe para a posição de *onset*. Portanto, observarei apenas a fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica quando diante de: a) pausa (Ex.: “meninos.”); ou b) consoante (Ex.: “as pessoas vão...”). Sendo assim descartada qualquer ocorrência em que o /S/: a) passe para posição de *onset*, como no caso dela ser seguida de vogal (Ex.: “mas acho...”) ou de um som de uma outra consoante fricativa alveolar (Ex.: “pessoas sabem”); e b) seja seguida de /t/ ou /d/ (Ex.: “vestido”, “três da tarde” ou “desde”), já que em ambos os dialetos recifense e pessoense, o /S/ é palatalizado quando diante desses contextos. Sendo esse tipo de ocorrência típica dos dois dialetos, não se poderia considerar a palatalização como não acomodação.

Considerarei como pausa as ocorrências em que a interrupção silenciosa da fala superasse a duração de 500ms. Cabe registrar que não há consenso absoluto na literatura quanto a um limiar universal para a delimitação e classificação das pausas, mas a escolha desse limiar está ancorada em trabalhos como os de Goldman-Eisler (1972) e Peck e

Becker (2024), que demonstram que pausas associadas a processos de planejamento ou a marcação de unidades maiores (como cláusula, frase ou fronteira discursiva) costumam apresentar durações de várias centenas de milissegundos, ultrapassando a marca dos 500ms, na maioria dos casos. Adicionalmente, Peck e Becker (2024) apontam que, independentemente da língua considerada, a mediana da duração das pausas se situa tipicamente entre 500ms e 1000ms, com exceção de alguns casos como o mandarim. Para o tipo de análise que realizo neste trabalho, considereei adequado o limiar escolhido, por apresentar uma interrupção marcada que influencia a produção do fenômeno fonético-fonológico e facilita a análise à oitiva.

No dialeto paulista observei o /R/ em coda medial, posição em que é necessariamente seguido por consoante. Na variedade paulista, ele é predominantemente realizado como tepe alveolar [r] ou tepe retroflexo [ɾ] em coda medial, independentemente do tipo de consoante que venha em seguida. A variante indicadora de acomodação é a fricativa glotal [h, ɦ], forma típica do dialeto pessoense.

Já no caso do /S/ em coda silábica seguido de /t/ ou /d/, trata-se de um contexto fonológico altamente revelador no que se refere ao processo de acomodação. O contexto fonológico posterior, nesse caso, é também apenas um: o de consoante. Por marcar claras diferenças entre os dialetos em estudo, o modo como os participantes paulistas realizam essas sequências serão indícios sólidos do processo de acomodação linguística em curso.

No quadro 5 estão listadas todas as variáveis controladas e seus respectivos fatores:

Quadro 5 – Variáveis controladas

Tempo de exposição	Idade	Origem	Fenômeno em estudo	Contexto fonológico anterior	Contexto fonológico posterior
De 1 a 5 anos	Entre 18 e 29 anos	Recifense	/S/ em coda	Vogais anteriores	Pausa
Acima de 5 anos	A partir de 30 anos	Paulista	/R/ em coda medial	Vogal central	Consoante
			/S/ diante de /t/ e /d/	Vogais posteriores	

Fonte: Autor

A análise estatística dos dados foi possibilitada pelo software Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), e estes foram coletados a partir das falas mais espontâneas das primeiras etapas das entrevistas. É esperado que essas falas sejam mais naturais e menos monitoradas pelos entrevistados, se aproximando mais do vernáculo, já que tratam de assuntos mais pessoais, ao mesmo tempo em que não revela o verdadeiro objetivo da pesquisa. Os entrevistados ficam, portanto, mais à vontade e com isso a expectativa é a de que os efeitos do Paradoxo do Observador (Labov, 2008 [1972]) sejam amenizados.

O foco da análise, no entanto, tem natureza mais qualitativa, tendo sido observado o contato diuturno dos participantes com falantes paraibanos, assim como o contato deles com a variedade linguística de origem, com o intuito de investigar em que medida esses fatores favorecem ou inibem a acomodação linguística desses falantes. Ao se realizar esses dois tipos de análise, é possível a corroboração dos dados obtidos por ambas.

A análise qualitativa foi realizada a partir das respostas fornecidas pelos informantes para as questões mais específicas, provenientes da segunda parte de cada entrevista, as quais foram analisadas de maneira intraindividual e interindividual. Foram estabelecidas também comparações de suas crenças e atitudes com as demais variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas, assim como ao longo do tempo e com os demais participantes.

3.6 SÍNTESE METODOLÓGICA

Em síntese, as decisões metodológicas aqui apresentadas buscaram garantir a observação rigorosa e longitudinal do processo de acomodação linguística de recifenses e paulistas residentes em João Pessoa. A combinação de entrevistas em seis pontos distintos de coleta, distribuídos ao longo de dois anos, permitiu registrar diferentes recortes linguísticos, além das condições sociais, identitárias e atitudinais que os permearam. Além disso, o delineamento das coletas, com etapas de fala mais espontânea e uma etapa mais direcionada, foi estruturado para mitigar os efeitos do Paradoxo do Observador e revelar possíveis tensões entre prática linguística e crenças identitárias.

Assim, a articulação entre análise quantitativa e análise qualitativa se mostra fundamental para compreender não somente se há acomodação linguística, mas principalmente como ela se manifesta, oscila ou se estabiliza ao longo do tempo e em diferentes contextos. Encerrada a apresentação dos procedimentos adotados, o capítulo seguinte dedica-se à exposição e interpretação dos resultados obtidos nesta pesquisa.

CAPÍTULO IV: RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTI-QUALITATIVA

Como já mencionado no capítulo III, sobre a metodologia, a primeira fase das entrevistas proporcionou amostras de fala que foram analisadas em busca de se observar a acomodação linguística dos participantes. Para quantificar os dados observados nesta pesquisa, considerei cada realização segmental dos fonemas-alvo como unidade de análise. Assim, a cada ocorrência de um determinado fenômeno (como a realização do /R/ ou do /S/ em contextos fonológicos específicos), foi atribuído um valor categórico: “acomodação” ou “não acomodação”, conforme a convergência ou divergência em relação à variante típica do dialeto pessoense. Por exemplo, dentre os informantes paulistas, o informante 6 produzia majoritariamente o tepe alveolar ([r]), a informante 7 produzia principalmente o retroflexo ([ɾ]) e alguns inclusive realizavam as duas produções; a ocorrência dessas produções não é considerada como acomodação, mas quando o /R/ é realizado como a fricativa glotal [h, h̥], essa realização passa a ser considerada acomodação. Produções que divergissem das observadas na pesquisa foram desconsideradas.

Essas ocorrências foram registradas ao longo de seis coletas e codificadas com base nas variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas. A partir desse mapeamento, foi possível calcular o percentual de acomodação de cada informante por entrevista, o que permitiu acompanhar o comportamento linguístico ao longo do tempo e identificar padrões de variação e mudança.

Essa análise dos dados revelou um índice¹¹ geral de acomodação de 33.5% e uma média¹² geral de 35.2% entre todos os 7 participantes, considerando as 6 coletas. Se dividirmos em dois grupos, também considerando as 6 coletas, o índice de acomodação dos recifenses foi de 42% e a dos paulistas foi de 27.7%. Esses valores podem ser considerados expressivos, dado que o dialeto pessoense geralmente é considerado menos prestigiado se comparado aos dialetos recifense e paulista. Os resultados estatísticos ressaltam a importância de certos fatores no processo de acomodação linguística e

¹¹ Os índices de acomodação dizem respeito aos percentuais de acomodação com base no número de ocorrências de fenômenos fonético-fonológicos observados.

¹² As médias de acomodação são calculadas a partir dos índices individuais de acomodação em uma ou mais coletas.

estabelecem uma base para a análise qualitativa subsequente, a qual será discutida mais adiante.

Para que se possa melhor entender os números apresentados, retomo a tabela com o perfil dos informantes; dessa vez com marcações (setas) interpretativas indicando maior ou menor probabilidade de acomodação, com base nas hipóteses levantadas, a depender do grupo ao qual o informante pertence dentre cada variável. Ou seja, se, para determinada variável, o informante pertence ao grupo mais provável de acomodar, de acordo com as hipóteses levantadas, uma seta para cima é utilizada para representar essa maior probabilidade, e caso inverso, uma seta para baixo é utilizada. Temos então a tabela 3 com essas projeções:

Tabela 3 – Perfil dos informantes com projeções de acomodação

Informante	Idade	Cidade natal	Tempo de exposição inicial	Tempo de exposição final
1	26 ▲	Recife ▲	2 anos ▼	4 anos ▼
2	34 ▼	Recife ▲	5 anos ▲	7 anos ▲
3	30 ▼	Recife ▲	6 anos ▲	8 anos ▲
4	33 ▼	São Paulo ▼	1 ano ▼	3 anos ▼
5	28 ▼	São Paulo ▼	1 ano ▼	3 anos ▼
6	34 ▼	São Paulo ▼	6 anos ▲	8 anos ▲
7	21 ▲	São Paulo ▼	2 anos ▼	4 anos ▼

Fonte: Autor

A tabela 4 inclui os percentuais de acomodação de cada um dos informantes ao longo das seis coletas realizadas, assim como a média geral de todos eles para cada ponto de coleta. Os índices de acomodação se distribuíram da seguinte maneira:

Tabela 4 – Índices de acomodação de cada informante

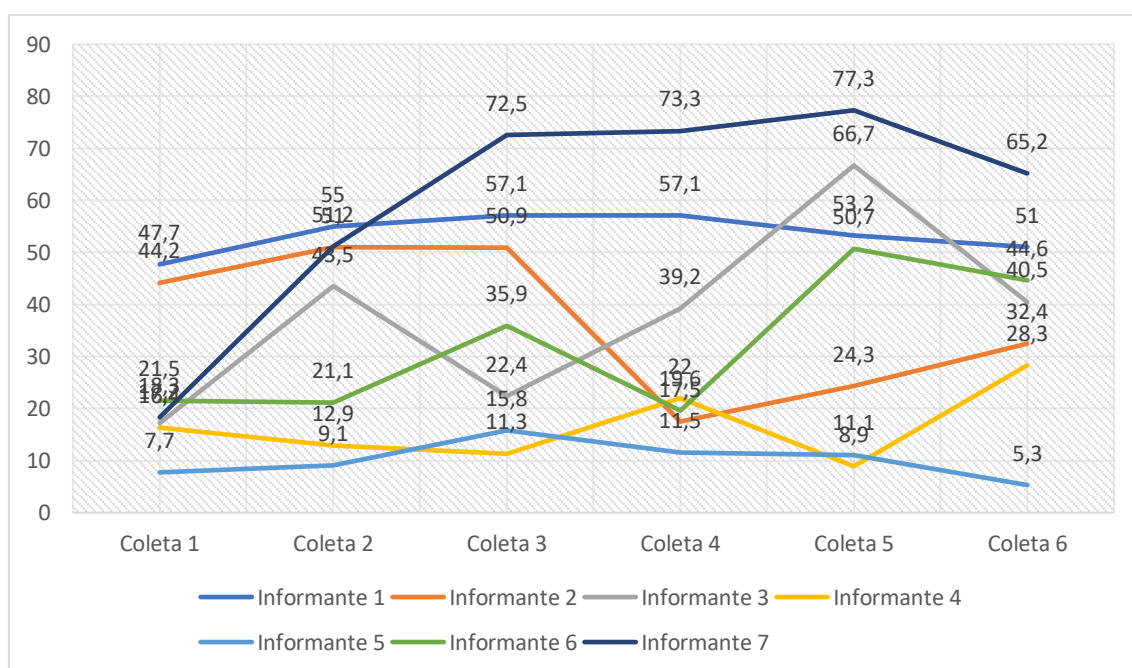
Informante	Coleta 1	Coleta 2	Coleta 3	Coleta 4	Coleta 5	Coleta 6	Média total
1	47.7%	55%	57.1%	57.1%	53.2%	51%	53.5%
2	44.2%	51%	50.9%	17.5%	24.3%	32.4%	36.7%
3	17.2%	43.5%	22.4%	39.2%	66.7%	40.5%	38.2%
4	16.4%	12.9%	11.3%	22%	8.9%	28.3%	16,6%
5	7.7%	9.1%	15.8%	11.5%	11.1%	5.3%	10%
6	21.5%	21.1%	35.9%	19.6%	50.7%	44.6%	32.2%
7	18.3%	51.2%	72.5%	73.3%	77.3%	65.2%	59.6%
Índice geral	21.7%	34.7%	36%	31%	40.9%	40.9%	33.5%
Média geral	24.7%	34.8%	37.9%	34.3%	41.7%	38.1%	35.2%

Fonte: Autor

A média geral de acomodação passa por um aumento inicial ao longo das três primeiras coletas, seguida de um pequeno declínio, na quarta coleta, um aumento que leva a um pico na quinta coleta, e mais um declínio na sexta coleta. Os números finais ainda têm um saldo positivo de 13.4 pontos percentuais em relação aos números iniciais. As variações nos índices de acomodação observadas na tabela 4 reforçam que a acomodação não segue um padrão linear ou uniforme, sendo influenciada por fatores como continuidade da exposição, deslocamentos geográficos, fatores identitários, atitudes linguísticas e vínculos sociais no novo ambiente.

O gráfico 4 apresenta o percentual de acomodação de cada informante nos seis pontos de coleta realizados ao longo de um período de dois anos, com intervalos de quatro meses entre cada uma:

Gráfico 4 – Índices individuais de acomodação ao longo do tempo



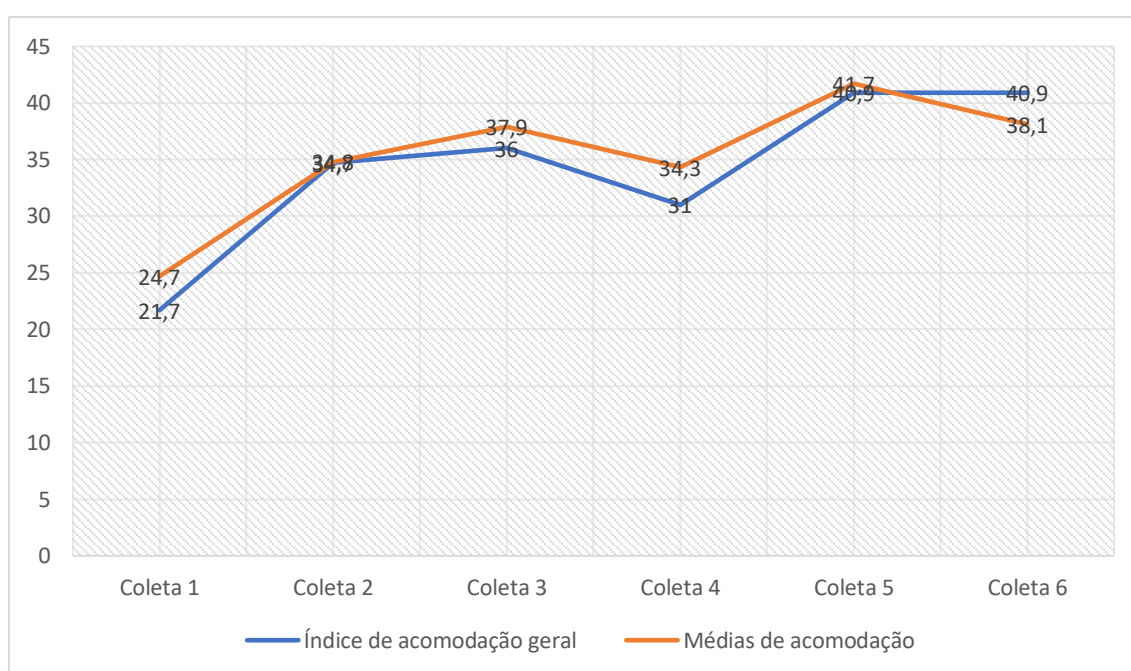
Fonte: Autor

Com exceção das informantes 2 e 5, os índices de acomodação observados sofrem oscilações, mas tendem a aumentar ao longo do tempo. Especificamente no caso da informante 5, era possível notar tal processo ocorrendo, mas este foi interrompido quando ela voltou a morar em São Paulo, pouco antes do período da coleta 5, e se mudou para a Noruega pouco antes da coleta 6, o que afetou diretamente sua exposição à variedade

peçoense. A descontinuidade do contato com o ambiente local certamente resultou na observada redução em seus índices de acomodação, nas coletas finais, o que por consequência também resultou em uma redução no índice e média geral de acomodação final.

Levando em conta essas considerações, o gráfico 5 apresenta os índices e médias gerais de acomodação ao longo dos seis pontos de coleta realizados, para que se possa melhor visualizar essa progressão coletiva ao longo do tempo:

Gráfico 5 – Índices e médias gerais de acomodação ao longo do tempo



Fonte: Autor

O declínio final no índice e na média de acomodação pode ser atribuído às oscilações observadas no processo que se dá de forma não-linear e, parcialmente também, à descontinuidade do contato com a fala peçoense, ao final da pesquisa.

Dentre as variáveis controladas, cinco foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) e apenas uma não foi selecionada. As variáveis estão listadas no quadro 6:

Quadro 6 – Variáveis selecionadas

Variáveis selecionadas	Variáveis não selecionadas
Contexto fonológico posterior	Origem
Fenômeno em estudo	
Tempo de exposição	
Contexto fonológico anterior	
Idade	

As seções a seguir apresentam os resultados estatísticos obtidos para cada variável, com o número de ocorrências do fenômeno de acomodação em relação ao total de palavras-gatilho. Essas ocorrências são apresentadas tanto em números absolutos quanto em percentual. Para as variáveis que foram consideradas estatisticamente relevantes, apresento o peso relativo, indicando o quanto os fatores da variável independente contribuem para favorecer ou inibir a ocorrência do fenômeno. As variáveis são contrastadas entre si no processo de regressão logística e com isso se obtém a relevância de cada uma, indicada pelo peso relativo, no qual o valor intermediário é o de 0.50, indicando neutralidade; valores acima de 0.50 indicam favorecimento do fenômeno, sendo que quanto maior o valor, maior o favorecimento; por outro lado, valores abaixo de 0.50 inibem o fenômeno, com valores menores indicando uma maior inibição. Nas seções a seguir também apresento dados qualitativos retirados das segundas etapas das entrevistas; ao apresentar trechos de fala utilizo “E” para indicar a fala do entrevistador e “I” a fala do informante; entre parênteses explico qual foi o ponto de coleta, assim como o índice de acomodação do informante naquele momento.

4.1 ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA COM BASE NO CONTEXTO FONOLÓGICO POSTERIOR

Iniciemos por analisar a variável destacada com maior relevância estatística: o contexto fonológico posterior. Devido aos mecanismos articulatórios da fala, esse contexto é capaz de exercer influência direta na produção de fonemas, facilitando ou dificultando determinadas produções. Essa variável foi categorizada nos contextos de pausa e consoante, como apresento na tabela 5:

Tabela 5 – Acomodação linguística com base na variável contexto fonológico posterior

Contexto fonológico posterior	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Pausa	199/274	72.6%	0.84
Consoante	506/1831	27.6%	0.43

Input: 0.323

Significância: 1.000

Fonte: Autor

Os dados da tabela 5 demonstram claramente que o contexto fonológico posterior de pausa favoreceu a ocorrência de acomodação linguística. O contexto de pausa teve um peso relativo de 0.84, o que representa um grande favorecimento à ocorrência da acomodação diante desse contexto. Já o contexto de consoante teve um peso relativo de 0.43, o que por sua vez demonstra que esse inibiu o processo. Provavelmente, em contextos seguidos de pausa, os falantes se policiam mais em relação à variante utilizada. Nesse sentido, se há uma atitude favorável para a acomodação dialetal (como sugere a análise qualitativa), há espaço para a convergência. Os dados mostram claramente esse movimento: um peso relativo expressivo no sentido da acomodação dialetal em contextos de pausa. Esse resultado destaca a relevância desse contexto para a manifestação do fenômeno em análise. Contudo, dado que o único fenômeno observado que pode ocorrer em posição de coda final é o da realização do /S/ por parte dos recifenses, optei por realizar uma segunda rodada estatística que incluía apenas dados de fala dos recifenses. Refazendo a rodada estatística com o grupo dos recifenses isolado, tendo em vista que é com eles que observo o contexto de pausa, temos dados que seguem na mesma linha dos obtidos na rodada completa:

Tabela 6 – Acomodação linguística com base na variável contexto fonológico posterior para recifenses

Contexto fonológico posterior	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Pausa	199/274	72.6%	0.78
Consoante	157/573	27.4%	0.34

Input: 0.413

Significância: 0.449

Fonte: Autor

Esses dados reforçam que, de fato, o contexto de pausa favorece a acomodação linguística do fenômeno observado (/S/ em posição de coda silábica). A partir de uma perspectiva articulatória, compreende-se que, em contextos seguidos de pausa, o falante dispõe de maior tempo para planejamento fonético e controle da realização fonológica, especialmente em posição de coda final. Tais momentos de suspensão da fala funcionam como espaços privilegiados para ajustes conscientes na produção linguística, possibilitando a adoção de variantes mais próximas à norma local. Em alguns trechos das entrevistas é possível observar que esse monitoramento consciente da fala se manifesta de forma explícita em falas como a da I1, que, ao refletir sobre sua forma de falar, afirma:

E – O que você acha da sua forma de falar?

I1 (51%, coleta 6) – Eu acho que eu posso melhorar em alguns aspectos. Por exemplo, eu falo muito rápido. Muito apressadamente. Justamente porque a nossa mente tá sempre à frente, então a gente quer logo esgotar. [...] Como eu disse pra vocês, vocês pensam demais antes de fazer e falar. Vocês falam muito mais lentamente. [...] Pernambucano tem pressa até pra falar... quer logo terminar o que tem que ser dito; aí eu acho que eu deveria melhorar, porque isso dificulta o entendimento, né?

Essa mesma informante reconhece que ela é frequentemente percebida como pernambucana pelos interlocutores locais, principalmente quando realiza o /S/ em posição final de palavra:

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I1 (51%, coleta 6) – Sim, direto. O povo já diz: “pernambucana”; “você é de Recife”, “você é pernambucana”. / Eu acho que justamente por causa do “s”, porque eles sempre falam que a gente puxa demais. A primeira coisa que identificam é esse “s”. Inclusive hoje estou com a camisa de Pernambuco. Encontrei uma pernambucana na academia, agora [...] por causa da camisa, aí já há uma identificação.

Essa autoconsciência também está presente no relato do I6, paulista, que associa o modo de falar à forma como é recebido socialmente:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam? De que maneira(s)?

I6 (44.6%, coleta 6) – Total. Acho que- mais do que acho, tenho certeza. Acho que a fluência verbal determina se você vai ser ouvido ou não. Até as inflexões que você faz, as pausas e um aspecto mais concreto, mais visível, a gente vê que a língua é ponto de discriminação. Se você escuta alguém que não fala de acordo com a norma ou comete muitos desvios, erros de acordo com a gramática normativa, você nota que os olhares – a pessoa já trata essa pessoa de forma diferente. Então, sim, as pessoas são julgadas pela maneira que falam.

Tais falas indicam que há uma percepção metalinguística ativa, que pode estar relacionada ao maior cuidado na fala em contextos mais marcados, como os que antecedem pausas. Isso sugere que o peso estatístico elevado atribuído à pausa não se deve apenas a fatores articulatórios, mas também a aspectos sociais e atitudinais do falante diante da interação.

Além disso, há relatos que apontam para uma percepção externa das marcas fonológicas típicas da variedade recifense. A I2 relata que seu modo de falar é frequentemente comentado:

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I2 (32.4%, coleta 6) – Sim, várias vezes. Várias vezes as pessoas dizem: “é de Pernambuco, né?” Assim como algumas pessoas lá já disseram: “passou já esses anos na Paraíba, já tá trazendo um sotaquezinho de lá”. Eu não percebo, mas muitas vezes aqui em João Pessoa, as pessoas já disseram “é de Pernambuco”. / Eles dizem que a gente fala arrastado. A gente puxa às vezes muito pelo “s”. Fala de um jeito mais arrastado. Já me disseram isso, né? Eu não percebo.

Esse tipo de comentário parece provocar, mesmo que de forma inconsciente, ajustes fonético-fonológicos com fins de acomodação, sobretudo em momentos da fala nos quais o falante dispõe de tempo para operar essas modificações, como ocorre em contexto de pausa.

Esses dados corroboram o padrão já observado por Possatti (2020), estudo com cariocas residentes em João Pessoa, no qual o contexto de pausa também se revelou estatisticamente favorecedor da acomodação linguística. A repetição desse padrão em uma diferente comunidade migrante (os recifenses) sugere que a pausa, como espaço articulatório e discursivo, funciona como uma zona de convergência linguística marcada por monitoramento e regulação do próprio desempenho.

Por outro lado, o contexto de consoante, que registrou um peso de apenas 0.43, tende a ser caracterizado por fluxo articulatório mais automatizado e menos sujeito ao monitoramento consciente, o que pode explicar sua menor associação à ocorrência da acomodação. Isso pode se intensificar em momentos como o descrito pela I4, que afirma falar de forma acelerada quando está ansiosa ou empolgada:

E – Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?

I4 (28.3%, coleta 6) – Já falamos sobre isso, sou prolixa. E às vezes eu acho também, quando eu tô meio ansiosa que, sei lá, eu quero contar uma história que é muito legal e muito rápido, ou eu preciso passar uma informação com muita urgência, às vezes eu me embolo [...] e aí também eu acho que falo muito rápido em alguns momentos de urgência ou de empolgação.

Em resumo, o alto peso relativo atribuído ao contexto de pausa na análise estatística se explica não apenas por ser a posição mais suscetível à variação, mas também encontra respaldo nos dados qualitativos, os quais revelam uma relação entre pausa, monitoramento fonético-fonológico e atitudes linguísticas. Em contextos nos quais os falantes demonstram maior atenção à própria performance linguística e expressam atitudes positivas em relação à comunidade local, a pausa parece funcionar como um terreno fértil para a acomodação dialetal.

4.2 ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA COM BASE NO FENÔMENO EM ESTUDO

A análise dos dados com base no tipo de fenômeno fonológico em estudo revelou índices diferenciados de acomodação conforme a natureza segmental do traço analisado. Em seguida, na tabela 7, temos a acomodação linguística com base no fenômeno em estudo, sendo estes: 1) o /S/ em coda, no caso dos recifenses; 2) o /R/ em coda medial, no caso dos paulistas; e 3) o /S/ diante de /t/ e /d/, também no caso dos paulistas.

Tabela 7 – Acomodação linguística com base no fenômeno em estudo

Fenômeno	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
/S/ em coda	356/848	42%	0.46
/R/ em coda medial	155/630	24.6%	0.48
/S/ diante de /t/ e /d/	194/627	30.9%	0.56

Input: 0.323

Significância: 1.000

Fonte: Autor

Como mostra a tabela 7, o fenômeno com maior favorecimento à acomodação foi a realização de /S/ diante de /t/ e /d/, com peso relativo de 0.56, seguido pelo /R/ em coda medial (0.48), e, por fim, o /S/ em coda (0.46). Esses resultados indicam que, embora todos os fenômenos tenham apresentado pesos relativos próximos ao ponto de corte neutro (0.5), o contexto do /S/ diante de /t/ e /d/ é o contexto que mais favorece a convergência fonológica. Convergir nesse ponto parece exigir menor esforço articulatório do que mudar uma coda marcada, como ocorre no /R/ ou o /S/ nos falares paulista e recifense, respectivamente. A I5 inclusive relatou maior facilidade em produzir o /S/ palatal diante de /t/ e /d/:

E – Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?

I5 (5.3%, coleta 6) – Ah, não sei, eu acho que às vezes eu enrolo algumas palavras e acho que tem dias que minha língua não funciona e fico com a língua presa. Mas são dias muito específicos, eu não sei o que acontece. [...] Eu tentava falar às vezes mais paraibano, sei lá, e eu via que algumas coisas eram mais gostosas de falar. Eram mais confortáveis de falar e eu não sei explicar. Quando eu tava com meus amigos – um grupo mais de paraibanos – eu tentava conversar e... não sei. Tem umas palavras tipo “go[ʃ]toso”. Eu acho muito mais gostoso falar “go[ʃ]toso” do que “go[s]toso”. Sabe uma coisa assim? É um movimento mais confortável. Tinham outras palavras, mas eu esqueci.

Chama a atenção o fato de que, excluindo-se o comentário acima, nenhum dos informantes paulistas trouxe atenção para a realização desse traço em seus relatos. Essa ausência de comentários pode ser explicada pela baixa saliência perceptiva do fenômeno, que tende a ser mais facilmente acomodado sem grande monitoramento consciente por parte dos falantes. Ao contrário de traços mais marcados identitariamente, como o /S/ em

coda ou o /R/ em coda medial, a palatalização do /S/ nesse contexto não parece mobilizar atitudes de resistência ou de afirmação de identidade regional.

Realizar a acomodação linguística desse fenômeno, portanto, não representa uma ruptura identitária com a variedade de origem, tampouco exige esforço articulatório notável, o que facilita sua adoção espontânea. Assim, o /S/ diante de /t/ e /d/ parece operar como um ponto de convergência fonológica cujo potencial de acomodação é elevado justamente por passar despercebido no plano discursivo dos informantes.

Há também fatores de prestígio associados aos fenômenos em estudo que merecem atenção. A realização de /R/ em coda medial (como em “porta”, “certo”) carrega, no imaginário social brasileiro, marcadores de escolaridade, classe e região, estando frequentemente associado aos padrões do Sudeste. O I6 relata que o modo como fala já gerou julgamentos sobre sua personalidade:

I6 (44.6%, coleta 6) – [...] na faculdade mesmo, ou mesmo no meu trabalho, quando eu comecei a trabalhar lá, agora não, “olha como ele fala certinho”. Aí depois o povo fala: “ah, do jeito que você fala eu achei que você fosse esnobe”. Então, acho que tem uma primeira impressão por ser diferente da maioria daqui. Mas, não sei. Não é uma coisa que fica; pelo menos eu acho que não.

Ainda que esse não seja o único fator envolvido nesse julgamento, no caso do I6, sua produção do /R/ se dá majoritariamente como tepe alveolar ([r]), carregada de prestígio social. Essa fala revela que, mesmo diante da possibilidade de convergir ao padrão local, alguns falantes podem manter traços distintivos justamente porque estes operam como marcadores de prestígio ou identidade diferenciada.

Além da valorização social associado à variante alveolar do /R/ em coda medial, como observado no depoimento do I6, cuja forma articulatória é percebida como clara e prestigiada, é importante destacar que outras realizações do /R/, particularmente a retroflexa [ɾ] associada ao interior paulista, carregam um estigma contrário: o da fala caipira e do desprestígio social.

Esse julgamento aparece de forma sutil, mas significativa, nas falas dos informantes paulistas. A I5, por exemplo, menciona diretamente episódios de deboche relacionados ao modo como falava em São Paulo:

I5 (5.3%, coleta 6) – Ah, sim. Eu acho que já, mas não é algo que me afetou muito. Em São Paulo as pessoas zoavam o jeito que eu falava como se fosse meio caipira, tal, mas eu não sei se alguém me tratou mal ou se me achou menos. Não sei, eu não senti assim. [...]

A referência à “fala caipira” remete diretamente à literatura sociolinguística que associa o /R/ retroflexo a traços fonético-fonológicos do interior paulista, historicamente associados a uma variedade rural ou pouco escolarizada. Mesmo entre falantes da mesma região, essa variante pode ser objeto de rejeição ou escárnio, funcionando como um marcador estigmatizado de classe ou origem. A associação entre a realização do /R/ como retroflexo ([ɾ]) por falantes do interior do estado de São Paulo também aparece na fala da I7, ao rememorar como sua pronúncia a denunciava como “não local” em contextos de viagem:

E – Quando você viaja, há algo específico que as pessoas percebem na sua forma de falar?

I7 (77.3%, coleta 5) – Sim. Sotaque paulista, a gente puxa muito o “r”. E ainda mais eu que tinha família no interior, sabe? Então quem fala comigo já percebe de cara: “tu não é daqui, né?”. “Não, sou de São Paulo”.

O “puxar o r” aparece aqui como traço perceptível e marcante e, embora não descrito como negativo, é suficiente para identificar o falante como “outro”. Essa associação entre retroflexão, interiorização e não pertencimento pode ajudar a explicar por que alguns informantes mantêm esse traço fonético-fonológico mesmo diante de pressões de acomodação, tendo em vista que ele constitui um marcador identitário que, apesar do estigma, ainda representa pertencimento a um grupo de origem valorizado subjetivamente.

Esses dados evidenciam que o /R/ retroflexo, ao contrário de outras variantes fonológicas menos marcadas, mobiliza julgamentos sociais e atitudes metalinguísticas, sendo ora rejeitado, ora afirmado como índice de identidade regional. Sua manutenção ou substituição, portanto, não se dá apenas em função da articulação fonética, mas envolve reafirmações de pertencimento, prestígio e autenticidade linguística. Em

contraste, a acomodação do /S/ diante de /t/ e /d/, fenômeno de menor carga social, tende a ocorrer de maneira mais espontânea e menos visível, favorecendo, portanto, uma convergência mais elevada.

Em resumo, a acomodação linguística no nível fonético-fonológico varia conforme o tipo de fenômeno, sendo maior naqueles de menor saliência identitária e menor resistência articulatória. Tal variação é amplificada pela carga identitária dos segmentos e tempo de contato com a variedade local.

4.3 ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA COM BASE NO TEMPO DE EXPOSIÇÃO

Uma outra variável que recebeu destaque em sua relevância estatística foi a de tempo de exposição. Como já evidenciado na literatura sociolinguística, incluindo as pesquisas de Marques (2006) e Chacon (2012), para citar algumas, e, também de acordo com as hipóteses levantadas, quanto maior for o tempo de exposição, mais avançado estará o processo de acomodação linguística. O peso relativo de 0.59 demonstra que o tempo de exposição mais alto foi, de fato, favorecedor da acomodação, ainda que a diferença entre os níveis de incidência não tenha sido significativa. Os resultados se encontram na tabela 8:

Tabela 8 – Acomodação linguística com base na variável tempo de exposição

Tempo de exposição	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Alto (> 5 anos)	351/999	35.1%	0.59
Baixo (< 5 anos)	354/1106	32%	0.41

Input: 0.323

Significância: 1.000

Fonte: Autor

É necessário ressaltar que essa variável apresenta forte correlação com o fator “origem” dos informantes, uma vez que os recifenses, nesta amostra, residem há mais tempo em João Pessoa do que os paulistas, em média. Assim, embora o tempo de exposição pareça favorecer a acomodação, é importante considerar essa relação; da

mesma forma, qualquer comparação direta entre os dois grupos deve ser feita com cautela, a fim de se evitar sobreposição entre variáveis que poderiam enviesar a interpretação. A comparação de comportamentos entre recifenses e paulistas não pode ser atribuída exclusivamente ao tempo de exposição, já que o fator origem envolve também distância geográfica, atitudes identitárias e grau de familiaridade fonológica com o pessoense.

Nos dados qualitativos, o papel do tempo de exposição se manifesta mais claramente nas falas dos informantes recifenses, especialmente nos relatos de mudanças graduais, muitas vezes imperceptíveis, mas socialmente notadas. A I3, por exemplo, afirma:

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?
I3 (40.5%, coleta 6) – Acho que agora não mais porque talvez eu tenha perdido um pouco o sotaque, a forma de falar, algumas... enfim... realmente gírias e falas de quando você mora no local. Mas, quando eu cheguei existia uma coisa de o povo dizer “ah tu é de Recife”; identificar ou perguntar de onde é. / Eu acho que era muito pelo “ti” do recifense de falar “esporte”, sei lá, tem muito isso de puxar o “ti” em algumas coisas que não necessariamente pedem o “ti”. Acho que é isso, que meio que foi se perdendo, enfim, foi neutralizando.

Essa neutralização, que surge ao longo do tempo, é associada a uma maior naturalidade na interação e à incorporação inconsciente de traços da variedade local. Já I2 (32.4%) relata que terceiros passaram a perceber mudanças em sua fala, mesmo que ela mesma não as identificasse:

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?
I2 (32.4%, coleta 6) – Sim, várias vezes. Várias vezes as pessoas dizem: “é de Pernambuco, né?” Assim como algumas pessoas lá já disseram: “passou já esses anos na Paraíba, já tá trazendo um sotaquezinho de lá”. Eu não percebo, mas muitas vezes aqui em João Pessoa, as pessoas já disseram “é de Pernambuco”. / Eles dizem que a gente fala arrastado. A gente puxa às vezes muito pelo “s”. Fala de um jeito mais arrastado. Já me disseram isso, né? Eu não percebo.

Tais falas indicam que o tempo de exposição atua como catalisador do processo de acomodação, mesmo que nem sempre haja consciência direta dessa mudança. Elas também sugerem que, ao longo de vários anos de convivência, a pressão fonológica do

ambiente pode superar a resistência identitária inicial, promovendo convergência seletiva e, por vezes, inconsciente.

Entre os paulistas, os relatos sugerem um processo em estágio mais inicial, em que a acomodação aparece de forma hesitante ou parcial, muitas vezes articulada com tentativas de adaptação que não se consolidam. A I5 relata, por exemplo:

E – Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?

I5 (5.3%, coleta 6) – Ah, não sei, eu acho que às vezes eu enrolo algumas palavras e acho que tem dias que minha língua não funciona e fico com a língua presa. Mas são dias muito específicos, eu não sei o que acontece. [...] Eu tentava falar às vezes mais paraibano, sei lá, e eu via que algumas coisas eram mais gostosas de falar. Eram mais confortáveis de falar e eu não sei explicar. Quando eu tava com meus amigos – um grupo mais de paraibanos – eu tentava conversar e... não sei. Tem umas palavras tipo “go[ʃ]toso”. Eu acho muito mais gostoso falar “go[ʃ]toso” do que “go[s]toso”. Sabe uma coisa assim? É um movimento mais confortável. Tinham outras palavras, mas eu esqueci.

E – Você gostaria de falar como os pessoenses ou paraibanos? Por quê?

I5 (5.3%, coleta 6) – É, eu acho que seria legal aprender, assim. Porque eu acho que é um dialeto novo pra mim. E eu acho que realmente é quase como se fosse uma língua diferente. [...] Eu tentei aprender, mas eu achei muito difícil. Então eu falei, “ah tá, deixa pra lá”. Quando eu tentava às vezes eu gaguejava porque é muito rápido, mas só isso assim, mas as palavras soltas, eu achava, como falei, mais confortável de falar.

Esse tipo de ajuste, ainda que ocorra, não parece consolidado pelo tempo, o que reforça a ideia de que a acomodação requer para além da abertura atitudinal inicial, uma sustentação ao longo do tempo, acompanhada da exposição continuada e imersiva ao novo dialeto. A I5 enfrentou diferentes obstáculos para a acomodação linguística, como detalharei mais adiante, no capítulo V, dedicado à análise da trajetória intra e interindividual dos informantes no processo de acomodação.

Os dados demonstram que o tempo de exposição continua sendo uma variável relevante para entender o processo de acomodação linguística, ainda que, no caso desta pesquisa, sua relação com outros fatores como origem, exija leitura cuidadosa e contextualizada. Os resultados estatísticos e os trechos de entrevista oferecem indícios de que o contato prolongado com a comunidade local cria condições mais propícias para a acomodação gradual de padrões fonético-fonológicos da variedade de chegada, especialmente quando este se articula a vínculos afetivos e rotinas interacionais estáveis. Esses mesmos resultados, no entanto, não consideram o aspecto longitudinal de coleta

desta pesquisa, portanto, dedico a subseção a seguir para analisar a variável tempo de exposição de forma longitudinal.

4.3.1 Análise longitudinal da variável tempo de exposição

Embora a análise estatística da variável tempo de exposição não tenha apontado significância robusta, os dados longitudinais revelam padrões não-lineares e crescentes de evolução individual ao longo das coletas, especialmente quando se observa o tempo acumulado de residência em João Pessoa e os índices de acomodação linguística em cada momento da pesquisa. Os informantes com maior tempo de exposição (I2, I3 e I6) não necessariamente apresentam os maiores índices de acomodação (32.4%, 40.5% e 44.6% respectivamente, no momento da coleta 6), sendo estes superados pelas informantes 1 e 7 (51% e 65.2% respectivamente, no momento da coleta 6), o que evidencia a influência de outras variáveis para além da variável tempo, no que diz respeito à convergência linguística. Ainda assim, ao observar a evolução de cada informante ao longo das seis coletas, algumas tendências importantes emergem, como discutirei a seguir.

A I7, de São Paulo, se destaca pelo crescimento expressivo e constante: de 18.3% na coleta 1 para 65.2% na coleta 6. Com apenas dois anos de exposição inicial, e quatro ao final, essa trajetória sugere tanto influência do tempo, quanto forte envolvimento social, afetivo ou identitário com o contexto local, como indicado em seus relatos. A curva de acomodação de I7 parece indicar uma combinação de alta plasticidade linguística com inserção social bem-sucedida.

Os índices de acomodação apresentados pela I7, particularmente, me fazem considerar que, no que se refere ao primeiro ponto de coleta, é possível que o contexto de entrevista tenha inibido a fala mais espontânea, especialmente pela situação inédita com pouca intimidade. As coletas subsequentes podem ter sido consideradas algo mais familiar, em que os falantes não sentissem a necessidade de se policiar demasiadamente em relação a suas maneiras de falar. Esse padrão também foi observado na I3.

A I3, de Recife, também apresenta uma curva ascendente significativa, partindo de 17.2% na coleta 1 e atingindo 66.7% na coleta 5, com queda moderada na coleta 6 (40.5%). Com tempo de exposição já elevado no início da pesquisa (6 anos), seus dados

sugerem que o processo de acomodação pode se intensificar tardiamente, a partir de um certo limiar de tempo ou engajamento. A oscilação nos níveis de acomodação observados em sua fala ao longo dos diferentes momentos da pesquisa reforça a hipótese de que a acomodação é um processo não-linear, sujeito a recuos e variações contextuais.

Outra possível explicação para mais baixos índices iniciais possivelmente se encontre no fato de que nenhum dos informantes relatou possuir contato com paraibanos antes de se mudar para a Paraíba. Nem mesmo os de Recife, que fica próximo a João Pessoa, relataram possuir esse contato. A ausência de contato prévio com paraibanos parece ser um fator comum que pode ter contribuído para uma possível resistência inicial à acomodação dialetal. Essa falta de contato prévio pode ter tornado o processo de acomodação mais difícil para todos eles, uma vez que não havia familiaridade anterior com o dialeto ou a cultura local.

Por sua vez, a I1, de Recife, apresenta índices altos e estáveis desde a primeira coleta (47.7%), com pequena variação ao longo do tempo. Com apenas 2 anos de exposição inicial, sua acomodação precoce pode ser explicada por atitudes favoráveis à convergência e engajamento com redes locais, além da proximidade fonológica com o dialeto pessoense.

I2, de Recife, embora tenha começado com índices elevados (44.2%), passa por uma queda abrupta na coleta 4 (17.5%), seguida por recuperação parcial. Essa flutuação indica que, mesmo com longo tempo de residência (5 a 7 anos), questões atitudinais ou contextuais podem interferir na estabilidade da acomodação.

O I6, de São Paulo, revela crescimento gradual e sustentado: de 21.5% na coleta 1 para 44.6% na coleta 6. Com 6 anos de exposição no início da pesquisa, essa curva sugere um processo de convergência progressiva e consolidada, menos abrupta que a da I7. A fala de I6 também revela um equilíbrio entre preservação da identidade e adaptação consciente ao novo contexto.

As informantes 4 e 5, ambas de São Paulo, apresentam os índices mais baixos e trajetórias mais estáticas. No caso da I4, que apresenta atitudes muito positivas para com a cultura e dialeto local, os índices oscilam entre 8.9% e 28.3% ao longo do período, sem configuração de crescimento sustentado. A I5, por sua vez, parte de 7.7%, atinge um pico de 15.8% no terceiro ponto de coleta e finaliza com 5.3%, devido à descontinuidade, uma vez que esta saiu de João Pessoa antes da realização das duas últimas coletas. Apesar das

tentativas, especialmente no que trata do contexto de seu ambiente de trabalho, ela parece ter obtido relativamente pouca inserção social. Os índices de acomodação apresentados por ela são consistentes com seu retorno a São Paulo entre as coletas e posterior mudança para a Noruega.

Esses dados confirmam que o tempo de exposição é um elemento necessário, mas não suficiente para garantir a acomodação linguística. Sua eficácia está condicionada a fatores identitários, vínculos sociais, abertura atitudinal, continuidade geográfica e contextos de uso da linguagem. Informantes com o mesmo tempo de residência apresentam trajetórias completamente distintas, o que reforça a importância de analisar essa variável de forma qualitativa e individualizada.

4.4 ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA COM BASE NO CONTEXTO FONOLÓGICO ANTERIOR

A variável contexto fonológico anterior foi considerada com o objetivo de verificar se a vogal que precede o fenômeno fonológico influenciaria a ocorrência da acomodação. A seguir, na tabela 9, apresento os pesos relativos e os percentuais de acomodação com base no contexto fonológico anterior:

Tabela 9 – Acomodação linguística com base na variável contexto fonológico anterior

Contexto fonológico anterior	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Anterior	316/1007	20.0%	0.48
Central	207/465	44.5%	0.59
Posterior	182/633	28.8%	0.45

Input: 0.323

Significância: 1.000

Fonte: Autor

Com peso relativo de 0.59, o contexto de vogal central ([a]) se destacou como o único a favorecer a ocorrência da acomodação. Já os contextos de vogal anterior ([i], [e],

[ɛ]) e posterior ([u] [o] [ɔ]) apresentaram pesos relativos abaixo ou próximos do ponto neutro (0.48 e 0.45, respectivamente), indicando tendência à inibição do fenômeno.

Esses dados podem ser explicados a partir de fatores fonético-articulatórios. A vogal [a], por ser baixa, central e aberta, proporciona maior liberdade de movimento articulatorio para a produção do fonema subsequente, especialmente no caso de consoantes posteriores e alveolares, o que pode facilitar a convergência para variantes como [ʃ] ou [h], mais comuns nos dialetos-alvo. Assim, ela não interfere negativamente na realização dessas variantes menos familiares, facilitando a convergência fonológica em contextos de contato. Por outro lado, vogais anteriores e posteriores impõem configurações articulatorias mais específicas, como o avanço ou recuo da língua e o arredondamento dos lábios, que podem tornar a transição para a variante-alvo menos fluida, especialmente quando há tensão entre os padrões fonológicos das variedades em contato.

Do ponto de vista qualitativo, os informantes não verbalizam diretamente o impacto da vogal anterior ao som-alvo, o que é esperado dado o caráter técnico e pouco perceptível dessa variável. No entanto, alguns relatos revelam percepções subjetivas sobre conforto ou naturalidade na articulação, que podem estar associadas, ainda que indiretamente, a aspectos do entorno fonológico.

O depoimento da I5, por exemplo, traz à tona uma sensação de naturalidade na produção de determinada variante:

I5 (5.3%, coleta 6) – Tem umas palavras tipo “go[ʃ]toso”. Eu acho muito mais gostoso falar “go[ʃ]toso” do que “go[s]toso”. Sabe uma coisa assim? É um movimento mais confortável. Tinham outras palavras, mas eu esqueci.

Esse tipo de comentário sugere que, ainda que os falantes não tenham consciência técnica da estrutura fonológica, suas escolhas podem ser influenciadas por percepções motoras e estéticas, como fluência, leveza ou esforço articulatorio. Isso reforça a ideia de que fatores linguísticos internos operam de modo implícito na prática fonológica cotidiana, contribuindo para a ocorrência de variantes mais naturais do ponto de vista articulatorio, como é o caso dos contextos favorecedores de acomodação.

Embora provavelmente o contexto fonológico posterior seja o facilitador da articulação neste caso do exemplo dado pela I5, o relato sugere que o conforto articulatório influencia a escolha da variante. Isso pode explicar por que, em determinadas situações, a vogal [a], mais “neutra” do ponto de vista da articulação, se associa a maior ocorrência de acomodação.

Além disso, a alta taxa de acomodação em contexto de vogal central (44.5%) também pode ser parcialmente explicada pela frequência dessa vogal em palavras-alvo recorrentes no corpus, o que exige cautela interpretativa. No entanto, o peso relativo expressivo (0.59) indica que a variável reflete distribuição lexical e atua como fator linguístico favorecedor do fenômeno.

Vale lembrar, contudo, que o impacto do contexto fonológico anterior parece ser secundário em comparação com variáveis mais salientes, como o contexto de pausa (cf. seção 4.1) ou o tempo de exposição. Ainda assim, sua análise contribui para o entendimento das restrições fonotáticas e articulatórias que modulam a possibilidade de convergência fonológica. Quando somado às atitudes do falante, ao tipo de fenômeno fonológico e à natureza do contexto discursivo, o contexto fonológico anterior pode funcionar como elemento facilitador ou inibidor da acomodação, mesmo que de modo inconsciente.

Em síntese, o contexto fonológico anterior de vogal central [a] favorece a ocorrência de acomodação dialetal na amostra analisada. Esse dado complementa a interpretação multicausal do fenômeno, reiterando que a acomodação resulta da interação entre variáveis linguísticas internas e variáveis extralinguísticas, de ordem social, identitária, atitudinal e afetiva.

4.5 ACOMODAÇÃO LINGÜÍSTICA COM BASE NA VARIÁVEL IDADE

Em seguida, a tabela 10 apresenta os pesos relativos e percentuais de acomodação para cada um dos grupos de idade analisados nesta pesquisa:

Tabela 10 – Acomodação linguística com base na variável idade

Idade	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
18-30	295/749	39.4%	0.64
31+	410/1356	30.2%	0.41

Input: 0.323

Significância: 1.000

Fonte: Autor

Os dados observados oferecem suporte à hipótese de que falantes mais jovens tendem a acomodar com mais facilidade, devido a pressões sociais e uma possível maior plasticidade linguística. Com um peso relativo de 0.64, o grupo mais jovem (18–30 anos) foi o que apresentou maior ocorrência de acomodação, enquanto o grupo de 31 anos ou mais, com peso relativo de 0.41, teve comportamento mais conservador. Ainda que a diferença percentual não seja expressiva, os pesos relativos apontam para uma tendência favorável à convergência entre os mais jovens.

Como qualquer outra variável observada nesta pesquisa, a variável idade se entrelaça com outros fatores, como tempo de exposição e contexto interacional. Assim, mesmo falantes mais velhos podem apresentar altos níveis de acomodação se tiverem forte envolvimento com redes sociais locais e atitudes positivas frente à variedade de contato. Ainda assim, a diferença entre os grupos etários reflete padrões já descritos na literatura: quanto mais jovem o falante no momento da chegada à nova comunidade, maior a chance de sua fala convergir com os padrões locais.

4.6 ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA COM BASE NA VARIÁVEL ORIGEM

A variável origem, que distingue os informantes entre recifenses e paulistas, apresentou, entre todas as de natureza social, o contraste percentual mais expressivo na ocorrência de acomodação linguística. A tabela 11 contém as ocorrências de acomodação com base nessa variável:

Tabela 11 – Acomodação linguística com base na variável origem

Origem	Aplicação/Total	Percentual
Recifense	356/847	42.0%
Paulista	349/1258	27.7%

Fonte: Autor

Como mostra a Tabela 11, os recifenses acomodaram em 42,0% das ocorrências, enquanto os paulistas registraram 27,7%. Não há, no entanto, uma relevância estatística para essa variável e por isso não há pesos relativos que possam apontar para um favorecimento ou inibição da acomodação. Devido a isso, a análise desses dados requer cautela e múltiplas considerações.

Em primeiro lugar, os recifenses da amostra apresentam, em média, maior tempo de residência em João Pessoa, o que favorece maior exposição à variedade local. Como discutido na seção 4.3, o tempo de contato prolongado, mesmo que não suficiente por si só, cria condições favoráveis à internalização gradual de variantes locais.

Por outro lado, a proximidade geográfica e cultural entre Recife e João Pessoa pode servir tanto como: a) facilitador da acomodação, uma vez que as distinções entre os dialetos são menores, exigindo menor esforço articulatório e configurando também menor distância identitária; quanto b) inibidor da acomodação, já que o contato com pessoas da cidade natal (seja família, amigos, ou até vínculos profissionais) tende a ser mais comum e mais frequente; esse contato desacelera o processo de acomodação, e por vezes a sensação de necessidade de adaptação ao novo local e seu dialeto.

Exemplos de como a proximidade geográfica pode implicar maior contato com falantes da cidade natal se evidencia nas perguntas realizadas na coleta 1 e 4:

E (coleta 1) – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I1 (47.7%) – Pessoalmente eu vejo mais a minha mãe. Inclusive ela tá vindo pra cá quinta-feira. Ela vem de quatro em quatro meses... e revezamento também porque eu vou pra lá às vezes, né? Mas aí ela vem mais pra cá. Minha irmã que vem com ela, e acho que só. Não recebo muita visita não.

I2 (44.2%) – Eu frequento a minha família de quinze em quinze dias. Quase nunca recebo visitas. [...]

I3 (17.2%) – De receber visita é um pouco mais difícil. Acho que trimestralmente talvez, vêm minha mãe, meu pai, meu irmão. E costuma ser mais realmente eu ir para Recife, porque eu tenho essa vontade de estar lá também, né? De estar e ver amigos também, e enfim... [...] eu tento ir pelo menos todo

mês [...] e passar um final de semana. [...] a gente tá sempre em contato pra diminuir a distância, né? Apesar de não ser uma distância muito grande, mas de se sentir mais próxima.

E (coleta 4) – Atualmente, qual a frequência em que você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I1 (57.1%) – [...] Visita não recebo muitas não. É mais quando minha mãe vem pra cá. Acho que ela aparece aqui de seis em seis meses, e a gente lá, de três em três meses; às vezes demora um pouco mais por causa da correria.

I2 (17.5%) – [...] Assim, a gente indo pra Pernambuco, a gente vai praticamente de quinze em quinze dias. Mas pra a gente receber demora meses. Varia de três a seis meses.

I3 (39.2%) – Eu acho que assim... de três em três meses tem alguém aqui em João Pessoa na nossa casa, ou da nossa família que vem aqui visitar João Pessoa, então tem sempre alguém por aqui visitando e a gente se encontrando e enfim. [...] antes a gente costuma ir uma vez no mês. Agora a gente tá indo de quinze em quinze dias. Mais frequente – não com todo mundo, mas com família, amigos mais próximos, a gente vê de quinze em quinze dias.

Os recifenses relatam alta frequência de visitas realizadas e relativamente alta frequência de visitas recebidas. A I3 inclusive aumenta a frequência em que recebe e realiza visitas com pessoas de sua cidade natal, aumentando as viagens que realiza de mensais para quinzenais. A I2 também viaja quinzenalmente e I1 visita sua cidade natal a cada três ou quatro meses. No caso dos informantes paulistas, a frequência e regularidade das visitas é comparativamente menor:

E (coleta 1) – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I4 (16.4%) – Eu recebo visita uma vez a cada dois meses mais ou menos, porque o paulista adora praia e agora eu sou a pessoa que mora na praia, então vem muita gente pra a minha casa. É, eu já recebi muita gente de férias no meio do ano, assim, a pessoa não pergunta se eu posso receber ela em setembro, ela só fala “eu tô indo no meio de setembro” e aí eu tenho que parar a minha vida pra receber. Mas eu acho que agora a tendência é dar uma diminuída porque não é mais novidade, né? Eu fui a São Paulo uma vez só e eu acho que essa vai ser a minha média mesmo, uma vez por ano, que eu vou visitar minha cidade natal. [...]

I5 (7.7%) – Receber visita eu acho que seria duas, três vezes por ano, digamos assim, mais ou menos. [...] O pessoal ainda não conseguiu se organizar. Muita gente falou que quer vir, mas pouca gente conseguiu efetivamente se organizar. [...] Meus pais vieram duas vezes e minha tia veio uma vez, e meu parceiro que não morava aqui e agora mora. [...] Eu fui duas vezes. Eu vou no natal... eu acho que vou sempre no natal. [...]

I6 (21.5%) – Eu não recebo visita do pessoal da minha cidade natal, não. O tempo que eu tô morando aqui, já vão seis anos e meio, eu recebi visita de amigos de outros lugares do Brasil, mas não da minha cidade. Minha família, por exemplo, nunca veio me ver. Minha mãe tá planejando vir nas férias dela pela primeira vez. [...] Eu vou pra lá uma vez por ano e fico lá as férias inteiras. A última vez eu fiquei trinta dias de férias e fiquei vinte e oito dias lá. [...]

I7 (18.3%) – [...] meu irmão, ele foi pra São Paulo esse final de ano, porém eu só fui ano retrasado [...] somente uma vez. [Não recebo visitas].

E (coleta 4) – Atualmente, qual a frequência em que você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I4 (22%) – [...] Visitar eu vou uma vez ao ano pra São Paulo. A minha mãe vem uma vez ao ano pra cá. O meu pai vem mais, umas cinco, seis vezes por ano, porque ele acaba vindo a trabalho [...] mas é muito rápido. E eu recebo amigos com alguma frequência, assim... quatro, cinco vezes no ano, mais ou menos. A cada dois meses aparece um paulista aí assim pra vir fazer uma visita.

I5 (11.5%) – Eu não recebo visita. Eu recebo, sei lá, minha família vem a cada seis meses, digamos assim, mais ou menos. Mas só a família, amigos não.

E – Você tem ido pra lá?

I5 (11.5%) – Uma vez por ano.

I6 (19.6%) – [...] Desses quase oito anos que eu moro aqui, eu recebi quatro pessoas... quer dizer, recebi pessoas quatro vezes.

I7 (73.3%) – [...] a última vez que eu visitei foi em julho do ano passado... e... agora em julho os meus avós vêm pra cá.

E – Qual foi a última vez que alguém veio visitar?

I7 (73.3%) Não lembro. Faz muito tempo.

Os informantes paulistas relatam, em geral, visitas esporádicas à cidade natal (em média, uma vez ao ano) e pouca ou nenhuma recepção de visitas de lá. A I4 é a exceção, com fluxo mais intenso de visitas, inclusive de amigos, e contato mais frequente com familiares. Já os informantes 5, 6 e 7 mantêm contato remoto com familiares, mas descrevem relações presenciais pouco frequentes, com longos intervalos entre visitas recebidas ou realizadas. Hoje, por meio da tecnologia, o contato com familiares e amigos não se perde totalmente, mas, como mencionado, a distância geográfica pode ser tanto um fator inibidor ou favorecedor da acomodação dialetal. No entanto, há também maior distância cultural no caso dos paulistas, o que tende a ser um fator inibidor.

Assim, os paulistas que compõem o corpus desta pesquisa enfrentam um triplo desafio: além de residirem, em média, há menos tempo em João Pessoa, carregam traços culturais mais distintos e trazem um repertório fonético-fonológico mais distante do padrão local e um sistema de valores sociolinguísticos que muitas vezes os leva a valorizar traços de sua própria variedade como mais prestigiados ou corretos. A distância do repertório fonético-fonológico dos paulistas em relação ao padrão local pessoense e as barreiras que isso pode gerar ficam evidentes nos relatos a seguir:

E (coleta 5) – Você já passou por alguma situação em que sentiu dificuldade em se comunicar (entender ou ser entendido/a) com alguém em João Pessoa?

I5 (11.1%) – Aconteceu os dois. Eu só não lembro a situação, mas eu lembro que foram situações recorrentes e aí... tanto que foi antes... é que teve uma transição, assim. Quando eu tava fazendo as aulas e frequentando os espaços de forró a maior parte das pessoas que eu conversava eram paraibanos, né, então eu

fui aprendendo e tal, porque eu perguntava pros meus amigos: ‘eu falei isso, o que que a pessoa entendeu?’. Aí tipo, a pessoa entendeu outra coisa e era completamente diferente do que eu tava falando. E aí eu fui aprendendo a ser um pouco mais delicada talvez, menos direta; só que não é o meu jeito, entendeu? Eu gosto de ser mais... sabe? Foi uma coisa meio natural assim, eu fui me aproximando das pessoas de São Paulo, podia ser direta e não tava ofendendo ninguém sendo do jeito que eu sou, então aconteceram várias vezes, mas enquanto eu tinha os amigos mais próximos paraibanos eu tinha um tradutor (risos).

I7 (77.3%) – O pessoal fala muita gíria.

E – Além das gírias, há algo mais que afeta o entendimento?

I7 (77.3%) – Sim! Nossa, muito, muito! O pessoal aqui fala muito rápido! Muito rápido!

E (coleta 6) – Você considera alguns dialetos, falares ou sotaques mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

I7 (65.2%) – [...], logo que eu cheguei aqui eu tinha muita dificuldade porque o pessoal aqui fala muito rápido. A gente que é paulista não, a gente não fala rápido. A gente fala de uma forma que dá pra entender, né? É tudo muito explícito, bem detalhado. E aqui o pessoal fala muito rápido.

A I7 reforça também um ponto que se relaciona com o status de prestígio da variedade paulista:

E – O que você acha da sua forma de falar?

I7 (65.2%, coleta 6) – Eu acho mais fácil de entender, né? Tô acostumada, também, né? Eu acho que a minha forma de falar é mais amplamente divulgada. Porque geralmente a gente vê em novela o sotaque paulista; música... [...] eu gosto da minha forma de falar, eu gosto do meu sotaque.

Essa percepção do próprio sotaque como claro, objetivo, amplamente divulgado, ou correto pode contribuir para uma menor disposição à acomodação, mesmo quando o contato é duradouro.

Os dados parecem indicar que, entre os recifenses, a acomodação ocorre com frequência mais elevada, ainda que sem anular os traços identitários regionais. Os recifenses expressam orgulho de suas origens em toda sua complexidade, incluindo a forma de falar, mas essa mostrou-se permeável às mudanças, apesar das fortes raízes identitárias carregadas por eles. A maior ocorrência entre os recifenses pode ser parcialmente atribuída a uma conjunção de fatores favoráveis, como tempo médio de exposição mais alto e maior similaridade fonológica com o dialeto pessoense. Já os paulistas, diante de uma situação de maior distância linguística e identitária, apresentam comportamento um pouco mais conservador em relação à convergência.

4.7 ATITUDES LINGUÍSTICAS NA ACOMODAÇÃO: JULGAMENTO E PRESTÍGIO

As entrevistas revelaram atitudes dos informantes em relação à própria fala e ao modo de falar dos outros. Em muitos casos, essas atitudes se manifestam como valorações explícitas do próprio sotaque, reconhecimento de julgamentos sociais sofridos ou percebidos, e tensões entre identidade, prestígio e expectativa de adequação linguística.

Entre os recifenses, observa-se um padrão de afirmação identitária e orgulho em relação ao sotaque. A I2, por exemplo, relata que seu modo de falar é frequentemente alvo de comentários, mas demonstra valorização positiva da sua variedade:

E – Alguém já a/o julgou dessa forma?

I2 (32.4%, coleta 6) – Não que eu lembre. Eu só disse a tu, já das outras vezes, que às vezes ficavam rindo do meu sotaque. Às vezes riam porque achavam bonitinho... mas eu não... é minha raiz, é meu sotaque, pode rir aí à vontade.

De modo semelhante, I1 (51%) tende a minimizar a carga negativa desses julgamentos, caracterizando-os mais como estranhamento do que como crítica efetiva:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam? De que maneira(s)?

I1 (51%, coleta 6) – Rapaz, julgadas não. Só estranham mesmo. Mas julgar, julgar não. É um estranhamento só de tirar um riso, de uma puxada de um “s”, algo assim, mas julgar por causa do sotaque não.

Entretanto, previamente, ao longo das coletas, a mesma informante menciona episódios em que sentiu sua fala como um marcador de diferença social, o que pode indicar uma tentativa de relativizar experiências de exclusão por meio de uma postura discursiva mais afirmativa.

E – Você considera que se tornaram mais frequentes situações de elogios e/ou preconceitos após sua vinda para João Pessoa?

I1 (57.1%, coleta 3) – Acho que sim, porque... não só em relação a João Pessoa, mas à Paraíba, né? Como eu era de fora, então, eu não enxergava nada desse

tipo. Inclusive achava que meu sotaque era normal. Aí quando mudei de região, começaram a falar que – não só eu como pernambucana, mas tinha uns dois ou três pernambucanos também na minha sala de aula na graduação – e o pessoal destacava que a gente tinha um sotaque, que a gente puxava o “s”. E eu nunca reparei. Pra mim o paraibano fala igual; no meu ouvido, e não só no meu, mas... todo mundo fala igual aqui na Paraíba. Eu não vejo diferença. Só que o paraibano vê a diferença na gente. [...] o paraibano enxerga o nosso sotaque diferente.

E – Você chegou a observar elogios ou formas de preconceito em relação ao sotaque?

I1 (57.1%, coleta 3) – Sim. Tentar corrigir.

E – Esses comentários que você acabou de falar sobre o “s”, são de natureza mais neutra, ou são negativos ou positivos?

I1 (57.1%, coleta 3) – Então, antes eu enxergava um pouco de preconceito, mas hoje em dia não. Até porque as pessoas que eu convivo já se acostumaram e não comentam mais, né? Mas, por exemplo, meu esposo já sente mais, porque ele é mais corrigido no trabalho.

Entre os paulistas, percebi uma maior ambivalência nas atitudes frente ao modo de falar. Em algumas falas, há o reconhecimento de que a fala paulista é associada a prestígio e clareza comunicativa. No que diz respeito a isso, a I7 afirma, como já anteriormente destacado:

E – O que você acha da sua forma de falar?

I7 (65.2%, coleta 6) – Eu acho mais fácil de entender, né? Tô acostumada, também, né? Eu acho que a minha forma de falar é mais amplamente divulgada. Porque geralmente a gente vê em novela o sotaque paulista; música... [...] eu gosto da minha forma de falar, eu gosto do meu sotaque.

A I5 relata ter sofrido julgamentos por ser paulista e afirma que isso foi motivo de incômodo no início da sua estadia em João Pessoa:

E – O que mais você destacaria em relação a experiências vivenciadas na cidade?

I5 (9.1%, coleta 2) – Acho que João Pessoa, assim... pontos positivos pra mim: forró. Adoro forró, adoro todos os rolês de forró [...] negativo é que todo mundo cobra mais de mim porque eu sou paulista [...] eu já peguei o jeito, mas no começo era muito chato; “eu trabalho, eu moro aqui, parem”. Eu acho que isso é uma experiência que você só tem sendo de fora, ainda mais sendo paulista, e eu sei que é por ser paulista. O pessoal tem uma visão que a gente que é de São Paulo tem muito dinheiro; a gente não tem muito dinheiro não, eu não sei de onde eles tão tirando isso... recebe mais mas se gasta muito mais.

O falar paulista, embora percebido como de maior prestígio em contextos nacionais, pode ativar mecanismos locais de rejeição ou resistência identitária, especialmente quando vinculado a estereótipos socioeconômicos.

A I5 oferece um exemplo claro de oscilação entre afirmação da própria variedade e tentativas de acomodação linguística para se inserir melhor no grupo e em alguns casos inclusive por conforto na articulação. Em sua fala, destaca-se uma tentativa deliberada de ajustar a pronúncia ao padrão local, como já mencionado previamente. Isso demonstra uma tentativa consciente de adaptação, assim como uma avaliação fonético-afetiva das variantes, indicando que o conforto articulatório também pode interferir na escolha linguística. Ao mesmo tempo, essa mudança é temporária e parcialmente rejeitada, revelando uma tensão entre desejo de pertencimento e manutenção da identidade original.

Os dados qualitativos sugerem, assim, que o julgamento social da fala, seja ele expresso abertamente ou internalizado, atua como mediador entre atitude e acomodação. Quando a fala é percebida como alvo de discriminação, seja por classe, escolaridade ou origem regional, o falante pode adotar uma postura de resistência, reforçando sua própria variedade, ou pode buscar formas de acomodação, voluntária ou inconsciente. A fala da I4 sintetiza essa visão crítica dos julgamentos linguísticos:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam? De que maneira(s)?

I4 (28.3%, coleta 6) – Acho. Eu acho que a gente ainda é uma sociedade que tem muito preconceito com algumas coisas, assim. Quando, por exemplo, a pessoa fala errado, tem problemas de concordância, de plural, de conjugação de verbo, por exemplo, a pessoa já é tido como ignorante, burra, ou pobre, ou de uma classe inferior. Acho que a gente ainda tem algum preconceito nesse sentido. Eu acho, de uma maneira um pouco mais sutil talvez, mas a gente ainda tem muito preconceito com sotaques, também. Acho que aqui na Paraíba talvez menos, mas, por exemplo, em São Paulo, em relação ao sotaque paraibano ou nordestino no geral, há algum preconceito sim. Algum tipo de julgamento, né? Acho que sim, infelizmente ainda vivemos em uma sociedade que julga muito a forma com que a gente fala.

As entrevistas também revelam que as atitudes linguísticas dos informantes se transformam em resposta a experiências vividas e níveis variados de inserção sociocultural. Como já mencionado, a I1, por exemplo, inicialmente relatava perceber sua forma de falar como alvo de correções e estranhamento, mas com o tempo passou a perceber isso de forma diferente. A I5 também ilustra essa dimensão temporal ao relatar

uma oscilação emocional e identitária vinculada à sua inserção em espaços socioculturais locais, como o forró, cuja presença ou ausência modulava seu sentimento de pertencimento:

E – Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?

I5 (11.1%, coleta 5) – Quando cheguei eu me apaixonei muito pela cidade, por tudo, foi uma coisa muito louca. E aí eu comecei a fazer aula de forró pouco tempo depois, assim, foi uns dois meses depois que eu cheguei. E aí, enquanto eu tava fazendo aula de forró e frequentando os espaços eu me sentia mais conectada. E aí, quando eu comecei a parar de dançar, comecei a diminuir, tal... voltei a ficar um pouco mais introspectiva, eu comecei a sentir distanciamento, assim. Por isso eu acho que o forró foi o que mais me marcou. Porque eu me sentia parte, de certa forma, quando eu tava indo dançar, conhecendo gente. E aí quando eu me retirei desse espaço eu me senti completamente deslocada. Não consegui encontrar outro lugar que me fizesse sentir assim... em relação à Paraíba, né?

A I7, por sua vez, reconhece que no início tinha preconceitos com relação à cidade e à cultura local, mas afirma que isso foi gradativamente se reduzindo ao longo do tempo, sendo hoje mais receptiva e mais bem adaptada:

E – Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?

I7 (77.3%, coleta 5) – Sim, com certeza. Logo que eu cheguei aqui, acho que por conta de algumas experiências logo de cara, eu era muito preconceituosa. Eu tinha um preconceito, assim... enquadrava os paraibanos num quadro geral, por conta de algumas pessoas. Hoje em dia eu sou mais receptiva. Eu também tinha muito preconceito porque assim, eu falava “ah, é Nordeste, cidade pequena, interior”. Hoje em dia não; hoje em dia eu gosto mais da cidade. [...] Eu fui chegando, fui conhecendo o lugar, fui me adaptando, que é muito importante. Me adaptando ao estilo de vida, como as pessoas viviam aqui; peguei algumas coisas pra mim, algumas coisas eu não quero pegar. Mas, fui aceitando mais, foi bem gradativo. Comecei a ir pra igreja, comecei a ter um círculo de pessoas ali mais íntimas de se ver toda semana.

Essa fala da I7 indica um progresso atitudinal que pode influenciar positivamente a acomodação linguística e pode explicar por que os índices observados na fala dela saltaram de 18.3% para 51.2% da primeira para a segunda coleta, aumentando ainda mais posteriormente. Essas trajetórias aqui descritas sugerem que atitudes linguísticas são construídas e se ajustam com o tempo, também influenciando de forma direta ou indireta as oscilações observadas no processo de acomodação linguística.

Nesse contexto, é possível compreender por que a acomodação dialetal não ocorre de modo homogêneo entre os informantes, uma vez que está diretamente relacionada às atitudes que os falantes constroem sobre sua própria fala, sobre a fala dos outros e sobre as expectativas sociais associadas a esses modos de falar. Essa camada atitudinal é especialmente relevante quando relacionada à variável estatística “contexto fonológico posterior”. Como discutido na seção 4.1, a pausa cria um espaço de maior monitoramento linguístico e é especialmente nesses momentos que os falantes, ao se perceberem julgados ou desejando aceitação, tendem a operar ajustes articulatórios mais próximos das variantes locais.

4.7.1 Atitudes afetivas na acomodação: vínculos interpessoais e espontaneidade

Além da influência das atitudes conscientes frente ao prestígio linguístico ou ao julgamento social, os dados qualitativos revelam uma dimensão frequentemente invisibilizada nos estudos de variação e mudança: a acomodação linguística motivada por laços afetivos. Esse tipo de acomodação não decorre, prioritariamente, de uma busca por aceitação social ou de monitoramento linguístico estratégico, mas emerge de forma espontânea, impulsionado por vínculos emocionais, convivência cotidiana e identificação com os interlocutores.

O caso do I6 é um bom exemplo disso. Em sua fala, ele explicita que incorporou elementos linguísticos locais não por imposição nem por desejo de apagar sua origem, mas por proximidade afetiva com pessoas e lugares que passaram a fazer parte da sua vida:

E – Há algo específico de que você gosta na sua forma de falar?

I6 (44.6%, coleta 6) – Eu acho que eu gosto como eu congreuei, aglutinei, sei lá... trouxe pra mim algumas expressões e sons que eu acho bonito, de lugares que eu gosto. Acho que quando eu uso o diminutivo é muito parecido com o que meus amigos de Minas Gerais usam – a maneira que eles usam. Eu acho que algumas coisas daqui de João Pessoa eu acabei incorporando. E não é consciente, mas depois que alguém aponta eu começo a perceber que é verdade, que nem o “oxe”, que nem o “di”, em alguns casos. E eu nem sei determinar o porquê sai em alguns e não sai em outros. Acho que é isso. Acho que eu gosto disso, dessa mistura, porque me parece resultado dos afetos que eu tenho, pensando nas pessoas de onde vem, as pessoas que eu gosto, e coisa assim.

O uso de expressões como “oxe” ou marcas suprasegmentais locais ganha função relacional, funcionando como sinal de reconhecimento e reciprocidade com o grupo de convivência. Trata-se de uma convergência linguística motivada mais pela solidariedade interpessoal (como propõe a CAT) do que por necessidade de adequação a uma norma dominante. Esse tipo de acomodação, muitas vezes parcial e situacional, tende a se manifestar em momentos de menor formalidade, maior intimidade ou maior investimento emocional na interação. Isso a distingue da acomodação mais consciente e estratégica, em que há maior autocontrole da fala e preocupação com a performance linguística.

Além disso, a acomodação afetiva pode operar em paralelo a uma valorização explícita do próprio sotaque. Os mesmos informantes que relatam incorporações espontâneas de elementos locais afirmam gostar de sua forma de falar, como no caso de I5 e I6, o que mostra que a convergência linguística não implica, necessariamente, um apagamento identitário.

Resumidamente, os dados indicam que a acomodação pode ser também um gesto relacional e afetivo, que reforça o pertencimento ao grupo sem apagar a origem. Esse tipo de acomodação normalmente escapa o controle consciente do falante, se manifestando mais comumente em situações de interação espontânea e relaxada. A linguagem comunica e conecta emocionalmente os sujeitos e reconhecer isso possibilita ampliar a compreensão acerca do fenômeno de acomodação dialetal.

Portanto, os dados mostram que as atitudes linguísticas, sejam elas motivadas por fatores de prestígio e julgamento ou laços afetivos, definem as condições para que a acomodação ocorra ou seja evitada. Conscientemente ou não, ao incorporar julgamentos, valores afetivos e ideologias linguísticas, os informantes constroem performances fonológicas que expressam mais do que som: expressam pertencimento, resistência, empatia ou rejeição identitária.

4.8 IDENTIDADE LINGUÍSTICA E PERTENCIMENTO

A construção da identidade linguística dos informantes se manifesta, nas entrevistas, como um processo dinâmico e multifacetado, em que os modos de falar são marcadores identitários em trânsito, oscilando entre a valorização da origem e a tentativa

de inserção no novo espaço social. Entre os recifenses, é notável o reconhecimento da marca linguística como um sinal identitário fortemente vinculado ao lugar de origem. A I1, por exemplo, destaca o ritmo e a intensidade do falar pernambucano como traços distintivos e valorizados:

E – Você considera alguns dialetos, falares ou sotaques mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

I1 (51%, coleta 6) – Com certeza. Eu acho que aqui na região do Nordeste, eu acredito que é uma linguagem muito mais difícil pra se compreender do que pra quem é de fora. Por exemplo, temos mania de sempre estar contradizendo. Por exemplo, temos mania de sempre estar contradizendo. Você pergunta ‘tu vai sair hoje?’, aí eu digo ‘vou não’. Pessoas de outro estado não diriam ‘vou não’, o positivo na frente e o negativo em seguida. Isso é uma marca forte do nordestino.

E – E mais bonitos ou melhores?

I1 – Pernambucano, lógico.

E – O que você destaca no falar pernambucano?

Primeiro o ritmo que a gente fala. A gente não fala normal, é porque tem uma proximidade entre a Paraíba e Pernambuco, mas pra quem é de estado mais distante consegue identificar um ritmo. E eu acho também a intensidade. A gente puxa o “s” porque a gente bota muita intensidade no “s” que vira o “x”. A intensidade das sílabas ditas por um pernambucano é muito mais forte, muito mais intensa, e consequentemente muito mais bonita.

Em sua fala, ela se posiciona de forma a demonstrar forte orgulho e uma afirmação positiva da identidade linguística de origem, ainda que essa marca a diferencie dos falantes locais e a torne constantemente identificável. Inclusive, ela relata utilizar uma camisa de seu estado, sinal evidente de seu orgulho:

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I1 (51%, coleta 6) – Sim, direto. O povo já diz: “pernambucana”; “você é de Recife”, “você é pernambucana”. / Eu acho que justamente por causa do “s”, porque eles sempre falam que a gente puxa demais. A primeira coisa que identificam é esse “s”. Inclusive hoje estou com a camisa de Pernambuco. Encontrei uma pernambucana na academia, agora [...] por causa da camisa, aí já há uma identificação.

A I3, que também é recifense, menciona que acredita ter perdido um pouco de seu sotaque ao longo do tempo. Isso pode ser observado em seus índices de acomodação crescentes ao longo da pesquisa. Essa mudança, no entanto, não é associada a perda ou descaracterização identitária, mas a uma adaptação gradual, que anda em paralelo com a

manutenção de vínculos afetivos e culturais com Recife, conforme se evidencia em diferentes trechos das entrevistas.

Entre os paulistas, a construção identitária também se dá de forma complexa. A I5 relata experiências em que sua origem não é prontamente identificada, o que gera estranhamento e, ao mesmo tempo, liberdade para explorar novas formas de falar:

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I5 (5.3%, coleta 6) – Não. As pessoas achavam que eu era do Paraná. Eu achei muito engraçado a primeira vez que me falaram, aí depois de várias... tipo assim, aconteceram várias vezes, entendeu? Várias pessoas perguntaram se eu era do Paraná. E ninguém perguntava se eu era de Santo André, que é uma coisa meio específica, né?

Ela relatou tentar “falar mais paraibano”, movimento que demonstra uma flexibilidade identitária que não anula a origem, mas a relativiza, abrindo espaço para uma identidade linguística híbrida, influenciada pelo novo ambiente. Sua tentativa, a longo prazo, não se materializou, provavelmente em parte devido a certas dificuldades nas relações interpessoais em ambiente de trabalho e a sensação de deslocamento após descontinuar as aulas de forró, nas quais ela se sentia mais conectada.

Já a I4, ainda que demonstre identificação com a nova cidade, relata não conseguir passar despercebida como uma pessoa local, o que a mantém, em certo sentido, em posição de estrangeira, ainda que, de acordo com seus relatos, isso não a incomode:

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I4 (28.3%, coleta 6) – Eu não sei se todas as pessoas identificam de onde eu sou pela maneira que eu falo, mas no geral, as pessoas identificam que eu não sou daqui no primeiro bom dia que eu dou pra elas. Eu não tenho muita facilidade de passar despercebida como uma forasteira. / Uma coisa que eu percebo muito – inclusive uma vizinha minha já me falou isso – é esse “dʒi”; o bom dia... eu acho que isso é muito marcante. O “r” também, né? E eu nem falo “po[r]ta”, mas “po[r]ta”... só esse “r” também é mais fácil de entender. Acho que o ritmo de fala também, a velocidade, as entonações, acredito que seja isso. Mas uma coisa que eu reparo muito é o “dʒi” é onde eu me entrego, assim, com certeza.

O I6 sintetiza bem o caráter afetivo e processual da identidade linguística em situação de contato. Ele reconhece que sua forma de falar passou a incorporar expressões e sonoridades locais, mas sem perda de sua referência paulista. Sua fala é particularmente reveladora, pois mostra que a acomodação linguística pode ser, ao mesmo tempo, um marcador de pertencimento local e de preservação da memória afetiva de outros lugares. O uso de formas como “oxe” ou “di” não é imposto, mas adotado com base em relações interpessoais significativas, o que posiciona o fenômeno na esfera da construção da identidade.

Mudanças identitárias também podem ser observadas por meio da adoção de costumes locais ou imersão na cultura local. Todos os informantes paulistas relatam ter mudado hábitos alimentares em algum nível, passando a consumir alimentos típicos da região (cuscuz, queijo coalho, tapioca, etc.). Alguns dos informantes (1, 2, 4 e 6) mencionam frequentar, em diferentes níveis, os teatros locais e expressam gostar das experiências, buscando, muitas vezes, torná-la mais frequente. A pergunta que apresento a seguir exemplifica mais algumas situações em que os informantes percebem mudanças identitárias a partir de questões culturais locais:

E (coleta 5) – Quais são algumas das coisas que você mais gosta na cultura local de João Pessoa? Alguma delas teve um impacto significativo na sua identidade?

I1 (53.2%) – Eu acho que uma das coisas é palavrão. Não é muito comum os paraibanos falarem palavrão assim como se fosse um bom dia e pernambucano fala muito mais palavrão. Então, quando eu cheguei aqui eu era uma boca podre. Palavrão um atrás do outro, porque é mais comum. [...] Aí, depois de um tempo, já depois de um ano aqui... pessoas que tiveram contato comigo desde o início da minha chegada falaram: “ah, tu parou mais de falar palavrão”, “tu diminuiu”. Tanto aí ó, eu tô trocando por “pinóia”. [...] e eu acho uma cultura, querendo ou não... depende do lugar, porque você tá irado e não solta um palavrão pra mim já não é normal (risos), mas no dia a dia assim é tranquilo e eu acho que é até um respeito pelo próximo. Um respeito que tá se perdendo aos poucos, mas que ainda persiste.

I2 (24.3%) – Acho que o artesanato aqui é muito forte. Acho que eu já tinha falado isso, né? A questão da festa junina que eu gosto muito. Então, aqui é bastante forte. Aqui é o São João e lá em Pernambuco é o carnaval, né? / Essa parte dessa cultura do forró, dessas coisas aqui eu gosto demais. E a parte de artesanato, na praia mesmo, quando vou na praia eu fico encantada ali. Eu saio olhando tudo... eu gosto de comprar também (risos).

I3 (66.7%) – Eu acho que a coisa mais forte que eu vejo assim de João Pessoa é essa cultura da praia. Né? De uma coisa de... temos um litoral aqui na cidade muito bom e qualquer praia que você for vai ser boa. E tem essa coisa de ir à praia e ter gente fazendo múltiplas atividades. Ou estando na praia, ou correndo, ou bebendo. Eu acho que isso é uma coisa muito positiva, porque é a vida da cidade, ali naquele pedaço de praia e essa forma de lidar com a praia... de valorizar a praia... que é uma coisa que em Recife a gente não tem por conta de ataques de tubarão, enfim. Eu não lembro nem a última vez que fui em Boa

Viagem nem pra molhar os pés, sabe? Então (risos), enfim, eu acho que isso mudou bastante essa relação minha com a praia. Eu gosto muito de praia, mas não sou uma assídua frequentadora. Mesmo morando aqui em João Pessoa e sendo uma cidade de praia que me proporciona isso, não era um local que eu ia com frequência [...] pelo distanciamento que eu tinha com a praia por conta de Recife e tubarões, meio que me aproximou, assim, né, de tipo: eu gosto de praia, gosto de ir à praia, gosto de tomar um sol, tomar um banho de mar, ficar ali e tal. Que antes não era uma coisa que eu curtia. Era de vez em quando e incorporei em mim essa coisa meio praieira, assim... que estando em João Pessoa eu gosto de fazer e as pessoas que vêm aqui ou que a gente combina rolê, é sempre ir à praia.

I4 (8.9%) – Comida, primeiro de tudo. Eu amo a comida daqui. Apesar de ter algumas diferenças e às vezes estranhar algumas coisas, eu adoro a comida daqui. Eu gosto de algumas coisas que são muito singelas, assim, sabe? Por exemplo, eu tava observando como as pessoas aqui são mais relaxadas e descontraídas, menos tensas e menos preocupadas com a coisa do se vestir, por exemplo. Em São Paulo parece que a gente tá sempre meio tenso como tem que se vestir, que as coisas têm que combinar, que você tem que passar uma mensagem. Aqui as pessoas são mais tranquilas, uma camiseta, uma bermuda, uma sandália [...] eu acho maravilhoso porque eu sempre me desencaixei em São Paulo nisso. Eu nunca tive muita paciência pra essa coisa de ficar elaborando uma roupa. Eu quero estar confortável, e acho que aqui as pessoas valorizam muito mais isso, eu acho tão legal. Eu gosto do fato das pessoas conversarem no ônibus, conversarem na fila. Eu acho que é um povo mais aberto, mais descontraído, menos tenso, assim, mais relaxado mesmo. Não relaxado de desleixado, mas relaxado de boa mesmo, de não ter essa “fritação” (risos).

E – Você pode fazer uma relação mais direta de como isso afetou sua identidade?

I4 – A parte do vestir, eu me sinto muito mais em casa da forma como eu me visto e menos cobrada de ter que estar, nossa, combinando, enfim, [...] hoje na cozinha mesmo, e cozinha é uma coisa bem importante pra mim, [...] eu pratico na minha casa hoje uma cozinha muito híbrida, assim, sabe? Eu trago muitas coisas e receitas e ingredientes e produtos e sabores que são da minha terra, mas eu misturo com coisas daqui, sabe? E isso com certeza transformou minha identidade e não importa onde se vou continuar em João Pessoa quando o doutorado acabar. Eu acho que vou acabar levando isso pra onde quer que eu vá. [...] Essa forma mais descontraída de se vestir. Esse jeitinho mais simpático de cumprimentar o vizinho, de passar e perguntar do cachorro da dona Maria [...] é o tipo de coisa que eu nunca fiz em São Paulo. Eu morei anos no mesmo prédio e eu não sei o nome dos meus vizinhos de porta [...] e aqui eu sei o nome de todos os vizinhos [...] então isso de fato mudou a minha identidade de alguma maneira. Pra melhor, eu acho.

I5 (11.1%) – O que eu mais gostei foi o forró. De longe, disparado. Eu sempre gostei de forró, eu sempre quis aprender a dançar, mas eu sempre fui muito tímida. E aí, em João Pessoa eu aprendi a dançar e surpreendentemente eu tive mais facilidade do que eu achava que teria, então descobri uma nova habilidade, sabe? Percebi que tenho mais habilidade corporal do que eu achava. Tipo, agora me deu vontade de aprender outras danças, que é uma coisa que nem passava pela minha cabeça.

I6 (50.7%) – Se a gente for pensar cultura como música, teatro, arte em geral, eu diria que não mais do que a cultura que eu tava cercado antes. Mas, se a gente pensar cultura como a maneira de se fazer repetidas coisas e tudo mais... aqui, quando eu vim pra cá, eu vi que eu mudei muito na maneira em que eu lido com o tempo e isso se deve à cidade. Então se a gente pensar a maneira com que vocês lidam com o tempo como algo cultural como a gente olha pro ritmo, assim, pra a vida mesmo do cotidiano, tem uma influência muito grande. De desacelerar, de opa... não precisa ser tão rígido, tão burocrático, tão chato. E eu

acho que isso tem a ver com cultura. Eu acho que eu sou muito mais calmo agora do que eu era.

I7 (77.3%) – Eu gosto da comida. Tem muita coisa que eu não comia em São Paulo, cheguei aqui não comendo mas que hoje eu como; cuscuz, eu não comia cuscuz.

E – E você acha que voltando pra São Paulo você continuaria fazendo cuscuz?

Faria, faria. Carne de bode, eu detestava. Hoje em dia eu como. Tomar café; o pessoal aqui tem café da manhã farto: é cuscuz, é carne cozida. Eu não comia. Hoje em dia, não como tão pesado, mas eu tomo café da manhã, que não é um costume que a gente tem tanto em São Paulo. Lá o pessoal acorda muito cedo, então...

Nesses relatos há indícios claros de reconstrução identitária ao longo do tempo. Um relato bastante explícito quanto a isso se encontra na fala da I4, que passa a se ver como alguém “menos paulista” com o passar do tempo, sentindo-se mais alinhada com o modo de vida local, e até nas práticas alimentares ela reconhece um hibridismo afetivo-cultural:

E (coleta 5) – Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?

I4 (8.9%) – Cada dia que passa eu sou um pouco mais paraibana e menos paulista. Eu não sei se isso é possível, mas eu sinto isso assim, sabe? Um pouco mais adaptada às coisas da terra – os horários, a rotina, a forma de viver. [...] Eu me sinto cada vez mais em casa e isso é um processo gradual, com certeza.

I6 (50.7%) – Eu não percebi nenhum pico; a partir desse acontecimento mudou. Mas olhando agora eu vejo que sou bem diferente de como eu era. Tanto em coisas cotidianas, assim, de como armazenar alimento, quanto do que comer – cultura alimentar também, né? Mudou demais. E são mudanças que a gente vai absorvendo e não percebe. Quando a gente para e olha pra trás e compara fica muito visível.

Com base nos relatos apresentados, posso afirmar que a identidade linguística dos informantes não é uma entidade fixa, mas um campo de negociações contínuas entre origem e destino, entre prestígio e afeto, entre marcação e apagamento. A convergência linguística, portanto, não deve ser interpretada como sinal de apagamento identitário, mas como um dos modos possíveis de enraizamento e construção de pertencimento linguístico no novo local em que o sujeito está inserido.

4.9 SÍNTESE INTERPRETATIVA DOS RESULTADOS

A análise qualitativa das entrevistas, articulada aos resultados da análise estatística, elucida muitas questões e permite compreender a acomodação dialetal como um fenômeno multifatorial, que emerge da interação entre fatores linguísticos e extralinguísticos. Embora a influência de cada variável na fala de cada informante seja diferente, cada uma dessas tem seu papel em moldar o grau e a direção da acomodação linguística.

A análise quanti-qualitativa dos dados mostra que a acomodação dialetal se deu em zonas específicas da fala em que o controle articulatório é mais evidente, como nos contextos de pausa. É nesses momentos, muitas vezes associados à reformulação sintática ou retomada do turno de fala, que os informantes parecem mais propensos a ajustar sua produção fonológica. Já no nível segmental, os dados indicam que traços de menor carga identitária, como o /S/ diante de /t/ e /d/, são mais facilmente acomodados, ao passo que variantes mais marcadas, como o /S/ palatal em coda, associado ao sotaque recifense, funcionam como resistências simbólicas à convergência.

Ao ser considerado longitudinalmente, o tempo de exposição se revela como vetor de transformação linguística. Informantes como I2 e I3 ilustram acomodações que não se dão de forma consciente, mas são percebidas ao longo dos anos por interlocutores antes mesmo de serem notadas por elas próprias. No entanto, as trajetórias de acomodação não são homogêneas e todos os informantes, em algum nível, apresentam oscilações nos índices entre as coletas. A trajetória dos falantes também mostra que o tempo, por si só, não garante convergência; níveis de inserção em redes de interação locais, deslocamentos geográficos, instabilidade de vínculos ou reconfigurações identitárias modulam seus efeitos. O tempo de exposição, portanto, opera como uma condição de possibilidade, que se realiza apenas quando entrelaçada a atitudes receptivas e inserções sociais consistentes.

Por fim, os dados revelam que, ao lado das estratégias conscientes de adaptação, há formas de acomodação motivadas por laços afetivos, que escapam à lógica do prestígio ou da vigilância. Em casos como o de I6, traços locais são incorporados não por desejo de corrigir a fala, mas por identificação emocional com pessoas, contextos e modos de vida. Acomodar, nesses casos, é também construir pertencimento. Assim, a acomodação linguística emerge como um fenômeno múltiplo, em que se cruzam pressões fonológicas,

trajetórias sociais e afetos compartilhados, compondo, no uso cotidiano da língua, diferentes formas de habitar um espaço por meio da fala.

A análise apresentada até aqui, de caráter essencialmente quantitativo, permitiu identificar padrões gerais e fatores linguísticos e sociais que condicionam a acomodação. No entanto, a própria natureza do fenômeno, atravessado por experiências subjetivas, afetos e trajetórias individuais, exige uma abordagem que enfatize a natureza qualitativa dos dados. As tendências observadas nas variáveis analisadas ganham sentido pleno apenas quando relacionadas às histórias de vida e aos percursos de inserção social de cada participante. Assim, no capítulo seguinte, volto o olhar exclusivamente para a dimensão qualitativa da pesquisa, buscando compreender de que modo cada sujeito, em sua singularidade, vivencia o processo de acomodação linguística e como essas experiências individuais dialogam entre si e com o conjunto dos resultados gerais.

CAPÍTULO V: ANÁLISE INTRA E INTERINDIVIDUAL

Neste capítulo, busco aprofundar a compreensão do processo de acomodação linguística dos participantes desta pesquisa, a partir de uma análise qualitativa de seus percursos individuais e interindividuais ao longo dos dois anos, desde o primeiro até o último ponto de coleta. Isso me possibilita trazer um olhar crítico para a individualidade de cada participante em sua trajetória, considerando as dimensões sociais, afetivas, identitárias e atitudinais que atravessam suas experiências linguísticas.

No capítulo IV, observei que a acomodação linguística se apresenta de forma crescente ao longo do tempo, porém não linear. As variáveis quantificadas na análise estatística apresentaram cada uma sua relevância, mas não são os únicos fatores em jogo no processo de acomodação. Como já discuti previamente, os aspectos relacionados à identidade e atitudes frente à diversidade linguística local e percepções sobre a própria fala têm papel crucial nesse processo. Também têm papel importante outros fatores extralinguísticos como o grau de contato com o dialeto de origem, inserção em redes sociais locais, dentre outros.

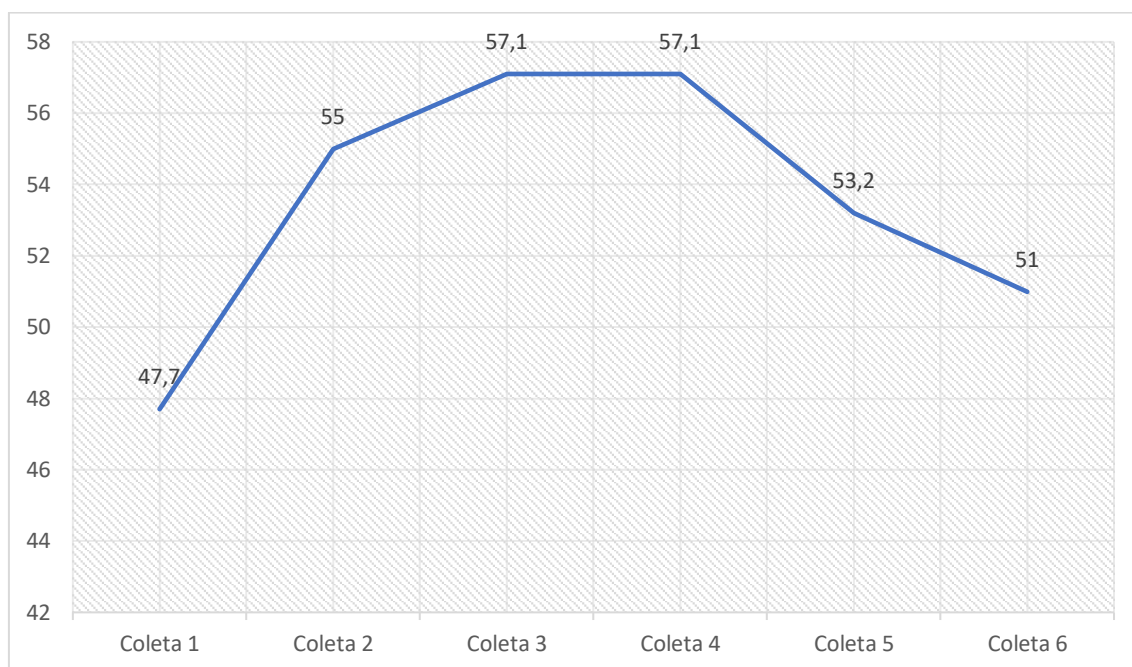
Sigo em ordem sequencial da I1 à I7, realizando um traçado dessa trajetória pessoal e suas particularidades, ao mesmo tempo em que, ao final de cada análise individual, busco realizar contrastes e comparações com os demais informantes da pesquisa.

5.1 ANÁLISE DA INFORMANTE 1 (I1)

A trajetória da Informante 1 apresenta um caso de acomodação linguística precoce e estável, com índices altos já na primeira coleta e variação mínima ao longo do tempo. Natural de Recife, a I1 tinha 26 anos no início da pesquisa e contabilizava dois anos de exposição ao dialeto pessoense, chegando a quatro anos ao final da última coleta. Seu índice de acomodação, que parte de 47.7% e chega a 51%, na última coleta, com pico de 57.1% na terceira e quarta coleta, demonstra um padrão linguístico fortemente convergente com o dialeto local desde os estágios iniciais da pesquisa, sugerindo que esse processo de acomodação foi inicialmente rápido, possivelmente iniciando logo após a

mudança para João Pessoa. O gráfico 6, abaixo, ilustra sua trajetória no que trata de seus índices de acomodação.

Gráfico 6 – Índices de acomodação da Informante 1



Fonte: Autor

Apesar de viver com o esposo, também recifense, e manter contato frequente com familiares e amigos da cidade natal, inclusive por meio de visitas regulares da mãe e conversas constantes, através de chamadas de voz, com a mãe e em redes sociais com amigos, a informante exibe um padrão fonético já bastante ajustado ao novo ambiente linguístico. Ao se mudar para João Pessoa, ela afirma ter morado, por um tempo, com outras pernambucanas. A manutenção do contato com esse repertório de origem, em termos de rede social, não parece ter operado como um obstáculo ao processo de acomodação, provavelmente devido à comunicação entre amigos ser realizada majoritariamente através de mensagens de texto, trocadas por aplicativos de comunicação digital; mas, o contato frequente por voz com a mãe, através de telefonemas, pode(ria) desacelerar o processo. Apesar disso, ela mantém índices altos de acomodação, o que parece indicar disposição individual à convergência e abertura à influência linguística do novo contexto.

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I1 (47.7%, coleta 1) – Pessoalmente eu vejo mais a minha mãe. Inclusive ela tá vindo pra cá quinta-feira. Ela vem de quatro em quatro meses... e revezamento também porque eu vou pra lá às vezes, né? Mas aí ela vem mais pra cá. Minha irmã que vem com ela, e acho que só. Não recebo muita visita não.

E – Você já possuía contato com paraibanos em sua cidade natal?

I1 (47.7%, coleta 1) – Não, nenhum, zero.

Sua chegada a João Pessoa ocorreu sem contato prévio com falantes da variedade local. Ainda assim, ela demonstra rápida inserção social, relatando ter sido bem acolhida, e uma postura de valorização das características da cidade. Desde a primeira coleta, reconhece positivamente aspectos como a tranquilidade e a qualidade de vida, mesmo que admita que, em Recife, os paraibanos fossem vistos com certo preconceito linguístico, como “matutos”. Esse reconhecimento crítico dos estigmas regionais de origem e a disposição em revisá-los refletem uma atitude favorável à diversidade e à integração social.

E – Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.

I1 (47.7%, coleta 1) – Olha, se eu for, é... (risos) tô refletindo sobre o que dizer, calma. Então, você é de onde?

E – Eu sou de Recife também, sabia?

I1 – Pronto (risos). Agora fico mais tranquila em dizer. Então, é porque a gente fala de paraibano na maioria das vezes pejorativamente, né? Então a gente considera como matuto. É como fosse um estado inferior. Quando a gente não tem o contato direto com aqui, né?

E – E agora que está aqui, o que acha?

I1 – Ah, totalmente diferente, porque a gente acaba conhecendo. É um ritmo diferente do de Recife, lógico, mas acredito que me surpreendeu positivamente, principalmente a qualidade de vida, sabe? O comportamento das pessoas que também são diferentes. Eu acho as pessoas aqui mais tranquilas, sabe? [...] Acredito que o pernambucano é mais fervoroso. Ele enfrenta mais, sabe? Dá mais cara a tapa. O paraibano parece que tem um receio de dar a cara a tapa. Inclusive outros amigos meus passaram um tempo aqui na Paraíba morando e perceberam isso porque quando vai uma disputa de vara, por exemplo, de um paraibano com um pernambucano, parece que o pernambucano é cobra criada, então tem uma disputa. Porque ele já tá acostumado com a briga, sabe, uma coisa, uma disputa, e o paraibano tá meio devagar ainda. Não que seja uma coisa ruim, porque quando a gente vai reparar né, parece que o paraibano é mais honesto e mais passivo”.

A visão estereotipada da Paraíba por parte da I1, que mudou depois de seu deslocamento para João Pessoa, contrasta com sua alta acomodação, indicando que mudanças atitudinais podem ter tido um impacto. Sua percepção da Paraíba mudou

positivamente, destacando a qualidade de vida e a tranquilidade da cidade. Essa mudança de atitude pode explicar seu alto índice de acomodação. Contudo, em sua fala, ela expressa a opinião de que o pernambucano é mais fervoroso; a forma com que ela conduz a comparação parece indicar que essa diferença seja algo com a qual ela não se identifica, potencialmente criando um distanciamento. Fica evidente também, em sua fala, o orgulho que muitos dos recifenses sentem em relação a suas origens; coisa que não parecer ocorrer em mesma intensidade entre os paraibanos:

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I1 (47.7%, coleta 1) – Posso dizer que eu gosto da tranquilidade. E também da maneira em que a cidade é planejada. Você chega em um bairro e não tem aqueles prédios, aquela coisa que ofusca o espaço. Mas culturalmente, eu sinto falta de algumas coisas, sabe? Por exemplo, de uma expressão maior de amar a cultura. Por exemplo, se você perguntar a um paraibano se ele sabe cantar o hino da paraíba, dificilmente ele vai falar que sabe o hino da Paraíba, e quando a gente diz que sabe o hino de Pernambuco eles se sentem surpresos. Tipo, “como assim você sabe o hino do estado?”. Aí a gente se surpreende com esse tipo de resposta, então acho que até nisso o pernambucano é mais fervoroso do que... eu sinto falta, por exemplo... outro exemplo, ficar torcendo pra time do Sudeste no futebol. Que isso me pega muito e me irrita muito [...] eu acho que falta o reconhecimento, a paixão do próprio pessoal da Paraíba.

Contudo, a relação afetiva com o novo espaço se consolida ao longo do tempo. Ela afirma não ter intenção de retornar a Recife, salvo por uma oportunidade profissional muito vantajosa, e descreve sua vivência em João Pessoa como acolhedora e satisfatória. Essa identificação positiva com o espaço de chegada está acompanhada de uma postura de autocrítica construtiva em relação à própria fala. Ela reconhece que sua fala ainda carrega traços pernambucanos, como o “s” puxado e o ritmo acelerado, manifestando desejo de ajustar a velocidade da fala para ser melhor compreendida em contextos de interação com falantes locais. Ainda assim, ela deixa claro que não quer perder a representação identitária de suas origens:

E – Você gostaria de falar como os pessoenses ou paraibanos? Por quê?

I5 (51%, coleta 6) – Não. Quer dizer, a única coisa que eu queria era justamente a velocidade. Não tão devagar não, tá? Mas um mediano, um equilíbrio (risos). Mas não... justamente porque eu gosto de me sentir representando o lugar de onde eu vim.

Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Acredita que sua fala já mudou? Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

I1 (51%, coleta 6) – Rapaz, eu moro aqui desde 2017, na Paraíba. E eu não modifiquei... só alguns termos que eu utilizo, mas em relação ao sotaque em si, não mudei. Já o meu esposo ele mudou, aí, enfim... vai de cada pessoa, né? Acho que porque conscientemente eu já deixo fixado... não fixado, mas enraizado, meu sotaque. Eu faço questão de não perder. Acho que é isso que faz a diferença. / Não. Só alguns termos, mas em relação ao sotaque, não. / Sim. Através de alguns vocábulos, né? Só alguns termos que eu utilizo.

No caso da I1, assim como as demais informantes recifenses (I2 e I3), é evidente que essa intenção de adaptação ao novo local, acompanhada dos ajustes em sua fala, se dão como estratégia de adequação comunicativa, e não por rejeição de sua identidade de origem. A I1 valoriza a inteligibilidade e o conforto do interlocutor como critérios importantes, o que reforça o entendimento de que sua acomodação se sustenta mais pela funcionalidade da linguagem do que por pressão social ou apagamento identitário. Como se evidencia em suas afirmações, expostas acima, ela acredita que seu sotaque não tenha mudado em seu tempo em João Pessoa. Contudo, no conjunto dos recifenses, a I1 se distingue por manter os índices mais altos e estáveis de acomodação desde o início da pesquisa, superando I2 e I3. Em comparação com os paulistas, seu padrão de acomodação é similar aos do I6 e da I7, mas com a particularidade de que sua acomodação ocorria em níveis mais altos desde mais cedo e se apresentou estabilizada ao longo do tempo, enquanto os demais apresentam trajetórias ascendentes.

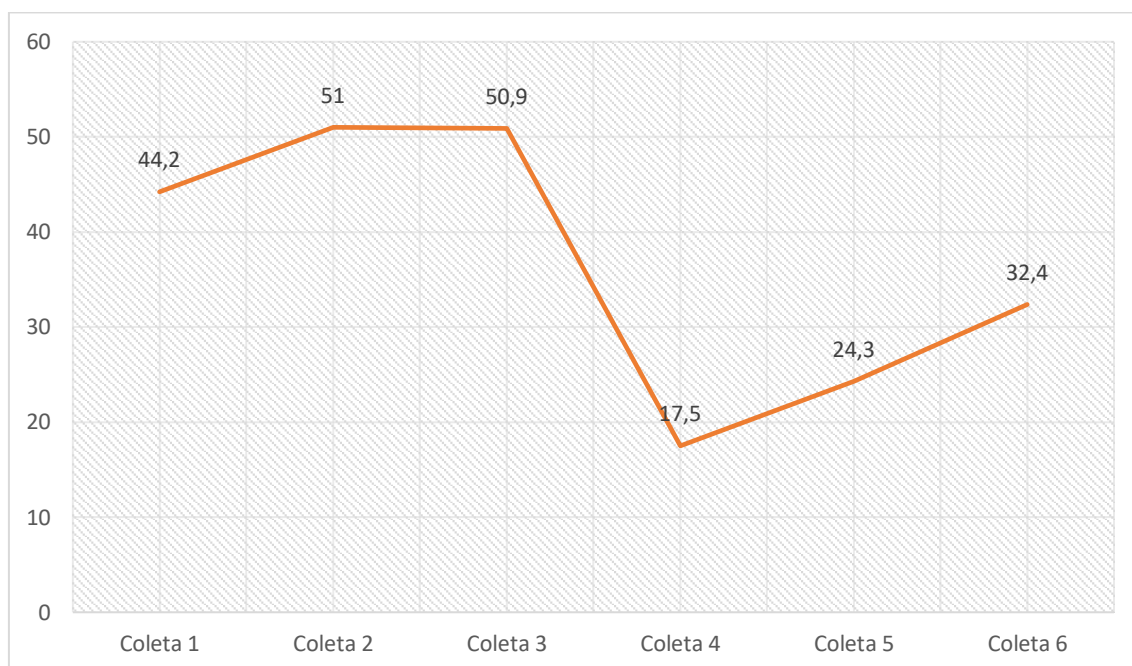
Dessa forma, a trajetória da I1 representa um caso de acomodação precoce e consistente, em que o ajuste fonético, observado na realização do /S/ em coda, se estabiliza rapidamente, mesmo com a permanência de laços afetivos, familiares e linguísticos com o espaço de origem. Sua experiência evidencia que a acomodação dialetal pode ocorrer desde os primeiros anos de exposição, especialmente quando combinada com atitudes receptivas e redes sociais formadas no novo local.

5.2 ANÁLISE DA INFORMANTE 2 (I2)

A trajetória da Informante 2 configura um caso de desaceleração no processo de acomodação linguística, marcado por um início promissor e uma queda significativa ao longo do tempo, talvez como reflexo da própria natureza não-linear do processo. Natural de Recife, a I2 tinha 34 anos na primeira coleta, com cinco anos de exposição ao dialeto

peçoense, alcançando sete anos ao final da pesquisa. Seu índice de acomodação, inicialmente elevado (44.2%), cai para 32.4% na última coleta, o que representa uma redução de 11.8 pontos percentuais, que desafia a expectativa de crescimento ou estabilidade observada em casos de longa permanência na cidade, como é o caso com a maioria dos outros informantes. O gráfico 7 apresenta os índices de acomodação da I2, representados longitudinalmente:

Gráfico 7 – Índices de acomodação da Informante 2



Fonte: Autor

Desde o início, ela mantinha uma rede de contatos intensa e constante com o dialeto de origem. Relata viagens quinzenais a Recife para visitar familiares, além de manter comunicação diária com a mãe, a avó, as irmãs e as tias, por meio de chamadas e mensagens. Inclusive, no momento da primeira coleta, ela estava justamente visitando a família:

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I2 (44.2%, coleta 1) – Eu frequento a minha família de quinze em quinze dias. Quase nunca recebo visitas. E quase nunca, assim, uma ou duas vezes por ano que alguém vai me visitar, geralmente nas férias. Mas contato, a gente mantém todo dia. Todo dia eu ligo pra minha avó em Recife, ligo pra minha mãe em

Paulista, sã todos os dias, eu tenho que ligar. [Por texto] converso com minha irmã, com minhas tias. Também faço chamada com minha irmã, todo dia.

E – Atualmente, qual a frequência em que você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I2 (17.5%, coleta 4) – Eu mantenho contato todo o dia. Todo dia eu tenho que falar com a minha mãe. Mensagens, chamadas, todo dia eu faço ligação, eu mando mensagem. Eu e minha irmã se dá bom dia, ou ligo chamada de vídeo... todo dia. Não tem um dia em que a gente não se fala.

E – E as visitas?

I2 – Demora. Demora mais. Demora meses. Assim, a gente indo pra Pernambuco, a gente vai praticamente de quinze em quinze dias. Mas pra a gente receber demora meses. Varia de três a seis meses.

Esse contato frequente com a cidade natal, tanto presencial quanto remoto, representa um fator importante de reforço do repertório fonético original, o que pode ser parcialmente responsável pelo movimento de retração em sua acomodação ao longo da pesquisa. Apesar disso, seu relato de experiências, assim como suas atitudes em relação a João Pessoa são marcadamente positivas. Desde as primeiras coletas, ela expressa forte apreço pela cidade, destacando sua limpeza, segurança e praticidade, em contraste com os problemas enfrentados em Recife. Ela relata que se sente “encantada pela cidade” e afirma com convicção que não voltaria a morar em Pernambuco, reforçando sua identificação com o espaço pessoense em termos afetivos e cotidianos.

I2 (44.2%, coleta 1) – O que posso dizer é que sou encantada pela cidade. Eu não trocaria hoje João Pessoa por Pernambuco. Eu digo isso sempre, porque assim, João Pessoa... até porque é um estado menor, você consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo. O trânsito de João Pessoa é menor do que o daqui e na minha concepção tem mais variedade de entretenimento do que aqui em Pernambuco.

E – Me conte sobre uma experiência negativa, que te marcou, aqui em João Pessoa.

I2 (51%, coleta 2) – Negativa aqui... até agora... não tenho nada de negativo aqui. Pelo contrário, gosto muito daqui. [...]

No momento dessa primeira entrevista, ela já estava em João Pessoa há 5 anos e apresentava um índice alto de acomodação (44.2%), mas por algum motivo isso não se sustentou ao longo das demais entrevistas, tendo queda observável a partir do quarto ponto de coleta.

Ela afirma com orgulho gostar da própria forma de falar e considera seu sotaque uma herança cultural importante, associada à família e à identidade recifense. Embora

reconheça que as pessoas identificam sua origem rapidamente, não demonstra desejo de alterar sua forma de falar, mas sim de preservá-la como um traço autêntico e afetivamente valorizado. Mesmo diante de julgamentos ou brincadeiras, relata que lida bem com a exposição e mantém sua postura positiva. Ao comentar acerca de sua percepção sobre o sotaque local, a I2 se mostra receptiva à variedade paraibana, afirmando que o sotaque “arrastado” nordestino é o mais bonito.

I2 (50.9%, coleta 3) – Eu gosto do meu sotaque, eu me orgulho. É algo raíz. Vem de onde eu nasci, onde me criei, então, eu amo meu sotaque. Fala muito de mim, né? Fala muito quem sou, de onde sou. Querendo ou não o jeito de falar termina passando também um pouco da sua personalidade, né? Então... eu amo meu sotaque.

E – Você considera alguns dialetos, falares ou sotaques mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

I2 (32.4%, coleta 6) – É porque geralmente você não percebe muito o seu sotaque, né? Mas o dos outros você percebe. Mas, eu acho que, quando você quer, com esforço você consegue ir entendendo. Eu acho até curioso você tentar entender os outros sotaques de outras regiões; aprender a conviver. Eu acho até interessante, curioso, interessante, legal. [...] O nosso sotaque, da região Nordeste, pra mim é o mais bonito, é o melhor (risos). O arrastado. Como dizem, né, arrastado.

Aqui, ao falar de sotaque nordestino, ela não faz distinção entre os sotaques recifense e pessoense, mas demonstra não querer perder a identidade. Em termos de proximidades, ela também relata se identificar com a cultura local, por ser parecida com a sua de origem:

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I2 (44.2%, coleta 1) – É porque eu acho bem parecida a cultura daí com a cultura daqui de Pernambuco. A questão da música, a questão da alimentação também acho muito parecido, a questão de entretenimento também é muito parecida com a daqui, a questão da praia, dos shoppings, a questão de praças, eu gosto muito também... me identifico muito.

E – Você se identifica com a cultura?

I2 – Sim, me identifico. Me identifico bastante.

No entanto, no que diz respeito às interações interpessoais em João Pessoa, inclusive no que trata de comentários tidos por ela como positivos, há um tratamento claro dela como sendo de fora. Isso pode ser fator motivador para a mudança, mas também pode criar distanciamento afetivo.

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I2 (44.2%, coleta 1) – Eu considero meio termo, porque eu acho... me desculpe... o pessoal paraibano... tem alguns assim, que são bem brutos, bem rígidos. Principalmente se for funcionário público. Mas assim, tem alguns também que são bem acolhedores. Mas se for pra diferenciar em questão de quem é mais acolhedor, eu acho que o pessoal de Pernambuco é mais acolhedor. [...] Eu me senti bem acolhida. Agora, de vez em quando, porque tu sabe que a gente tem um sotaquezinho, né? Já deve ter reparado. Aí algumas pessoas ficavam rindo do meu sotaque. É, faziam comentários.

Quando questionada se os comentários (mencionados em sua fala, acima) eram negativos ela confirmou, e em seguida adicionou:

E – Você também presenciou comentários positivos ou apenas negativos?

I2 (44.2%, coleta 1) – Positivos. Positivos também. É... ri, ri, mas é um sorriso assim, diz que: “ah, eu adoro esse sotaque”, aí imita, né? Com um sorrisinho, mas... [...] principalmente na faculdade, tinha muito.

Diante de tudo, ela apresenta atitudes muito positivas tanto em relação a seu próprio sotaque recifense, quanto ao sotaque e outros aspectos paraibanos, inclusive afirmando se sentir também “um pouco paraibana”:

E – Você gostaria de falar como os pessoenses ou paraibanos? Por quê?

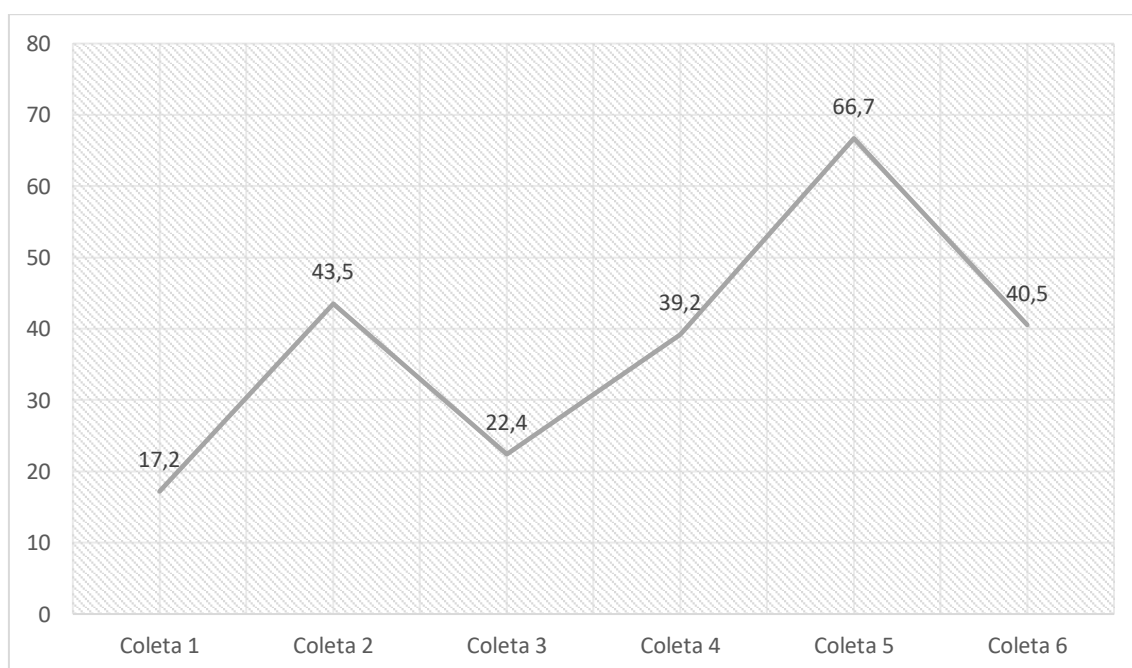
I2 (32.4%, coleta 6) – É como eu disse, eu não gostaria de mudar o meu sotaque, mas às vezes na convivência, sem você perceber, você acaba entrando em outra linguagem que é a deles. Eu não me importo, porque querendo ou não eu já me sinto também um pouco paraibana. Eu gosto demais daqui (risos).

No plano interindividual, a I2 contrasta com os demais recifenses: enquanto a I1 apresenta acomodação precoce e estável e a I3 mostra crescimento expressivo, a I2 é a única a iniciar com índice elevado e recuar ao longo do tempo. É possível que isso seja resultado proveniente da característica de recorte sincrônico das entrevistas, e possivelmente o que foi observado nos momentos iniciais seja justamente um momento de pico em seu processo oscilatório de acomodação. Ao final é possível perceber recuperação parcial do nível de acomodação linguística e talvez o que se observa seja um exemplo acentuado de oscilação.

5.3 ANÁLISE DA INFORMANTE 3 (I3)

A trajetória da Informante 3 revela um caso emblemático de acomodação dialetal em crescimento, ainda que marcada por uma forte manutenção dos vínculos linguísticos e afetivos com o local de origem. Nascida em Recife, a I3 tinha 30 anos de idade na primeira coleta e acumulava, à época, seis anos de exposição ao dialeto pessoense, chegando a oito anos ao final da pesquisa. Seu índice de acomodação linguística parte de 17.2% na coleta 1, salta para 43.5%, oscila com reduções e aumenta novamente com um pico de 66.7% e, por fim, atinge 40.5% na Coleta 6. Esse crescimento de 23.3 pontos percentuais representa uma acomodação expressiva. O gráfico 8 demonstra esse crescimento oscilatório:

Gráfico 8 – Índices de acomodação da Informante 3



Fonte: Autor

Desde o início da pesquisa, a I3 relatava manter contato constante com o dialeto recifense, tanto por meio de visitas mensais a Recife, quanto por interações diárias com familiares e amigos, além da participação em grupos de mensagens online. Esse vínculo forte e contínuo com a variedade linguística de origem tende, em muitos casos, a inibir o

processo de acomodação; no entanto, o aumento expressivo em seu índice sugere que outros fatores operaram no sentido oposto, favorecendo a convergência linguística.

A chegada a João Pessoa se deu por duas motivações principais: o ingresso em um curso técnico no IFPB e o relacionamento com sua companheira, que residia na cidade. Importa destacar, contudo, que essa companheira é natural de Goiás e passou a maior parte da vida em Pernambuco, não sendo, portanto, uma falante nativa do dialeto pessoense. Na primeira coleta, ela relatava não ter tido contato prévio com paraibanos, o que implica que sua acomodação se deu a partir de uma exposição linguística posterior à mudança e possivelmente indireta nos primeiros anos.

E – Você já possuía contato com paraibanos em sua cidade natal?

I3 (17.2%, coleta 1) – Não. Na verdade, assim, eu vim pra cá, minha namorada, minha companheira, ela morava aqui na época. A gente namorava à distância, né, eu tava lá em Recife e ela aqui. Eu acabei passando num curso do IFPB, e uni o útil ao agradável, né? Eu acabei vindo pra cá pra estudar e para morar junto com ela. Então realmente o contato que eu tive de pessoas da Paraíba era só ela.

E – Mas ela é daqui?

I3 – Então, ela nasceu em Goiás e veio muito cedo para Pernambuco. Né? Ela veio com dois anos pra morar em Garanhões. Aí ela passou a infância e a adolescência toda em Garanhões e veio morar em Campina Grande pra estudar. E depois de um tempo, depois de formada, ela veio pra João Pessoa porque era melhor pra trabalho.

Seu círculo social se deu inicialmente, em grande parte, através de sua companheira (“amigos da minha companheira”). As coletas posteriores indicam que a informante passou a conviver com falantes pessoenses e a refletir sobre sua forma de falar a partir desses contatos. Um dos traços mais significativos de sua acomodação é sua afirmação, na última coleta, de que já não é mais identificada como recifense pela fala, percepção que acompanha a constatação de que algumas realizações típicas do Recife, como o uso de “ti” em palavras como “esporte”, deixaram de ser percebidas em sua fala cotidiana, ainda que, nesse caso específico, a marca identitária esteja associada ao /S/ em coda medial (isto é, “e[s]porte”).

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I3 (17.2%, coleta 1) – Eu acho bem receptivas, sim, todas as pessoas que conheci, amigos de amigos da minha companheira, amigos dela, todos foram muito receptivos, né? Assim... caloroso, mas aí eu não sei se é pela amizade, né, pela facilidade e isso assim que eu tenho de recordação de quando eu cheguei.

Porque agora já faz tanto tempo que não tem a coisa de ‘ah, que bom que você tá aqui’, né? É meio que você já faz parte daqui.

E – Você acredita que, estando aqui na PB, as pessoas podem saber de onde você é simplesmente a partir de algum comportamento seu, pela maneira como você fala, pela maneira que se veste, ou outra característica? Por quê?

I3 (22.4%, coleta 3) – Acho que quando eu cheguei sabiam mais, um pouco pelo sotaque, que dizem que é um pouco mais puxado, meio... enfim... mas hoje em dia acho que tá muito meio que misturado, o mesmo sotaque. [...] quando eu cheguei aqui eu nem sabia que eu tinha um sotaque tão diferente assim né, apesar de a gente saber que cada estado tem seu sotaque, sua maneira de falar [...].

E – Você gosta e/ou se orgulha de alguma dessas características?

I3 (22.4%, coleta 3) – É... sim. Me orgulho, eu acho que, enfim, faz parte de quem eu sou. É característico de onde eu vim, minha cidade, então... me orgulho sim. Inclusive ficava nessa né, quando achava que eu não tinha sotaque o pessoal dizia: ‘ah, tu é de Recife’, eu achava ótimo. Eita, ainda sou reconhecida. Não perdi minha carteirinha recifense (risos).

E – Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?

I3 (66.7%, coleta 5) – Assim... comentou, elogiou, ou criticou eu acho que ninguém não, mas sempre comentam assim, né, que é ou engraçado ou é bonitinho. Acho que é assim. Ou é engraçado ou é bonitinho.

E – Aqui em João Pessoa acontece?

I3 – No início eu sentia que sim. Acho que nos primeiros contatos que eu tive com pessoas de João Pessoa foi na faculdade; eu vim pra estudar. Então tinha essa coisa de “tu é de Recife, né?”, porque fala assim... “fala a palavra esporte”, enfim.

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I3 (40.5%, coleta 6) – Acho que agora não mais porque talvez eu tenha perdido um pouco o sotaque, a forma de falar, algumas... enfim... realmente gírias e falas de quando você mora no local. Mas, quando eu cheguei existia uma coisa de o povo dizer “ah tu é de Recife”; identificar ou perguntar de onde é. / Eu acho que era muito pelo “ti” do recifense de falar “esporte”, sei lá, tem muito isso de puxar o “ti” em algumas coisas que não necessariamente pedem o “ti”. Acho que é isso, que meio que foi se perdendo, enfim, foi neutralizando.

Do ponto de vista identitário, a relação dela com João Pessoa é inicialmente marcada por certa ambivalência. Ainda na primeira coleta, ela descreve a cidade como tranquila e com boa qualidade de vida, mas afirma que “sempre fica faltando uma coisa que entra pro coração”. A comparação com Recife aparece associada a uma valorização da diversidade cultural e afetiva da cidade natal, o que demarca uma fase de transição identitária; sentimento esse compartilhado pelas outras informantes recifenses. Contudo, ao longo da pesquisa, sua postura sofre variação; primeiramente, ela passa a afirmar estar “no processo de gostar de João Pessoa” e “de se reconhecer nesse espaço”, sinalizando uma mudança gradual de pertencimento. Ela, inclusive, buscou conhecer o que a cidade tinha a oferecer e afirmou (43.5%, coleta 2): “[...] foi muito especial porque estava ali vivendo a cidade”.

Ela demonstra flexibilidade pragmática para se ajustar ao contexto em que está inserida, sem romper com a identidade de origem, e isso pode ser facilitador da acomodação:

E – Há algo específico de que você gosta na sua forma de falar?

I3 (40.5%, coleta 6) – Não. Eu acho que o que eu gosto, assim, é que normalmente eu tento falar de uma forma que todo mundo entenda. E eu digo todo mundo, seja na academia – na vida acadêmica – que exige que você fale de uma forma rebuscada, à pessoa que eu encontro no meio da rua e que eu não sei nem de onde vem, mas eu consiga me comunicar com ela. Então, acho que é o que eu mais gosto, assim, de conseguir me comunicar com as pessoas de forma a ser compreendida em todos os locais, âmbitos e coisas da vida.

No entanto, na coleta 4, em meio a um período de ascensão de sua acomodação linguística, a I3 demonstra interesse em retornar a Recife. Isso persiste até o momento da coleta 6, o que não impede que o processo de acomodação continue em ascensão, por um tempo, ainda que oscile para baixo nesse último ponto de coleta.

E – Desde nossa última entrevista, você se recorda de ter passado por alguma experiência que tenha o/a deixado com a sensação de estar deslocado(a)?

I3 (39.2%, coleta 4) – Eu acho que sim e muito pelo que eu já te disse assim, né... desse sentimento de querer voltar para morar em Pernambuco, em Recife. Então acho que também esse sentimento acaba alimentando essa sensação de que não pertencço mais aqui, né? Será que eu pertenci em algum momento? Vem muito essa sensação de estar meio deslocada, por fora, meu local de morar não é aqui e enfim... eu acho que vem muito disso, e não de realmente ter acontecido alguma coisa muito grande que justifique.

E – Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Acredita que sua fala já mudou? Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

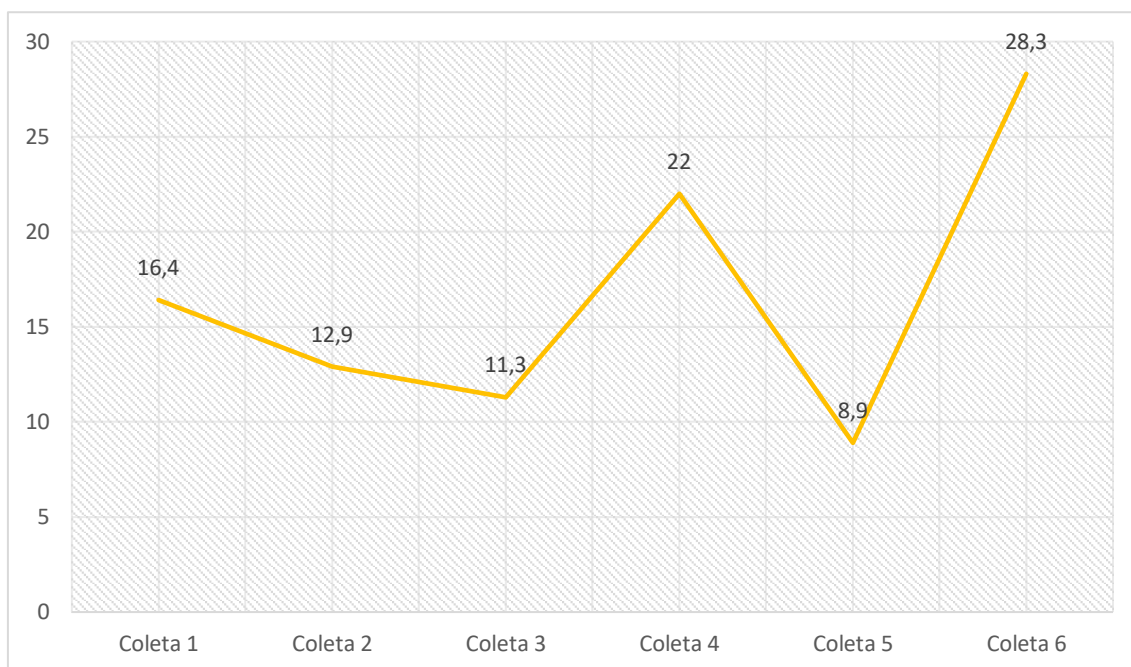
I3 (40.5%, coleta 6) – Considerando que talvez, eu não passando [no concurso] eu vou continuar em João Pessoa e vou seguir aqui e enfim. Eu tenho minha casa aqui e é isso, boto meus planos pra Recife no futuro. Acredito que com o passar do tempo não vá... eu acho que não, assim, eu acho que cheguei em um estágio que eu tô neutralizada e como Recife é muito perto e eu tenho convivência com família, com tudo, então, não é uma coisa que eu me isolasse completamente e passasse a conviver só com pessoas daqui e acabasse pegando o hábito e sotaque e tal. / É, acho que um pouco. Neutralizou alguma forma de falar. A forma de falar mastigada, mais lenta, do recifense, mas é isso, eu acho que tô meio lá meio cá na forma de falar, talvez. / Não. Ninguém nunca comentou nada, realmente. Nunca ninguém falou assim de achar diferente, não.

Na comparação com os demais recifenses, a I3 ocupa uma posição intermediária; seu índice inicial é o mais baixo do grupo, mas seu índice final supera o da I2 (que inicia com patamar elevado e regride ao longo do tempo), também se aproximando dos índices apresentados pela I1. Sua trajetória ao longo da pesquisa, que inicia com índice baixo e cresce com padrão oscilatório, se assemelha com a do I6, inclusive em termos percentuais.

Assim, o percurso da I3 pode ser compreendido como um caso de acomodação por imersão e reconfiguração identitária progressiva, em que a incorporação de traços locais ocorre paralelamente a uma integração social e afetiva gradual ao espaço pessoense. Apesar da manutenção de vínculos sólidos com o Recife e de uma postura inicialmente hesitante, sua trajetória demonstra que a acomodação linguística não exige o apagamento da identidade original, mas pode coexistir com ela num movimento de negociação constante entre pertencimentos.

5.4 ANÁLISE DA INFORMANTE 4 (I4)

A Informante 4, em sua trajetória, apresenta acomodação linguística moderada, sustentada por uma forte identificação com o espaço pessoense e uma postura crítica em relação às desigualdades sociais e linguísticas. Natural de São Paulo, a I4 tinha 33 anos de idade ao início da pesquisa e apresentava apenas um ano de exposição ao dialeto local, que se estendeu a três anos ao final da última coleta. Seu índice de acomodação partiu de 16,4% e alcançou 28,3%, um crescimento de 11,9 pontos percentuais, que indica uma mudança linguística relevante no contexto da pesquisa. Há, no entanto, muitos momentos em que há redução desses índices, com o menor chegando a 8.9% na penúltima coleta, contrastando com o momento de coleta anterior e posterior. Isso exemplifica um caso de intensa oscilação nos níveis de acomodação linguística, ainda que os motivos por tamanha redução não se façam imediatamente óbvios.

Gráfico 9 – Índices de acomodação da Informante 4

Fonte: Autor

Desde o início, a I4 mantinha forte contato com familiares e amigos de São Paulo, por meio de ligações e mensagens, tendo realizado uma visita à cidade no período de um ano. Inicialmente, ela relata receber visitas da família e amigos com frequência razoável, o que pode contribuir em algum nível para a manutenção de seu repertório paulista.

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I4 (16.4%, coleta 1) – Eu recebo visita uma vez a cada dois meses mais ou menos, porque o paulista adora praia e agora eu sou a pessoa que mora na praia, então vem muita gente pra a minha casa. É, eu já recebi muita gente de férias no meio do ano, assim, a pessoa não pergunta se eu posso receber ela em setembro, ela só fala “eu tô indo no meio de setembro” e aí eu tenho que parar a minha vida pra receber [amigos, família]. Mas eu acho que agora a tendência é dar uma diminuída porque não é mais novidade, né? Eu fui a São Paulo uma vez só e eu acho que essa vai ser a minha média mesmo, uma vez por ano, que eu vou visitar minha cidade natal. E eu mantenho contato mais do que diariamente, com as pessoas da minha cidade. Eu falo todos os dias com minha mãe, quase todos os dias com o meu pai, todos os dias com o meu melhor amigo, e me mantenho em contato com gente de São Paulo praticamente o tempo inteiro. Eu acho que eu faço muito mais contato com pessoas de São Paulo do que com pessoas daqui... por telefone, por vídeo, por texto.

Apesar disso, esse contato com o dialeto de origem não impede uma adesão afetiva crescente ao espaço pessoense, evidenciada nas diversas formas pelas quais ela expressa identificação com a cidade e o desejo de nela permanecer, mesmo quando confrontada com as diferenças culturais e linguísticas.

Na primeira coleta, ela relatou não ter tido contato prévio com paraibanos antes da mudança. Contudo, mencionou ter visitado a Paraíba quando mais jovem fez uma observação particularmente reveladora: “quando eu botei os pés aqui pela primeira vez eu tive certeza absoluta de que eu moraria aqui um dia”. Com isso, ela expressa atitudes muito positivas para com o local, o que pode favorecer a acomodação linguística. Considerando que ela possui um baixo tempo de exposição e tem um dialeto de origem mais prestigiado, seu índice inicial de 16,4% de acomodação é relativamente expressivo. É possível que, com o passar do tempo, morando em João Pessoa, seus níveis de acomodação passem por um aumento nítido.

E – Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.

I4 (16,4%, coleta 1) – Eu desconheci a Paraíba até então. A Paraíba era um, sei lá, um estado no mapa que eu tinha estudado na geografia, assim. Mas inclusive pra turismo eu nem estudava... não sei se falei, eu sou formada em turismo, e a minha formação principal é em turismo, meu mestrado é em turismo e eu estudo turismo, mas na época nem era formada, nem fazia faculdade ainda, nada, e... [uns 14 anos atrás,] quando meu pai falou “a gente vai pra...”, ele ganhou uma viagem pra cá da empresa que ele trabalha, e aí ele falou “a gente vai pra João Pessoa” e eu não sabia nem que capital de que estado João Pessoa era e eu fui procurar no mapa [...] e eu ainda fiquei pensando “nossa, por que a gente não vai pra Salvador ou pra Fortaleza ou pra Recife, que é muito mais legal, que é muito mais famoso”. E eu acho que João Pessoa tá mais no mapa do turismo hoje dentro do Brasil, mas na época... mesmo hoje, eu acho que algumas pessoas não conhecem ou não pensam em João Pessoa como primeira ideia, assim... “vou fazer um turismo de praia, ir pro Nordeste”, não pensam em João Pessoa. [...] quando eu botei os pés aqui pela primeira vez eu tive certeza absoluta de que eu moraria aqui um dia, e eu falava isso muitas vezes pra muitas pessoas e depois eu voltei muitas vezes aqui e eu sempre tive essa certeza. Eu não sabia como, eu não sabia quando, mas eu moraria aqui. Eu tinha uma relação muito forte com a cidade desde a primeira vez que eu vim aqui e é engraçado porque não foi a primeira cidade que eu conheci, assim, de sol e praia. Porque em São Paulo a gente não tem praia, então paulista ama praia real, assim, o lazer tá muito ligado em viajar e ir à praia, dentro da mentalidade do paulistano da capital. E não foi a primeira cidade de sol e praia que eu conheci, nem a segunda nem a terceira, mas eu tive uma relação muito intensa e muito forte com a cidade desde sempre eu sabia que um dia eu viria a morar aqui. [...]

Do ponto de vista atitudinal, a I4 manifesta forte adesão à cidade de João Pessoa. Desde a primeira entrevista, relata uma espécie de encanto imediato ao pisar na cidade,

sentimento que evolui para uma convicção: “não voltaria a morar em São Paulo”. Esse enraizamento afetivo, somado à sua percepção crítica das desigualdades sociais e dos estigmas linguísticos, sugere uma relação identitária profunda com o novo ambiente, mesmo que sem rompimento com sua origem.

Mesmo assim, por não ter tido contato prévio com paraibanos, o contato com o dialeto local de João Pessoa é novo para ela em seu processo de mudança para o novo local, portanto, é natural apresente baixos índices de acomodação iniciais. Ao longo das coletas, no entanto, ela expressa ter passado a integrar novos grupos sociais com pessoas para além do ambiente universitário, como com pessoas do bairro através do Pilates, e outros. Isso a trouxe um maior sentimento de integração à cidade e favoreceu o contato com falantes da variedade pessoense em contextos cotidianos mais diversos.

E – Você passou por alguma experiência recente que possa ter facilitado ou dificultado a sua experiência morando em João Pessoa? (ex.: moradia, cultura local, amizades, trabalho, etc.)

I4 (12.9%, coleta 2) – O aumento das bolsas facilitou muito a minha experiência de viver aqui. Muito! Principalmente porque eu consegui reservar uma graninha pra aproveitar a cidade mesmo, porque antes era pagar boleto só. Aí agora eu consigo tirar um dinheirinho pra ir a uma praia, pra ir a um teatro, ir a um cinema, eu comer num lugar diferente [...] então isso facilitou muito a minha estada aqui. [...] Eu acho que cada dia que passa é mais fácil estar aqui. Talvez a primeira vez que a gente conversou eu não tivesse tão adaptada quanto eu me sinto hoje, e a próxima vez que a gente conversar talvez eu me sinta mais adaptada. O Pilates também ajuda muito, porque eu tô em contato com pessoas do meu bairro, conversando com gente de fora da universidade, fazendo amizades de outros ciclos e tal. Então é legal, esse tipo de atividade em grupo, eu me sinto mais integrada na cidade também.

A percepção sobre sua própria fala também contribui para entender seu processo de acomodação. Ela relata que as pessoas frequentemente a identificam como “não sendo daqui”, logo nos primeiros momentos de interação, especialmente por traços como o [dʒi] em “bom dia” e a forma de realizar o “r”. Em seus relatos, ela expressa que quaisquer comentários servem inclusive como forma de iniciar conversas, e não demonstra incômodo com esse tipo de situação. Ela reconhece que sua fala carrega marcas de origem, mas não expressa desejo de eliminá-las. Além disso, a I4 demonstra também a percepção de que seu sotaque é, para muitos interlocutores, socialmente valorado, embora ela própria não o valorize de forma hierárquica frente a outros falares.

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam? De que maneira(s)?

I4 (28.3%, coleta 6) – Acho. Eu acho que a gente ainda é uma sociedade que tem muito preconceito com algumas coisas, assim. Quando, por exemplo, a pessoa fala errado, tem problemas de concordância, de plural, de conjugação de verbo, por exemplo, a pessoa já é tido como ignorante, burra, ou pobre, ou de uma classe inferior. Acho que a gente ainda tem algum preconceito nesse sentido. Eu acho, de uma maneira um pouco mais sutil talvez, mas a gente ainda tem muito preconceito com sotaques, também. Acho que aqui na Paraíba talvez menos, mas, por exemplo, em São Paulo, em relação ao sotaque paraibano ou nordestino no geral, há algum preconceito sim. Algum tipo de julgamento, né? Acho que sim, infelizmente ainda vivemos em uma sociedade que julga muito a forma com que a gente fala.

A acomodação linguística da I4 ocorre, portanto, sem esforço consciente para ocultar suas marcas de origem, mas com abertura para a diversidade linguística local. Ela compreende que a inteligibilidade está relacionada à familiaridade e não à superioridade de determinada variedade, o que favorece uma atitude de escuta e convivência com diferentes formas de falar.

E – Você considera alguns dialetos, falares ou sotaques mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

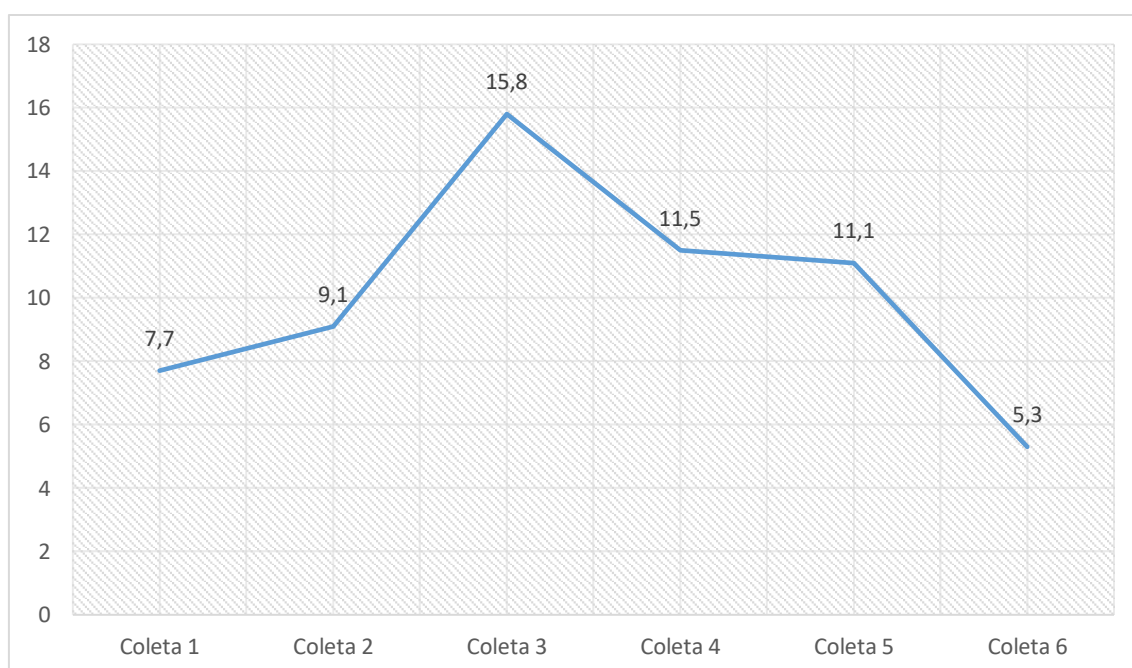
I4 (28.3%, coleta 6) – Mais bonitos, definitivamente não. Melhores, também não. Mais fáceis de entender, com certeza. Quando a gente tem nosso ouvido acostumado a um tipo de palavra, a um grupo de palavras, ou alguma sonoridade específica e de repente tem que conversar com outras pessoas que falam de outra maneira é um pouco mais difícil de entender. [...] O de São Paulo pra mim é o que bate mais fácil no meu ouvido – eu sou criada lá, então obviamente... – hoje eu já acho que entendo muito bem o daqui também, mesmo um pedaço de conversa – alguém passando na rua – eu já consigo pegar bem o que as pessoas tão dizendo. Eu acho que os mais fáceis na verdade, no geral, são aqueles com os quais a gente tem mais familiaridade, então, mas só isso.

Mesmo diante do exposto, sua média de acomodação é a segunda menor dentre todos os informantes, superando apenas a média da I5. Ambas I4 e I5 apresentam os menores tempos de exposição, o que certamente é uma das razões pelos índices mais baixos. Como já fora mencionado: considerando suas atitudes positivas para com o ambiente, as pessoas que nele se encontram e o dialeto local, é provável que, com o passar do tempo, se possa notar um gradativo aumento em seus níveis de acomodação, desde que ela permaneça morando em João Pessoa. Sua experiência mostra que a abertura afetiva ao espaço de chegada, aliada à abertura para a diversidade cultural e linguística local, pode gerar movimentos de acomodação linguística ao novo dialeto.

5.5 ANÁLISE DA INFORMANTE 5 (I5)

Na trajetória da Informante 5 é possível observar o processo de acomodação linguística evoluindo em seus estágios iniciais, com um exemplo claro de interrupção desse processo. Natural de Santo André (SP), I5 tinha 28 anos na primeira coleta, com um ano de exposição ao dialeto pessoense. Menos de dezesseis meses depois, em momento anterior à coleta 5, ela já havia deixado João Pessoa e voltado a morar em São Paulo, efetivamente descontinuando o contato com o dialeto pessoense e passando a abandonar os traços linguísticos que estavam em processo de acomodação. O gráfico 10 ilustra esse declínio, especialmente evidente no ponto de coleta 6:

Gráfico 10 – Índices de acomodação da Informante 5



Fonte: Autor

A informante relata algumas visitas recebidas de familiares, mas de amigos nunca ou quase nunca. Ela afirma realizar uma viagem anual a São Paulo, em período de fim de ano:

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I5 (7.7%, coleta 1) – Receber visita eu acho que seria duas, três vezes por ano, digamos assim, mais ou menos. [...] O pessoal ainda não conseguiu se organizar. Muita gente falou que quer vir, mas pouca gente conseguiu efetivamente se organizar. [...] Meus pais vieram duas vezes e minha tia veio uma vez, e meu parceiro que não morava aqui e agora mora. [...] Eu fui duas vezes. Eu vou no natal... eu acho que vou sempre no natal. Manter contato... é muito difícil. Eu não tô conseguindo, até hoje não encontrei um jeito de manter contato com as pessoas. Já perdi contato com a maior parte dos meus amigos. Alguns eu ainda consigo manter, assim... por exemplo, a gente liga, e aí é como se eu não tivesse saído de lá.

E – Atualmente, qual a frequência em que você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I5 (11.5%, coleta 4) – Eu não recebo visita. Eu recebo, sei lá, minha família vem a cada seis meses, digamos assim, mais ou menos. Mas só a família, amigos não. Mas eu acabo ligando pros meus amigos, sei lá, de mês em mês. Os de São Paulo, né? Agora os amigos daqui eu acabo vendo uma vez a cada quinze, vinte dias.

E – Você tem ido pra lá?

I5 – Uma vez por ano.

Curiosamente, ela também aponta sentir-se deslocada mesmo em sua cidade de origem, descrevendo-se como “esquisita diferente lá”. Esse sentimento de ser diferente, mesmo em São Paulo, porém, não se traduziu em uma adoção do novo espaço como referencial identitário. Esse sentimento de pertencimento tampouco se materializou em João Pessoa, o que, juntamente com seu baixo tempo de exposição, parece acentuar sua inclinação à manutenção de uma identidade linguística individualizada e estável.

E – Você acredita que, estando aqui na PB, as pessoas podem saber de onde você é simplesmente a partir de algum comportamento seu, pela maneira como você fala, pela maneira que se veste, ou outra característica? Por quê?

I5 (15.8%, coleta 3) – Eu acho que... as pessoas sempre acham que eu sou do Paraná por causa do meu sotaque. Por causa do “r” e tal. Mas acho que dá pra ver que eu não sou daqui, mas saber de onde eu sou exatamente, acho que não. Porque, tipo, na minha cidade eu também não me encaixava, entendeu? Também era esquisita diferente lá.

E – O que você destacaria como características que chamam atenção para o fato de você não ser daqui?

I5 – O sotaque, a primeira coisa é o sotaque – “porta”, “São Bernardo”. Eu acho que também um pouco meu estilo de vida assim, por exemplo, eu gosto de ir de bicicleta pro trabalho, né? Eu já recebi muitos comentários sobre isso, tipo muitos comentários, porque é muito esquisito, muito diferente. Eu não acho que é algo tão diferente assim, sabe?

Antes de vir à Paraíba, ela reconhece que a visão compartilhada que se tinha, em São Paulo, acerca da região Nordeste como um todo, era estereotipada, envolvendo questões como a seca. Por ter contatos com baianos, ela afirma que essa visão compartilhada provavelmente não era condizente com a realidade:

E – Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.

I5 (% , coleta 1) – Eu não sei se vai ser meio ridículo, mas o que eu mais pensava era centro histórico. Eu pensava que o centro histórico seria muito forte, vivo. Eu achei que seria bem restaurado, então, achei que seria... acho que porque eu vi notícia na TV, né? Quando você vê coisa na TV sempre mostra, nossa, aquele centro histórico, aquela imagem aérea, sabe? Então a minha impressão da Paraíba era essa, de João Pessoa. Agora a Paraíba de modo geral eu não tinha uma visão, assim... [...] Porque o que a gente vê lá é muito o negócio da seca, né? Mas por ter contato com baianos, que aí eu vi que não, não é assim que funciona. [...] Então a minha visão, tinha essa visão estereotipada aí, mas tipo assim, eu já sabia que essa visão estereotipada era falsa.

Mesmo que, no caso da informante 5, ela considerasse a visão estereotipada como provavelmente sendo falsa, percebe-se que essa é uma visão compartilhada por muitos. Ao mesmo tempo, há também uma visão de que João Pessoa é um bom lugar para se morar. Sentimento esse compartilhado por muitos, especialmente após seu deslocamento para a cidade.

Quando questionada sobre o interesse em voltar para sua cidade natal, ela já demonstrava que havia esse desejo, desde a primeira coleta:

E – Você tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I5 (7.7%, coleta 1) – Eu pensei em voltar pra São Paulo, assim. Tenho pensado, mas não pra agora. Tenho vontade de... é que São Paulo, um dos motivos pra eu sair de lá é que é muito caro, tudo muito corrido, a rotina te engole. Eu tava fugindo disso, então vindo pra cá isso realmente quebrou, né? Eu consigo trabalhar e morar sozinha. Lá eu não conseguia. A rotina não me engoliu [...] eu tinha que ter dois trabalhos, tudo isso muito complicado, trabalhar e estudar, uma correria, aí então eu tenho vontade de voltar pra São Paulo mas em outro contexto. Só que se eu vou conseguir esse outro contexto eu não sei.

Esse desejo de retornar se materializou no período entre as coletas 4 e 5, desta pesquisa. No que diz respeito ao contato com o dialeto pessoense, I5 relata uma experiência de estranhamento desde sua chegada, sendo percebida pelos interlocutores

locais ora como “muito fechada”, ora como “a vereadora”. Esse tipo de rotulação denota certo descompasso entre sua performance comunicativa e as expectativas pragmáticas locais, ao menos em seu ambiente de trabalho, que é onde a maioria desses descompassos parece ter ocorrido.

I5 (7.7%, coleta 1) – A minha visão era de ser um povo muito caloroso, receptivo. [...] Eu acho que são culturas muito diferentes, eu não sei. Acho que a cultura paraibana e a cultura paulistana, eu acho que é muito diferente. Por exemplo, quando eu mudei pra cá, acho que eu fui tida como muito fechada, e lá em São Paulo eu era muito simpática. Aí depois eu virei a vereadora, entendeu? Aí tipo, ou eu sou muito fechada ou eu sou vereadora. Tipo assim, é um oito ou oitenta.

I5 enfrentou dificuldades de integração social e cultural desde sua chegada à capital paraibana. Ao descontinuar atividades como o forró, ela diz não ter conseguido encontrar outro ambiente em que se sentisse pertencente. Em mais de uma ocasião, relatou sentir-se deslocada ou julgada, inclusive devido a sua forma de falar:

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado/a aqui? Ainda se sente/Por quanto tempo?

I5 (7.7%, coleta 1) – Sim. Ainda me sinto muito deslocada. Eu acho que ainda tem algumas barreiras de comunicação que às vezes eu não... ou eu não entendo, ou eu não estou sendo entendida. [...] algumas palavras são diferentes, então tem toda essa questão do regionalismo, também tem uma questão dos ditados e dos costumes que são diferentes, então algumas coisas eu já vi que quando eu cheguei eu falava de um jeito e eu percebia que estava sendo lida como grosseria. [...] Acho que paulista talvez seja muito seco, muito direto e aí eu acho que isso, eu ainda tenho um pouco de dificuldade.

E – Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?

I5 (11.1%, coleta 5) – Quando cheguei eu me apaixonei muito pela cidade, por tudo, foi uma coisa muito louca. E aí eu comecei a fazer aula de forró pouco tempo depois, assim, foi uns dois meses depois que eu cheguei. E aí, enquanto eu tava fazendo aula de forró e frequentando os espaços eu me sentia mais conectada. E aí, quando eu comecei a parar de dançar, comecei a diminuir, tal... voltei a ficar um pouco mais introspectiva, eu comecei a sentir distanciamento, assim. Por isso eu acho que o forró foi o que mais me marcou. Porque eu me sentia parte, de certa forma, quando eu tava indo dançar, conhecendo gente. E aí quando eu me retirei desse espaço eu me senti completamente deslocada. Não consegui encontrar outro lugar que me fizesse sentir assim... em relação à Paraíba, né?

Essa percepção de que sua variedade era recebida como “seca” ou ríspida aponta para um cenário de tensões interpessoais e choques pragmáticos, nos quais a linguagem

atua como marcador de diferenças. Nesse contexto, a forma direta de se expressar, comum em seu dialeto de origem, é frequentemente interpretada negativamente pelos interlocutores locais em João Pessoa, gerando situações desconfortáveis. Soma-se a isso a vivência de estereótipos regionais, como revela em outro trecho:

E – O que mais você destacaria em relação a experiências vivenciadas na cidade?

I5 (9.1%, coleta 2) – Acho que João Pessoa, assim... pontos positivos pra mim: forró. Adoro forró, adoro todos os rolês de forró [...] negativo é que todo mundo cobra mais de mim porque eu sou paulista [...] eu já peguei o jeito, mas no começo era muito chato; “eu trabalho, eu moro aqui, parem”. Eu acho que isso é uma experiência que você só tem sendo de fora, ainda mais sendo paulista, e eu sei que é por ser paulista. O pessoal tem uma visão que a gente que é de São Paulo tem muito dinheiro; a gente não tem muito dinheiro não, eu não sei de onde eles tão tirando isso... recebe mais mas se gasta muito mais.

Essas experiências de estigmatização e cobrança parecem reforçar um sentimento de não pertencimento e dificultar a adoção de traços da variedade local. Mesmo que inicialmente ela demonstre esforço e interesse em se ajustar, o contexto social fragiliza as bases afetivas importantes para a acomodação. Inclusive, o ambiente profissional, que faz parte de seu cotidiano durante sua estadia em João Pessoa, é ilustrado por ela como um dos principais espaços de tensão e vigilância.

Nesse cenário, parecem faltar oportunidades concretas de inserção e liberdade de experimentação linguística. Apesar de frequentar eventos culturais da cidade, estado, ou região Nordeste, como rodas de ciranda, e afirmar que gostou de algumas expressões paraibanas, sua relação com o repertório linguístico local parece ter se limitado a tentativas pontuais de adaptação em situações específicas, como em contextos de amizade ou no trabalho. Nessas ocasiões, chegou a adotar algumas realizações fonéticas do dialeto local, como o uso de [ʃ] em “go[ʃ]toso”, por achar “confortável”, mas, em muitos dos outros casos, isso foi algo que não se sustentou. Esses ajustes aparentam ter sido esforços em resposta a críticas feitas pelos seus interlocutores, como tentativas de melhor engajar socialmente com esses e outras pessoas locais.

E – Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?

I5 (5.3%, coleta 6) – Ah, não sei, eu acho que às vezes eu enrolo algumas palavras e acho que tem dias que minha língua não funciona e fico com a língua presa. Mas são dias muito específicos, eu não sei o que acontece. [...] Eu tentava

falar às vezes mais paraibano, sei lá, e eu via que algumas coisas eram mais gostosas de falar. Eram mais confortáveis de falar e eu não sei explicar. Quando eu tava com meus amigos – um grupo mais de paraibanos – eu tentava conversar e... não sei. Tem umas palavras tipo ‘go[ʃ]toso’. Eu acho muito mais gostoso falar ‘go[ʃ]toso’ do que ‘go[s]toso’. Sabe uma coisa assim? É um movimento mais confortável. Tinham outras palavras, mas eu esqueci.

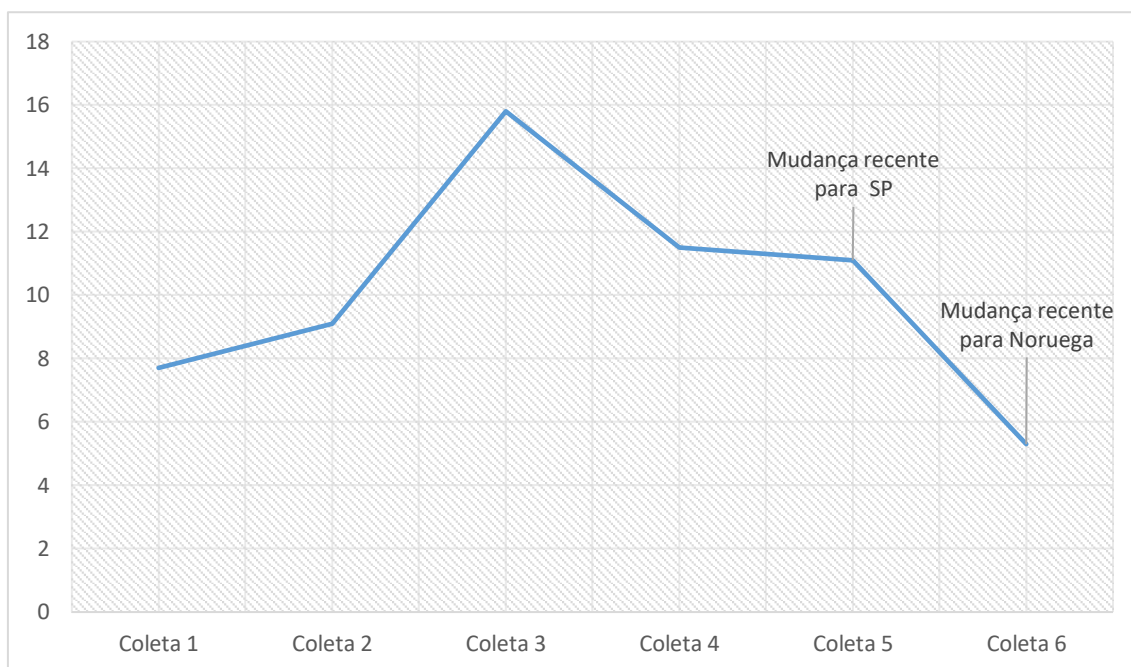
E – Você gostaria de falar como os pessoenses ou paraibanos? Por quê?

I5 (5.3%, coleta 6) – É, eu acho que seria legal aprender, assim. Porque eu acho que é um dialeto novo pra mim. E eu acho que realmente é quase como se fosse uma língua diferente. [...] Eu tentei aprender, mas eu achei muito difícil. Então eu falei, ‘ah tá, deixa pra lá’. Quando eu tentava às vezes eu gaguejava porque é muito rápido, mas só isso assim, mas as palavras soltas, eu achava, como falei, mais confortável de falar.

E – Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Acredita que sua fala já mudou? Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

I5 (5.3%, coleta 6) – Ah, eu acho que não. Quando eu mudei eu absorvi bastante o sotaque e eu percebi uma aceitação externa, mas depois eu decidi falar do jeito que eu falo mesmo e ser do jeito que eu sou, mesmo sendo mais introvertida, mesmo sendo mais quieta, sabe? E aí, tipo, eu acho que não. Eu me aterei às minhas raízes, digamos assim. Mas as palavras eu absorveria com certeza. As palavras, os provérbios, tem uns provérbios muito legais. Essas coisas com certeza. Talvez, depois de dez ou quinze anos, numa distância bem maior... eu acho que eu conseguiria entrar numa conversa dessas que ficam falando rápido, mas eu acho que eu falaria do meu jeito, só que rápido, seria uma coisa meio assim. / Não, acho que não. Acho que só acrescentou vocabulário mesmo. / Ah, sim. No começo foi muito impactante pra minha família, né, mas depois eles só perceberam [...] às vezes eu falo “pronto”, eu continuo falando assim, às vezes eu falo “certo”. Algumas pessoas já falam que eu comecei a falar isso, mas eu não tinha percebido. Não sabia que isso era algo daí.

Portanto, suas falas revelam uma disposição declarada para adaptar-se, como indica a própria tentativa de ajustar sua fala ao contexto local. Contudo, esse esforço não se consolidou ao longo do tempo, e diversos fatores parecem ter atuado como barreiras à progressão continuada da acomodação. Um dos principais obstáculos diz respeito à sua trajetória geográfica descontínua: após a coleta 4, a informante retornou para São Paulo, deixando de morar em João Pessoa e, posteriormente, mudou-se para a Noruega, antes da coleta 6. Essa quebra na exposição ao dialeto pessoense comprometeu a continuidade do processo, interrompendo a convivência imersiva necessária para a estabilização das novas variantes linguísticas típicas do dialeto pessoense, resultando em um gradativo desaparecimento dessas, em sua fala. No gráfico 11, destaco os principais momentos ressaltados neste trecho:

Gráfico 11 – Declínio nos índices de acomodação da Informante 5

Fonte: Autor

Sua dificuldade contínua de inserção e de adaptação ao repertório linguístico local, assim como os demais fatores expostos aqui podem ter contribuído para sua decisão de sair de João Pessoa e a consequente redução na produção das variantes locais. O último trecho que eu gostaria de destacar demonstra como os ajustes necessários para que ela se ajustasse às expectativas locais eram muitas e em grau elevado, a ponto de ela expressar “não é o meu jeito”:

E – Você já passou por alguma situação em que sentiu dificuldade em se comunicar (entender ou ser entendido/a) com alguém em João Pessoa? E em outras cidades que já tenha visitado?

I5 (11.1%, coleta 5) – Aconteceu os dois. Eu só não lembro a situação, mas eu lembro que foram situações recorrentes e aí... tanto que foi antes... é que teve uma transição, assim. Quando eu tava fazendo as aulas e frequentando os espaços de forró a maior parte das pessoas que eu conversava eram paraibanos, né, então eu fui aprendendo e tal, porque eu perguntava pros meus amigos: “eu falei isso, o que que a pessoa entendeu?”. Aí tipo, a pessoa entendeu outra coisa e era completamente diferente do que eu tava falando. E aí eu fui aprendendo a ser um pouco mais delicada talvez, menos direta; só que não é o meu jeito, entendeu? Eu gosto de ser mais... sabe? Foi uma coisa meio natural assim, eu fui me aproximando das pessoas de São Paulo, podia ser direta e não tava ofendendo ninguém sendo do jeito que eu sou, então aconteceram várias vezes, mas enquanto eu tinha os amigos mais próximos paraibanos eu tinha um tradutor (risos).

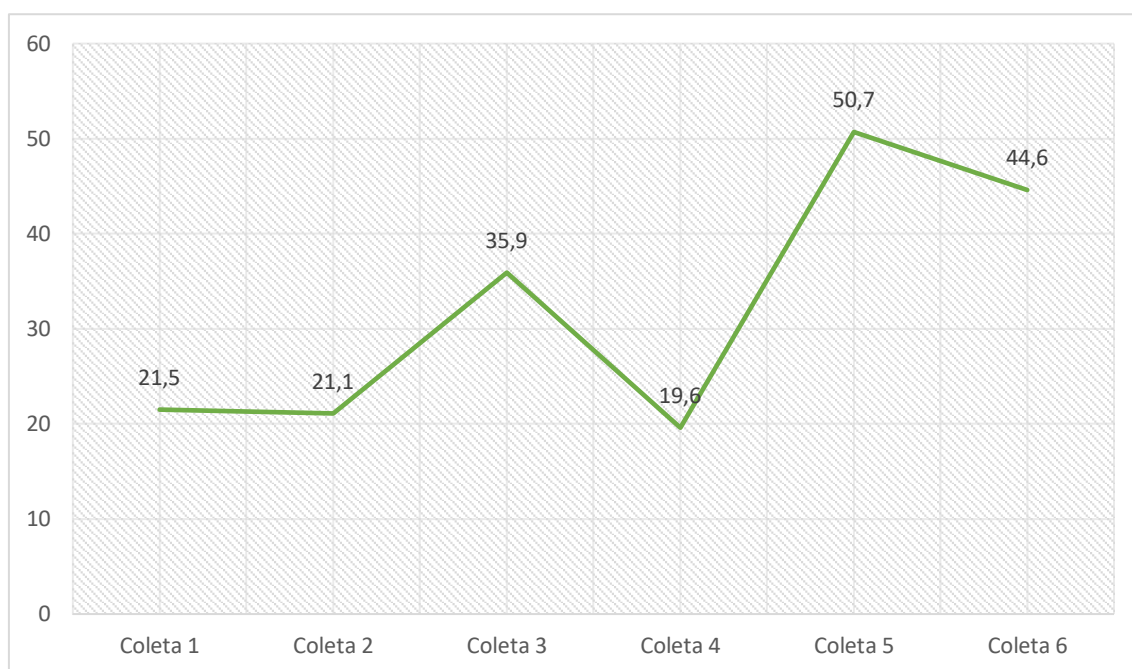
No panorama interindividual, I5 se destaca por ter o índice mais baixo de acomodação da pesquisa, mas enquanto ela ainda morava em João Pessoa, lentamente seu percentual de acomodação aumentava. Foi com sua saída que os índices rapidamente caíram, mas, como foi exposto, houve vários fatores e várias experiências vivenciadas por ela que exerceram influência inibidora da acomodação linguística durante sua estada em João Pessoa.

Talvez as maiores diferenças entre a trajetória da I5 e as dos demais participantes da pesquisa se devam às seguintes características: o fato de o processo ter sido interrompido; a ausência de grandes oscilações nos índices de acomodação, observando-se, em vez disso, um crescimento sutil; e a apresentação de índices mais tímidos. Esse último é esperado simplesmente em virtude de seu baixo tempo de exposição, mas se a proporção de experiências positivas fosse maior em relação ao que de fato foram, possivelmente ela teria criado mais relações de afeto sociocultural e se sentido pertencente, o que provavelmente resultaria em uma evolução mais acentuada em seu processo de acomodação linguística em João Pessoa.

A Informante 5 representa, assim, um caso de manutenção fonético-identitária, em que a linguagem é vivida como expressão de autenticidade pessoal e não como elemento passível de negociação, por motivos meramente pragmáticos. Apesar da imersão cultural parcial, sua postura diante do dialeto local se mantém marcada por uma distância afetiva e social, que limita qualquer acomodação linguística mais significativa.

5.6 ANÁLISE DO INFORMANTE 6 (I6)

A trajetória do Informante 6 revela um dos casos mais consistentes de acomodação dialetal ascendente ao longo da pesquisa. Natural de São Paulo, o I6 tinha 34 anos na primeira coleta e já acumulava seis anos de exposição ao ambiente pessoense, chegando a oito anos ao final da pesquisa. Seu índice de acomodação evolui de 21,5% para 44,6%, com um acréscimo de 23,1 pontos percentuais, sendo um dos maiores entre os participantes. Tal crescimento evidencia um processo de acomodação linguística efetiva, que se desenvolve de forma contínua e sólida, sustentado por múltiplos fatores identitários, sociais e afetivos.

Gráfico 12 – Índices de acomodação do Informante 6

Fonte: Autor

Dentre os informantes do grupo paulista, o I6 é o que menos mantém vínculos regulares com pessoas de sua cidade de origem. Ele relata que vai a São Paulo apenas uma vez por ano e que não recebe visitas com frequência, o que reduz significativamente sua exposição presencial ao dialeto paulista. Embora fale diariamente com a mãe e a avó, com quem mantém fortes laços afetivos, sua rede social está concentrada em João Pessoa, o que favorece a imersão linguística no novo ambiente. A ausência de reforços sistemáticos do padrão fonético de origem parece ter operado como um facilitador da acomodação.

E – Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I6 (21.5%, coleta 1) –Eu não recebo visita do pessoal da minha cidade natal, não. O tempo que eu tô morando aqui, já vão seis anos e meio, eu recebi visita de amigos de outros lugares do Brasil, mas não da minha cidade. Minha família, por exemplo, nunca veio me ver. Minha mãe tá planejando vir nas férias dela pela primeira vez. [...] Eu vou pra lá uma vez por ano e fico lá as férias inteiras. A última vez eu fiquei trinta dias de férias e fiquei vinte e oito dias lá. [...] com o pessoal de lá eu falo muito pouco, assim... muito pouco mesmo. E lá eu tenho bastante amigo, éramos muito próximos antes de eu vir pra cá... não que a gente deixe de ser, quando eu vou pra lá a gente curte junto, parece que nada mudou, mas eu falo muito pouco... por telefone nunca acontece, a gente geralmente conversa por WhatsApp e tal, ou por Instagram [...] mas eu falo muito pouco [...] Já com minha família, eu tento falar todo dia com minha avó, com minha mãe [...] aí eu telefono, faço chamada de vídeo, pra saber que tá tudo bem.

O informante 6, quando se mudou para João Pessoa, morou em um bairro mais centralizado e eventualmente se mudou para um bairro mais periférico. Ele percebe que a cidade é bonita, mas sente que a desigualdade limita a vivência completa de João Pessoa, conseguindo aproveitar menos do que a cidade tem a oferecer desde que mudou de bairro. Isso poderia ter dificultado situações de interação que proporcionasse contato com o dialeto local, mas ele, especialmente por ser professor, possuía contato diário com pessoas locais.

Essa vivência, distante dos principais pontos turísticos da cidade possivelmente tenha favorecido o contato com traços linguísticos locais em contextos autênticos e informais. A postura dele diante da cidade é reflexiva, com olhar crítico sobre as desigualdades socioterritoriais. Ao comparar bairros e vivências urbanas, ele afirma que a João Pessoa que conheceu nos primeiros anos “não era para todo mundo”.

E – E agora que está aqui, o que acha de João Pessoa e/ou da Paraíba?

I6 (21.5%, coleta 1) – Minha opinião permanece, mas eu percebi que é como se fosse... só que de certa forma se ampliou muito quando eu vim pra cá. Morar em um bairro periférico que é longe dos lugares centrais meio que ampliou a minha visão e fez com que eu percebesse a cidade que eu usufruí por cinco anos não era pra todo mundo.

Essa consciência das camadas sociais da cidade se associa a uma identidade que busca melhor conhecer e se apropriar do novo local, gerando sentimento de pertencimento sem apagamento de sua origem. Seu enraizamento é claro, uma vez que ele afirma que não voltaria a morar em São Paulo, a não ser em um futuro mais distante quando sua família o necessite por perto. Antes de se mudar, ele já desejava morar no Nordeste, como se evidencia em sua fala:

E – Você já possuía contato com paraibanos em sua cidade natal?

I6 (21.5%, coleta 1) – Não. Quando eu vim pra cá... eu queria morar no Nordeste, isso era uma certeza. Eu fiquei entre Natal e aqui, depois de muita pesquisa [...] mas não, eu não tinha contato com ninguém. Eu achava que em São Paulo eu tava perdendo muito da minha vida no trânsito a caminho dos lugares [...] e aí eu não gostava dessa coisa, assim, aí eu pensei: ‘eu quero outra paisagem, quero outro clima’. [...] E aí eu queria mesmo vir pra cá, era minha primeira opção, porque a minha avó [...] trabalhava na roça, foi pra lá com minha mãe criança de colo e eu sempre tive curiosidade de conhecer. Elas nunca voltaram pra cá e eu nunca tinha vindo.

Nas entrevistas, ele demonstra atitudes positivas para com expressões típicas da região, como “oxe” e atribui a adoção desses traços a experiências afetivas: “me parece resultado dos afetos que eu tenho”. Essas, ele trás para si, incorporando como parte de sua própria identidade:

E – Há algo específico de que você gosta na sua forma de falar?

I6 (44.6%, coleta 6) – Eu acho que eu gosto como eu congreguei, aglutinei, sei lá... trouxe pra mim algumas expressões e sons que eu acho bonito, de lugares que eu gosto. Acho que quando eu uso o diminutivo é muito parecido com o que meus amigos de Minas Gerais usam – a maneira que eles usam. Eu acho que algumas coisas daqui de João Pessoa eu acabei incorporando. E não é consciente, mas depois que alguém aponta eu começo a perceber que é verdade, que nem o “oxe”, que nem o “di”, em alguns casos. E eu nem sei determinar o porquê sai em alguns e não sai em outros. Acho que é isso. Acho que eu gosto disso, dessa mistura, porque me parece resultado dos afetos que eu tenho, pensando nas pessoas de onde vem, as pessoas que eu gosto, e coisa assim.

No que diz respeito à percepção da própria fala, o I6 parece bastante consciente dos ajustes que fez ou faz e demonstra atitudes bastante positivas. Ele identifica traços que ainda remetem à sua origem, como o “r” (especificamente o tepe [r]) mais marcado e uma fala considerada “fluente demais”, e percebe que essas características provocam julgamentos, como a impressão de ser “esnobe”. Ao mesmo tempo, demonstra interesse ativo por sotaques e realizações fonéticas diversas, relatando que costuma ouvir com atenção e tentar reproduzir diferenças de pronúncia. Essa sensibilidade metalinguística aparece como um dos potenciais motores do seu processo de acomodação, permitindo-lhe ajustar sua fala de forma responsiva aos contextos e interlocutores.

Com o passar do tempo ele também foi se sentindo menos deslocado, como se evidencia no trecho a seguir:

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado/a aqui? Ainda se sente/ Por quanto tempo?

I6 (21.5%, coleta 1) – Boa pergunta. Acho que já, mas não sei exatamente se foi por causa do lugar. Acho que foi mais por causa do momento que eu vim. Porque eu vim pra cá, eu tinha vinte e seis anos, foi o ano que eu fiz vinte e sete... e eu já tava com outra cabeça, né? Já tinha passado por uma graduação, pelo mercado de trabalho, e aí estar de novo com gente tão novinha, estudando, coisa e tal, foi: “opa, o que que eu tô fazendo aqui?”. E até então era o único mundo que eu tinha contato, aquelas pessoas, então foi um pouco [...] (risos) foi muito diferente... do que eu tava habituado, porque eu tava sempre cercado de gente, dos meus amigos, eu tava numa posição que eu tinha contato com as pessoas... foi muito diferente.

E – Mas hoje você se sente deslocado, ou não mais?

I6 – Não, não me sinto. A sensação já passou.

Ademais, o I6 expressa se identificar com a cultura local e seus hábitos, adotando alguns para si:

E – Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I6 (21.5%, coleta 1) – Eu gosto. Eu acho bonito... pronto, eu acho que isso dá luz no que você perguntou agora há pouco, que eu falei que não sabia responder. Eu acho muito bonito como as relações se dão. É uma ausência de pressa. Você olha pra a pessoa e você sabe que a pessoa tá te ouvindo [...] Eu acho bonita essa autenticidade, eu acho que essa autenticidade é cultural do povo daqui. Eu acho os hábitos bonitos mesmo [...] Em relação à comida, né, que tem rubacão, né? Eu não gosto (risos). Mas outras coisas eu gosto muito [...] eu acho que me identifico, gosto, algumas coisas eu adotei, eu tento ser mais como o povo daqui do que como o povo de lá.

Comparando-o com os demais informantes paulistas, o I6 apresenta os segundos maiores índices de acomodação do grupo, atrás apenas da I7. Comparando-o com a I4, ele compartilha a crítica social e o olhar acolhedor sobre a cidade, mas apresenta um nível de acomodação mais elevado e mais intensamente marcado por mudanças fonéticas perceptíveis. Isso provavelmente se dá em virtude da grande diferença em tempo de exposição, já que a I4 está ainda há comparativamente pouco tempo em João Pessoa. Em relação aos recifenses, sua trajetória se aproxima da de I3, que também apresenta crescimento expressivo e oscilatório ao longo da pesquisa.

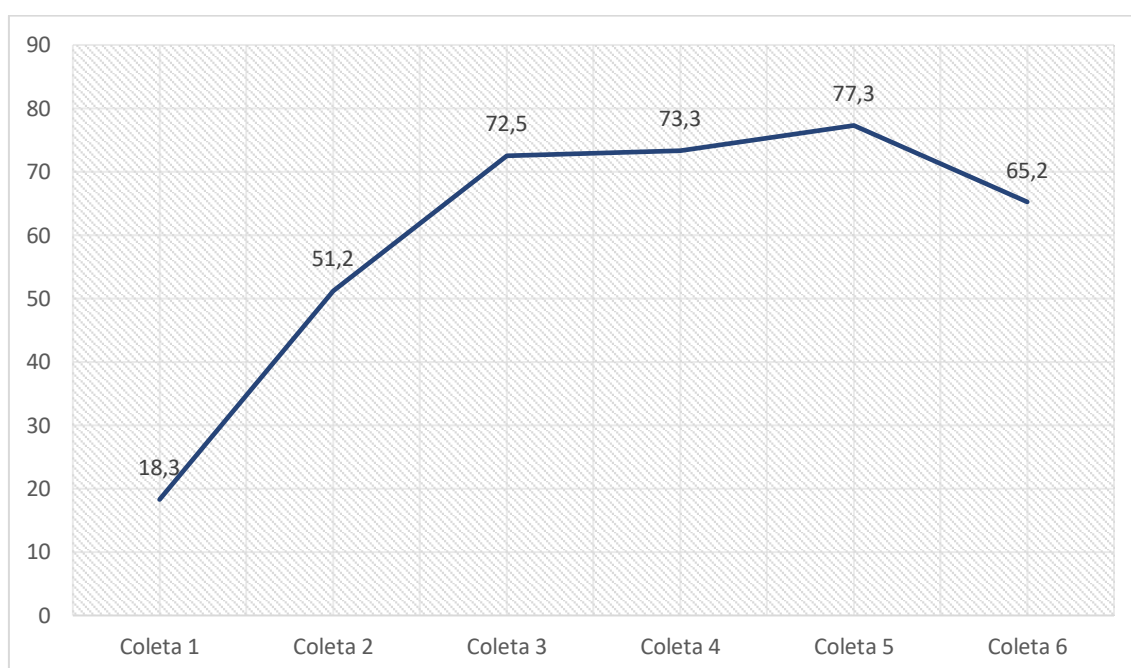
No caso do Informante 6, é possível perceber uma reconfiguração linguístico-identitária mais consciente, em que a acomodação é, em parte, resultado da convivência prolongada com falantes locais e, em parte também, uma escolha subjetiva apoiada em atitudes positivas, com afetividade, e baixa resistência identitária.

5.7 ANÁLISE DA INFORMANTE 7 (I7)

A trajetória da Informante 7 se destaca como o caso mais expressivo de acomodação linguística ascendente entre todos os participantes da pesquisa. Natural de

São Paulo, a I7 tinha 21 anos na primeira coleta e acumulava, até então, dois anos de exposição ao dialeto pessoense, chegando a quatro anos ao final da pesquisa. Seus índices de acomodação percorreram um percurso ascendente de maneira bastante rápida, saltando de 18,3% iniciais para 65,2% finais, representando um acréscimo de 46,9 pontos percentuais, o mais alto registrado no estudo. Isso representa uma acomodação linguística intensa e aparentemente consolidada, ocorrida em tempo relativamente curto e sem rompimento declarado com a identidade de origem.

Gráfico 13 – Índices de acomodação da Informante 7



Fonte: Autor

Embora mantenha contato remoto com familiares e amigos de São Paulo, a I7 relata que visitou a cidade natal apenas uma vez em dois anos, e que sua convivência cotidiana em João Pessoa se dá majoritariamente com pessoas da família, mais especificamente, com a avó, a tia e o irmão, que moram com ela. É importante observar que ambas são originárias do Nordeste (Serra Talhada-PE), apesar de terem vivido em São Paulo, o que contribui para um ambiente familiar marcado por traços linguísticos híbridos, distintos tanto do paulista padrão quanto do pessoense nativo. Esse dado é relevante para entender o modo como sua acomodação fonética ocorre sem atritos

familiares ou resistências explícitas, e, ao mesmo tempo, sem a exigência de apagamento das origens.

I7 (18.3%, coleta 1) – Eu não tenho reclamações pra João Pessoa. Aqui foi uma cidade que realmente eu acho que minha família conseguiu se encontrar, tanto eu quanto eles. É uma cidade muito tranquila, com qualidade de vida excelente pra quem morava em São Paulo, capital... trânsito caótico, você trabalhava, trabalhava, trabalhava e não via fim. Aqui não. Aqui você tem como conciliar trabalho e o lazer. Em São Paulo você não tinha essa qualidade de vida e é uma coisa que aqui a gente tem.

A relação afetiva dessa informante com a cidade de João Pessoa é profunda e imediata. A cidade é descrita como o lugar onde sua família “conseguiu se encontrar”, e ela afirma com segurança que não voltaria a morar em São Paulo, e nem mesmo visitaria a passeio. A comparação com o espaço de origem não se dá por desvalorização cultural, mas sim por contraste com a rotina intensa da capital paulista, em oposição à qualidade de vida encontrada na capital paraibana. Esse posicionamento reforça a ideia de deslocamento identitário, em que o novo espaço passa a ser o centro de referência afetiva e social.

Contudo, no que diz respeito às interações interpessoais em João Pessoa, essas eram vistas sob uma ótica de preconceito inicial, mas que foi superado:

E – Você em algum momento já se sentiu deslocado/a aqui? Ainda se sente/ Por quanto tempo?

I7 (18.3%, coleta 1) – Às vezes.

E – Isso mudou com o tempo ou permanece da mesma forma desde quando você chegou?

I7 – Melhorou, mas eu ainda escuto comentários por conta do sotaque, né? Questão cultural mesmo.

E – Que tipo de comentários?

I7 – Primeira vez que eu fui na padaria, recém chegada aqui, fui pegar um pão pra tomar café (risos)... a mulher da padaria olhou pra minha cara e falou “moça, fala porta, porteira, portão”.

E – Isso diminuiu com o tempo?

I7 – São casos isolados, mas no serviço eu ainda escuto umas coisas de vez em quando.

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I7 (18.3%, coleta 1) – (risos) Tu é paraibano né?

E – Não, eu sou recifense.

I7 – Então eu vou falar. Logo quando eu cheguei aqui eu achei os paraibanos um pouco agressivos, sabe? Bem brutos mesmo. Eu acho que a questão da fala, também, eles são mais grosseiros, e acho que no contato do dia a dia. Acho que no primeiro contato eles são um

pouquinho mais hostis. Não são tão acolhedores quanto o povo do Recife, por exemplo. [...] logo quando eu cheguei eu tive um pouco de baque, porque, assim, São Paulo, a gente às vezes não pega pra ir direto no primeiro contato, porém, se a pessoa fala com a gente a gente responde com atenção, nã nã nã, bom dia é de praxe. E aqui a gente não tem isso, entendeu? Acho que na forma da resposta eles são um pouquinho mais agressivos, a população masculina. Principalmente a população masculina.

E – Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?

I7 (77.3%, coleta 5) – Sim, com certeza. Logo que eu cheguei aqui, acho que por conta de algumas experiências logo de cara, eu era muito preconceituosa. Eu tinha um preconceito, assim... enquadrava os paraibanos num quadro geral, por conta de algumas pessoas. Hoje em dia eu sou mais receptiva. Eu também tinha muito preconceito porque assim, eu falava “ah, é Nordeste, cidade pequena, interior”. Hoje em dia não; hoje em dia eu gosto mais da cidade. [...] Eu fui chegando, fui conhecendo o lugar, fui me adaptando, que é muito importante. Me adaptando ao estilo de vida, como as pessoas viviam aqui; peguei algumas coisas pra mim, algumas coisas eu não quero pegar. Mas, fui aceitando mais, foi bem gradativo. Comecei a ir pra igreja, comecei a ter um círculo de pessoas ali mais íntimas de se ver toda semana.

Essa sua fala revela uma mudança atitudinal significativa, que possivelmente favoreceu seu processo de acomodação linguística. Isso ajuda a compreender o expressivo aumento de seus índices de acomodação iniciais, que passaram de 18,3% na primeira coleta para 51,2% na segunda, com mais avanços subsequentes.

No que se refere a seu modo de falar, a I7 afirma que raramente é identificada como paulista. Ela é frequentemente confundida com carioca e reconhece em si traços como a realização do “r” retroflexo.

E – Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I7 (65.2%, coleta 6) – Não, porque eles confundem muito o sotaque carioca com o sotaque paulista.

Curiosamente, embora valorize esses traços, demonstra abertura e neutralidade quanto à diversidade linguística, sem estabelecer hierarquias entre os sotaques. Essa postura, aliada à sua avaliação positiva da inteligibilidade como critério comunicativo, sustenta uma acomodação linguística que se dá por afinidade e não por obrigação social.

E – Você considera alguns dialetos, falares ou sotaques mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

I7 (65.2%, coleta 6) – Não. Eu gosto muito do meu, que é o paulista. Mas eu não considero ele mais bonito do que outros. E eu acho que assim, a forma de falar... é que eu sou filha de professor, né, então eu cresci escutando: “português certo é aquele que a gente entende”. Minha mãe sempre falou isso. Então, dando pra entender, pra mim tá na forma correta. E sotaque acho que não tenho um preferido. Eu só não gosto do sotaque carioca. [...] É porque é muito marrento, né? Você já reparou. É cheio de marra e não sei o que... não!

E – Você falou que o falar paulista é mais bonito. Ele é também mais fácil de entender do que outros ou não?

I7 – Ah não, é. Mais fácil de entender, é! Porque assim, logo que eu cheguei aqui eu tinha muita dificuldade porque o pessoal aqui fala muito rápido. A gente que é paulista não, a gente não fala rápido. A gente fala de uma forma que dá pra entender, né? É tudo muito explícito, bem detalhado. E aqui o pessoal fala muito rápido.

Ao longo das entrevistas, ela reflete sobre o julgamento social da fala, demonstrando consciência das interpretações que os sotaques podem gerar, mas sem internalizar essas avaliações de forma negativa. A combinação entre autovalorização da própria forma de falar e abertura para incorporar novos traços linguísticos é uma das características que mais favorecem sua intensa acomodação. Ainda assim, houve situações desagradáveis pelas quais ela passou, em que seu sotaque era alvo de comentários, mas o inverso também acontece, de acordo com seus relatos, havendo muitos comentários positivos também:

E – Você já recebeu elogios inesperados de pessoas que acabara de conhecer? Se sim, que tipos de elogios foram?

I7 (72.5%, coleta 3) – Já, já sim. Eu acho que aqui na Paraíba, especificamente, o pessoal elogia muito o meu sotaque, né, porque a gente tem um sotaque diferente. E o meu cabelo, por ele ser cacheado, o pessoal tá mais acostumado com cabelo liso, né? Agora que tá vindo mais o pessoal assumindo mais os seus cachos.

E – Quanto ao seu sotaque, o que costumam dizer?

I7 – Primeiro começam a falar: “Você não é daqui. Você é daonde?”. Porque já nota diferença no sotaque. Depois falam que o sotaque é muito bonito, diferente do sotaque daqui. Porque eu costumo puxar o “r”. Agora que eu tô dando uma segurada. Já tem alguns anos que eu tô aqui, né? Aí querendo ou não a gente pega um pouquinho.

E – De que forma e por que você está “dando uma segurada”?

I7 – É porque o sotaque no Nordeste é muito forte, né? É muito rico também. E aí, por conta da convivência a gente, querendo ou não, costuma pegar alguns vícios de linguagem regionais. Algumas gírias, algumas coisas assim, e acaba mudando um pouco a nossa forma de falar e o nosso próprio sotaque.

E – Muitas pessoas percebem essa mudança em você?

I7 – Não. Sabe quem percebe: os meus amigos de São Paulo.

E – Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?

I7 (65.2%, coleta 6) – Tem. É... eu não gosto da minha forma de falar às vezes que eu não consigo encurtar muito as coisas – resumo... sou péssima. [...] O “r” eu não gosto não (risos). Porque todo mundo descobre pelo “r”. Eu acho que eu

não gosto do “r” porque... não sei... me incomoda um pouquinho. Não tem um motivo específico. Ah, e dessa questão do “r”, eu me incomodo da minha forma de falar; quando eu escuto eu não me incomodo, mas eu falando, eu acho um pouquinho feio.

E – Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?

I7 (65.2%, coleta 6) – Paulista.

E – O que você acha do seu sotaque?

I7 (65.2%, coleta 6) – Eu gosto. Eu gosto do meu sotaque. Só o “r” que me incomoda, assim, eu falando. Só em algumas frases, pra mim. Em algumas palavras como “po[t]ta”. Eu acho feio esse “r” de “po[t]ta”... eu falando, agora, eu escutando, não.

Ela observa, nessa última resposta, que não gosta de sua própria produção do /R/, ainda que não tenha o mesmo julgamento ao escutá-lo sendo produzido por outras pessoas. Cabe considerar se a I7 apresentaria a mesma avaliação quanto à sua produção do /R/ caso esse segmento fosse realizado como tepe [r], em vez de retroflexa [ɽ]. Talvez a junção de fatores, considerando sua avaliação para com sua própria fala, com os comentários positivos recebidos, somados também a seu comportamento de não dar muita atenção a possíveis comentários negativos, as redes de amigos que formou em João Pessoa, e sua disposição em se adaptar, tenham todos contribuído para seus altos índices de acomodação em tão pouco tempo.

E – Como você descreveria sua relação atual com a cultura paraibana?

I7 (73.3%, coleta 4) – Boa. Pode não parecer, mas a maioria dos meus amigos não são paraibanos. São todos que vieram pra cá, então eu não sou muito ligada com a cultura paraibana. O que mais pega aqui é comida, as músicas daqui que o pessoal costuma escutar, então é bem... bem legal.

E – Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?

I7 (77.3%, coleta 5) – Sim, com certeza. Logo que eu cheguei aqui, acho que por conta de algumas experiências logo de cara, eu era muito preconceituosa. Eu tinha um preconceito, assim... enquadrava os paraibanos num quadro geral, por conta de algumas pessoas. Hoje em dia eu sou mais receptiva. Eu também tinha muito preconceito porque assim, eu falava “ah, é Nordeste, cidade pequena, interior”. Hoje em dia não; hoje em dia eu gosto mais da cidade. [...] Eu fui chegando, fui conhecendo o lugar, fui me adaptando, que é muito importante. Me adaptando ao estilo de vida, como as pessoas viviam aqui; peguei algumas coisas pra mim, algumas coisas eu não quero pegar. Mas, fui aceitando mais, foi bem gradativo. Comecei a ir pra igreja, comecei a ter um círculo de pessoas ali mais íntimas de se ver toda semana.

E – Você já mudou sua forma de falar para se adaptar ao seu entorno?

I7 (77.3%, coleta 5) – Já. Com certeza. Eu acho que todos fazemos isso, né? Independente. Quando a gente fala “ah, fulano foi pra tal canto e pegou o sotaque – pegou o sotaque de lá”... Eu acho que é uma coisa que a gente faz inconsciente. Então a gente acaba pegando o sotaque de certa região que a gente passa um tempo prolongado pra meio que se adaptar. A gente acaba absorvendo gírias, sotaque, tudo, pra se adaptar, se encaixar naquela região que a gente tá.

E – Você se lembra de alguma situação em que fez um movimento consciente de ajustar a fala?

I7 – Que eu me lembre não, porque eu gosto demais do meu sotaque paulista. Então por mim eu nem pegava o paraibano, né?

Dentre todos os informantes participantes desta pesquisa, a I7 é a que apresenta maiores índices de acomodação. Nos trechos apresentados acima, ela mostra certa rejeição consciente à acomodação, afirmando que gosta do sotaque paulista, embora aparente não gostar de marcas do interior. Esse contraste sugere que seu processo de acomodação pode ter ocorrido de forma inconsciente, hipótese corroborada pela própria informante em sua fala. A relação da I7 com o novo espaço, mais que prática, é afetiva, auxiliada pela sua participação em grupos como o da igreja. Trata-se de um processo de reidentificação com o lugar, com os vínculos locais e com uma nova forma de narrar a própria trajetória. Esse processo de acomodação linguística que evolui de forma intensa e rápida é consequência de fatores como: a) pouco contato com o repertório de origem; b) vínculos familiares com falantes de origem nordestina; c) fortes vínculos sociais locais e identificação afetiva com diferentes aspectos de João Pessoa; e d) uma atitude linguística aberta, sem preconceitos ou resistências conscientes.

5.8 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANÁLISE INTRA E INTERINDIVIDUAL

A análise do percurso individual dos informantes revela a complexidade e a variabilidade do processo de acomodação dialetal, confirmando que esse fenômeno resulta de uma confluência de elementos identitários, atitudinais e afetivos. Cada uma das coletas é um retrato de um momento. A acomodação não segue padrão linear e muito provavelmente uma coleta realizada semanas depois apresentaria resultados diferentes, mas a análise qualitativa de cada um desses retratos me permitiu observar as particularidades individuais do processo de acomodação em curso, assim como realizar comparações que auxiliam no entendimento das diferentes combinações de fatores que interagem e acabam por acelerar, desacelerar, ou até regredir o processo.

Entre os recifenses, nota-se uma relativa familiaridade com o dialeto pessoense desde os primeiros contatos, especialmente no caso de I1, que apresenta acomodação precoce e estabilidade fonética elevada. I3, por sua vez, protagoniza uma trajetória de

crescimento expressivo, mesmo mantendo contato constante com Recife, evidenciando que a convivência local e a reconfiguração identitária gradual são capazes de operar mudanças fonéticas significativas. Já I2 ilustra uma situação em que, apesar de iniciar com índice elevado, apresenta queda ao longo do tempo, sugerindo que desafios enfrentados no novo local, assim como a força dos laços com a cidade natal e a valorização da fala de origem podem frear ou mesmo reverter o processo de acomodação.

Os resultados demonstram que os paulistas apresentaram trajetórias de acomodação mais intensas do que os recifenses. Esse resultado é particularmente interessante porque diferentes fatores teóricos sugeriam expectativas divergentes: de um lado, a maior similaridade fonológica entre os dialetos recifense e pessoense levaria à expectativa de maior facilidade de acomodação por parte dos recifenses; de outro, essa mesma similaridade fonológica, assim como a maior proximidade geográfica e o contato contínuo com o repertório linguístico de origem poderiam, inversamente, reduzir a necessidade ou motivação para acomodar. Os dados revelaram que o segundo conjunto de fatores prevaleceu, evidenciando que a proximidade estrutural entre os dialetos não favoreceu maior acomodação quando fatores sociais, como a manutenção de contato frequente com a variedade de origem, parecem ter atuado em direção oposta. Assim, enquanto os recifenses mantiveram contato linguístico mais frequente com seu dialeto natal, o distanciamento geográfico dos paulistas parece ter favorecido uma integração mais intensa ao dialeto pessoense.

Complementarmente, a análise dos relatos dos participantes revela que o grau de enraizamento afetivo e social no espaço pessoense atua como fator mediador importante dessas trajetórias distintas. Muitos dos participantes desta pesquisa demonstram grande apreço pela cidade, à cultura local, e à inserção em redes sociais locais. Tais vínculos afetivos construídos em João Pessoa formam um sentimento de pertencimento, mesmo que isso não implique abandono da identidade de origem. Inclusive, comum na fala dos informantes foi a percepção de que a cultura de João Pessoa é menos expressiva ou menos valorizada do que deveria ser, pelos moradores locais, faltando uma expressão de orgulho local mais forte por parte dos pessoenses. As informantes 1, 2 e 7, todas expressam (na coleta 2) considerar alguns pessoenses como brutos:

E (coleta 2) – O que você não gosta em João Pessoa? Considerando as pessoas, a cultura, e outros fatores.

I1 (55%) – Às vezes eu acho as pessoas um pouco mal-educadas, mas é mais em questão de atendimento, sabe? Parece que estão trabalhando com raiva.

I2 (51%) – Eu acho que às vezes, algumas pessoas, o atendimento... é meio bruto. Eu acho. Eu sempre comento isso quando eu vejo alguém assim com atendimento mais ignorante: “esse é de João Pessoa”. Mas também tem pessoas que são bem educadas e te tratam bem, mas tem umas que realmente são bem rudes.

I7 (51.2%) - Se eu pudesse pegar algumas pessoas e, sei lá, mandar pra outro estado, seria bom. [...] Aqui é um pessoal um pouco mais ignorante, sabe... brutos.

Outro pensamento, comum entre todos os entrevistados, é a opinião de que João Pessoa é uma cidade tranquila que proporciona qualidade de vida. Fatores como menor trânsito, menor tempo de locomoção de um ponto a outro da cidade, opções de lazer, dentre outros, foram pontos de elogio à cidade.

No grupo dos paulistas, a heterogeneidade também é evidente. A experiência da I5 chama atenção pelo fato da descontinuidade, somada a, ou até como resultado parcial das situações de desconforto ou inadequação social no novo ambiente. Em contraste, o I6 e a I7 apresentam trajetórias de acomodação intensa, ancoradas em redes sociais locais. A I4 tem uma trajetória similar, ainda que em estágio mais inicial, mantendo ainda muitos traços perceptíveis de origem, mas demonstrando grande abertura aos pessoenses e seu dialeto.

As trajetórias de muitos deles evidenciam que a acomodação pode ocorrer de maneira rápida e profunda, mesmo com pouco tempo de exposição, quando há fortes atitudes positivas enraizamento afetivo e deslocamento identitário.

Em todos os casos, verifica-se que a atitude em relação à própria fala e à fala alheia funciona como um dos principais indicadores da tendência à acomodação. Informantes que valorizam a inteligibilidade, reconhecem a legitimidade dos diversos sotaques e buscam se adequar pragmaticamente a diferentes contextos tendem a apresentar maior acomodação. Já aqueles que associam sua forma de falar a um traço inegociável de identidade e pertencimento tendem a resistir à mudança, mesmo quando socialmente integrados ao novo espaço.

O conjunto dos dados analisados permite, assim, sustentar que a acomodação dialetal é um fenômeno profundamente dependente das experiências afetivas, das redes de interação construídas e da forma como os sujeitos se percebem e são percebidos nos novos contextos. O processo se configura de forma dinâmica, apresentado aqui como

recortes sincrônicos que oscilam e variam em intensidade, o que reflete a negociação contínua entre manutenção e mudança no plano linguístico e identitário.

Encerrada a análise das trajetórias individuais e interindividuais, resta verificar as implicações desses resultados à luz das questões norteadoras desta pesquisa, bem como de suas contribuições teóricas, metodológicas e sociais.

CAPÍTULO VI: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E PERSPECTIVAS

Neste capítulo, retomo os principais resultados da pesquisa com o objetivo de responder às questões norteadoras propostas no capítulo de introdução. Também discuto brevemente as contribuições empíricas, metodológicas e teóricas da pesquisa, suas limitações e os desdobramentos possíveis em termos acadêmicos e sociais. Por fim, apresento sugestões para investigações futuras que possam aprofundar e expandir os resultados aqui obtidos.

6.1 RESPOSTAS ÀS QUESTÕES NORTEADORAS

Nesta seção, retomo as cinco perguntas que nortearam esta pesquisa, agora à luz dos achados empíricos discutidos nos capítulos anteriores.

1) Diante de tantas variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciadoras, pode-se observar a convergência linguística por parte dos informantes paulistas e recifenses residentes em João Pessoa?

Sim. Ambos os grupos apresentaram indícios de convergência linguística, embora com intensidades, motivações e padrões distintos para cada indivíduo. No grupo dos recifenses, os índices se apresentaram mais estáveis ao longo do tempo se comparados aos dos paulistas. A partir dos resultados, pode-se dizer que um indivíduo, seja ele recifense ou paulista, caso apresente atitudes favoráveis ao novo dialeto e seu ambiente, tende a apresentar crescimento não-linear em seu nível de acomodação linguística. Isso foi percebido mesmo em estágios mais iniciais em que o tempo de exposição era baixo.

2) Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas exercem maior influência na acomodação linguística dos informantes paulistas e recifenses residentes em João Pessoa, e de que maneira?

As variáveis mais influentes foram, no plano linguístico, o contexto fonológico posterior, sobretudo quando seguido de pausa (com peso relativo de 0.84), e o tipo de fenômeno fonético-fonológico em estudo, com destaque para o /S/ diante de /t/ e /d/ como o mais favorecedor da acomodação. Tais variáveis envolvem condições articulatórias que se relacionam às atitudes e identidade dos falantes, influenciando suas decisões (conscientes ou não) no momento de fala. Esses fatores, combinados, indicam que a acomodação ocorre em zonas de menor resistência articulatória e maior abertura social e identitária.

No plano extralinguístico, o tempo de exposição (especialmente quando observado longitudinalmente), a idade e a origem dos informantes se destacaram como determinantes. O tempo de exposição é o que possibilita o contato com a nova variedade e já está estabelecido na literatura sociolinguística como fator primordial para a ocorrência da acomodação linguística. A idade mais jovem, por sua vez, se associa à maior flexibilidade fonológica e maior abertura à mudança. Por fim, a origem recifense apareceu como um facilitador, tanto por motivos geográficos e fonético-fonológicos quanto por trajetórias de inserção mais estáveis na cidade.

3) Quais as diferentes atitudes linguísticas dos falantes para com os dois dialetos e de que maneira essas influenciam o processo de acomodação?

Ambos os recifenses e os paulistas participantes desta pesquisa tendem a valorizar sua identidade linguística regional. Ainda assim, a maioria deles demonstram forte predisposição à convergência. No caso dos recifenses é perceptível que isso ocorre inclusive por razões de clareza ou empatia comunicativa. No caso dos paulistas, ainda que apresentassem atitudes positivas para com o novo local e dialeto, frequentemente percebem que sua variedade de origem carrega prestígio social, ainda que eles pessoalmente não atribuíssem esse prestígio ou relevância da mesma forma. Em outras palavras, por mais que eles talvez não vejam seus falares de origem como melhores ou mais corretos, por exemplo, eles reconhecem que ele carrega prestígio social. Mesmo que não deem necessariamente muita importância consciente a este fato, isso ainda pode reforçar a manutenção de seus traços fonético-fonológicos. Constatei também que as atitudes afetivas e experiências interpessoais (como amizades e convivência) se

mostraram fortes gatilhos para a acomodação, mesmo entre falantes inicialmente resistentes.

4) As diferentes coletas realizadas apresentam um claro avanço do processo de acomodação, com diferenças perceptíveis, tendo em vista o maior tempo de exposição, idade e possíveis mudanças atitudinais e identitárias dos informantes?

A análise longitudinal indicou evoluções claras, em alguns casos, e sutis em outros, avançando, entre os informantes, de maneira não-uniforme e não-linear; em alguns casos, informantes passaram a perceber mudanças em sua própria fala (ou foram informados por terceiros sobre elas). Mesmo levando em consideração as oscilações, a média geral de acomodação apresentou um padrão crescente gradativo.

5) O processo de acomodação linguística, ao longo do tempo, evolui de forma linear ou não-linear? Ou seja, ao adquirir um novo padrão, este já se torna permanente na fala do informante, ou é algo que por vezes ocorre, e em outros momentos deixa de ocorrer?

Os achados me fazem chegar à conclusão de que a acomodação linguística não é um processo linear e tampouco irreversível. Um padrão adotado em determinado momento pode ser abandonado em outro, dependendo do ambiente, do interlocutor ou do objetivo comunicativo, sendo situacional e gradual. A acomodação não se instala como uma mudança definitiva, mas como uma prática situada, sensível ao contexto, ao interlocutor, à intenção comunicativa e às emoções envolvidas. Há traços que são incorporados de modo mais estável, e outros que os informantes ativam ou suspendem conforme a situação. Essa alternância reforça que a fala dos sujeitos migrantes é um território de negociação contínua, em que se combinam lealdades identitárias e desejos de pertencimento. Essa natureza flutuante da acomodação reforça a ideia de que ela está inserida em práticas sociais dinâmicas e identitárias.

6.2 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

A presente pesquisa contribui para os estudos sobre acomodação linguística ao documentar, de forma longitudinal, os efeitos do contato dialetal entre recifenses e paulistas vivendo em João Pessoa. O corpus constituído por seis coletas ao longo de dois anos permite observar o movimento de acomodação linguística através da aproximação fonológica nas realizações dos fonemas /S/ e /R/ em diferentes contextos silábicos.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa propõe uma articulação entre a análise variacionista quantitativa e uma abordagem qualitativa que considera os discursos dos informantes sobre suas trajetórias, identidades, experiências sociais e percepções linguísticas. Esse entrelaçamento de métodos permitiu identificar tanto fatores estruturais da língua, quanto fatores extralinguísticos que influenciam o processo de acomodação. Tal abordagem metodológica já se mostrou relevante em Possatti (2020).

Teoricamente, a pesquisa avança na interface entre a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]) e a Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991), ao demonstrar que um mesmo fator pode ser motivador de convergência para um indivíduo e motivador de manutenção ou divergência para outro, pois elementos identitários (como pertencimento, estigmatização ou orgulho linguístico) atuam diretamente sobre o comportamento linguístico dos falantes.

Adicionalmente, destaca-se o caráter inovador desta pesquisa, especialmente pela adoção de um desenho longitudinal aplicado ao estudo da acomodação dialetal entre variedades do PB. Em contraste com a maioria dos trabalhos da área, que se baseiam em recortes sincrônicos realizados em um único momento ou comparam grupos diferentes em momentos distintos, esta pesquisa acompanhou os mesmos informantes ao longo de dois anos, com seis pontos de coleta. Esse acompanhamento sistemático permitiu captar a evolução (ou oscilação) individual dos processos de convergência e resistência fonológica, revelando padrões não-lineares e dinâmicos de acomodação linguística. Ao preencher uma lacuna na literatura brasileira, ainda carente de estudos longitudinais sobre acomodação entre dialetos do PB, este trabalho oferece subsídios metodológicos e empíricos valiosos para futuras investigações sobre mudança linguística em contextos de mobilidade e contato dialetal prolongado.

6.3 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Embora uma amplificação amostral e melhor estratificação permitam uma maior generalização dos resultados, o corpus desta pesquisa possibilitou analisar os numerosos dados longitudinais e foi suficiente para observar tendências e comportamentos relevantes. Considerando o escopo da pesquisa e as soluções encontradas para sua realização, algumas ideias foram deixadas de lado ou simplesmente não foram possíveis de serem realizadas. Para exemplificar uma delas, no caso desta pesquisa, todos os informantes vieram espontaneamente para João Pessoa, o que impede a comparação entre contextos de migração voluntária e forçada.

Sugiro, portanto, que pesquisas futuras explorem:

- i) O uso de expressões e gírias locais versus expressões e gírias do local de origem;
- ii) A análise de outros traços linguísticos, como a realização de “/dʒi/ e /tʃi/” em oposição a “/di/ e /ti/” (dada sua marcação fonológica mais saliente);
- iii) A variação das vogais médias /e/ e /o/, especialmente em contextos de abertura e fechamento vocálico (“é” vs. “ê”);
- iv) Classe de palavras, como verbo e substantivo;
- v) A inclusão de informantes com histórias de migração não-espontânea ou por razões econômicas/estruturais;
- vi) Estudos comparativos em outras cidades nordestinas que recebem migrantes internos com perfis semelhantes;
- vii) A expansão temporal das coletas para observar processos de estabilização ou retração da acomodação.

6.4 IMPACTO ACADÊMICO E SOCIAL

Os resultados da presente tese têm potencial para influenciar os estudos sociolinguísticos envolvendo mobilidade interna e variação linguística e, potencialmente,

políticas de ensino de língua materna. Ao evidenciar que a fala dos migrantes se transforma de forma complexa e atravessada por questões de identidade, pertencimento e estigma, a pesquisa oferece subsídios para práticas pedagógicas mais inclusivas e conscientes da diversidade linguística brasileira, alinhando-se, assim, ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de Qualidade, ao promover o respeito às variações e identidades sociolinguísticas dos estudantes.

A valorização dos falares regionais e migrantes, o combate ao preconceito linguístico e a promoção de uma educação que respeite as diferenças de origem também dialogam com o ODS 10 – Redução das Desigualdades, uma vez que a pesquisa contribui para a valorização de grupos historicamente marginalizados e para a diminuição das desigualdades socioculturais no país.

Além disso, ao fortalecer o debate público sobre a legitimidade de todas as formas de expressão linguística no Brasil contemporâneo, esta tese se aproxima do ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes, ao defender políticas linguísticas mais justas, representativas e democráticas no ensino de língua materna, o que é especialmente importante em um país marcado por profundas desigualdades sociais e culturais.

Por fim, ao reconhecer os falares regionais e migrantes como parte do patrimônio linguístico e cultural imaterial brasileiro, o trabalho também se relaciona com o ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, ao contribuir para a valorização da diversidade cultural como dimensão essencial da sustentabilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo descrever como ocorre, ao longo do tempo, e que fatores influenciam o processo de acomodação linguística de falantes paulistas e recifenses em contato com o dialeto pessoense. Isso foi possível a partir da análise de traços fonético-fonológicos específicos: a realização do /S/ em coda silábica, do /S/ diante das oclusivas /t/ e /d/, e do /R/ em posição de coda medial. Para tanto, adotei uma abordagem metodológica que articula procedimentos quantitativos, por meio da utilização do programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), e qualitativos, por meio da análise de entrevistas semiestruturadas. Essa combinação me permitiu observar um conjunto mais amplo e complexo de fatores que favorecem ou inibem a acomodação linguística em contextos de contato dialetal.

O caráter longitudinal da pesquisa, com seis coletas ao longo de dois anos, me possibilitou observar de forma sensível os movimentos de convergência, resistência e oscilação entre os falares, bem como as motivações sociais, identitárias e atitudinais subjacentes a esses movimentos. Identifiquei que, para além de fatores como o tempo de exposição, a interação entre elementos como a inserção social, o acolhimento percebido, a valorização da cidade e as atitudes frente às variedades linguísticas em contato é crucial para definir em que nível a acomodação pode ocorrer e se instalar. Acomodar a uma nova variedade linguística envolve não somente tempo, mas a busca por pertencimento, o desejo de criar laços afetivos e escolha de aceitar o diálogo entre identidades distintas, como forma de compor uma nova.

Como mencionado, optei por interpretar os dados quantitativa e qualitativamente. Para uma pesquisa nesse âmbito, é indispensável a realização de análises tanto quantitativas (com base nos dados estatísticos) e qualitativa (com um olhar atento para as respostas fornecidas pelos participantes nas entrevistas semiestruturadas). Com dados mais completos e robustos, se torna mais fácil observar os fatores de identidade e atitude dos participantes. A análise quantitativa possibilitou identificar estatisticamente os fatores que contribuem para a acomodação, e tomando esses dados como base e os contrastando com a análise qualitativa, foi possível a interpretação dos dados subjetivos que contribuem para a acomodação ao novo dialeto ou a preservação do dialeto de origem.

Fui capaz de observar a relevância do fator linguístico contexto fonológico posterior e do fator extralinguístico “fenômeno em estudo”. No plano linguístico, o /S/ diante das oclusivas /t/ e /d/ se destacou como o fenômeno mais favorecedor da acomodação, ocorrendo em zonas de menor resistência articulatória. O fenômeno em estudo está relacionado também à origem dos entrevistados, em que o dialeto paulista carrega maior prestígio se comparado aos dialetos recifense e pessoense. Os índices de acomodação parecem refletir o fator de prestígio, em que a valoração (ou ausência dela) de fenômenos específicos parece ter tido papel em frear ou acelerar o processo de acomodação linguística. A identidade e as atitudes dos entrevistados também tiveram papel importante; os participantes que demonstraram maior aceitação e inserção no novo local também foram os que acomodaram mais.

Os achados da pesquisa estão de acordo com Giles *et al.* (1982) que afirmavam que a atitude linguística é de suma importância para identificar a extensão da acomodação, a percepção e o grau de aceitação dela. Os resultados encontrados também dialogam com a Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991) e com a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]), ao evidenciar que os processos de mudança linguística em contextos de mobilidade são multifatoriais, não-lineares e, por vezes, difíceis de prever. Essa natureza flutuante e reversível da acomodação, em que um padrão adotado pode ser suspenso conforme o contexto, interlocutor ou intenção comunicativa, reforça a ideia de que a fala dos migrantes é um território de negociação contínua. Acredito que este trabalho contribui para o fortalecimento de abordagens que entendem a acomodação linguística como uma prática situada, em que a agência do falante, seus afetos e seu posicionamento diante das normas em disputa desempenham papel central.

Os resultados aqui apresentados ganham força e relevância por se apoiarem em uma abordagem metodológica longitudinal, ainda rara na sociolinguística internacional e, sobretudo, na brasileira. Enquanto boa parte das pesquisas sobre acomodação linguística no Brasil adota um olhar sincrônico, com coletas realizadas em um único momento, ou compara grupos distintos por tempo de residência, nesta investigação realizei sucessivas coletas com os mesmos participantes, o que possibilitou acompanhar mais diretamente o desenvolvimento de suas falas ao longo de dois anos. Essa escolha metodológica permitiu captar, além das tendências gerais, as trajetórias individuais de

acomodação, evidenciando o papel ativo dos falantes no gerenciamento de suas identidades linguísticas em contextos de contato dialetal.

Ao estudar, de forma longitudinal, os falares recifense e paulista em contato dialetal com o falar pessoense, acredito ter contribuído com novas informações acerca do fenômeno de acomodação linguística, fornecendo uma melhor compreensão do que motiva o avanço do processo, especialmente no contexto do Brasil, onde identifiquei uma grande lacuna no que diz respeito ao número de pesquisas sobre acomodação dialetal.

Reconheço, no entanto, o escopo e a especialização metodológica deste estudo. O foco intencional em um número específico de participantes, escolha fundamental para a análise longitudinal detalhada, a concentração em apenas três fenômenos fonético-fonológicos e a investigação restrita a duas variedades do PB constituem recortes que permitem uma análise aprofundada, mas cujas conclusões não devem ser generalizadas sem cautela. Além disso, o próprio acompanhamento dos mesmos participantes ao longo do tempo, que é o seu grande valor metodológico, apresenta inerentes desafios da pesquisa de campo, como a potencial influência do pesquisador e a familiarização dos informantes com os objetivos do estudo. Há também as dinâmicas naturais de estudos de longo prazo, como a possibilidade de participantes descontinuarem sua participação ou mudarem de cidade. Ambas as situações ocorreram no decorrer desta pesquisa, em que dois dos, inicialmente nove, participantes descontinuaram sua participação, e uma dos sete que compõem o corpus da pesquisa retornou a seu estado de origem.

À luz dessas considerações metodológicas e o potencial de aprofundamento gerado pelo delineamento longitudinal, acredito que futuros estudos podem buscar ampliar o escopo da investigação, incluindo outros traços linguísticos, regiões de origem, tempos de residência e contextos socioculturais distintos. Estudos futuros poderiam complementar algumas das escolhas metodológicas por meio da combinação de diferentes métodos, incluindo, por exemplo, observações etnográficas considerando comunidades de prática, ou experimentos de percepção, que permitiriam acessar camadas distintas do fenômeno. Sugiro ainda o aprofundamento através de análises interdisciplinares que articulem a Sociolinguística com campos como a Psicologia Social, a Antropologia e os Estudos Culturais, de modo a capturar outros fatores e variáveis não consideradas nesta pesquisa.

Por fim, no processo de realização desta pesquisa, pude me aproximar das histórias, inquietações e estratégias de adaptação dos participantes, cujas falas revelam não apenas dados linguísticos, mas experiências de vida em trânsito. Agradeço a cada um dos participantes por terem compartilhado suas experiências. O trabalho de escuta atento e respeitoso destas experiências contribui para o fortalecimento do debate público sobre a diversidade linguística e para o combate a formas de preconceito (muitas vezes sutis e disfarçadas) que existem na sociedade e atravessam nossa forma de falar e de existir. Ao evidenciar a complexa transformação da fala dos migrantes, a tese dialoga diretamente com os ODS, especialmente o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 10 (Redução das Desigualdades), ao fornecer subsídios para práticas pedagógicas mais inclusivas e valorizar grupos historicamente marginalizados, promovendo, assim, maior justiça linguística e sociocultural no país.

Referências

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. *Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs. 1980.

AJZEN, I. *Attitudes, Personality and Behavior*. Milton Keynes: Open University Press, 1988.

ALVES, A. C. [mæd/mæt]: análise dinâmico-complexa do desenvolvimento da duração vocálica por aprendizes paraibanos de inglês. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2023.

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário e notas*. São Paulo: Casa Editora “O Livro”, 1920.

ARNETT, J. J. Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Childhood Development Perspectives*, 1(2), 68-73. 2007.

AUER, P.; BARDEN, B.; GROSSKOPF, B. Subjective and objective parameters determining ‘salience’ in long-term dialect accommodation. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, v. 2, n. 2, p. 163–187, 1998.

BAENINGER, R. Expansão, redefinição ou consolidação dos espaços da migração em São Paulo? Análises a partir dos primeiros resultados do Censo 2000. In: *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 13., 2002, Ouro Preto. Anais... Belo Horizonte: ABEP, 2002.

BAENINGER, R. Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais. In: CUNHA, J. M. P. da (Org.). *Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2011. p. 71–94.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARBOSA, D. P. F. *Gradientes alofônicos das oclusivas alveolares do português brasileiro em uma situação de contato dialetal*. 2011. Dissertação (Mestrado em

Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas Livraria, 1999, p. 701-742.

BRANDÃO, S. F. Sobre o apagamento de R em coda final em variedades urbanas do português. *Cuadernos de la ALFAL*, v. especial, p. 203–224, ago. 2022. ISSN 2218-0761.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (org.) *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 537-555.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970 [2004].

CÂMARA JR., J.M. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHACON, K. A. Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa (PB), 2012. 115p.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1965.

CRISTÓFARO SILVA, T.; SILVA, A.; RAUBER, A.; CANTONI, M.; SEARA, I. *Fonética acústica: os sons do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019. 272 p. ISBN 978-85-520-0079-2.

DUBAR, C. *La socialisation: constructions des identités sociales et professionnelles*. Paris, Armandi Collin, 1991.

ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as a social practice: the linguistic construction of identity in Belten High*. Oxford: Blackwell, 2000.

FERNÁNDEZ, F. M. *Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

FREITAS, M. A. *"Da ponte pra cá": variação linguística e significado social no Extremo da Zona Sul de São Paulo*. 2023. 260 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Orientador: Ronald Mendes.

GILES, H. Accent mobility: a model and some data. In: *Anthropological Linguistics*, 15, p. 87-105. 1973.

GILES, H. Accommodation theory: some new directions. In: S. de Silva (Ed.). *Aspects of Linguistic Behavior*. York, England: York University Press, 1980. p. 105-136.

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (Ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. cap. 1. p. 1-19.

GILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, H. Accommodation theory: communication, context and consequence. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. (Ed.). *Contexts of Accommodation: Developments in applied sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.

GILES, H.; MARLOW, M. Theorizing language attitudes: past frameworks, an integrative model, and new directions. In: SALMON, Charles (ed.). *Communication yearbook 35*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. p. 161–197.

GOLDMAN-EISLER, F. Pauses, clauses, sentences. *Language and Speech*, v. 15, n. 2, p. 103-113, 1972. DOI: 10.1177/002383097201500201.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: P. COLE; J. MORGAN. (Eds.) *Studies in Syntax and Semantics III: Speech Acts*, New York: Academic Press, 1975, pp. 183-98.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUE, P. F. de L. *A percepção da fricativa coronal em coda medial por pessoenses*. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

HENRIQUE, P. F. de L.; AMORIM, A.W. D.; HORA, D. O papel do estilo e do contexto fonológico no uso do /S/ pós-vocálico em uma amostra de recontato. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 3, n. 1, e621, 2022. DOI: 10.25189/2675-4916.2022.V3.N1.ID621.

HORA, D. da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R.; CARDOSO, W. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.45, n.1, p. 71-79, Jan/Mar, 2010.

HORA, D.; WETZELS, L. Róticos: uma “po[h,r,t]ta” entre paraibanos e paulistanos. *Linguística*, Lisboa, v. 24, p. 51–76, dez. 2010. ISSN 1132-0214 (impresso); ISSN 2079-312X (online).

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011, p. 121-137.

KENDON, A. Language's matrix. *Gesture*, v. 9, n. 3, 2009. p. 355–372.

KERSWILL, P. *A Sociolinguistic Study of Rural Immigrants in Bergen, Norway*. Cambridge University, unpublished Ph.D. thesis. 1985.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LARSEN-FREEMAN, D. Complexity Theory: the lessons continue. In: ORTEGA, Lourdes; HAN, ZhaoHong (eds.). *Complexity Theory and Language Development: in*

celebration of Diane Larsen-Freeman. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017, p. 11-50.

LASAGABASTER, D. Attitude. In: AMMON, U. et al. (Ed.) *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. p. 399.

LAVER, J.; TRUDGILL, P. Phonetic and linguistic markers in speech. In: K. SCHERER; H. GILES (Eds.), *Social markers in speech*. Cambridge, UK, 1979, pp. 1-32.

LIMA, I. de S. *Acomodação dialetal: Análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2013.

LIMA JR., Ronaldo M. Análise longitudinal de vogais do inglês-L2 de brasileiros: dados preliminares. *Gradus: Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 145–176, dez. 2016. Disponível em: <https://gradusjournal.com/index.php/gradus/article/view/7>.

LIMA, P. E. M. *Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar*. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2019.

LOPES, L. W.; LIMA, I. L. B.; SILVA, E. G.; ALMEIDA, L. N. A.; ALMEIDA, A. A. F. Preferências dos ouvintes em relação ao sotaque regional em contexto formal e informal de comunicação. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 949–956, maio/jun. 2014. DOI: 10.1590/1982-0216201423112.

LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

LUCENA, R. M. Consoantes. In: HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. (Org.). *Introdução à Fonologia do Português Brasileiro*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. v. 1. 246p.

MACEDO, S. S. de. *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MARQUES, S. M. O. *As vogais medias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. 159p. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp001806.pdf>.

MARTINS, M. de S. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 145p.

MENDES, R. B. 2010. *What /-r/ you saying? Retroflex /-r/ in the city of São Paulo*, Programa e Resumos. Congresso Internacional Pluricentric Languages, Braga: 115-116.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender LABOV*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NYCZ, J. Second dialect acquisition: A sociophonetic perspective. *Language and Linguistics Compass*, Hoboken, v. 9, n. 11, p. 469–482, 2015. DOI: 10.1111/lnc3.12163

Peck, N.; Becker, L. *Syntactic pausing? Re-examining the associations*. *Linguistics Vanguard*, v. 10, n. 1, p. 223-237, 2024. DOI: 10.1515/lingvan-2022-0156.

PEDROSA, J. L. R. Sílabas. In: HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. (Org.). *Introdução à Fonologia do Português Brasileiro*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. v. 1. 246p.

POSSATTI, L. *Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2020. 123p.

RENNICKE, I. The retroflex r of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, v. 6, n. 1, p. 149–170, 2011.

RENNICKE, I. E. *Variation and change in the rhotics of Brazilian Portuguese*. 2015. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-A8ZH8U>. Acesso em: 3 jun. 2025.

RIBEIRO, S. R. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2006.

RUCH, Hanna; DE BENITO MORENO, Carlota. Linguistic accommodation. In: VAN GIJN, Rik; RUCH, Hanna; WAHLSTRÖM, Max; HASSE, Anja (org.). *Language contact: Bridging the gap between individual interactions and areal patterns*. Berlin: Language Science Press, 2023. p. 17–48. DOI: 10.5281/zenodo.8269228.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANKOFF, G.; BLONDEAU, H. Language change across the lifespan: /r/ in Montreal French. *Language*, v. 83, n. 3, p. 560–588, 2007.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. 119 p. Il., gráfs., tabs. ISBN 978-85-61482-38-1.

SELKIRK, E. The syllable. In: HYLST, H.; SMITH, V. D. *The structure of phonological representations (Part. II)*. pp. 337-384. Dordrecht: Foris, 1982.

SILVA, H. C. *Pelas veredas do /r/ retroflexo*. 2016. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, 2016.

TAGLIAMONTE, S. The sociolinguistic interview. In: TAGLIAMONTE, S. *Analyzing Sociolinguistic Variation: Key Topics in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 37-49.

TAGLIAMONTE, S.; MOLFENTER, S. *How'd you get that accent? Acquiring a second dialect of the same language*. *Language in Society*, Cambridge, v. 36, n. 5, p. 649–675, nov. 2007. DOI: 10.1017/S0047404507070911.

TIMBERLAKE, A. Reanalysis and actualisation in syntactic change. In: LI, C. (Cd.) *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas, 1977.

TRUDGILL, P. *Dialects in Contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

TRUDGILL, P. Language contact and inherent variability: the absence of hypercorrection in East Anglian present-tense verb forms. In: TRUDGILL, P; CHESHIRE, J. *The*

sociolinguistics reader: multilingualism and variation. London: Published Arnold, 1998, pp.103-111.

WEE, Lian-Hee. *Interactive Phonetics: an audio-visual IPA reference* [aplicativo]. Desenvolvido em conjunto com Apps Resource Centre. Hong Kong: Hong Kong Baptist University, 2024. Disponível em: <https://mals.hkbu.edu.hk/record/5/detail/154/?back=/record/5/?page=3>. Acesso em: 28 maio 2025.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188, 1968. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Centro: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)

Programa: Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) – Doutorado

Eu, _____, R.G. nº _____, autorizo a minha participação voluntária na pesquisa intitulada “Estudos sobre acomodação linguística no português brasileiro”, desenvolvida pelo pesquisador Lucas Possatti de Oliveira como pesquisa de doutorado pelo PROLING, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação do Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

A pesquisa tem por objetivo geral descrever como ocorre, ao longo do tempo, e que fatores influenciam o processo de acomodação linguística de falantes recifenses e paulistas em contato com o dialeto pessoense.

Como objetivos específicos, a pesquisa busca: a) Verificar em que medida ocorre o processo de convergência na fala dos informantes e se esse processo evolui de maneira linear ou não-linear; b) Detectar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que exercem alguma forma de pressão na acomodação; c) Observar e descrever as diferentes atitudes linguísticas dos falantes. d) Observar, se ao longo do tempo, fatores identitários e atitudinais dos informantes sofrem alterações e de que forma estes fatores, assim como o tempo de exposição influenciam a acomodação linguística desses informantes.

A pesquisa será realizada por meio de entrevistas individuais com duração aproximada de 40 a 60 minutos, em local previamente combinado com o participante, ao longo de dois anos. Serão realizadas seis entrevistas, com intervalo de aproximadamente quatro meses entre cada encontro, e sendo elas divididas em duas partes: na primeira, o objetivo é registrar a fala espontânea, com perguntas abertas sobre sua vida, rotina e experiências pessoais; e na segunda parte, serão feitas perguntas específicas sobre como o participante percebe seu próprio modo de falar e o das pessoas ao seu redor. O objetivo é entender tanto os aspectos linguísticos quanto as atitudes e identidades relacionadas à fala. As entrevistas serão gravadas com a autorização do participante e servirá como base para a análise dos dados.

Recebi a informação de que seu procedimento (entrevista) não terá custos e desconfortos para mim. Fui informado que não haverá riscos envolvidos.

A pesquisa não apresenta riscos físicos nem psicológicos diretos. Se houver algum desconforto o participante poderá interromper a entrevista a qualquer momento, recusar qualquer pergunta e, caso deseje, retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo.

Não há benefícios diretos ao participante. Contudo, espera-se que os resultados contribuam para o avanço da pesquisa em Linguística no Brasil, especialmente no campo dos estudos da sociolinguística sobre acomodação dialetal, valorizando a diversidade linguística brasileira. Os participantes receberão acesso completo à tese, com os resultados da pesquisa.

Os dados coletados serão tratados com sigilo, anonimato e confidencialidade, sendo utilizados exclusivamente para fins científicos. Nomes reais não serão divulgados em nenhum momento.

Autorizo os responsáveis pela pesquisa a conservar sob sua guarda os resultados da pesquisa, assim como a utilizar estas informações sobre o participante em reuniões, congressos e publicações científicas, desde que minha identificação seja mantida sob sigilo.

Estou ciente que terei direito a respostas a quaisquer dúvidas que possam surgir durante a minha participação na pesquisa. Em hipótese alguma serei identificado, e poderei retirar este consentimento em qualquer momento da investigação, sem qualquer penalização.

Este termo de consentimento me foi apresentado e entendi o seu conteúdo.

João Pessoa, Paraíba, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Pesquisador

Testemunha

Testemunha

APÊNDICE B – LISTAS DE PERGUNTAS ESPECÍFICAS

Perguntas específicas – 1ª coleta

1. Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?
2. Você já possuía contato com paraibanos em sua cidade natal?
3. Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.
4. E agora que está aqui, o que acha?
5. Você tem interesse em voltar para sua cidade natal?
6. Você diria que sua vinda para cá foi espontânea ou obrigatória?
7. Você em algum momento já se sentiu deslocado/a aqui? Ainda se sente/ Por quanto tempo?
8. Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?
9. Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

Perguntas específicas – 2ª coleta

1. Me conte sobre uma experiência positiva, que te marcou, aqui em João Pessoa.
2. Me conte sobre uma experiência negativa, que te marcou, aqui em João Pessoa.
3. O que mais você destacaria em relação a experiências vivenciadas na cidade?
4. Qual foi a última vez que você viajou?
5. Nesse meio tempo, entre uma entrevista e outra, você realizou alguma viagem ou recebeu visitas de fora da cidade ou do Estado?
6. Nesse meio tempo, alguém [mais] (família ou amigos) demonstrou interesse em te visitar ou receber sua visita?
7. Se tiver viajado, você destacaria alguma experiência vivenciada fora da cidade?
8. Você passou por alguma experiência recente que possa ter facilitado ou dificultado a sua experiência morando em João Pessoa? (ex.: moradia, cultura local, amizades, trabalho, etc.)
9. O que você considera que facilitaria sua sensação de adaptação?
10. O que você gosta em João Pessoa? Considerando as pessoas, a cultura, e outros fatores.
11. O que você não gosta em João Pessoa? Considerando as pessoas, a cultura, e outros fatores.

Perguntas específicas – 3ª coleta

1. Você já recebeu elogios inesperados de pessoas que acabara de conhecer? Se sim, que tipos de elogios foram?
2. Você já passou por uma experiência em que considera que sofreu alguma forma de preconceito?
3. Você considera que se tornaram mais frequentes situações de elogios e/ou preconceitos após sua vinda para João Pessoa?
4. Você já recebeu comentários (positivos, negativos ou neutros) relacionados à sua cidade ou Estado de origem enquanto viajava?
5. E estando aqui em João Pessoa?
6. Você acredita que, estando aqui na PB, as pessoas podem saber de onde você é simplesmente a partir de algum comportamento seu, pela maneira como você fala, pela maneira que se veste, ou outra característica? Por quê?
7. Você gosta e/ou se orgulha de alguma dessas características?
8. Você não gosta e/ou sente vergonha de alguma dessas características?
9. Tendo essas características em mente (comportamento, maneira de falar, maneira de se vestir), volto às perguntas iniciais acerca de elogios e preconceitos: você se recorda de algum elogio ou situação de preconceito em relação a uma dessas características?

Perguntas específicas – 4ª coleta

1. Você poderia me contar um pouco sobre como é seu dia a dia aqui em João Pessoa? Alguma diferença notável em relação a como era em sua cidade natal?

2. Você já participou de eventos culturais em João Pessoa? Quais tipos de eventos foram e como foram suas experiências? Como você percebe esses eventos?
3. Você acha que sua maneira de se vestir ou se comportar mudou desde que se mudou para João Pessoa? Se sim, de que forma?
4. Você se viu adotando novos hábitos ou costumes desde que se mudou para cá?
5. Há alguma expressão ou gíria que você começou a usar desde sua vinda para cá?
6. Você já teve alguma experiência em que percebeu que suas crenças ou valores culturais eram diferentes em relação à maioria das pessoas aqui em João Pessoa?
7. Quais são algumas das suas memórias mais marcantes desde que se mudou para João Pessoa?
8. Como você descreveria sua relação atual com a cultura paraibana?
9. Em poucas palavras, como você descreveria sua experiência de morar em João Pessoa?
10. Atualmente, qual a frequência em que você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?
11. Você realizou alguma viagem recente ou recebeu visitas de fora da cidade ou do Estado?
12. Desde nossa última entrevista, você se recorda de ter passado por alguma experiência que tenha o/a deixado com a sensação de estar deslocado(a)?

Perguntas específicas – 5ª coleta

1. Em João Pessoa, você fez amizades com pessoas que também são da sua cidade ou estado natal?
 - a. Se sim, nota alguma facilidade maior de interagir com essas pessoas em relação aos pessoenses?
 - b. Se não, acredita que teria mais facilidade de interagir com essas pessoas do que com os pessoenses?
2. Quantas novas amizades você diria que fez aqui em João Pessoa, de modo geral? Quantos desses amigos são nativos da região?
3. Quais são algumas das coisas que você mais gosta na cultura local de João Pessoa? Alguma delas teve um impacto significativo na sua identidade?
4. Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?
5. Você já passou por alguma situação em que sentiu dificuldade em se comunicar (entender ou ser entendido/a) com alguém em João Pessoa? E em outras cidades que já tenha visitado?
6. Você acha fácil compreender pessoas de outras partes do país?
7. Quando você viaja, há algo específico que as pessoas percebem na sua forma de falar?
8. Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?
9. Você pode compartilhar uma experiência em que sua forma de falar tenha causado uma reação inesperada (positiva ou negativa) em alguém?
10. Você já mudou sua forma de falar para se adaptar ao seu entorno?
11. Há alguma expressão ou gíria que você deixou de usar desde sua vinda para João Pessoa?

Perguntas específicas – 6ª coleta

1. Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam? De que maneira(s)?
2. Alguém já a/o julgou dessa forma?
3. Você considera alguns dialetos ou falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?
4. Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?
5. O que você acha da sua forma de falar?
6. Há algo específico de que você gosta na sua forma de falar?
7. Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?
8. Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?
9. O que você acha do seu sotaque?
10. Quando compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala das pessoas da PB, você pode dizer que aqui as pessoas falam: a) depressa; b) muito depressa; c) devagar; d) arrastado.
11. Você gostaria de falar como os pessoenses ou paraibanos? Por quê?
12. Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Acredita que sua fala já mudou? Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS (TRECHOS COM PERGUNTAS ESPECÍFICAS)

COLETA 1

1. Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I1 (47.7%) – Pessoalmente eu vejo mais a minha mãe. Inclusive ela tá vindo pra cá quinta-feira. Ela vem de quatro em quatro meses... e revezamento também porque eu vou pra lá às vezes, né? Mas aí ela vem mais pra cá. Minha irmã que vem com ela, e acho que só. Não recebo muita visita não.

I2 (44.2%) – Eu frequento a minha família de quinze em quinze dias. Quase nunca recebo visitas. E quase nunca, assim, uma ou duas vezes por ano que alguém vai me visitar, geralmente nas férias. Mas contato, a gente mantém todo dia. Todo dia eu ligo pra minha avó em Recife, ligo pra minha mãe em Paulista, sã todos os dias, eu tenho que ligar. [Por texto] converso com minha irmã, com minhas tias. Também faço chamada com minha irmã, todo dia.

I3 (17.2%) – De receber visita é um pouco mais difícil. Acho que trimestralmente talvez, vêm minha mãe, meu pai, meu irmão. E costuma ser mais realmente eu ir para Recife, porque eu tenho essa vontade de estar lá também, né? De estar e ver amigos também, e enfim... [...] eu tento ir pelo menos todo mês [...] e passar um final de semana. [Mantenho contato] diariamente, com minha família, o meu irmão é diariamente. Algumas amigas também diariamente. Alguns é mais espaçado, mas enfim, tem grupo né, no WhatsApp, de família de amigos. Então a gente tá sempre em contato pra diminuir a distância, né? Apesar de não ser uma distância muito grande, mas de se sentir mais próxima.

I4 (16.4%) – Eu recebo visita uma vez a cada dois meses mais ou menos, porque o paulista adora praia e agora eu sou a pessoa que mora na praia, então vem muita gente pra a minha casa. É, eu já recebi muita gente de férias no meio do ano, assim, a pessoa não pergunta se eu posso receber ela em setembro, ela só fala “eu tô indo no meio de setembro” e aí eu tenho que parar a minha vida pra receber [amigos, família]. Mas eu acho que agora a tendência é dar uma diminuída porque não é mais novidade, né?

Eu fui a São Paulo uma vez só e eu acho que essa vai ser a minha média mesmo, uma vez por ano, que eu vou visitar minha cidade natal. E eu mantenho contato mais do que diariamente, com as pessoas da minha cidade. Eu falo todos os dias com minha mãe, quase todos os dias com o meu pai, todos os dias com o meu melhor amigo, e me mantenho em contato com gente de São Paulo praticamente o tempo inteiro. Eu acho que eu faço muito mais contato com pessoas de São Paulo do que com pessoas daqui... por telefone, por vídeo, por texto.

I5 (7.7%) – Receber visita eu acho que seria duas, três vezes por ano, digamos assim, mais ou menos. [...] O pessoal ainda não conseguiu se organizar. Muita gente falou que quer vir, mas pouca gente conseguiu efetivamente se organizar. [...] Meus pais vieram duas vezes e minha tia veio uma vez, e meu parceiro que não morava aqui e agora mora. [...] Eu fui duas vezes. Eu vou no natal... eu acho que vou sempre no natal. Manter contato... é muito difícil. Eu não tô conseguindo, até hoje não encontrei um jeito de manter contato com as pessoas. Já perdi contato com a maior parte dos meus amigos. Alguns eu ainda consigo manter, assim... por exemplo, a gente liga, e aí é como se eu não tivesse saído de lá.

I6 (21.5%) – Eu não recebo visita do pessoal da minha cidade natal, não. O tempo que eu tô morando aqui, já vão seis anos e meio, eu recebi visita de amigos de outros lugares do Brasil, mas não da minha cidade. Minha família, por exemplo, nunca veio me ver. Minha mãe tá planejando vir nas férias dela pela primeira vez. [...] Eu vou pra lá uma vez por ano e fico lá as férias inteiras. A última vez eu fiquei trinta dias de férias e fiquei vinte e oito dias lá. [...] com o pessoal de lá eu falo muito pouco, assim... muito pouco mesmo. E lá eu tenho bastante amigo, éramos muito próximos antes de eu vir pra cá... não que a gente deixe de ser, quando eu vou pra lá a gente curte junto, parece que nada mudou, mas eu falo muito pouco... por telefone nunca acontece, a gente geralmente conversa por WhatsApp e tal, ou por Instagram [...] mas eu falo muito pouco [...] Já com minha família, eu tento falar todo dia com minha avó, com minha mãe [...] aí eu telefono, faço chamada de vídeo, pra saber que tá tudo bem.

I7 (18.3%) – Manter contato eu mantenho. Eu passei um tempo sem falar com meu pai. Hoje em dia a gente se fala de novo. Os meus avós em São Paulo eu falo todos os dias. A minha tia de São Paulo eu falo às vezes. Tenho contato por meio de redes sociais com alguns amigos de São Paulo ainda.

E – Você conversa por texto, chamada?

I7 – Com os meus avós é chamada de vídeo. Meu pai também às vezes. Só que com meus amigos é mais texto mesmo. Meu irmão, ele foi pra São Paulo esse final de ano, porém eu só fui ano retrasado [...] somente uma vez.

2. Você já possuía contato com paraibanos em sua cidade natal?

I1 (47.7%) – Não, nenhum, zero.

I2 (44.2%) – Não, nenhum.

I3 (17.2%) – Não. Na verdade, assim, eu vim pra cá, minha namorada, minha companheira, ela morava aqui na época. A gente namorava à distância, né, eu tava lá em Recife e ela aqui. Eu acabei passando num curso do IFPB, e uni o útil ao agradável, né? Eu acabei vindo pra cá pra estudar e para morar junto com ela. Então realmente o contato que eu tive de pessoas da Paraíba era só ela.

E – Mas ela é daqui?

I3 – Então, ela nasceu em Goiás e veio muito cedo para Pernambuco. Né? Ela veio com dois anos pra morar em Garanhões. Aí ela passou a infância e a adolescência toda em Garanhões e veio morar em Campina Grande pra estudar. E depois de um tempo, depois de formada, ela veio pra João Pessoa porque era melhor pra trabalho.

I4 (16.4%) – Não. Eu tinha contato com pernambucano, mas não com paraibanos.

I5 (7.7%) – Não. Cara, eu acho que não conheci nenhum paraibano. Assim, eu tenho contato com baianos, mas só. Do Nordeste, só baianos. Eu não cheguei a conhecer ninguém de nenhum outro Estado se não me engano. [...] Amigos, é, meu tio, [...] são pessoas com quem eu cresci.

I6 (21.5%) – Não. Quando eu vim pra cá... eu queria morar no Nordeste, isso era uma certeza. Eu fiquei entre Natal e aqui, depois de muita pesquisa [...] mas não, eu não tinha contato com ninguém. Eu achava que em São Paulo eu tava perdendo muito da minha vida no trânsito a caminho dos lugares [...] e aí eu não gostava dessa coisa, assim, aí eu pensei: “eu quero outra paisagem, quero outro clima”. [...] E aí eu queria mesmo vir pra cá, era minha primeira opção, porque a minha avó [...] trabalhava na roça, foi pra lá com minha mãe criança de colo e eu sempre tive curiosidade de conhecer. Elas nunca voltaram pra cá e eu nunca tinha vindo.

I7 (18.3%) – Não. Eu não conhecia nada... ninguém, nada.

3. Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.

I1 (47.7%) – Olha, se eu for, é... (risos) tô refletindo sobre o que dizer, calma. Então, você é de onde?

E – Eu sou de Recife também, sabia?

I1 – Pronto (risos). Agora fico mais tranquila em dizer. Então, é porque a gente fala de paraibano na maioria das vezes pejorativamente, né? Então a gente considera como matuto. É como fosse um estado inferior. Quando a gente não tem o contato direto com aqui, né?

I2 (44.2%) – Eu não pensava, eu só... porque assim, eu estudei minha vida toda em escola pública, então eu sempre quis passar em uma universidade federal, mas eu não conseguia. Aí eu cursei uma universidade particular aqui em Recife, mas aí eu não trabalhei no ramo, porque eu cursei logística... não trabalhei no ramo, porque eu trabalhava numa farmácia, e aí, sempre que eu procurava emprego na área, sempre pedia experiência, e eu não tinha, eu só tinha experiência com farmácia [...] aí quando

eu passei, e eu botei a primeira opção pra aí, o meu esposo, antes a gente era só amigo, ele foi fazer mestrado aí... então ele já falava que a cidade era boa. Mas ele é daqui, sabe? Foi fazer o mestrado e falava que era boa. E quando eu fui cadastrar a minha nota do ENEM eu vi que pra mim era mais vantajoso, a chance de eu entrar numa federal era maior aí, porque aqui em Pernambuco é muito concorrido né [...]

I3 (17.2%) – Olha, saber... era uma cidade tranquila, né, de praia, e eu escutava muito falar que era uma cidade de idoso, né, uma cidade que as pessoas iam procurar pra descansar, relaxar, viver.

I4 (16.4%) – Eu desconheci a Paraíba até então. A Paraíba era um, sei lá, um estado no mapa que eu tinha estudado na geografia, assim. Mas inclusive pra turismo eu nem estudava... não sei se falei, eu sou formada em turismo, e a minha formação principal é em turismo, meu mestrado é em turismo e eu estudo turismo, mas na época nem era formada, nem fazia faculdade ainda, nada, e... quando meu pai falou “a gente vai pra...”, ele ganhou uma viagem pra cá da empresa que ele trabalha, e aí ele falou “a gente vai pra João Pessoa” e eu não sabia nem que capital de que estado João Pessoa era e eu fui procurar no mapa [...] e eu ainda fiquei pensando “nossa, por que a gente não vai pra Salvador ou pra Fortaleza ou pra Recife, que é muito mais legal, que é muito mais famoso”. E eu acho que João Pessoa tá mais no mapa do turismo hoje dentro do Brasil, mas na época... mesmo hoje, eu acho que algumas pessoas não conhecem ou não pensam em João Pessoa como primeira ideia, assim... “vou fazer um turismo de praia, ir pro Nordeste”, não pensam em João Pessoa. [...] quando eu botei os pés aqui pela primeira vez eu tive certeza absoluta de que eu moraria aqui um dia, e eu falava isso muitas vezes pra muitas pessoas e depois eu voltei muitas vezes aqui e eu sempre tive essa certeza. Eu não sabia como, eu não sabia quando, mas eu moraria aqui. Eu tinha uma relação muito forte com a cidade desde a primeira vez que eu vim aqui e é engraçado porque não foi a primeira cidade que eu conheci, assim, de sol e praia. Porque em São Paulo a gente não tem praia, então paulista ama praia real, assim, o lazer tá muito ligado em viajar e ir à praia, dentro da mentalidade do paulistano da capital. E não foi a primeira cidade de sol e praia que eu conheci, nem a segunda nem a terceira, mas eu tive uma relação muito intensa em muito forte com a cidade desde sempre eu sabia que um dia eu viria a morar aqui. [...]

I5 (7.7%) – Eu não sei se vai ser meio ridículo, mas o que eu mais pensava era centro histórico. Eu pensava que o centro histórico seria muito forte, vivo. Eu achei que seria bem restaurado, então, achei que seria... acho que porque eu vi notícia na TV, né? Quando você vê coisa na TV sempre mostra, nossa, aquele centro histórico, aquela imagem aérea, sabe? Então a minha impressão da Paraíba era essa, de João Pessoa. Agora a Paraíba de modo geral eu não tinha uma visão, assim... [...] Porque o que a gente vê lá é muito o negócio da seca, né? Mas por ter contato com baianos, que aí eu vi que não, não é assim que funciona. [...] Então a minha visão, tinha essa visão estereotipada aí, mas tipo assim, eu já sabia que essa visão estereotipada era falsa.

I6 (21.5%) – Eu não pensava em muita coisa. Minha avó falava muito pouco da Paraíba, em geral. Muito, muito pouco. O que ela contava era meio triste e ela evitava falar. Minha mãe né, foi bebê, nada. E assim, eu sabia que era bonito. Na minha cabeça as imagens das praias [...], eu pensava que João Pessoa era uma cidade bonita, capital bem urbanizada e que eu não enfrentaria os mesmos problemas de uma capital do Sudeste. É mais ou menos isso.

I7 (18.3%) – Eu sabia que a Paraíba era o lugar do Brasil com menor índice de violência. Tanto é que isso é a primeira coisa que me chamou atenção. [...] e o pessoal falava que aqui é muito tranquilo. É uma cidade pra aposentados, né? E eu sempre coloquei o bem estar da minha avó acima de todos os outros [...].

4. E agora que está aqui, o que acha?

I1 (47.7%) – Ah, totalmente diferente, porque a gente acaba conhecendo. É um ritmo diferente do de Recife, lógico, mas acredito que me surpreendeu positivamente, principalmente a qualidade de vida, sabe? O comportamento das pessoas que também são diferentes. Eu acho as pessoas aqui mais tranquilas, sabe? [...] Acredito que o pernambucano é mais fervoroso. Ele enfrenta mais, sabe? Dá mais cara a tapa. O paraibano parece que tem um receio de dar a cara a tapa. Inclusive outros amigos meus passaram um tempo aqui na Paraíba morando e perceberam isso porque quando vai uma disputa de vara, por exemplo, de um paraibano com um pernambucano, parece que o pernambucano é cobra criada, então tem uma disputa. Porque ele já tá acostumado com a briga, sabe, uma coisa, uma disputa,

e o paraibano tá meio devagar ainda. Não que seja uma coisa ruim, porque quando a gente vai reparar né, parece que o paraibano é mais honesto e mais passivo.

I2 (44.2%) – O que posso dizer é que sou encantada pela cidade. Eu não trocaria hoje João Pessoa por Pernambuco. Eu digo isso sempre, porque assim, João Pessoa... até porque é um estado menor, você consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo. O trânsito de João Pessoa é menor do que o daqui e na minha concepção tem mais variedade de entretenimento do que aqui em Pernambuco.

E – O que você destacaria de João Pessoa, seja algo positivo ou negativo?

I2 – Eu acho a beleza de João Pessoa, as praias, sabe? E assim, a questão de limpeza. João Pessoa, eu acho uma cidade muito limpa. Questão de segurança também [...] João Pessoa eu acho mais seguro do que Pernambuco, do que Recife. Eu costumo dizer que em João Pessoa eu consigo ir no banco, ir no médico, ir nos correios, fazer várias coisas ao mesmo tempo. Em Pernambuco você tem que escolher uma coisa pra fazer por dia, porque não dá, é tudo muito distante; o ônibus demora demais, é sempre lotado, sabe? É complicado aqui, visse?

I3 (17.2%) – Tenho ainda a mesma impressão, né? De que realmente é uma cidade de praia muito tranquila, né? Eu noto, assim, que tem muita gente vindo morar aqui em João Pessoa, que é de fora, e buscando essa tranquilidade, essa paz de, enfim, envelhecer e ter uma qualidade de vida melhor, mas consigo também enxergar assim, né, potenciais... é meio difícil não comparar muito com Recife, assim, né? Porque eu vivi em Recife durante toda minha infância e de como eu vivo aqui agora, apesar de caseira, mas vejo potencial na cidade de ser outras coisas além de praia e uma cidade tranquila, sabe? Não que isso seja um defeito, né, mas que, enfim...

E – Você sente falta de alguma coisa? Alguma atração?

I3 – É, assim, lá em Recife eu sentia que tinha um investimento público aí de gestores, prefeitura, estado, e na parte cultural, realmente, assim, da cidade, né, eu vejo muitas pessoas muito orgulhosas da cidade, por ser uma cidade bonita, limpa, tranquila, mas em comparação com Recife, assim, eu sinto como se realmente tivesse faltando alguma coisa, né? E alguma coisa que me desse a alegria de estar morando aqui, né? Então um lugar que eu quero ficar aqui, né? Eu posso criar raízes aqui, e vai ser uma cidade que vai me proporcionar tranquilidade e qualidade de vida, mas sempre fica faltando uma coisa que entra pro coração, sabe? Que me mate de orgulho.

I4 (16.4%) – Eu desconheci a Paraíba até então. A Paraíba era um, sei lá, um estado no mapa que eu tinha estudado na geografia, assim. Mas inclusive pra turismo eu nem estudava... não sei se falei, eu sou formada em turismo, e a minha formação principal é em turismo, meu mestrado é em turismo e eu estudo turismo, mas na época nem era formada, nem fazia faculdade ainda, nada, e... quando meu pai falou “a gente vai pra...”, ele ganhou uma viagem pra cá da empresa que ele trabalha, e aí ele falou “a gente vai pra João Pessoa” e eu não sabia nem que capital de que estado João Pessoa era e eu fui procurar no mapa [...] e eu ainda fiquei pensando “nossa, por que a gente não vai pra Salvador ou pra Fortaleza ou pra Recife, que é muito mais legal, que é muito mais famoso”. E eu acho que João Pessoa tá mais no mapa do turismo hoje dentro do Brasil, mas na época... mesmo hoje, eu acho que algumas pessoas não conhecem ou não pensam em João Pessoa como primeira ideia, assim... “vou fazer um turismo de praia, ir pro Nordeste”, não pensam em João Pessoa. [...] quando eu botei os pés aqui pela primeira vez eu tive certeza absoluta de que eu moraria aqui um dia, e eu falava isso muitas vezes pra muitas pessoas e depois eu voltei muitas vezes aqui e eu sempre tive essa certeza. Eu não sabia como, eu não sabia quando, mas eu moraria aqui. Eu tinha uma relação muito forte com a cidade desde a primeira vez que eu vim aqui e é engraçado porque não foi a primeira cidade que eu conheci, assim, de sol e praia. Porque em São Paulo a gente não tem praia, então paulista ama praia real, assim, o lazer tá muito ligado em viajar e ir à praia, dentro da mentalidade do paulistano da capital. E não foi a primeira cidade de sol e praia que eu conheci, nem a segunda nem a terceira, mas eu tive uma relação muito intensa em muito forte com a cidade desde sempre eu sabia que um dia eu viria a morar aqui. [...]

I5 (7.7%) – A minha visão era de ser um povo muito caloroso, receptivo. [...] Eu acho que são culturas muito diferentes, eu não sei. Acho que a cultura paraibana e a cultura paulistana, eu acho que é muito diferente. Por exemplo, quando eu mudei pra cá, acho que eu fui tida como muito fechada, e lá em

São Paulo eu era muito simpática. Aí depois eu virei a vereadora, entendeu? Aí tipo, ou eu sou muito fechada ou eu sou vereadora. Tipo assim, é um oito ou oitenta.

I6 (21.5%) – Minha opinião permanece, mas eu percebi que é como se fosse... só que de certa forma se ampliou muito quando eu vim pra cá. Morar em um bairro periférico que é longe dos lugares centrais meio que ampliou a minha visão e fez com que eu percebesse a cidade que eu usufruí por cinco anos não era pra todo mundo.

I7 (18.3%) – Eu não tenho reclamações pra João Pessoa. Aqui foi uma cidade que realmente eu acho que minha família conseguiu se encontrar, tanto eu quanto eles. É uma cidade muito tranquila, com qualidade de vida excelente pra quem morava em São Paulo, capital... trânsito caótico, você trabalhava, trabalhava, trabalhava e não via fim. Aqui não. Aqui você tem como conciliar trabalho e o lazer. Em São Paulo você não tinha essa qualidade de vida e é uma coisa que aqui a gente tem.

5. Você tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I1 (47.7%) – Olhe. Eu queria ter mais possibilidade de visitar, por exemplo, pelo menos uma vez ao mês. Mas voltar a morar lá eu não sei, porque eu já construí, sabe, uma vida aqui, já consegui meu primeiro imóvel, financiar meu apartamento, então... é uma coisa que eu já criei raízes, né? Posso dizer assim. Mas voltar a morar lá, totalmente, eu acho que só se tivesse uma oportunidade tipo assim, passar num concurso pro lado de lá. Talvez eu pensaria em voltar, mas, fora isso não.

I2 (44.2%) – Não! Não. A gente não tem. Eu e minha família não tem. A não ser a passeio, pra visitar, carnaval... adoro o carnaval daqui de Pernambuco, pra mim é o melhor [...] o carnaval daqui é muito cultural!

I3 (17.2%) – Então, apesar disso tudo, eu não tenho. Porque, assim... eu acho que o contato que eu tenho mensalmente às vezes já me supre dessa falta que eu sinto de ver a cidade, de respirar uma coisa de cultura. É uma cidade que tá próxima, que eu posso ir sempre. Minha família tá lá, né, eu tô construindo minha vida aqui, então não é uma coisa que tá muito distante pra que eu precise voltar e “ah, é muito diferente”, não. É uma coisa possível, né? Mas enfim, eu acho que eu tô no processo de gostar de João Pessoa [...] eu tô no processo de me reconhecer aqui nesse espaço, sabe, de me encontrar.

I4 (16.4%) – Nenhum interesse. E eu tive ainda mais certeza depois dessa viagem [recente pra São Paulo]. Eu não tenho nenhuma vontade de morar em São Paulo de novo.

I5 (7.7%) – Eu pensei em voltar pra São Paulo, assim. Tenho pensado, mas não pra agora. Tenho vontade de... é que São Paulo, um dos motivos pra eu sair de lá é que é muito caro, tudo muito corrido, a rotina te engole. Eu tava fugindo disso, então vindo pra cá isso realmente quebrou, né? Eu consigo trabalhar e morar sozinha. Lá eu não conseguia. A rotina não me engoliu [...] eu tinha que ter dois trabalhos, tudo isso muito complicado, trabalhar e estudar, uma correria, aí então eu tenho vontade de voltar pra São Paulo mas em outro contexto. Só que se eu vou conseguir esse outro contexto eu não sei.

I6 (21.5%) – Pra morar? Não. Só pra visitar. A vida que imagino aqui pra mim a médio-longo prazo é aqui.

I7 (18.3%) – Não. (pausa longa)

E – Nem a passeio?

I7 – Talvez por conta dos meus avós lá, e por conta do meu pai, pra visitar, somente, mas pra morar não.

6. Você diria que sua vinda para cá foi espontânea ou obrigatória?

I1 (47.7%) – Foram as oportunidades que me surgiram, porque eu coloquei pra a universidade de lá e a nota não dava, né? Então eu optei por colocar pra cá se tinha alguma possibilidade, e acabou tendo. Mas aí eu acredito que foi uma escolha minha, mesmo.

I2 (44.2%) – Espontânea.

I3 (17.2%) – Não, eu realmente queria, assim, né? Tanto pelo curso que eu queria começar a fazer, como por essa oportunidade aí de estar junto da minha companheira, né, e a gente trilhar esse caminho, né, fazendo minha história. Então foi realmente porque quis, e nem me balancei assim de: “ah vou deixar Recife, tô indo pra uma cidade nova”. Realmente tinha muita vontade fazer isso, né, de estar aqui.

I4 (16.4%) – Cem por cento espontânea. Eu tinha a possibilidade de ter ficado lá e ter feito o doutorado lá ou não feito doutorado, mas eu escolhi direcionar as coisas pra cá [...] e vim pra prestar o doutorado. Eu não vim depois que eu passei, eu não passei e vim, eu vim para fazer o processo seletivo aqui e podia não ter passado, inclusive.

I5 (7.7%) – Ah, eu decidi. Eu decidi. Eu passei no concurso e vim. Quando eu prestei o concurso eu escolhi prestar, né? Então foi uma escolha, mas o fato de eu ter passado e falado “beleza eu vou”, então... mas é porque é algo que eu queria já. Eu queria sair de São Paulo, eu queria mudar pro Nordeste e eu queria ser servidora, e aí calhou passar num concurso aqui.

I6 (21.5%) – Foi espontânea. Foi uma escolha.

I7 (18.3%) – Espontânea.

7. Você em algum momento já se sentiu deslocado/a aqui? Ainda se sente/Por quanto tempo?

I1 (47.7%) – Sim, bastante. Por exemplo: em localidade mesmo. Pra andar, eu ainda ando com GPS. Ônibus, acho péssimo por causa da numeração. Não fala o nome dos ônibus, pra onde o ônibus vai, então isso pra mim, eu ainda tô me adaptando, sabe? [...] E outra coisa, a agitação. Aqui pra ter uma coisa aberta tarde é uma dificuldade.

I2 (44.2%) – Não. Eu me sentia até- é porque assim... eu andava, quase todo canto que eu ia era de carro com o meu esposo, então quando era pra sair sozinha eu ficava meio perdida, mas aí depois que eu fui fazer os estágios da faculdade que eu tive que ir sozinha, conhecer, pegar ônibus, então eu já consigo me deslocar melhor.

Eu acho que vai muito também da pessoa, né? Eu fiz amizade com todo mundo da sala, da faculdade, mas assim, o pessoal em si... a turma não era muito unida, então eu tenho mais amizade lá pelo bairro onde eu moro, e assim, amizade mais meus vizinhos mesmo, porque lá tem dois blocos [...] aí eu conheço mais do bloco que eu moro, sabe?

I3 (17.2%) – Às vezes (risos). E eu acho que assim, porque, realmente minha rede, além da minha companheira e de alguns amigos que eu fiz por onde eu passei, né, faculdade, mestrado, e estágio, trabalho... eu me sinto meio que realmente deslocada, assim, como se eu não fizesse parte... me sentisse pertencente a essas pessoas, ao local, enfim. Por isso que eu disse que eu ainda tô num processo, né, de gostar e entender aqui, porque onde eu me sinto confortável é de onde eu vim, por que tem minha família, tem meus amigos, né, amigos de longa data [...] então às vezes eu me sinto meio deslocada sim.

I4 (16.4%) – Às vezes... sinto um pouco. Eu acho que eu tenho... tem a ver com minha personalidade, um pouco de dificuldade de me aproximar das pessoas, de fazer amizade, mas eu sinto que aqui as pessoas também são um pouco mais resistentes a receber. Eu não sei, [...] mas nos meios onde eu circulava em São Paulo, as pessoas não tinham uma relação tão afetiva íntima e próxima com as famílias, os núcleos familiares, como eu percebo que elas têm aqui. Então, o conceito de família era um pouco mais ampla, assim, então, sei lá... natural você passar natal com amigos, com outras pessoas. São João, por exemplo, daqui, né? Eu percebi que é uma coisa muito de família, assim, os núcleos familiares reunidos nas festas, então ninguém, por exemplo, me convidou: “vem passar o São João na nossa casa” ou “vem passar o natal na nossa casa”, ou “vem um domingo almoçar na nossa casa”. Eu sinto que as famílias são mais fechadas nos seus núcleos e não promovem tanto essa interação [...]. Isso foi uma coisa que eu estranhei bastante assim, no começo. Então eu tenho um pouco mais de dificuldade de interagir com pessoas do que eu tinha em São Paulo, em geral, de fazer parte de eventos e coisas.

I5 (7.7%) – Sim. Ainda me sinto muito deslocada. Eu acho que ainda tem algumas barreiras de comunicação que às vezes eu não... ou eu não entendo, ou eu não estou sendo entendida. [...] algumas palavras são diferentes, então tem toda essa questão do regionalismo, também tem uma questão dos ditados e dos costumes que são diferentes, então algumas coisas eu já vi que quando eu cheguei eu falava de um jeito e eu percebia que estava sendo lida como grosseria. [...] Acho que paulista talvez seja muito seco, muito direto e aí eu acho que isso, eu ainda tenho um pouco de dificuldade.

I6 (21.5%) – Boa pergunta. Acho que já, mas não sei exatamente se foi por causa do lugar. Acho que foi mais por causa do momento que eu vim. Porque eu vim pra cá, eu tinha vinte e seis anos, foi o ano que eu fiz vinte e sete... e eu já tava com outra cabeça, né? Já tinha passado por uma graduação, pelo mercado de trabalho, e aí estar de novo com gente tão novinha, estudando, coisa e tal, foi: “opa, o que que eu tô fazendo aqui?”. E até então era o único mundo que eu tinha contato, aquelas pessoas, então foi um pouco [...] (risos) foi muito diferente... do que eu tava habituado, porque eu tava sempre cercado de gente, dos meus amigos, eu tava numa posição que eu tinha contato com as pessoas... foi muito diferente.

E – Mas hoje você se sente deslocado, ou não mais?

I6 – Não, não me sinto. A sensação já passou.

I7 (18.3%) – Às vezes.

E – Isso mudou com o tempo ou permanece da mesma forma desde quando você chegou?

I7 – Melhorou, mas eu ainda escuto comentários por conta do sotaque, né? Questão cultural mesmo.

E – Que tipo de comentários?

I7 – Primeira vez que eu fui na padaria, recém chegada aqui, fui pegar um pão pra tomar café (risos)... a mulher da padaria olhou pra minha cara e falou “moça, fala porta, porteira, portão”.

E – Isso diminuiu com o tempo?

I7 – São casos isolados, mas no serviço eu ainda escuto umas coisas de vez em quando.

8. Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I1 (47.7%) – Olha... quando a gente tem o contato assim, direto, por exemplo, com colega de classe, a gente até pode dizer que eles são um pouco receptivos, mas quando é um contato mais distante eu acredito que nem tanto. Um contato rápido, assim, que a gente tem. Às vezes eu tenho a impressão de que a pessoa é mal-educada, sabe? Às vezes, não sei, falta um contato mais íntimo, mais próximo. É uma coisa muito superficial daquele ambiente, só.

I2 (44.2%) – Eu considero meio termo, porque eu acho... me desculpe... o pessoal paraibano... tem alguns assim, que são bem brutos, bem rígidos. Principalmente se for funcionário público. Mas assim, tem alguns também que são bem acolhedores. Mas se for pra diferenciar em questão de quem é mais acolhedor, eu acho que o pessoal de Pernambuco é mais acolhedor. [...] Eu me senti bem acolhida. Agora, de vez em quando, porque tu sabe que, a gente tem um sotaquezinho, né? Já deve ter reparado. Aí algumas pessoas ficavam rindo do meu sotaque. É, faziam comentários.
[Quando questionada se os comentários eram negativos ela confirmou.]

E – Você também presenciou comentários positivos ou apenas negativos?

I2 – Positivos. Positivos também. É... ri, ri, mas é um sorriso assim, diz que: “ah, eu adoro esse sotaque”, aí imita, né? Com um sorrisinho, mas... [...] principalmente na faculdade, tinha muito.

I3 (17.2%) – Eu acho bem receptivas, sim, todas as pessoas que conheci, amigos de amigos da minha companheira, amigos dela, todos foram muito receptivos, né? Assim... caloroso, mas aí eu não sei se

é pela amizade, né, pela facilidade e isso assim que eu tenho de recordação de quando eu cheguei. Porque agora já faz tanto tempo que não tem a coisa de “ah, que bom que você tá aqui”, né? É meio que você já faz parte daqui.

I4 (16.4%) – Eu acho que as pessoas são receptivas e acolhedoras no sentido de serem muito educadas, de gostarem muito de a gente estar aqui, as pessoas de fora, não se incomodarem. Eu não sinto que eu sofro algum preconceito porque eu sou de outro estado, mas eu não acho que elas não são tão receptivas e acolhedoras nesse sentido de talvez te levar pra dentro da casa delas, te chamar pra fazer uma refeição junto com elas. Nesse sentido acho que elas são um pouco menos receptivas e acolhedoras do que eu estava acostumada, mas isso não é um problema, é uma característica só.

I5 (7.7%) – Eu acho que não me senti muito recebida, mas quando entrei no curso, eu encontrei um grande apoio aí, sabe? Os amigos que eu fiz no curso [de forró] foram bem legais, me ajudaram a encontrar lugares pra ir, me apresentaram pessoas novas [...] os jovens do curso eram assim, mas eles mesmo me falaram que era difícil mesmo, que paraibano é fechado, e não sei o quê, mas considerando o tempo que eu tô aqui e a quantidade de paraibanos que eu conheci, eu discordo um pouco dessa frase, tá? Porque todo mundo fala ó: você nunca conheceu nenhum paraibano não. Todo mundo que me conhece fala: pode esquecer que você não vai conhecer. E os meus amigos são daqui, então eu acho que de modo geral, as pessoas eu não consideraria muito receptivas, mas a partir de certo ponto...

I6 (21.5%) – Não sei. Eu nunca parei pra pensar de modo geral. Eu acho o povo daqui gentil, mas... não sei, eu acho que eu sou uma pessoa fria, assim. É muito fácil pra eu dialogar, é muito fácil conversar, é muito fácil que as pessoas confiem em mim, mas eu coloco distâncias. Eu não sei se isso é por causa do lugar de onde eu vim, porque em São Paulo as pessoas são mais assim. A gente tá junto mas o afeto, tudo mais, demora, tem outro ritmo. Então, eu vejo que tem essa diferença, mas eu não consigo identificar um denominador comum entre o povo daqui [...]

I7 (18.3%) – (risos) Tu é paraibano né?

E – Não, eu sou recifense.

I7 – Então eu vou falar. Logo quando eu cheguei aqui eu achei os paraibanos um pouco agressivos, sabe? Bem brutos mesmo. Eu acho que a questão da fala, também, eles são mais grosseiros, e acho que no contato do dia a dia. Acho que no primeiro contato eles são um pouquinho mais hostis. Não são tão acolhedores quanto o povo do Recife, por exemplo. [...] logo quando eu cheguei eu tive um pouco de baque, porque, assim, São Paulo, a gente às vezes não pega pra ir direto no primeiro contato, porém, se a pessoa fala com a gente a gente responde com atenção, nã nã nã, bom dia é de praxe. E aqui a gente não tem isso, entendeu? Acho que na forma da resposta eles são um pouquinho mais agressivos, a população masculina. Principalmente a população masculina.

9. Você gosta/se identifica com a cultura paraibana?

I1 (47.7%): Posso dizer que eu gosto da tranquilidade. E também da maneira em que a cidade é planejada. Você chega em um bairro e não tem aqueles prédios, aquela coisa que ofusca o espaço. Mas culturalmente, eu sinto falta de algumas coisas, sabe? Por exemplo, de uma expressão maior de amar a cultura. Por exemplo, se você perguntar a um paraibano se ele sabe cantar o hino da paraíba, dificilmente ele vai falar que sabe o hino da paraíba, e quando a gente diz que sabe o hino de Pernambuco eles se sentem surpresos. Tipo, “como assim você sabe o hino do estado?”. Aí a gente se surpreende com esse tipo de resposta, então acho que até nisso o pernambucano é mais fervoroso do que... eu sinto falta, por exemplo... outro exemplo, ficar torcendo pra time do Sudeste no futebol. Que isso me pega muito e me irrita muito [...] eu acho que falta o reconhecimento, a paixão do próprio pessoal da Paraíba.

I2 (44.2%) – É porque eu acho bem parecida a cultura daí com a cultura daqui de Pernambuco. A questão da música, a questão da alimentação também acho muito parecido, a questão de entretenimento também é muito parecida com a daqui, a questão da praia, dos shoppings, a questão de praças, eu gosto muito também... me identifico muito.

E – Você se identifica com a cultura?

I2 – Sim, me identifico. Me identifico bastante.

I3 (17.2%) – Eu sou muito ligada à cultura, à música, à arte em si, e eu acho que vem muito do que eu aprendi como recifense, né? A coisa assim, de valorizar a cultura e a arte do estado, e eu vejo muita coisa aqui em João Pessoa, na Paraíba, uma riqueza muito grande e valorizo, me identifico, e enfim, acho que é como eu falei, eu vejo que existe uma falta de investimento na cultura em si, na arte, ou que as pessoas acabem realmente se identificando, se vendo naquilo, né? Valorizando aquilo, porque eu acho que falta, assim, um pouco, nas pessoas em si que moram em João Pessoa, sabe? E é meio triste, assim, ver que quem vem de fora consegue enxergar algumas coisas além de só praia ou uma cidade tranquila, e não conseguir ver essas coisas aplicadas no dia a dia né, de eventos, de movimentações, de coisas que levem a sociedade a ter contato com essas artes e com essa parte cultural da cidade, né, de realmente se valorizar e bater no peito e dizer, isso é nosso [...] enfim, estar vivendo isso e perpetuando isso eu acho que falta, mas eu dou muito valor assim. Eu consigo valorizar justamente porque eu tenho esse... em mim a coisa de “ah, eu valorizo muito ser recifense e a cultura recifense, a cultura pernambucana”, então eu acho que é importante a gente valorizar as outras culturas também, então é isso, eu gosto muito, valorizo muito, mas sinto falta de realmente ter algo que levante isso, né, que enfim, traga pra a gente esse sentimento.

I4 (16.4%) – Eu gosto muito da gastronomia paraibana. Eu acho que a gastronomia é uma forma bem potente de cultura [...]. Eu gosto de algumas manifestações artísticas, mas eu não sei até que ponto elas são essencialmente paraibanas, ou elas são dessa região Pernambuco-paraíba, assim, por exemplo [...] são estados muito conectados, né? Que é o maracatu, as danças, as músicas. Eu gosto do artesanato paraibano, eu acho bem bonito [...], mas eu sinto que eu também preciso conhecer mais a cultura paraibana, sabe? Aí fazendo a minha culpa mesmo... eu também não vou muito atrás de conhecer coisas da cultura paraibana. Por exemplo, eu não saberia dizer quem são os cantores paraibanos, ou músicos, ou atores, artistas. Eu nunca fui ao teatro aqui, por exemplo [...] uma vez só eu fui a uma apresentação de música.

I5 (7.7%) – Eu acho que eu me identifico com a parte de festejos na rua. Acho que isso é uma coisa que eu gosto muito, que eu sempre gostei. É... com essa tranquilidade de você vai pro trabalho, você tá aí, é isso. Eu acho que isso é uma coisa que eu me identifico. Mas tem vários aspectos que eu não me identifico. Acho que uma certa desorganização, mas não sei se desorganização é da cultura; isso é uma coisa que tô identificando no trabalho. Mas pelo que eu converso com algumas pessoas eu percebo que é algo recorrente.

I6 (21.5%) – Eu gosto. Eu acho bonito... pronto, eu acho que isso dá luz no que você perguntou agora há pouco, que eu falei que não sabia responder. Eu acho muito bonito como as relações se dão. É uma ausência de pressa. Você olha pra a pessoa e você sabe que a pessoa tá te ouvindo [...] Eu acho bonita essa autenticidade, eu acho que essa autenticidade é cultural do povo daqui. Eu acho os hábitos bonitos mesmo [...] Em relação a comida, né, que tem rubação, né? Eu não gosto (risos). Mas outras coisas eu gosto muito [...] eu acho que me identifico, gosto, algumas coisas eu adotei, eu tento ser mais como o povo daqui do que como o povo de lá.

I7 (18.3%) – Eu não me identifico, porém eu gosto. Eu acho que eu sempre vou ser paulista de coração e alma, por mais que eu não queira voltar pra minha cidade. [...] eu sou apaixonada por São Paulo e assim... eu gosto da cultura daqui. Gosto demais da comida, do São João da forma que eles passam o feriado e tudo, porém eu não me identifico, entendeu? Porque eu já fui, desde pequena criei costumes paulistas. [...] Eu gosto de tudo aqui na Paraíba, eu gosto, tudo, porém eu não me identifico... como aquilo sendo propriedade minha, entendeu? Como eu fazendo parte realmente daquilo.

COLETA 2

1. Me conte sobre uma experiência positiva, que te marcou, aqui em João Pessoa.

I1 (55%) – Acredito que se for especificar aqui, seja a qualidade de vida, sabe? Mas uma experiência específica... não tenho nenhuma agora em mente. [...] Em relação a um ponto positivo, eu posso mencionar que eu fui bem acolhida. Eu não tive contato com muitas pessoas aqui em João Pessoa

especificamente, né? Mas todas as pessoas que eu tive contato são pessoas que ainda permanecem. São pessoas que sempre que preciso posso buscar apoio e fui bem acolhida.

I2 (51%) – A minha maior experiência que me marcou em João Pessoa foi o nascimento da minha filha. Minha filha nasceu aqui em João Pessoa. É a minha melhor experiência.

(Ela fala também de outra experiência):

I2 – Pra mim é ter concluído a graduação. Porque assim, eu venho com a minha mãe que é analfabeta, e meu pai fez até a quinta série. Então assim, embora eles não tenham muito estudo, nunca desistiam de nos dar estrutura, dar educação pra a gente. Então ter concluído a graduação pra mim é tudo.

I3 (43.5%) – Olha, em todos os momentos em que eu faço alguma atividade que envolve a cultura é sempre muito especial. Então teve um momento em que eu fui conhecer o Sabadinho Bom, a cachateria Philipéia, aquela área ali do centro; fiz um roteiro assim no dia pra conhecer e enfim, foi muito especial porque estava ali vivendo a cidade [...] eu gosto muito de me conectar a coisas culturais, então tudo que eu vivo na cidade que envolva uma atividade cultural é sempre muito especial.

I4 (12.9%) – Ah, não sei. Tem tanta coisa legal que aconteceu na minha vida desde que eu cheguei aqui. É difícil escolher... ao mesmo tempo em que não tem uma que se destacou, tem muita coisa legal que aconteceu; muitas coisas muito boas.

I5 (9.1%) – Ah, tem várias. Acho que um dia que foi muito, muito, muito legal, foi um dia que eu fui na Penha pra uma ciranda, do Escurinho né, que enfim. É incrível, né? Mas sim, eu lembro do primeiro show do Escurinho que eu fui, que foi na General Store; foi uma experiência muito boa, foi muito, muito incrível. A ciranda do Escurinho na Penha foi um dos melhores momentos.

I6 (21.1%) – Eu já tinha ido outras vezes, mas, eu gostei muito de um pôr do sol que eu vi lá no hotel Globo, que é bem chichê assim, coisa de turista, mas que foi muito, muito bom. [...] a gente explorou muito a cidade andando, foram horas andando, e aí culminou no pôr do sol e tava uma tarde bonita, foi uma noite bonita, e foi muito impactante.

I7 (51.2%) – Eu acho que foi quando a gente fez a ação [...] eu fui voluntária como enfermeira e a gente foi em uma comunidade carente lá do Conde, e veio muitas pessoas; passaram cerca de quinhentas, um pouquinho menos, mas foram muitas pessoas mesmo que passaram por a gente. Então, foram dois dias só em atendimento, e só tinha eu de voluntária na parte de enfermagem e aí eu tive que me desdobrar, mas deu tudo certo.

2. Me conte sobre uma experiência negativa, que te marcou, aqui em João Pessoa.

I1 (55%) – O que me intriga muito é que no estado, na região, são situações que envolve o machismo, sabe? Eu acredito que aqui é muito mais intenso. Por exemplo, eu vejo as experiências de algumas amigas minhas que são daqui da região e há sempre uma postura de inferioridade, sempre na figura feminina. [...] isso não é uma situação específica que eu já vi; são várias, sabe? É recorrente.

I2 (51%) – Negativa aqui... até agora... não tenho nada de negativo aqui. Pelo contrário, gosto muito daqui. Tenho que ter? Eu posso dizer assim, pra mim, uma experiência negativa foi estar grávida durante a graduação e não ser apoiada por alguns professores [...] então muitas vezes eu tive que trancar disciplinas [...] agora assim, não foram todos; tive professores maravilhosos que seguravam minha filha pra eu poder fazer atividade.

I3 (43.5%) – Difícil viu... Acho que, o que eu tenho de relação negativa que eu posso falar é em relação a transporte – ônibus – eu sempre tive uma relação meio complicada assim porque eu achava que eu perdia muito tempo dentro do ônibus [...] nem sempre é uma boa experiência e eu acho que em João Pessoa em si a gente perde muito tempo com transporte. Apesar de ser tudo meio perto, mas eu acho que não tem uma... o funcionamento do transporte público não é muito legal e é uma coisa que sempre me tirava um pouco do sério.

I4 (12.9%) – O meu pai ficou doente no final do ano passado; bem doente e aí foi pra UTI e tudo, e sei lá, você sempre pensa o pior, né? E eu estava pela primeira vez muito longe, assim. Foi a primeira vez que eu tava muito longe e uma pessoa da minha família tava doente. E acho que foi a fase mais difícil que eu vivi aqui, eu fiquei muito na dúvida se eu deveria ir, se eu deveria ficar, e ao mesmo tempo as passagens muito caras [...] e aí foi bem pesado. Acho que foi a minha pior experiência aqui.

I5 (9.1%) – Ah, tem tantas! Acho que no trabalho quando teve uma denúncia de assédio moral em referência às minhas chefes [...] foi uma sensação horrível porque ela foi embora e aí foi como se uma energia horrível se assentasse no setor, e eu não sabia o que tava acontecendo [...] eu não sabia que essa denúncia tinha sido feita [...] e eu não gosto de situações de conflito.

I6 (21.1%) – Pertinho de casa, aconteceu há pouco tempo [...] próximo da escola em que eu trabalho [...] tentaram me assaltar e foi muito ruim a experiência a ponto de eu ficar com medo de andar, não só ali na rua, mas de andar aqui no bairro, pra sair pra comprar uma Coca-Cola no mercado. Eu fiquei com muito, muito medo.

I7 (51.2%) – Ah, eu acho que logo quando eu cheguei aqui, que eu – naquele processo né, de ir atrás de emprego, essas coisas – e eu fui conversar com as pessoas dentro do trauma, que eu fui fazer uma capacitação lá e eu tava conversando com as técnicas de lá e falei: “nossa, que legal, pra trabalhar aqui é concurso, né?”, aí uma das técnicas olhou pra mim e falou “não, não é concurso, aqui a maioria é tudo arrumadinho”. E assim é na maioria dos hospitais aqui na Paraíba. E isso foi uma coisa que me deixou... porque eu tô acostumada que em São Paulo não é nada... você pode ter sim os contatos, mas a maioria é mérito.

E – Você acha que tendo vindo de fora, isso se torna um fator especialmente problemático?

I7 – Sim. Eu acho assim, porque, a gente que vem de fora já vem procurando uma estabilidade, né? Pra mim é a cidade nova, tudo novo, então eu buscava ter oportunidade de emprego, né? Oportunidade de tudo. Aí você chega num lugar e a pessoa já fala “só com contatos”; e eu que venho de fora, como vou arrumar um contato? Então é totalmente problemático.

3. O que mais você destacaria em relação a experiências vivenciadas na cidade?

I1 (55%) – Eu posso falar das questões de agressividade também. Teve uma situação bem específica em que às vezes as pessoas não gostam de resolver as coisas muito na conversa não. É na ameaça, é no grito, sabe? São coisas bem específicas que não foi experiência legal pra mim.

I2 (51%) – Acho que foi essas...

I3 (43.5%) – x

I4 (12.9%) – Eu gosto muito quando meus pais ou meus amigos vêm pra cá. Acho que são as melhores fases porque, primeiro que eu me programo pra recebe-los, e aí eu tiro sempre uma semana de férias, então eu acabo me organizando pra parar, ou pra eles virem na época que eu posso parar e aí a gente passeia e eu vivo um pouco mais a cidade como turista mesmo, junto com eles, e é sempre muito massa, é muito gostoso. Então, eu já recebi bastante gente em casa... de São Paulo.

I5 (9.1%) – Acho que João Pessoa, assim... pontos positivos pra mim: forró. Adoro forró, adoro todos os rolês de forró [...] negativo é que todo mundo cobra mais de mim porque eu sou paulista [...] eu já peguei o jeito, mas no começo era muito chato; “eu trabalho, eu moro aqui, parem”. Eu acho que isso é uma experiência que você só tem sendo de fora, ainda mais sendo paulista, e eu sei que é por ser paulista. O pessoal tem uma visão que a gente que é de São Paulo tem muito dinheiro; a gente não tem muito dinheiro não, eu não sei de onde eles tão tirando isso... recebe mais mas se gasta muito mais.

I6 (21.1%) – [...] desde que rolou a tentativa de assalto que isso meio que restringiu meus movimentos [...] e eu pensando: “poxa, essa cidade não é mais minha, eu não posso mais andar aqui”.

I7 (51.2%) – Experiências ruins em João Pessoa acho que são poucas.

4. Qual foi a última vez que você viajou?

I1 (55%) – Fui a Recife no carnaval. Passei o carnaval lá.

I2 (51%) – Eu viajo direto né, pra Pernambuco. Eu fui agora essa semana passada. [...] Às vezes eu vou de quinze em quinze dias; aí eu fui agora esse final de semana e no próximo final de semana eu vou novamente, mas geralmente eu vou de quinze em quinze dias. [...] Eu fui pra Alagoas, não lembro se foi em janeiro.

I3 (43.5%) – Semana passada. Fui pra Recife. Então, eu fui passar o Dia das Mães né, que minha família de lá, então fui passar o Dia das Mães com minha mãe, encontrei meu pai, alguns familiares e amigos... e foi ótimo – passei quatro dias lá – deu pra matar um pouquinho a saudade e já coloquei até num plano assim de tentar ir mensalmente. Muito pelo que eu tinha te dito anteriormente: que eu fiquei sentindo uma necessidade de aproveitar essas pessoas que eu gosto e que eu amo, né? Em João Pessoa, as pessoas que eu tô aqui eu posso ver durante a semana ou durante o final de semana, mas Recife, eu acho que eu preciso estar indo pelo menos uma vez no mês pra ver essas pessoas.

E – E você estava indo com que frequência?

I3 – Então, eu tava indo de três em três meses... por aí. É perto, né? Dava pra ir com mais frequência, mas enfim. Por conta da pandemia e aí junta com o financeiro porque é muito difícil, mesmo você indo pra casa da sua mãe, mas você gasta porque quer sair, porque quer conhecer algum restaurante, quer fazer alguma coisa, mas eu tô bolando esse plano pra tentar ficar indo com mais frequência.

I4 (12.9%) – x

I5 (9.1%) – Olha, uma das coisas que eu mais gosto de fazer é viajar, então eu costumo tentar viajar bastante. Eu fui pra Recife semana passada. Na outra semana, no feriado, eu fui pra Cabaceiras, pro Lajedo de Pai Mateus, então tipo, eu tô sempre tipo: “o que que eu quero conhecer?”. Tanto que aqui em João Pessoa eu conheci tudo que eu tava afim de conhecer meio que rápido.

I6 (21.1%) – A última vez que viajei foi em dezembro ou novembro. Nem foi viagem, fui pra Lucena.

I7 (51.2%) – Tem uns seis meses. Eu fui pro Rio e do Rio eu passei em São Paulo.

5. Nesse meio tempo, entre uma entrevista e outra, você realizou alguma viagem ou recebeu visitas de fora da cidade ou do Estado?

I1 (55%) – Eu fiz outras [...] eu fui umas três vezes pra lá. Ao total, eu devo ter passado uns quinze dias. Recebi da minha mãe só. (uma vez) Como eu fui pra lá e passei mais tempo, aí...

I2 (51%) – x

I3 (43.5%) – Eu acho que eu fui pra Campina Grande, mas fui a trabalho pra terminar uma parte da minha pesquisa [...] fui mais uma vez pra Recife... e Campina Grande. [...] Veio minha cunhada que mora em Campina. Veio minha sogra que mora em Garanhões, Pernambuco.

I4 (12.9%) – Eu recebi no réveillon só. Mas eu recebi muitas no final do ano. Eu recebi uma amiga, aí depois que essa amiga foi embora veio outra amiga, aí essa amiga foi embora e veio minha mãe, aí minha mãe foi embora e veio um casal de amigos. Porque dezembro fica todo mundo de férias, aí quer todo mundo vir pra cá. [...] Eu viajei em dezembro também, pra São Paulo, passar o natal com minha família. Passei dez dias.

I5 (9.1%) – Não recebi [visitas] mas vou receber na semana que vem. Meus pais estão vindo na semana que vem. [...] Eles já vieram, já turistaram, mas aí eu vou ver o que eles tão afim de conhecer [...] se não tiver chovendo com certeza praia, minha família gosta muito de praia.

I6 (21.1%) – Não, mas eu fiquei animado com a possibilidade da minha mãe vir. Em seis anos e meio morando aqui, seria a primeira vez. [...] Eu acho que vou primeiro do que ela vai vir.

I7 (51.2%) – Sim, eu recebi a visita do meu melhor amigo, de São Paulo, ele ficou uma semana. [...] Eu aproveitei que ele veio aqui e apresentei as praias pra ele – tem praia que eu nem conhecia ainda e a gente foi – eu aproveitei.

6. Nesse meio tempo, alguém [mais] (família ou amigos) demonstrou interesse em te visitar ou receber sua visita?

I1 (55%) – Sim, meus avós e um amigo meu.

E – E você tem intenções de viajar em breve, visitar ou de recebê-los aqui?

I1 – Sim, agora no início de julho.

I2 (51%) – Minha vó. Minha vó tá aqui hoje; tá comigo aqui, tem noventa e um anos. [...] Faz uns dois anos que ela veio, aí veio ontem, comigo [...] mas sempre vem... meu sobrinho vem [...] meu sobrinho veio mês passado e minha irmã também veio [...] na minha defesa e veio na minha colação de grau.

E – Mas alguém tem expressado desejo em te visitar ou receber sua visita?

I2 – Expressar o povo só vive dizendo: “vou pra sua casa, eu vou pra sua casa”, porque querendo ou não é outro estado né, e a Paraíba é muito bonita; João Pessoa é muito bonito. Aí o pessoal – a família – sempre diz: “vou pra sua casa, eu vou pra sua casa”. Meus amigos também, de trabalho, vivem dizendo: “posso ir pra tua casa?”.

I3 (43.5%) – Sim, algumas amigas já disseram que querem vir pra cá, querem conhecer, vão se organizar pra vir, e acho que pra ir pra algum canto normalmente é sempre locais que eu já vou, tipo Garanhões. Não só a sogra chamando, mas as amigas lá de Garanhões.

I4 (12.9%) – x

I5 (9.1%) – Bastante gente falou que queria vir pra cá, mas eles não conseguiram... Assim, é caro, né? A passagem tá cara, então... o pessoal fala de vir pra cá; alguns amigos meus falaram pra eu ir pra lá, mas são poucos, sei lá, dois amigos, assim... pouca gente.

I6 (21.1%) – Quando eu percebi que eu tava ganhando mais [...] veio a possibilidade de voltar a viajar. Eu fiquei muito contente porque é uma coisa que eu não fazia há muito tempo, desde que eu ganhava bem, desde o meu antigo emprego, desde que eu tava em São Paulo. [...] Quando eu vi que era uma possibilidade eu comecei a planejar com alguns amigos pra a gente viajar junto, [...] mas por enquanto só plano, eles deram um balde de água fria. É tão ruim quando a gente tem tempo, tem dinheiro e as pessoas não (risos). [...] Mas vamos viajar, só que agora o combinado é que juntaríamos dinheiro pra ir no fim do ano, vamos ver.

I7 (51.2%) – Meu pai quer vir pra cá pra conhecer. Vive me chamando pra ir pra lá. Minhas tias de São Paulo. É mais a família que vive me pedindo pra ir pra lá e eles querem vir aqui conhecer. Mas... eu estou protelando um pouquinho. [...] Eles querem vir porque é Nordeste, praia, essas coisas.

7. Se tiver viajado, você destacaria alguma experiência vivenciada fora da cidade?

I1 (55%) – Olha, alguma coisa específica não porque foi só negócio de festa. Foi carnaval [...] mas não teve nada específico.

I2 (51%) – x

I3 (43.5%) – Acho que pra Campina foi uma viagem legal, assim. Não sei se é porque eu estava cumprindo algumas coisas do meu mestrado, que dá uma satisfação, mas acho que eu curti melhor a cidade, por estar passando mais alguns dias... fiz muita coisa a pé [...] enfim, acho que foi importante,

porque eu tinha uma visão um pouco negativa de Campina Grande, mas muito pela opinião de outras pessoas, né? Minha companheira morou lá por um tempo e não curtia.

I4 (12.9%) – Eu fui pra Serra Branca, no interior da Paraíba. Eu passei um final de semana lá. [...] Nossa, foi muito legal, porque eu não conhecia os interiores assim do Nordeste. Eu conheço muito o litoral, e o único lugar que eu conheci do interior mesmo foi a Chapada da Diamantina na Bahia, mas é muito diferente a vegetação. [...] Serra Branca eu acho que ainda não é sertão, eu acho que é agreste ainda, mas a vegetação já é muito diferente de tudo que eu vi na minha vida, eu nunca tinha visto muitos mandacarus juntos e intactos e palmas e vegetação rasteira e o chão arenoso e açude [...] eu queria tirar foto de tudo, então foi muito legal essa experiência interiorana.

I5 (9.1%) – Com certeza Cabaceiras

I6 (21.1%) – x

I7 (51.2%) – x

8. Você passou por alguma experiência recente que possa ter facilitado ou dificultado a sua experiência morando em João Pessoa? (ex.: moradia, cultura local, amizades, trabalho, etc.)

I1 (55%) – [relacionado a] trabalho. Aff Maria, é muito difícil. Principalmente pra quem é de fora, arrumar emprego. Muito difícil mesmo. Tem sempre uma questão de arrumadinho, sabe? Você sempre tem que ter um contato pra te direcionar; você não consegue se virar sozinho não... ser independente sem ajuda de ninguém não. Aí eu tive, acho que foi depois de janeiro, me chamaram pra trabalhar em uma escola. Aí eu: glória! Fui lá, fazer a entrevista, trabalho pra caramba... basicamente eu ia ser escrava. Quando eu fui ver o valor da hora aula, pra eu pegar quinhentas turmas, quando fui botar na ponta do lápis, eu ia ganhar 7 reais a hora aula [...] Se eu não tivesse esse outro contato a minha situação ia ficar bem difícil; o ano passado mesmo eu fiquei a procura de emprego, enlouquecida, e não consegui, justamente por falta de contato.

I2 (51%) – O que facilitou é a questão do meu esposo ter conseguido essa permuta pra cá, porque senão a gente, infelizmente ia ter que morar em Alagoas. E eu visitei o local, a gente até procurou casa por lá, mas eu não gostei do local. É um local – Penedo – é um local ótimo pra visita, né? Mas pra se morar eu não gostei.

I3 (43.5%) – Eu ia dizer essa coisa de ter precisado ir pra Campina Grande pra fazer uma parte da minha pesquisa, mas eu já tinha me proposto a fazer isso [...] e acabou que se tornou uma coisa positiva. Apesar do esforço foi legal.

I4 (12.9%) – O aumento das bolsas facilitou muito a minha experiência de viver aqui. Muito! Principalmente porque eu consegui reservar uma graninha pra aproveitar a cidade mesmo, porque antes era pagar boleto só. Aí agora eu consigo tirar um dinheirinho pra ir a uma praia, pra ir a um teatro, ir a um cinema, eu comer num lugar diferente [...] então isso facilitou muito a minha estada aqui. [...]

Eu acho que cada dia que passa é mais fácil estar aqui. Talvez a primeira vez que a gente conversou eu não tivesse tão adaptada quanto eu me sinto hoje, e a próxima vez que a gente conversar talvez eu me sinta mais adaptada. O Pilates também ajuda muito, porque eu tô em contato com pessoas do meu bairro, conversando com gente de fora da universidade, fazendo amizades de outros ciclos e tal. Então é legal, esse tipo de atividade em grupo, eu me sinto mais integrada na cidade também.

I5 (9.1%) – Eu acho que uma coisa que facilitou foi o fato de o concurso que eu fiz ter outros concursados, porque geralmente concurso de arquitetura é uma vaga; esse que eu passei são dez vagas. Somos dez e muitos de fora, então isso com certeza facilitou, tipo, tem um grupinho ali passando por coisas similares a mim, tanto por ser concursado como de ser de fora, então isso é legal. Mas ninguém do Sudeste, né? [...] É um grupinho, a gente tá tudo na mesma fase, na mesma idade, isso com certeza ajudou. De dificultar, eu acho que uma coisa que dificultou, em relação a cultura assim... eu sempre fui muito fechada, e tipo, em São Paulo isso já era um ruído, assim. Mesmo que eu fosse uma pessoa extrovertida, tinha algumas piadinhas porque eu não gostava de abraço, eu não gostava de toque. Então tipo, tem esse negócio. E aí então no começo foi um pouco chocante, mas agora já tá tudo bem; as pessoas já entenderam que sou mais quietinha, que sou mais na minha e tá tudo certo.

E – Sobre você não gostar de abraço, isso foi aqui?

I5 – Não, isso já era lá. Meus amigos sempre me zoavam porque eu não gostava de toque [...] aí eu fui me acostumando [...] em São Paulo já era uma dificuldade, aí aqui acho que as pessoas são um pouco mais expansivas e perguntam mais, e eu sou muito fechada, então eu ficava tipo: “por que você quer saber?” sabe?

I6 (21.1%) – Teve o que eu te contei, né, da quase violência – do ato de violência simbólica, que foi bem pesado (a tentativa de assalto), que mudou a forma com a qual eu me relaciono com a cidade.

I7 (51.2%) – Acho que facilitou, essa questão de encontrar agora uma casa com a minha família, e eu dei entrada no meu apartamento.

9. O que você considera que facilitaria sua sensação de adaptação?

I1 (55%) – Eu acho que vem mais de mim. Eu sair mais e me envolver mais com as pessoas. É isso que falta. É mais uma falha minha do que a própria localidade.

I2 (51%) – Eu acredito quando eu conseguir um emprego.

I3 (43.5%) – Olha, eu me sinto adaptada. Eu me sinto adaptada, mas... não me sinto pertencente, vamos dizer assim. Eu acho que também é um sentimento muito natural quando você vem de um local e vai pro outro, você sente falta de algumas coisas do seu local de origem. Não sei, eu acho que é uma coisa muito pessoal, assim, eu acho que eu preciso colaborar também de alguma forma em me sentir pertencente a esse local, né, e não acho que nem é assim de vivência: “ah, eu preciso viver tudo que a cidade tem a me oferecer [...] e por isso eu me sinto muito de João Pessoa”, não, porque eu já fiz isso, não faço com tanta frequência, mas já fiz isso e ainda assim sinto uma estranheza né? “Ah, não é o meu local”. Mas talvez nunca vá ser né, porque tipo, meu local, meu coração é de Recife, mas eu estou morando aqui, eu posso fazer um esforço pra estar me sentindo bem adaptada no local que eu moro e escolhi morar.

I4 (12.9%) – Ah, eu acho que eu queria ter mais amigos mais próximos, sabe? [...] Eu acho que isso ajudaria a me sentir mais integrada na cidade. Como não tenho família, então, não tenho ninguém assim, perto, o tempo todo. Talvez se eu tivesse um relacionamento também, isso também ajudaria, porque quando eu cheguei aqui eu tinha um relacionamento.

I5 (9.1%) – Seria legal assim... porque assim... eu já te falei que o grupo que mais saio é de paulistas que moram em João Pessoa, e a gente se conheceu aqui, então tipo, enfim, ridículo, mas acontece, a gente acaba se juntando. A gente tem conversado sobre a mesma sensação, a mesma coisa, a mesma ideia né... seria muito legal se tivesse alguma coisa que reunisse pessoas daqui [...] uma coisa que a gente tava procurando e a gente não sabe nem aonde achar: um grupo de leitura, por exemplo.

I6 (21.1%) – x

I7 (51.2%) – Agora só se eu comprasse um carro. Porque eu não consigo me acostumar com transporte público aqui, que é muito diferente de São Paulo. Muito diferente.

10. O que você gosta em João Pessoa? Considerando as pessoas, a cultura, e outros fatores.

I1 (55%) – Eu gosto da tranquilidade, gosto do movimento da cidade, apesar de que à noite eu preferiria que fosse mais agitado. Mas durante o dia eu gosto dessa tranquilidade, porque, é engraçado que falam: “ah, João Pessoa tá um caos, o trânsito de João Pessoa tá um caos”, e não é né?

I2 (51%) – Ah, eu gosto da cultura daqui. É porque aqui é tudo preservado – pelo menos assim, a parte turística – eu acho que tem mais esse cuidado com a preservação da parte turística, fazendo uma comparação com Pernambuco. Eu vejo também a questão das estradas. E não é que não tenha defeito, mas quando tem eles são mais rápidos pra querer consertar. Eu tô comparando isso em relação a Pernambuco. Com relação à saúde também; eu tenho plano, mas mesmo tendo plano, em Pernambuco é bem complicado – aqui eu acho mais fácil, sabe?

I3 (43.5%) – Eu gosto muito da sensação de tranquilidade. E eu digo sensação porque enfim, não necessariamente é uma cidade tranquila, né? Tem o seu caos. Mas eu acho que a tranquilidade vem muito de como você se sente tranquilo no local e eu sinto isso assim... um ambiente muito de tranquilidade e paz, né; pego um Uber e em quinze minutos tô na praia, então, mais uma coisa que vai me trazer paz e tranquilidade no momento ali. Diferente de onde eu venho, né, de Recife, que é muito caótico, eu acho que João Pessoa tem isso assim de ser um ambiente de muita tranquilidade.

I4 (12.9%) – Eu gosto da qualidade de vida, isso é a coisa mais importante pra mim. Foi o principal motivador pra eu querer vir e é o mais importante. Assim, eu moro perto da universidade, eu não pego trânsito, eu pego um ônibus só pra ir, um ônibus pra voltar, que são realidades que eu não vivi em São Paulo. [...] é muito trânsito, é muito pesado; cidade extremamente violenta, então você não pode sair pra dar uma caminhada. Tem dia que oito horas da noite eu saio pra caminhar, caminho até as dez, volto, tranquila, sem medo de nada – isso é impensável em São Paulo. Custo de vida também é muito melhor aqui – eu tenho uma vida muito mais confortável do que eu teria se eu tivesse lá ganhando a mesma coisa, fazendo doutorado com bolsa, por exemplo.

I5 (9.1%) – Olha, eu gosto muito da escala da cidade. Eu acho muito bom você ser anônimo mas não tão anônimo assim. Quer dizer, eu me sinto segura, vou de bike pro trabalho. Eu sei que as pessoas me reconhecem [...] então, a segurança. Eu gosto muito das praias, tipo assim, eu acho que a orla [...] é muito bonita mesmo. Toda vez que eu vou pra lá, por mais que eu more longe, eu vou pra lá e fico: “nossa, realmente aqui é o paraíso, né?”. [...] A ciclovía eu acho muito legal, eu acho muito gostoso porque tem gente de todas as idades, gente de todas as classes, enfim.

I6 (21.1%) – Ah, eu gosto muito de morar aqui, de maneira geral. Eu gosto da paisagem, do que eu vejo quando eu ando, do que eu vejo quando eu saio. Eu gosto da sensação de liberdade que eu tenho aqui, que eu não tinha em São Paulo. Até por morar aqui sozinho [...] eu gosto do silêncio, coisa que não era sequer possível onde eu morava. Lá como morava muita gente na mesma casa, sempre tem barulho.

I7 (51.2%) – Praias (risos), eu adoro. Eu gosto muito dessa facilidade de rolês mais tranquilos, sabe? Sentar... tem vários quiosques na orla da praia, tem vários lugares diferentes pra você sair e é um passeio que você pode fazer que termina cedo. Eu tenho uma alma um pouco idosa, então dá 22h e eu já quero dormir.

11. O que você não gosta em João Pessoa? Considerando as pessoas, a cultura, e outros fatores.

I1 (55%) – Às vezes eu acho as pessoas um pouco mal-educadas, mas é mais em questão de atendimento, sabe? Parece que estão trabalhando com raiva.

I2 (51%) – Eu acho que às vezes, algumas pessoas, o atendimento... é meio bruto. Eu acho. Eu sempre comento isso quando eu vejo alguém assim com atendimento mais ignorante: “esse é de João Pessoa”. Mas também tem pessoas que são bem educadas e te tratam bem, mas tem umas que realmente são bem rudes.

I3 (43.5%) – Rapaz, é muito engraçado, porque é uma coisa que eu ainda tô tentando descobrir, o que é exatamente que eu não gosto. Porque tipo, de Recife eu sei... tenho N coisas que posso dizer... que é violenta, desigual, várias coisas, e aqui eu acho que tá se tornando um pouco isso, e é uma coisa que talvez eu não goste, mas não é uma coisa que eu possa fazer algo.

I4 (12.9%) – A pizza. O pão, de modo geral, coisas que deveriam ser crocantes – frituras, coxinha, pastel – tudo deixa um pouco a desejar. Coisas que deveriam ser crocantes e não são crocantes deixam a desejar. Eu acho as calçadas muito ruins aqui; a cidade não é muito gentil com pedestre, especialmente da orla pra dentro. Se você mora na orla até tem calçadão, tem ciclovía, tem tudo. Nossa, eu já virei o pé mais de uma vez nas calçadas aqui [...] porque é buraco, é pedra, é sujeira, é degrau. Eu sou turismóloga de formação e não consigo olhar pra uma cidade sem pensar em que tipo de relação de hospitalidade que ela tem com os residentes e com os turistas e com as pessoas que usam essa cidade, né? E as calçadas de João Pessoa me parecem muito inóspitas, assim, sabe? Elas não te convidam pra um passeio.

I5 (9.1%) – Eu não gosto que o centro histórico tá do jeito que tá. Eu acho que isso é uma coisa bem chocante pra o que eu esperava. Acho que isso tá nos pontos principais. A falta de ciclovias, porque é uma cidade plana e tal, achei que ia ter muito mais. Mas isso já tá na área da idealização, né, mas assim, isso. E outra coisa, mas isso eu não sei se é de João Pessoa; é uma coisa que eu nunca passei porque eu não morava sozinha lá [...] eu morava numa avenida muito perigosa, então não tinha essa convivência na rua, né? Mas aqui no meu bairro (risos), não sei se é uma coisa daqui... eu não sei, de ver jogando lixo na minha lixeira – “gente, pelo amor de Deus, para com isso”. Eu nunca vi isso, entendeu? Nunca passei por isso. Então não sei se é uma coisa daqui, se é uma coisa do bairro, não tem como saber.

I6 (21.1%) – Tem coisa também. O que eu não gosto acho que se refere mais ao fato de eu morar aqui, que acaba impondo uma distância a algumas possibilidades que não são legais. Por exemplo [...] morando aqui, no Bairro das Indústrias, outro dia eu queria comer wrap, aí fui comprar [...] não tinha em nenhum lugar; eu andei por um quilometro e setecentos, fui pra cima, pra baixo, em seis lugares diferentes – não tinha. Isso é ruim. A impossibilidade de você conseguir algumas coisas de uma maneira fácil. É difícil encontrar locais legais que o ifood entrega aqui. Aí eu também sentia isso de negativo aqui em relação a sair – as opções culturais – só que aí, desde que eu me coloquei assim, de dizer sim, sem colocar empecilho, aí eu vi que não. As outras coisas eu consigo contornar, mas isso não, isso é ruim.

I7 (51.2%) – Se eu pudesse pegar algumas pessoas e, sei lá, mandar pra outro estado, seria bom. [...] Aqui é um pessoal um pouco mais ignorante, sabe... brutos.

COLETA 3

1. Você já recebeu elogios inesperados de pessoas que acabara de conhecer? Se sim, que tipos de elogios foram?

I1 (57.1%) – Então, sim... recentemente eu entrei em uma disciplina nova no início desse semestre. Aí, me comportei como normalmente me comporto, né? Cheguei, não conhecia o professor nem meus colegas... me enturmei... aí na segunda aula o professor destacou: “tu tem uma energia tão boa, tão contagiante, que contagia todo mundo pra sempre conversar e interagir”. Aí eu achei interessante falar da minha energia, porque às vezes tem um povo com energia tão negativa, né? Tão baixa.

I2 (50.9%) – Eu tive uma professora [recente, na UFPB] que era bem rigorosa assim... e acho que quase ninguém gostava dela na sala, mas que ela depois, no final do curso, elogiou minha evolução. Disse que melhorei bastante. Isso foi bom porque me reconheceu, né? Reconheceu o esforço.

I3 (22.4%) – Acontece e normalmente é dizendo que sou uma pessoa atenciosa. Quando as pessoas conversam comigo eu presto atenção no que elas estão falando, interajo e enfim. O que é mais recorrente é realmente isso, relacionado a eu ser uma pessoa atenciosa, carinhosa, receptiva... coisas do gênero.

I4 (11.3%) – No geral eu sempre recebo os mesmos elogios das pessoas. É difícil eu receber um elogio diferente. Sobre o fato de eu ser organizada, enfim, meu projeto líder, assim, então quando tem alguma coisa eu já tomo a frente, já organizo a parada, e aí, no geral, eu ganho uns elogios por isso. Certamente incomoda algumas pessoas com isso também, mas...

I5 (15.8%) – Nossa, é que geralmente como eu sou uma pessoa mais na minha, quando as pessoas me elogiam, são pessoas que me conhecem bastante, né? Eu acho que as pessoas costumam elogiar que eu sou boa ouvinte, [...] já elogiaram minha organização de trabalho e isso também já foi uma coisa um pouco recorrente [...].

I6 (35.9%) – Não tem nada muito recente não, mas teve uma coisa que aconteceu enquanto eu tava de férias no meio do ano que eu recebi uma mensagem no WhatsApp de uma ex-aluna minha [...] e ela sofreu muito durante a crise mais aguda de COVID com ansiedade; teve alguns transtornos, assim, muito pesados, mesmo antes. [...] ela deixou de ser minha aluna em março, começo do ano mesmo, e ela me mandou uma mensagem enquanto eu tava de férias, e foi muito inesperado porque eu não fazia ideia de que ela ia sequer com a minha cara, e ela mandou uma mensagem dizendo que sentia falta

das aulas, do jeito que eu a tratava, porque eu a tratava com muito perfeito, aí ela falou que não tinha um professor como eu lá. Aí eu achei muito bonito, assim, muito tocante porque eu não esperava.

I7 (72.5%) – Já, já sim. Eu acho que aqui na Paraíba, especificamente, o pessoal elogia muito o meu sotaque, né, porque a gente tem um sotaque diferente. E o meu cabelo, por ele ser cacheado, o pessoal tá mais acostumado com cabelo liso, né? Agora que tá vindo mais o pessoal assumindo mais os seus cachos.

E – Quanto ao seu sotaque, o que costumam dizer?

I7 – Primeiro começam a falar: “Você não é daqui. Você é daonde?”. Porque já nota diferença no sotaque. Depois falam que o sotaque é muito bonito, diferente do sotaque daqui. Porque eu costumo puxar o “r”. Agora que eu tô dando uma segurada. Já tem alguns anos que eu tô aqui, né? Aó querendo ou não a gente pega um pouquinho.

E – De que forma e por que você está “dando uma segurada”?

I7 – É porque o sotaque no Nordeste é muito forte, né? É muito rico também. E aí, por conta da convivência a gente, querendo ou não, costuma pegar alguns vícios de linguagem regionais. Algumas gírias, algumas coisas assim, e acaba mudando um pouco a nossa forma de falar e o nosso próprio sotaque.

E – Muitas pessoas percebem essa mudança em você?

I7 – Não. Sabe quem percebe: os meus amigos de São Paulo.

2. Você já passou por uma experiência em que considera que sofreu alguma forma de preconceito?

I1 (57.1%) – Ah, recentemente, eu acho que... eu posso destacar minha defesa no mestrado. Minha banca... uma examinadora é baiana, porém mora muitos anos em São Paulo e o outro examinador é daqui da Paraíba, mas mora há anos no Rio de Janeiro. Aí na minha pesquisa trato sobre o jornal Diário de Pernambuco e também sobre o poeta pernambucano; aí, eu fui inventar de colocar o conceito de pernambucanidade na minha pesquisa. Aí eu fui esculachada, né? Esculachada assim... apontaram um ponto de subjetividade da minha parte. [...] aí eu tive que tirar – na verdade eu tirei o termo pernambucanidade e continuei descrevendo a essência – mas eu achei um pouco preconceituoso sim.

I2 (50.9%) – De infância que me marca é às vezes você, por ser pobre, né, negro... você entra na loja e às vezes o segurança vai atrás de você, como se você fosse roubar alguma coisa. Isso realmente já aconteceu comigo.

I3 (22.4%) – Hmm, acho que não. E se teve assim, acho que foi muito no tom de brincadeira, inclusive por uma coisa que a gente já conversou em outras conversas... dessa rivalidade, entre aspas, entre Pernambuco e Paraíba, João Pessoa e Recife, que eu não sei se existe fora do Twitter, mas como eu estou muito inserida nessa rede social, é um tema que acontece. Então, de dizer “ah, é recifense”, aí “vixe”, “eita”, alguma coisa assim, mas não de verdade, é mais uma brincadeira.

I4 (11.3%) – Acho que não. Eu acho que, no geral, as pessoas tendem a falar mais abertamente sobre coisas boas e não abertamente sobre coisas ruins, né, talvez. Críticas a meu respeito talvez sejam feitas mais pra outras pessoas do que diretamente pra mim.

I5 (15.8%) – Eu acho que em São Paulo o pessoal falava muito do meu sotaque, tipo, que eu era do interior, não sei o que. E eu moro- eu morava em Santo André, né? Que é na região metropolitana mesmo. E o paulistano raiz fala muito que São Paulo é São Paulo e o resto é resto. Então era mais isso, o pessoal ficava falando que não tem nada em Santo André; é tanto que eu decidi fazer minha pesquisa, na época, justamente sobre Santo André, pra falar que tem bastante coisa lá [...] mas preconceito mesmo eu nunca sofri – acho que no máximo... essa é a única coisa que eu lembro que eu ficava bastante irritada. [...] Olha, mas aqui eu passei um preconceito esquisito que é assim. É tipo, muitas pessoas têm uma concepção de São Paulo que não é real – quer dizer eu acho que não é... eu não concordo – e tipo, já esperavam que eu fosse alguma coisa, assim... é que eu não chamaria de

preconceito de eu ser maltratada, sabe? Mas uma coisa que eu acho muito chata aqui é cobrar mais por eu ser paulista, isso é uma coisa que me irrita muito e eu acho que é uma sacanagem.

I6 (35.9%) – Deixa eu pensar... deve ter tido. Não me ocorre nada. Não quer dizer que não teve, mas não me ocorre nada.

I7 (72.5%) – Acho que mais na profissão, né? Que aqui eu escutei muito – eu sou enfermeira, né? – e aí eu já escutei muito que as enfermeiras vão pro hospital só pra ficar juntas dos médicos, né? Que é uma fama que as enfermeiras têm aqui na Paraíba.

3. Você considera que se tornaram mais frequentes situações de elogios e/ou preconceitos após sua vinda para João Pessoa?

I1 (57.1%) – Acho que sim, porque... não só em relação a João Pessoa mas à Paraíba, né? Como eu era de fora, então, eu não enxergava nada desse tipo. Inclusive achava que meu sotaque era normal. Aí quando mudei de região, começaram a falar que – não só eu como pernambucana, mas tinha uns dois ou três pernambucanos também na minha sala de aula na graduação – e o pessoal destacava que a gente tinha um sotaque, que a gente puxava o “s”. E eu nunca reparei. Pra mim o paraibano fala igual; no meu ouvido, e não só no meu, mas... todo mundo fala igual aqui na Paraíba. Eu não vejo diferença. Só que o paraibano vê a diferença na gente. [...] o paraibano enxerga o nosso sotaque diferente.

E – Você chegou a observar elogios ou formas de preconceito em relação ao sotaque?

I1 – Sim. Tentar corrigir.

E – Esses comentários que você acabou de falar sobre o “s”, são de natureza mais neutra, ou são negativos ou positivos?

I1 – Então, antes eu enxergava um pouco de preconceito, mas hoje em dia não. Até porque as pessoas que eu convivo já se acostumaram e não comentam mais, né? Mas, por exemplo, meu esposo já sente mais, porque ele é mais corrigido no trabalho.

I2 (50.9%) – x

I3 (22.4%) – Hm, é... talvez. Com pessoas que me relaciono sempre, talvez não seja uma coisa que seja dita, mas pessoas que eu tô conhecendo agora ou que eu tenha menos contato talvez tenha essa abertura de dizer “ah, tu é uma pessoa assim, né”.

I4 (11.3%) – É, não percebo uma grande diferença não.

I5 (15.8%) – Eu acho que elogio diminuiu drasticamente. Eu não lembro a última vez que eu recebi um elogio aqui; sei lá, em São Paulo eu constantemente recebia feedback, tanto do trabalho quanto dos meus amigos, da minha família também até, mas aqui não recebo muita coisa não de elogio. Agora de preconceito, tipo, eu acho que... ah, eu me sinto fora, mas isso pode ser eu, né, não precisa ser uma coisa externa [...] me sinto fora do grupo mesmo, não sei explicar. Peixe fora d’água, nesse sentido, mas não porque alguém tá me maltratando. Mas de elogio diminuiu... muito (risos).

I6 (35.9%) – Acho que não. De frequência eu acho que não mudou não.

I7 (72.5%) – Eu acho que sim, porque eu vim pra cá eu tinha o que... dezenove? Então o meu círculo de amizades ali, de convívio, era muito pequeno em São Paulo. Era escola, aí eu comecei a trabalhar, só isso. Aí quando eu vim pra cá eu já fui pro curso, aí comecei a trabalhar, e faculdade, e sai, conhece gente nova.

E – Os dois se tornaram mais frequentes aqui?

I7 – Sim.

4. Você já recebeu comentários (positivos, negativos ou neutros) relacionados à sua cidade ou Estado de origem enquanto viajava?

I1 (57.1%) – Sim. Sempre falam do trânsito, falam que fede. Tem esses tipos de comentário, sabe? Ah, mas eu sempre rebato. Eu não fico calada não.

I2 (50.9%) – (não viaja)

I3 (22.4%) – Sim, sim... e normalmente é uma mistura disso assim, de coisas positivas e negativas, né? “Ah, Recife é muito perigosa”, “tem muito trânsito”, ou “ah, é muito rica culturalmente, é muito bonita, tem muitos lugares pra conhecer, aproveitar”, enfim, é um misto assim.

I4 (11.3%) – Ah, isso rola o tempo todo. É eu entrar num Uber, esse é o primeiro assunto. Primeiro porque aqui é difícil eu passar por uma local se eu falo “boa noite” ou “boa tarde”, as pessoas já pegam que eu não sou daqui, em João Pessoa ou em qualquer outro lugar que não seja São Paulo, que eu esteja viajando, cujo sotaque seja muito diferente, por exemplo, qualquer aqui lugar do Nordeste. E por acaso eu sempre viajei muito pra cá, então... eu entro num Uber, bato a porta e falo “boa tarde” e a pessoa sabe que eu não sou daqui, e sempre a conversa começa por aí, né? E aí eu digo que sou de São Paulo, e como São Paulo é um lugar que tá muito no imaginário do brasileiro eu acho, né [...] aí a pessoa sempre tem uma opinião – ou São Paulo é um lugar maravilhoso, ou é um lugar onde as pessoas sonham em ir, ou um lugar que a pessoa teve uma experiência ruim [...] eu diria que, sei lá, oitenta por cento das minhas interações com desconhecidos aqui em João Pessoa começam com a história de São Paulo, assim: “o sotaque”, “você é de fora”, “de onde você é?” [...].

I5 (15.8%) – Eu acho que eu recebo comentários só aqui mesmo; quando eu vou viajar ninguém me pergunta de onde eu sou.

I6 (35.9%) – Quando eu tava no Rio, apontaram positivamente porque em São Paulo tem muito mais opção pra comer, a cidade não para. [...] Mas normalmente é negativo, tanto em relação ao temperamento das pessoas, que dizem que é mais frio, são pessoas antipáticas, nós, paulistas, paulistanos, têm um temperamento mais frio, costumam falar isso. Já ouvi falar mal de São Paulo em Minas Gerais, no Rio, Natal, aqui em João Pessoa.

I7 (72.5%) – Nossa, sempre! A maioria negativo. Porque assim, São Paulo é muito agitado e em contraste com João Pessoa que é muito calmo né, o pessoal fala que não se adaptaria, não iria pra São Paulo, por conta dessa agitação, o custo de vida muito alto, entendeu? [...] Tem comentários positivos pra turismo, né, porque São Paulo é uma cidade muito bonita, muito rica.

5. E estando aqui em João Pessoa?

I1 (57.1%) – Esses comentários – no território paraibano.

I2 (50.9%) – Não, assim. O que acontecia era com relação ao sotaque, mas à cidade não. Os comentários que eu vejo é o que realmente o povo sente: é essa questão de muitos carros na rua, o trânsito é horrível, a questão do calor.

E – Em relação ao sotaque, você percebe comentários aqui?

I2 – Quando eu vim pra cá, às vezes quando eu falava, eu tenho um colega da faculdade que ainda ri muito mas ele disse que acha bonito, mas fica rindo. E quando eu vou de cá pra lá às vezes o povo fala: já tá um pouquinho com o sotaque paraibano, sabe? Que eu não percebo nenhum nem outro, mas enfim.

I3 (22.4%) – Não acontece muito, e quando acontece acho que é meio de... não falar... assim, sem comentários.

I4 (11.3%) – Ah, isso rola o tempo todo. É eu entrar num Uber, esse é o primeiro assunto. Primeiro porque aqui é difícil eu passar por uma local se eu falo “boa noite” ou “boa tarde”, as pessoas já pegam que eu não sou daqui, em João Pessoa ou em qualquer outro lugar que não seja São Paulo, que eu esteja viajando, cujo sotaque seja muito diferente, por exemplo, qualquer aqui lugar do Nordeste. E

por acaso eu sempre viajei muito pra cá, então... eu entro num Uber, bato a porta e falo “boa tarde” e a pessoa sabe que eu não sou daqui, e sempre a conversa começa por aí, né? E aí eu digo que sou de São Paulo, e como São Paulo é um lugar que tá muito no imaginário do brasileiro eu acho, né [...] aí a pessoa sempre tem uma opinião – ou São Paulo é um lugar maravilhoso, ou é um lugar onde as pessoas sonham em ir, ou um lugar que a pessoa teve uma experiência ruim [...] eu diria que, sei lá, oitenta por cento das minhas interações com desconhecidos aqui em João Pessoa começam com a história de São Paulo, assim: “o sotaque”, “você é de fora”, “de onde você é?” [...].

I5 (15.8%) – Ah, pra falar de preconceito, eu recebo muitos comentários sobre a minha cultura como se não fosse a minha cultura: “ah, porque paulista é...” e preenche com qualquer coisa. Aí eu acho muito esquisito. Principalmente no trabalho, o pessoal gosta de falar muito sobre paulista [...] eu sempre fico “nossa, o que?”.

I6 (35.9%) – É até engraçado, se eu tô no trabalho: “oh, o que vou falar agora não vale pra você não, mas o pessoal de São Paulo...”, vai na mesma toada.

I7 (72.5%) – Nossa, sempre! A maioria negativo. Porque assim, São Paulo é muito agitado e em contraste com João Pessoa que é muito calmo né, o pessoal fala que não se adaptaria, não iria pra São Paulo, por conta dessa agitação, o custo de vida muito alto, entendeu? [...] Tem comentários positivos pra turismo, né, porque São Paulo é uma cidade muito bonita, muito rica.

6. Você acredita que, estando aqui na PB, as pessoas podem saber de onde você é simplesmente a partir de algum comportamento seu, pela maneira como você fala, pela maneira que se veste, ou outra característica? Por quê?

I1 (57.1%) – Sim. Pelo sotaque, pelo “s”.

I2 (50.9%) – Eu acho que pelo sotaque. Inclusive eu fui pra uma médica e aí ela perguntou: “você é de Pernambuco”, aí eu “sim” (risos). Ela estudou na UFPE (risos).

E – Então, isso acontece com frequência?

I2 – Sim.

I3 (22.4%) – Acho que quando eu cheguei sabiam mais, um pouco pelo sotaque, que dizem que é um pouco mais puxado, meio... enfim... mas hoje em dia acho que tá muito meio que misturado, o mesmo sotaque. [...] quando eu cheguei aqui eu nem sabia que eu tinha um sotaque tão diferente assim né, apesar de a gente saber que cada estado tem seu sotaque, sua maneira de falar [...].

I4 (11.3%) – Eu não sei se as pessoas sabem exatamente de onde eu sou pelo meu sotaque, mas elas sempre sabem que eu não sou daqui. De cara, assim, eu não preciso de um minuto pra a pessoa sacar que eu não sou daqui. E eu tenho a sensação... e uma amiga minha teve aqui mês passado e ela falou: “parece que seu sotaque tá mais forte agora que você tá aqui faz tempo, do que quando você veio”. Eu não sei explicar, porque eu interajo cada vez menos com pessoas de São Paulo, cada vez mais com pessoas daqui e eu sinto que meu sotaque tá mais forte do que quando eu cheguei, por exemplo, o que não faz o menor sentido.

I5 (15.8%) – Eu acho que... as pessoas sempre acham que eu sou do Paraná por causa do meu sotaque. Por causa do “r” e tal. Mas acho que dá pra ver que eu não sou daqui, mas saber de onde eu sou exatamente, acho que não. Porque, tipo, na minha cidade eu também não me encaixava, entendeu? Também era esquisita diferente lá.

E – O que você destacaria como características que chamam atenção para o fato de você não ser daqui?

I5 – O sotaque, a primeira coisa é o sotaque – “porta”, “São Bernardo”. Eu acho que também um pouco meu estilo de vida assim, por exemplo, eu gosto de ir de bicicleta pro trabalho, né? Eu já recebi muitos comentários sobre isso, tipo muitos comentários, porque é muito esquisito, muito diferente. Eu não acho que é algo tão diferente assim, sabe?

I6 (35.9%) – O que as pessoas sabem é que eu não sou natural daqui. Se eu entro num Uber, se eu tô numa festa e conheço alguém: “você é daonde?”. Eu digo “sou daqui, por que essa pergunta, não tá vendo meu sotaque?”. Aí a gente até brinca, né. Mas não é todo mundo que acerta não.

I7 (72.5%):

Sim. O sotaque, a maneira de me vestir, a maneira que eu falo.

E – Algum desses se destaca acima dos demais? E as pessoas conseguem identificar eu você é de São Paulo?

I7 – Acho que mais pelo sotaque e a maneira que eu falo. Alguns acertam que eu sou de São Paulo, outros sabem que eu não sou daqui, porém não sabem que estado é. Porque eles confundem também, tem muita gente que confunde o sotaque do Rio e o sotaque de São Paulo, né?

7. Você gosta e/ou se orgulha de alguma dessas características?

I1 (57.1%) – Sim, com certeza. Eu não modifico... tanto que minha orientadora de São Paulo fala que eu sou uma das poucas pessoas que ainda mantém o sotaque da sua região de origem; então eu não perdi, eu faço questão de não perder. Inclusive eu passei vinte dias na Bahia, aí lá ficavam me zoando, né? Não me chamavam nem pelo nome – era a pernambucana. [...] toda vez que eu falava alguma coisa repetiam: “ah para de falar assim”. Eu não vou parar de falar assim, vou passar vinte dias aqui e vou voltar pra Recife com o sotaque diferente? De jeito nenhum.

I2 (50.9%) – Eu gosto do meu sotaque, eu me orgulho. É algo raiz. Vem de onde eu nasci, onde me criei, então, eu amo meu sotaque. Fala muito de mim, né? Fala muito quem sou, de onde sou. Querendo ou não o jeito de falar termina passando também um pouco da sua personalidade, né? Então... eu amo meu sotaque.

I3 (22.4%) – É... sim. Me orgulho, eu acho que, enfim, faz parte de quem eu sou. É característico de onde eu vim, minha cidade, então... me orgulho sim. Inclusive ficava nessa né, quando achava que eu não tinha sotaque o pessoal dizia: “ah, tu é de Recife”, eu achava ótimo. Eita, ainda sou reconhecida. Não perdi minha carteirinha recifense (risos).

I4 (11.3%) – Eu acho que não é nem gostar e se orgulhar nem se envergonhar, sabe? É a minha história, é de onde eu sou, e eu não tenho a menor intenção de negar essas características, sabe? De forçar, por exemplo, pra imitar ou parecer que eu sou daqui, pela minha forma de falar, ou pela minha forma de me vestir, ou pelas músicas que eu gosto de ouvir [...] eu não sou daqui... eu moro aqui, eu amo essa cidade, eu escolhi estar aqui, eu não pretendo ir embora daqui, mas eu não nasci aqui. Eu não vivi trinta e dois anos da minha vida aqui. Então, não tem como eu ser daqui. Talvez eu fique mais trinta anos aqui, talvez eu assimile algumas características daqui e daqui a trinta anos talvez eu seja dos dois lugares, mas por enquanto eu sou de São Paulo e moro aqui e não dá pra negar isso.

I5 (15.8%) – Ah sim. Outra coisa é que eu também me visto um pouco diferente. Eu não achei que eu me vestia tão diferente assim, mas aparentemente sim. Depois de receber comentários que eu percebi, né? Mas eu gosto sim, eu gosto, tenho orgulho mesmo, eu tenho orgulho do meu “r”. Todo mundo sempre fala desse “r”, mas eu gosto, assim, é meu, sempre vai ser meu.

I6 (35.9%) – Não. Oh... não. Se orgulhar é uma palavra muito forte; gostar eu também acho que é um termo forte, porque na verdade eu não me importo. Eu as vejo como características minhas. Da mesma maneira, sei lá, eu tenho um metro e oitenta e um, eu sou alto, eu falo assim; não é algo bom, não é algo ruim, é algo que é. O povo que me conheceu quando eu cheguei aqui [...] disse que eu perdi muito sotaque. E quem me conheceu há mais tempo disse que eu perdi muito. Coisa que eu não noto. [...] Eu não me vejo preso, não é algo que eu me orgulhe, é algo que é. Quem me conhece há mais tempo diz que eu perdi um bocado, mas eu não sei.

I7 (72.5%) – Todas. Sim. Eu acho que é quem eu sou, né? Ninguém é igual a ninguém. Cada um tem as suas particularidades, e eu gosto das minhas.

8. Você não gosta e/ou sente vergonha de alguma dessas características?

I1 (57.1%) – Não, de jeito nenhum. Não acho que nenhum pernambucano vá dizer isso. [...] A gente é orgulhoso da nossa região, da nossa cultura [...]

I2 (50.9%) – Não, não sinto vergonha de nada não. Eu sou assim.

I3 (22.4%) – Não, não sinto.

I4 (11.3%) – Não. Eu acho que é muito neutro, assim. Eu não gosto de São Paulo, mas eu não me envergonho de ser de lá. Eu só acho que é uma cidade que tem [muito] problema, e uma cidade difícil, cruel, mas isso é outro assunto, sabe? Não significa que eu me envergonho da minha história, de ser de lá, da forma como eu falo [...].

I5 (15.8%) – Não. Não, terapia tá em dia (risos).

I6 (35.9%) – Não. O que eu sou é o que eu sou.

I7 (72.5%) – Não. É quem eu sou, né. Não tem como. Se eu me envergonhasse ia ser ruim pra mim mesma, porque eu ia ter que conviver todos os dias com isso, então...

9. Tendo essas características em mente (comportamento, maneira de falar, maneira de se vestir), volto às perguntas iniciais acerca de elogios e preconceitos: você se recorda de algum elogio ou situação de preconceito em relação a uma dessas características?

I1 (57.1%) – Não, acho que não. Só em relação às minhas pesquisas mesmo.

I2 (50.9%) – Elogio. Eu disse que tenho um colega da faculdade que sempre ficava, né... Mas ele ria, mas dizia que achava muito bonito... o chiado.

E – Você considera essa situação como algo positiva (de elogio), negativa (de preconceito) ou neutra?

I2 – Elogio. Ainda é mais de elogio.

E – E vindo de outras pessoas, você se recorda de ter recebido elogios ou sofrido preconceito em relação a isso?

I2 – Não, com relação a isso não. Às vezes falam mas eu não sinto maldade. É só uma comparação mesmo. Uma forma de reparar, mas eu não vejo como maldade. [...] foi mais na faculdade mesmo, essa questão do falar, que muita gente percebia... era em algumas palavras; algumas palavras que a gente puxa mais... eles dizem que a gente puxa mais às vezes pelo “s”.

E – Comentavam isso? Imitavam?

I2 – Não... davam uma risadinha, de engraçadinho. Mas eu não vejo como maldade; não interpreto como maldade. Vejo como comparação mesmo né, de um lugar para o outro.

I3 (22.4%) – Eu acho que não. Acho que não, assim... não aqui. Eu acho que é uma coisa comum quando eu viajei pra São Paulo, enfim, outros locais, acho que existe realmente esse preconceito por ser muito diferente, assim. Acho que aqui no Nordeste, apesar das diferenças, tem muitas coisas que se conectam também, então acho que fica um pouco mais fácil de se reconhecer, que talvez pro Sul, Sudeste, ter essa coisa assim, porque é muito diferente [...] realmente tem um olhar diferente: “é Nordeste”.

I4 (11.3%) – Não. Com relação às características que me remetem ao meu lugar de origem não.

I5 (15.8%) – Não foram situações de elogio ou preconceito. São só comentários, eu não sei classificar. [...] eu acho que uma coisa que talvez me incomode é eu ser mais retraída, mais fechada, mais quieta

e isso é uma coisa que me incomoda quando comentam, porque parece que é sempre de uma forma meio negativa, sabe? “Ela não fala, ela não se mistura”. Não é sobre isso, é uma dificuldade mesmo.

E – Você recebeu comentários acerca do seu “r” aqui em João Pessoa também?

I5 – Ah, um monte. Do meu “r”, muitos comentários. Muita gente no começo me imitava. Já mandaram eu falar certo também, aí isso me incomodava, porque eu nunca falaria isso pra ninguém, então não achei legal falarem pra mim. Eu não acho que tem um certo ou errado, enfim. Essa é uma fala que eu esperava de um paulistano, né? Não de, tipo, qualquer outra pessoa, sabe?

I6 (35.9%) – Já teve de elogio e também de preconceito, especialmente em relação ao jeito que eu me vestia, mas era mais quando eu cheguei aqui. Eu não sei se eu mudei a forma, também porque eu mudei os lugares que eu frequentava, né?

I7 (72.5%) – [...] eu tinha acabado de chegar e fui na padaria comprar pão, e aí a moça da padaria ficou falando: “fala porta, porteira e portão”, por conta do sotaque. Eu falei: “moça, eu só quero comprar pão”.

E – Como foi ter passado por essa experiência?

I7 – Foi um pouquinho incômoda, porque assim, eu tinha acabado de chegar, né, e fui na padaria de manhã comprar pão e me deparo com isso. Foi um pouquinho incômodo no começo, mas hoje em dia eu levo na esportiva.

E – Ainda acontece algo semelhante?

I7 – Às vezes. Às vezes as pessoas brincando, né? Pedem pra a gente, pra eu falar alguma palavra... mas tranquilo.

E – Pra você essas pessoas estariam mal intencionadas, bem intencionadas, ou com um viés mais neutro?

I7 – Pra falar a verdade, não tem como a gente discernir né, se tá sendo bem-intencionado ou mal-intencionado, às vezes. Às vezes dá mas às vezes não dá. E pra mim não faz diferença, porque eu levo na esportiva.

COLETA 4

10. Você poderia me contar um pouco sobre como é seu dia a dia aqui em João Pessoa? Alguma diferença notável em relação a como era em sua cidade natal?

I1 (57.1%) – Uhum, tem. Inclusive tive uma experiência esse mês que quase eu voltava a morar em Pernambuco. Mas aí eu fiquei olhando ao meu redor, refletindo muito e “ah, não, não vou voltar”. Mas a diferença é locomoção, o trajeto de resolver as coisas, né? Aqui eu acordo de seis horas da manhã pra sair de seis e quarenta e cinco – aí eu acordo de seis, pra comer, tomar banho e tudo né – aí chego no trabalho de sete. Ou seja, quinze minutos, né? Isso porque é horário de pico. [...] e se eu for fazer o mesmo trajeto com a mesma quilometragem lá em Pernambuco, como eu tentei fazer esse mês, aí meu Deus, só a misericórdia... além do valor do trajeto [...] aí eu comparei lá né – além de ser mais caro, não daria pra eu estar fazendo esse trajeto de Uber moto por causa do custo [...] isso eu analisando, né? Porque eu recebi uma proposta de trabalho lá.

E – Essa proposta de trabalho foi o que te fez pensar em voltar?

I1 – Sim, foi. Mas ia ser muito repentino. Tipo, tava assinando contrato hoje e perguntei: “quando eu começo a trabalhar?”, aí ele: “amanhã”. E foram outras coisas também, né?

I2 (17.5%) – Tem muita diferença poque lá eu era solteira e trabalhava. Então assim, quando eu vim pra cá, eu já vim pra estudar, aí me casei, tive filho. Então, mudou completamente a minha rotina.

Antes de engravidar eu acordava, ia pra faculdade, aí à tarde estudava... aí depois tive minha filha, aí ficou, acordava, cuidava da minha filha e ia estudar à noite, quando ela dormia. Porque bebê, você sabe, dorme e acorda o tempo todo [...] hoje eu acordo de cinco da manhã pra arrumar as coisas dela pra ir pra a escola, aí coloco as coisas dela e já não paro. [...] eu não consigo organizar meu tempo mais; não estou conseguindo, e isso eu me cobro muito, mas não consigo organizar.

I3 (39.2%) – Existe uma diferença e eu acho que é até um pouco difícil de comparar, assim, pelo tempo. Porque quando eu morava em Recife eu tinha vinte e poucos anos e agora eu tô com trinta e dois, então, também passando por contextos, enquanto a gente morando em João Pessoa teve uma pandemia, teve coisas que passaram a acontecer muito remotamente, então acabou levando a uma rotina mais em casa, né, somado ao fato de eu ser muito caseira [...] então, quando eu estava em Recife, na época, eu fazia muita coisa na rua, a pé. Eu acho que eu sentia que eu me movimentava mais e tinha acesso a coisas que eram mais fáceis de acessar. [...] Realmente já faz oito anos que eu tô morando aqui, então tem uma mudança de tempo de cabeça, de coisas que eu fazia oito anos atrás pra o que eu faço agora; tem isso da pandemia e as coisas passarem a acontecer muito remotamente [...].

I4 (22%) – Tem duas grandes diferenças notáveis: eu acordo e durmo muito mais cedo aqui... muito mais [...] a cidade amanhece muito mais cedo e escurece muito mais cedo do que em São Paulo e eu trabalhava à noite e presencialmente em São Paulo [...]. Eu virei uma pessoa muito diurna agora e o trabalho mesmo, a minha carreira é completamente diferente [...].

I5 (11.5%) – Assim, tem uma grande diferença é que quando eu tava em São Paulo eu não cheguei a trabalhar. Eu tava só estudando, aí me formei na pandemia e mudei pra cá. Então eu não sei como seria minha vida trabalhando. [...] Então eu saí desse rolê, né, de tipo, faculdade, estágio e morava com meus pais... pra cá. Então eu tô comparando duas realidades muito diferentes, né? Então eu não sei, minha rotina aqui eu acho melhor do que minha rotina lá, assim, não é que é melhor... ela só é diferente [...].

I6 (19.6%) – (risos) Tem. Ô se tem. [...] eu tenho perdido tempo na internet. Em São Paulo eu lia notícia [...] aqui eu abro a internet e é só vídeo de bobagem, quando vejo passou uma hora. Aí eu vou ao trabalho, volto, como... Oh, uma diferença brutal: aqui, meu horário é muito flexível, porque eu trabalho até meio dia, volto pra casa. Tem dias que volto pra trabalhar à tarde [...] eu tenho uma janela entre o turno da manhã e da tarde que dá pra eu comer, dá pra estudar, quando tenho coisa da pós... que dá pra eu ler; tem dia que vejo filme, tem tarde que vou caminhar quando eu não vou pela manhã. E isso em São Paulo era impensável. Eu acordava em São Paulo, abria o Twitter pra ler notícia, tomava banho, ia ao trabalho. Eu pegava ônibus e metrô pra ir ao trabalho. [...] e eu passava uma jornada integral na rua. Aí lá, na maior parte dos dias, pra não pegar trânsito, eu encontrava com meus amigos que também trabalhavam por lá... sei lá, eu ia ao cinema umas duas vezes por semana, aí tinha dia que eu ficava vendo livreria e tinha dia que eu ficava em bar e restaurante. Naquela época eu tenho impressão que eu fazia muito mais. Eu fazia cursos também. [...] Aqui, não que eu não me divirta, mas aqui a minha vida é muito mais descansada.

I7 (73.3%) – O meu dia a dia em comparação com São Paulo é bem mais tranquilo. Eu não fico parada tanto tempo no transporte, me locomovendo de um lugar pro outro. As interações são maiores. Eu passo mais tempo com minha família do que eu passava antes. Não é um dia tão desgastante quanto era antes... estressante também. [...] por causa da questão do trânsito, por conta da qualidade de vida, é que aqui eu tenho mais tempo em casa, e por conta da segurança também, porque a gente sai mais tranquilo de casa.

11. Você já participou de eventos culturais em João Pessoa? Quais tipos de eventos foram e como foram suas experiências? Como você percebe esses eventos?

I1 (57.1%) – Então, eu já participei de um evento de São João que teve ano retrasado lá perto da Lagoa. Aí foi bem tranquilo, levei minha bolsinha térmica, minhas coisinhas, foi ótimo, super tranquilo. Também, tava todo mundo em Campina, né? Só ficou mesmo os lisos que não foram pra Campina (risos). Aí fui também pro Verão Forró, acho que é Verão Forró que teve o mês de janeiro todinho, todo sábado de janeiro. Aí gostei também, foi bem tranquilo. A única coisa, assim... é a animação... às vezes eu queria uma coisa mais energética. É isso, e vou também às vezes pro Sabadinho Bom.

I2 (17.5%) – Eu participei de peças de teatro... que tinha um professor, amigo do meu esposo, que sempre faz peças de teatro. Eu gostei bastante. Participei de eventos acadêmicos, não sei se... [...] O carnaval eu já participei da muriçoquinhas, levei minha filha, achei bem bacana, mas geralmente o carnaval eu passo em Pernambuco [...] comparado lá, lá é maior, bem maior, bem melhor (risos).

I3 (39.2%) – Eu acho que o último que fui aqui em João Pessoa foi pra assistir uma peça [...] existia uma feira do lado de fora acontecendo outras coisas, e aí eu fui junto com minha companheira pra essa feira, a gente deu uma voltinha, fez um lanche e aproveitou pra assistir uma peça gratuita, que a gente tava com vontade de assistir já há um tempo.

E – Como foi a experiência?

I3 – Foi bom, eu gosto desse tipo de evento [...]. Eu senti meio esvaziado o ambiente, e isso dá meio que uma tristezazinha de tipo “ah, as pessoas não estão aproveitando essa oportunidade... de fazer alguma coisa diferente”.

I4 (22%) – Eu não sou uma pessoa muito dos eventos culturais não, até porque a maioria deles é à noite e agora eu sou uma senhora que dorme cedo. Mas eu fui no festival – e eu gosto muito do festival de música Paraibana, né – eu fui nos dois anos aqui. Bloquinho de carnaval eu vou em alguns; não nos grandões, assim, aqueles da epitácio, porque eu acho muito cheio, muito longe, muito tarde [...].

I5 (11.5%) – Eu parei de frequentar. Antes eu ia sempre na Casa da Pólvora, nos shows do Sabadinho. Eu frequentava esses espaços, né? Mas com o lance de tipo... meio que eu parei de beber e também não fumo mais, aí esses espaços meio que eu parei de frequentar. [...] vou em concerto de música clássica agora, que eu sempre fui, né, mas eu voltei agora a ir.

I6 (19.6%) – Eu acho que eu tenho ido muito pouco ao teatro aqui. Das treze peças que eu assisti no ano passado, só três foram aqui. As outras eu vi enquanto eu tava de férias em São Paulo. Esse ano, eu só fui ao teatro uma vez. A única vez que eu fui foi quando viajei a Recife só pra ver essa peça que eu fui ver. [...] Uma amiga minha e eu fizemos um acordo de mapear as cafeterias aqui de João Pessoa. Aí uma vez por mês a gente escolhe uma e a gente vai... discute um conto [...] aí a gente tem feito isso e tem sido legal.

I7 (73.3%) – Sim, eu já fui pra shows aqui. Não sei se conta, mas, eu participei do carnaval com a minha igreja e a gente foi vender água. [...] foi bom, foi divertido. Eu não curto muito carnaval, mas, por conta de ter ido com o pessoal lá da igreja, com um propósito, foi bem divertido. E os shows é uma coisa que eu gosto muito, eu gosto muito de música.

12. Você acha que sua maneira de se vestir ou se comportar mudou desde que se mudou para João Pessoa? Se sim, de que forma?

I1 (57.1%) – Sim, eu falava muito palavrão. [Agora] eu falo menos. Pernambucano fala muito palavrão, espanta um pouco os paraibanos.

I2 (17.5%) – De se vestir, de me comportar também, porque assim... mas tudo é questão das possibilidades do momento. É como eu te disse: lá eu era solteira, era tudo diferente. Não tinha as responsabilidades que tenho hoje. Então, sim.

I3 (39.2%) – Não. Eu acho que continua do mesmo jeito, assim... talvez possa ter evoluído de alguma forma mas não por interferência de João Pessoa. Mas de eu ir me conhecendo, conhecendo meu estilo, e por conta disso ir usando mais costas que eu goste.

I4 (22%) – De vestir completamente porque eu tenho calças que eu nunca mais usei e não sei mais o que fazer com elas... o clima, né? Eu não mudei o meu estilo não. Eu continuo tendo o mesmo gosto, eu acho, mas o clima me fez adaptar algumas coisas que eu gostava de usar e que eu não consigo mais ou não fazem mais sentido aqui.

I5 (11.5%) – A roupa, tipo, em São Paulo eu tava sempre com casaco... bota. Aqui eu tô sempre de sandália ou de tênis leve. Eu tive realmente que comprar roupas... me desfiz de todas minhas calças

jeans, eu só usava calça jeans, agora eu só uso calça bem fininha. Então isso é uma surpresa pra mim. Mas eu sempre gostei dessas roupas. É que São Paulo é realmente frio. E de ser eu acho que eu meio que continuei a ser do jeito que eu era, tipo, acho que a essência tá lá, né?

I6 (19.6%) – Mudou. Eu não tinha pensado, eu lembrei quando você perguntou, mas mudou. Hoje, até porque minha profissão mudou [...], gola polo jamais que eu usaria isso em circunstâncias normais. Eu acho que tem a ver com o meu trabalho. Eu tento me vestir um pouquinho mais sério do que em circunstâncias que não fossem esse trabalho. Acho que tem a ver com questão de renda. Lá eu podia gastar o meu dinheiro sem me preocupar com outras contas, então eu gastava bem mais do que hoje. [...] E minha maneira de ser mudou no sentido de ser cada vez mais preguiçoso e... mais certo também do que eu gosto. Tem coisa que eu não faço só por fazer, assim, sabe?

I7 (73.3%) – Eu acho que a minha maneira de me comportar, sim. De me vestir também. Aqui por ser bem diferente de São Paulo – São Paulo é muito frio, aqui é muito quente – não tinha como usar as mesmas roupas. E eu também entrei pra igreja e acabou mudando meu estilo. Não muito, mas mudou algumas coisas. E meu comportamento, né? Acho que muda sim. Muda porque eu, por exemplo, estou em constante mudança.

13. Você se viu adotando novos hábitos ou costumes desde que se mudou para cá?

I1 (57.1%) – Ir mais ao teatro. Comecei a tomar cerveja também (risos).

I2 (17.5%) – Eu gostava muito de ir pra shows. Gostava demais. Só que agora não tenho, é um raramente, porque pra a gente... o hábito de estar saindo mudou bastante. Mas é como eu disse, agora a gente tem novas responsabilidades, então sempre que a gente pensa em sair no final de semana pra algum canto, então... mudou. [...] somos sozinhos aqui, então a gente tem que se adaptar muito à minha filha agora [...] e quando a gente vai a um show, que é muito raramente, então ou a gente vai lá em Pernambuco pra minha mãe poder ficar, ou pede a vizinha pra ver se ela pode ficar, sabe? Show de comédia também... a gente gosta muito de stand-up né?

I3 (39.2%) – Acho que não.

I4 (22%) – Ir à praia de vez em quando. Que era uma coisa que eu não fazia; eu não tinha como, não tinha costume. Dormir cedo. É, acho que são esses, principalmente.

I5 (11.5%) – Eu achei que eu fosse... por um período, por exemplo, eu comecei a comer o café da manhã que vocês comem aqui. Eu comi cuscuz, tapioca, queijo coalho. Tipo, por uns meses eu efetivamente comia só isso de café da manhã, por exemplo. Porque o meu café da manhã tradicional é pingado e um pão na chapa, entendeu? E aí por um período eu falei: “vou mergulhar nisso aqui”. E agora meio que eu misturei, assim, né? Aí agora às vezes eu como cuscuz, que é uma coisa que eu não comia, queijo coalho com melaço... gosto muito, não conhecia também. Acho que absorvi essas coisas.

I6 (19.6%) – A minha rotina de sono mudou muito. Eu dormia poucas horas em São Paulo – era só à noite – acho que por noite eu dormia cinco, cinco horas e meia, e aqui eu durmo muito mais.

I7 (73.3%) – Sim. Comer de manhã. Em São Paulo, são poucas pessoas que tem o hábito de comer de manhã. Eu não tinha... depois que eu vim pra cá que eu comecei a tomar café. [...] o pessoal aqui costuma tomar café da manhã, aí eu participando de eventos da igreja, de acampamento, e aí o pessoal saindo: “ah, vamo tomar um café junto”, não sei o que. Aí eu acabei construindo esse hábito de tomar café da manhã. É uma coisa que eu não comia porque eu acordava muito cedo e aí pegava correria. Eu não parava pra tomar café, aí virou um hábito.

14. Há alguma expressão ou gíria que você começou a usar desde sua vinda para cá?

I1 (57.1%) – “Nã”, “pia”. Que eu lembre agora, esses dois.

I2 (17.5%) – A gente fala muito do “mofi” né. O “mofi” daqui que eu não conhecia. Gíria que eu lembro, então, tem esse do “mofi”, tem “dindin”, que lá é picolé, sacolé, picolé de saquinho. Às vezes eu falo lá também agora. O “mofi” às vezes eu falo lá também.

I3 (39.2%) – Não. Teve uma gíria que eu deixei de usar, na verdade, que... eu falava muito “misera” e aí quando eu cheguei aqui teve uma situação de uma pessoa dizer: “meu Deus, não fala um negócio desse não, que isso é um xingamento, uma palavra muito forte, relacionado à miséria” – aí eu fiquei “poxa, é mesmo”, mas eu tinha muito costume de falar isso em Recife, mas parei de usar pra respeitar (risos).

I4 (22%) – Algumas. Eu sinto que eu não peguei o sotaque, assim, eu acho que eu continuo falando “porta”, como eu sempre falei e vou falar minha vida inteira. Mas algumas palavras eu já sinto que são muito naturais, assim, no meu vocabulário: “oxe” e “oxente”, direto. “Pronto”, “tá certo”. É, acho que são essas, principalmente. Que me lembro agora são essas quatro.

I5 (11.5%) – Ah, sim. Eu comecei a usar “aperreado” e “atarantado”. Tipo, são duas palavras que eu usei muito. Nossa, eu tava falando sobre isso no trabalho hoje: outra coisa que eu comecei a falar foi “pronto”. Outra coisa que não tava no vocabulário, o “pronto”, né? Uma coisa que não tava. Aí já absorvi, já tá... Serve pra tudo, né? É muito bom. “Oxe”, mas “oxe” eu já usava um pouco antes, eu só comecei a usar meio que mais. Ah, tem mais uma que é o “mar menino” também que eu adoro. É muito engraçadinho, acho muito bom.

E – Quando você diz que usava “oxe” antes, você fala de quanto tempo?

I5 – É meio que sempre, assim, porque eu sempre tive contato, né? Tinha várias pessoas que... meu tio, uma amiga da minha mãe, que eram baianos, então o “oxe” sempre esteve na minha vida, muito frequente.

I6 (19.6%) – “Sei não, visse?”. “Boyzinho”, “boyzinha”. Que mais...? Deve ter mais, mas acho que o que mais falo é isso (risos). Eu falo muito “oxe”, mas eu já falava “oxe” lá.

I7 (73.3%) – “Visse”, “oxe”. Essas são as duas que eu mais uso hoje. Eu não consegui pegar o sotaque ainda, mas eu falo um “visse” meio que com sotaque de paulista.

15. Você já teve alguma experiência em que percebeu que suas crenças ou valores culturais eram diferentes em relação à maioria das pessoas aqui em João Pessoa?

I1 (57.1%) – Sim, o tempo todo. Eu primeiramente sou deísta, então eu não sou adepta de nenhuma religião, porém eu acredito em Deus, né? Então isso aí me abre um horizonte em relação às ações de outras pessoas, né? Eu não fico limitada a uma religião minha, mas sim uma observação de geral, de crenças e valores. E eu observo um extremismo, sabe? Um extremismo de todas as partes. Eu não sei se é porque eu tô notando agora, mas eu não notava isso lá [em Pernambuco].

I2 (17.5%) – Não.

I3 (39.2%) – Acho que diferente sim... e acho que parte muito dessa coisa tradicional que se fala, né, de que recifense é muito bairrista, que valoriza muito as coisas da terra, que não sei o que... então eu acho que me bateu um pouco assim de “eu não vou ser tão bairrista assim” e estar falando de Recife aqui numa cidade que eu nem tô. [...] Não vou nem falar bem de Recife e nem vou falar mal de João Pessoa, porque eu tô numa posição aqui que não me favorece (risos). Eu acho que eu me sinto assim, sabe, nessa posição.

I4 (22%) – Ter uma experiência direta, assim, de ter um grande confronto de valores, eu não me lembro. Mas, eu tenho algumas percepções de que algumas coisas funcionam diferente com relação aos valores e às crenças. Uma coisa que me chama muita atenção, por exemplo, é que em São Paulo a gente tem muito a cultura dos amigos mais do que da família. Aqui vocês são mais da família dos que dos amigos. Então tipo, o réveillon, carnaval, páscoa, São João, são coisas que se passa com a família... e lá a gente é tudo meio misturado – chama o vizinho, vem os colegas e mistura – não é uma coisa muito nuclear na família. Tem muita gente que mora sozinha em São Paulo também, né, então isso favorece para que essas estruturas familiares diferentes se formem, essas novas famílias, né? E outra coisa que me chamou muito a atenção, assim, que no começo eu achava que as pessoas não gostavam de mim, mas agora eu entendi que é cultural: é que assim, em São Paulo você conhece uma pessoa, ela é sua amiga, você sai com ela duas vezes, você chama ela pra almoçar na sua casa. Ela vai

na sua casa, você vai na casa dela. As casas das pessoas são mais abertas ao convívio assim, sabe? Aqui eu tenho amigos de muito tempo da época que eu cheguei e que são grandes amigos e que eu nunca fui na casa deles. E não porque... daí eu pensava: “nossa, eles não gostam de mim, porque a gente já é amigo há um ano e eles nunca me chamaram pra ir na casa deles”. Mas aí depois eu percebi que não era cultural mesmo você chamar a pessoa pra ir na sua casa, conversar com sua família.

I5 (11.5%) – Sim, mas eu não sei até que ponto isso é só um recorte social, porque no meu trabalho isso constantemente acontece. Mas, quando eu tava saindo com os meus amigos do forró eu não sentia isso. Ah, o pessoal da pintura mesmo, eu acho que a gente tá na mesma bolha, sabe?

E – O que mais destoa pra você?

I5 – Frequentemente tem essa discussão da cidade, porque como sou arquiteta [...] essa construção da cidade... gente que é contra ciclovias, gente que acha que, por exemplo, a quadra de Manaíra é um ridículo. Essas coisas assim, como as pessoas vêm o espaço público em João Pessoa, isso foi um choque pra mim. Ainda é um choque. Achei que por ter praia, centro histórico, o espaço público ia ser mais visto como... ia ser mais vivo, enfim.

I6 (19.6%) – x

I7 (73.3%) – Muitas... muitas, muitas. Conversas sobre várias coisas, principalmente mentalidade feminina. Eu acho que por ter crescido em São Paulo, metrópole gigante, querendo ou não os pensamentos são pra frente, como o pessoal chama aqui. Aí tem essa divergência de pensamentos, personalidades...

E – Em quais outros aspectos há divergências?

I7 – [...] É porque eu não sei se o paulista é muito viciado em trabalho, né, ou o pessoal aqui não gosta de trabalhar. Os horários são diferentes. Final de semana o comércio não funciona, estabelecimentos não funcionam.

16. Quais são algumas das suas memórias mais marcantes desde que se mudou para João Pessoa?

I1 (57.1%) – Quando eu assinei o contrato daqui do meu apartamento foi uma conquista [...] teve quando eu defendi minha dissertação [...].

I2 (17.5%) – Acho que pra mim mais marcante é o nascimento da minha filha. Porque ela nasceu aqui. E o casamento. Foi tudo aqui, sabe? É como se tivesse escrito. Porque assim, eu e meu esposo se conhece desde pequeno, a gente já namorou também, a gente se separou, cada um foi pro seu lado. Aí ele passou no mestrado aqui, aí depois de, não sei se foi dois ou três anos, aí eu passei na faculdade aqui e a gente se reencontrou aqui.

I3 (39.2%) – Eu acho que o fato de ter comprado uma casa, um apartamento, né? Ter meu lugar, meu lar, é a coisa mais importante, assim. [...] estando aqui em João Pessoa, eu terminei minha graduação, eu terminei meu mestrado, então também são coisas muito importantes, marcantes, da minha história. E eu vim pra João Pessoa para estudar e para me casar, porque eu vim morar com minha companheira, então também isso é uma conquista [...].

I4 (22%) – A negativa mais marcante foi quando eu fiquei doente sozinha. Completamente sozinha e longe de tudo que eu conheço e eu tive que contar com a solidariedade das pessoas que tavam no posto de saúde junto comigo pra me ajudar. E aí eu... muito vulnerável. Eu acho que foi a única vez que eu pensei: “eu vou embora, eu vou desistir, isso aqui não vai dar certo”. [...] as pessoas foram muito legais e muito parceiras, mas eu tava muito vulnerável, doente sozinha. [...] Isso eu acho que é uma coisa cultural, eu sinto que as pessoas são bem mais generosas com desconhecidos [...]. E só pra concluir, uma lembrança muito legal foi a primeira vez que a minha mãe veio pra cá, que ela não conhecia João Pessoa. Praticamente não conhecia o Nordeste.

I5 (11.5%) – Nossa, eu não sei nem escolher. Eu acho que... piscinas naturais, eu acho que foi muito marcante porque eu nunca tinha visto um lugar tão bonito assim. Quando eu fiz o litoral sul me marcou

muito também, porque eu achei muito bonitas as paisagens. Acho que o São João na... é que aí não é João Pessoa, né, mas São João na Vila Sítio São João, achei muito legal a primeira vez que eu fui, assim... bem turístico, eu gostei. Cabaceiras... a gente foi no pôr do sol e assistiu realmente virando noite. Acho que esse tá no “top-coisas” da minha vida. Acho que todas as minhas memórias mais marcantes positivas são da natureza mesmo.

I6 (19.6%) – Eu lembro dos meus dias estudando na UFPB. Como era a rotina no momento, do caminho, eu me preparando de manhãzinha pra ir pra a aula [...] era bom. Eu lembro quando me fizeram uma festa surpresa que foi muito inesperada, de aniversário. Eu lembro a primeira vez que fui a Lucena. A experiência de ter minha mãe aqui e ver no rosto dela a emoção de estar conhecendo o lugar. Foi muito bom ter minha mãe aqui; foi muito, muito bom.

I7 (73.3%) – Acho que minha memória mais marcante foi o ano novo na praia. Eu passei o primeiro ano novo aqui na praia... O primeiro ano novo aqui, família toda reunida e a gente vinha de um processo que era muito difícil [...] então foi um momento assim que, depois de um ano tão conturbado que a gente conseguiu respirar, sabe? E dar as boas-vindas para um novo ano que a gente tava cheio de esperança e expectativa. Então, foi bem marcante.

17. Como você descreveria sua relação atual com a cultura paraibana?

I1 (57.1%) – Eu acredito que ainda tá em processo de aprendizagem. Eu ainda tô aprendendo muita coisa. Quando eu penso que eu já tô inserida no ambiente aí vem uma questão que eu fico “mas o que danado é isso?”. O mês passado o professor tava conversando comigo sobre um aluno, aí ele falou que o menino tava com um cabeção... é cabeção? Não lembro se foi cabeção. Eu acho que não foi cabeção não, foi outro nome. Aí eu fiz: “o que é isso?”. “Um pirulito”. Direto acontece isso, eu tive que perguntar “o que é isso?”... direto.

I2 (17.5%) – Rapaz, eu acho bem parecida, assim, à de Pernambuco. Porém, eu acho que a de lá é mais forte, quando se trata, por exemplo, do carnaval que a gente já falou. O São João eu acho bem parecido, porque tem o de Caruaru e tem o de Campina Grande [...] eu gosto – eu gosto da cultura daqui também. Eu gosto, acho parecido, porém, a de Pernambuco eu acho mais forte. Mais gritante, sabe? Com relação a tudo. Agora aqui, com relação a artesanato, eu acho que aqui é mais forte.

I3 (39.2%) – Eu acho que talvez um sentimento um pouco de distância, assim... e eu acho que é uma mistura de talvez eu não me permitir acessar essa cultura, não me envolver, não me mergulhar nela. Eu acho que é isso.

I4 (22%) – A minha relação é mais distante do que eu gostaria, eu acho. Em alguns aspectos, pelo menos. No sentido de arte... porque cultura é muitas coisas, né? No sentido de arte, por exemplo, praticamente cem por cento distante. Eu até aprecio, mas não sou uma grande frequentadora, por exemplo, de museus, eventos, shows, festas. A minha relação de convivência com a cultura, com os paraibanos, que também é parte da cultura, não é como eu gostaria. Acho que a maior parte dos amigos que fiz aqui não são paraibanos; são de fora assim como eu. Acho que a gente acaba se juntando em comunidades de parecidos, né? E aí eu tenho amigos de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Brasília, e poucos amigos paraibanos, de fato, e aí isso acaba me apartando também um pouco da convivência cultural. A minha relação mais forte de vivência com a cultura paraibana é com a gastronomia. Eu gosto muito de comida, eu gosto muito de cozinha [...] então diria que com a gastronomia seja de nove ou dez, de zero a dez; nas relações, na vivência social cinco; na vivência artística um ou dois. Infelizmente – eu queria estar mais engajada, mais envolvida, mas falta tempo, falta companhia às vezes [...].

I5 (11.5%) – Ah, assim, sinceramente eu não me adaptei muito. Não me adaptei muito. Eu acho que tenho algumas dificuldades ainda que eu não me adaptei. É isso.

E – Quais aspectos da cultura paraibana você acha que têm sido os mais difíceis de se adaptar, talvez?

I5 – Nossa, pelo amor de Deus, você me fala se eu estiver sendo xenófoba. Eu acho que uma coisa que me atrapalha muito é realmente falar tudo ao mesmo tempo e falar muito alto. Isso realmente me atrapalha. Eu não consigo participar das conversas, assim... não

dá. Não consigo acompanhar. Então isso é uma dificuldade. Acho que a outra coisa, mas eu meio que já driblei um pouco, é tipo perguntas inconvenientes, que as pessoas, quando eu cheguei... elas faziam muitas perguntas que eu achava que tava invadindo meu espaço [...].

I6 (19.6%) – Eu acho que a minha relação ainda é muito incipiente, apesar de eu morar aqui a bastante tempo, eu tenho, talvez, pouco contato com a arte que é produzida aqui. Eu pesquiso bastante os poetas daqui. Eu gosto. Talvez seja o que mais me interesse. Eu sei que aqui se produz muita música, mas que eu não consumo. [...] Tem alguns grupos de teatro que eu sigo e que eu gosto das peças, mas ainda assim, sei lá, por ano eu vejo uma peça de cada um dos grupos que eu gosto, sabe? Eu acho que poderia ser mais. Eu acho que é muito incipiente ainda.

I7 (73.3%) – Boa. Pode não parecer, mas a maioria dos meus amigos não são paraibanos. São todos que vieram pra cá, então eu não sou muito ligada com a cultura paraibana. O que mais pega aqui é comida, as músicas daqui que o pessoal costuma escutar, então é bem... bem legal.

18. Em poucas palavras, como você descreveria sua experiência de morar em João Pessoa?

I1 (57.1%) – Olhe, depois da experiência de refletir sobre a volta parece que meus olhos se abriram ainda mais para o que eu tenho agora, né? Então eu penso que é uma vida cômoda, tranquila, pacata, que tem os seus problemas, né, lógico, mas não é nada em relação à cidade em si... em relação à vivência com outras pessoas, né? O que já foge do ambiente.

E – Você tem uma dificuldade de vivência com essas pessoas, é isso?

I1 – Não, é sentir falta mesmo, da família, essas coisas.

I2 (17.5%) – Eu gosto. Inclusive, assim, embora eu goste muito de Pernambuco também, mas hoje eu não trocaria João Pessoa por Pernambuco. É também porque aqui é menor. Você consegue fazer muitas coisas, assim, em um dia. Lá a gente não consegue. Tem a questão do trânsito – é tudo mais distante, é maior também, né... um estado maior. Aí lá eu acho mais desorganizado em relação às coisas, aos serviços públicos. Aqui não, aqui eu acho que tem mais organização e mais atrações, [...] sempre tem algo novo, [...] lá eu não sei se é porque eu morei muito tempo lá, mas não tem muito essas surpresas.

I3 (39.2%) – Eu diria que é tranquilo, apesar de tudo, tranquilo. Acho que cada vez menos tranquilo, mas tranquilo. [...] eu acho que foi tempo assim de conseguir acompanhar esse boom imobiliário; muita gente vindo morar aqui, então deu pra acompanhar um crescimento que a gente pode pensar que talvez não esteja sendo feito de forma pensada pela gestão.

I4 (22%) – Doido. Migrar é um bagulho muito doido. Bagulho doido é uma gíria bem paulista. Porque, a sensação que eu tenho é que eu nunca mais vou estar inteira em nenhum lugar. Eu nunca mais vou estar inteira em São Paulo. Eu posso voltar lá e viver o resto da minha vida lá, sempre vai ter um pedaço de mim que vai estar aqui. Mas ao mesmo tempo eu também posso viver o resto da minha vida inteira aqui e sempre vai ter um pedaço de mim que vai estar lá, então vou estar sempre pela metade. E eu já sofri muito com isso [...] “eu nunca mais vou ter todos os meus amigos, todas as pessoas que eu amo, todo mundo junto”, “eu nunca mais vou ter todos os lugares que eu gosto de ir, todas as comidas que eu gosto de comer”, sabe? Eu nunca mais vou ter a completude das minhas experiências num lugar só. Sempre vai ter uma parte lá e uma parte aqui. Mas, tirando essa sensação de estar dividida [...] eu sinto desde a primeira semana que eu tô aqui, que minha casa é aqui. O meu lugar no mundo é aqui. Então eu tenho uma relação muito doida com essa cidade. Eu sempre me senti inadequada em São Paulo, eu sempre tive muitas ressalvas com a cidade, eu sentia que a cidade não me dava aquilo que eu gostaria que ela me desse [...] e aqui não, eu me sinto muito em casa, sabe? Eu não sei explicar, é difícil explicar em palavras, mas é casa, é casa.

I5 (11.5%) – Putz. É que pra mim tem um aspecto, tipo, “era tudo que eu queria”, sabe? Então foi decepcionante. Só que, considerando a realidade como ela é, eu acho que pode ser legal. É uma experiência interessante.

I6 (19.6%) – Irregular, tranquilo, feliz, tedioso. Aconteceu esse ano a primeira vez de eu pensar em me mudar daqui. [...] Porque minha rotina tava orbitando em volta do trabalho e aconteceram algumas coisas no trabalho, das quais eu não gostei, das quais eu não concordei... de posicionamento, assim. E aí depois eu fiquei pensando que o que tava incomodando não é exatamente a cidade, mas é a minha relação com ela que tá permeada por essa coisa: primeiro trabalho e depois as outras coisas.

I7 (73.3%) – Maravilhosa! Eu me apaixonei pela cidade, de verdade. Não penso em voltar pra morar em São Paulo, não penso. João Pessoa me ganhou, a cidade em si me ganhou.

19. Atualmente, qual a frequência em que você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?

I1 (57.1%) – Manter contato virtualmente, quase todo dia. Videochamada e texto... os dois. Com a minha mãe é mais videochamada, com amigos é mais texto.

E – Com a sua mãe o contato é diário?

I1 – Depende se tiver muito conteúdo. Se tiver é diário. [normalmente é] um dia sim um dia não. E visitas... visita não recebo muitas não. É mais quando minha mãe vem pra cá. Acho que ela aparece aqui de seis em seis meses, e a gente lá, de três em três meses; às vezes demora um pouco mais por causa da correria.

I2 (17.5%) – Eu mantenho contato todo o dia. Todo dia eu tenho que falar com a minha mãe. Mensagens, chamadas, todo dia eu faço ligação, eu mando mensagem. Eu e minha irmã se dá bom dia, ou ligo chamada de vídeo... todo dia. Não tem um dia em que a gente não se fala.

E – E as visitas?

I2 – Demora. Demora mais. Demora meses. Assim, a gente indo pra Pernambuco, a gente vai praticamente de quinze em quinze dias. Mas pra a gente receber demora meses. Varia de três a seis meses.

I3 (39.2%) – Eu acho que assim... de três em três meses tem alguém aqui em João Pessoa na nossa casa, ou da nossa família que vem aqui visitar João Pessoa, então tem sempre alguém por aqui visitando e a gente se encontrando e enfim.

E – E a frequência que você visita essas pessoas?

I3 – Sim, inclusive tá sendo bem... antes a gente costuma ir uma vez no mês. Agora a gente tá indo de quinze em quinze dias. Mais frequente – não com todo mundo mas com família, amigos mais próximos, a gente vê de quinze em quinze dias.

I4 (22%) – Contato... WhatsApp e videochamada se não é diário é quase diário. É diário... com meu melhor amigo eu falo todos os dias. Apesar de ele não morar na nossa cidade natal também, ele é de lá. Com a minha família... com minha mãe eu falo quatro, cinco vezes na semana, com meu pai duas ou três vezes na semana por texto principalmente ou vídeo. Visitar eu vou uma vez ao ano pra São Paulo. A minha mãe vem uma vez ao ano pra cá. O meu pai vem mais, umas cinco, seis vezes por ano, porque ele acaba vindo a trabalho [...] mas é muito rápido. E eu recebo amigos com alguma frequência, assim... quatro, cinco vezes no ano, mais ou menos. A cada dois meses aparece um paulista aí assim pra vir fazer uma visita.

I5 (11.5%) – Eu não recebo visita. Eu recebo, sei lá, minha família vem a cada seis meses, digamos assim, mais ou menos. Mas só a família, amigos não. Mas eu acabo ligando pros meus amigos, sei lá, de mês em mês. Os de São Paulo, né? Agora os amigos daqui eu acabo vendo uma vez a cada quinze, vinte dias.

E – Você tem ido pra lá?

I5 – Uma vez por ano.

I6 (19.6%) – Ó, do tempo que tô aqui, eu recebi dois amigos, quando eu ainda morava lá nos Bancários. Acho que foi em 2019, talvez 2020. Aí eles trouxeram outro amigo e ficaram hospedados lá em casa. Teve essa minha grande amiga que é de Minas Gerais que veio pra cá e ficou lá comigo também. E ela ficou uma semana toda, foi muito bom. Teve minha mãe que veio aqui ano passado pela primeira vez de férias. Ela saiu do estado pela primeira vez, assim, e ela passou quase o mês todo comigo – foi muito bom também. No final de semana agora, uma amiga minha de São Paulo vem pra cá e a gente tá planejando umas coisas. [...] Desses quase oito anos que eu moro aqui, eu recebi quatro pessoas... quer dizer, recebi pessoas quatro vezes.

I7 (73.3%) – Eu mantenho contato frequente [pelo celular, chamada de vídeo, mensagem], porque meus parentes lá por parte de pai são todos de lá, né? Agora, visita... a última vez que eu visitei foi em julho do ano passado... e... agora em julho os meus avós vêm pra cá.

E – Qual foi a última vez que alguém veio visitar?

I7 – Não lembro. Faz muito tempo.

20. Você realizou alguma viagem recente ou recebeu visitas de fora da cidade ou do Estado?

I1 (57.1%) – Fui pra Caruaru, aí passei uns três dias lá na casa da minha irmã. Fui pra a feira comprar roupa e fui visitar a minha irmã. Não, só pra Pernambuco mesmo, pra a região metropolitana, mas nada fora do normal.

I2 (17.5%) – A última vez foi o mês passado, meus sobrinhos vieram. A viagem que eu fiz foi pra Itaporanga, mas foi aqui dentro mesmo.

I3 (39.2%) – Fui semana retrasada pra Recife e vou essa semana de novo.

I4 (22%) – Eu fui a Pipa no final do ano. Foi a única viagem que eu fiz. Eu vou pra Natal na quarta.

I5 (11.5%) – Eu fui pra Olinda. Foi agora em abril. Eu fui porque eu queria conhecer Olinda, aí a gente fez um *walking tour* assim, e... mas eu passei mal. Eu tava com a gastrite atacada. Fez *walking tour*, a gente jantou, aí no dia seguinte eu tava passando mal. Então um dia foi no hospital (risos). Mas tudo bem, foi bacana, fiz o que queria fazer que era conhecer Olinda.

I6 (19.6%) – Eu fui pra Recife e fiquei dois dias lá. Eu nunca tinha ido, assim, de explorar. Eu já tinha passado por lá... pegar avião. Mas foi muito interessante. Foi muito gostoso, gostei demais. Fiquei hospedado no Recife antigo...

I7 (73.3%) – Esse ano ainda não. No final do ano passado eu recebi a visita do meu amigo [de São Paulo]. E eu viajei pro Rio. Sim, eu recebi a visita da minha mãe, que ela veio do Rio também... mês passado.

21. Desde nossa última entrevista, você se recorda de ter passado por alguma experiência que tenha o/a deixado com a sensação de estar deslocado(a)?

I1 (57.1%) – Eu me sinto deslocada sempre que tem alguma data comemorativa. Algum feriado, quando eu vejo as pessoas se reunindo, aí eu me sinto deslocada.

I2 (17.5%) – Eu acho que não. Eu acho que a última agora, mas aí, é como eu te disse... não só abrange uma coisa, abrange muitas coisas. [...] foi a entrevista de emprego que eu fiz. Eu acho que eu não fui bem. Então isso me fez me sentir deslocada, até de mim mesma, sabe? Porque você já não está se sentindo tão bem? Aí tem essa questão que eu disse a tu, que minha vida acadêmica praticamente parou. E aí quando você tem entrevista de emprego e aí você não vai bem é que você acha que realmente as coisas estão ruins.

I3 (39.2%) – Eu acho que sim e muito pelo que eu já te disse assim, né... desse sentimento de querer voltar para morar em Pernambuco, em Recife. Então acho que também esse sentimento acaba alimentando essa sensação de que não pertencem mais aqui, né? Será que eu pertenci em algum

momento? Vem muito essa sensação de estar meio deslocada, por fora, meu local de morar não é aqui e enfim... eu acho que vem muito disso, e não de realmente ter acontecido alguma coisa muito grande que justifique.

I4 (22%) – Não. Acho que não. Acho que quanto mais o tempo vai passando, mais localizada eu vou ficando.

I5 (11.5%) – Ah, eu acho que só no trabalho mesmo. De modo geral as experiências mais difíceis são no trabalho. Essas discussões, minha chefe falando mal de pesquisador. Aí tipo, essas coisas me distanciam. É o mais difícil, assim, porque eu não posso falar [...] “não concordo”, “não dá”.

I6 (19.6%) – [A questão no trabalho] foi demais, assim. Eu fiquei muito pensativo. Me afetou por semanas. Meu... trabalhar com menos alegria... eu gosto muito do que faço. Foi muito ruim. Cogitei sair daqui porque eu pensei que o que eu tava passando aqui não valeu a pena. Aí depois eu fiquei pensando: o problema não é a cidade; o problema são aquelas pessoas específicas, aquela situação específica. Meio que eu abri meu escopo; eu não planejava, não planejo voltar pra São Paulo pra morar lá e esse nunca foi o plano, mas a médio prazo o meu plano de vida era: depois de uns dez, quinze anos aqui, era me mudar pra mais perto da minha família e caso acontecesse algo de saúde, sei lá, minha avó, que já tá mais velhinha, minha mãe... que eu pudesse estar perto. Aí eu pensei: “opa”, talvez seja o caso de eu adiantar esse plano e mirar concursos em outros lugares e não ficar esperando o daqui. Porque o plano era fazer a minha vida aqui... por mais uns anos, ao menos. Agora eu tô com uma ideia menos fixa de estar aqui, porque fez eu pensar em tanta coisa, que o que eu quero pra mim... eu gosto tanto da tranquilidade, da ideia que eu gasto quinze minutos pro trabalho a pé. Eu gosto muito da vida que eu levo aqui. Eu gosto. Eu queria algo parecido, que é bem longe da “caoticidade” que eu experimentei em São Paulo. Mas o que eu quero não precisa, de fato, ser exatamente aqui. Se porventura acontecer em outro lugar eu vou.

I7 (73.3%) – Teve, mas eu acho que não entra nesse contexto, mas teve sim uma experiência. Só que aí foi num acampamento, eu sou uma pessoa muito insegura.... foi no sentido de não ter me encontrado ali. Foi num ambiente que Deus tava falando comigo e me mostrando as minhas feridas e que eu não me achei ali. Mas aí foi bom também... acho que não entra no contexto de experiência com a cidade, mais comigo mesma. [...] Acho que é mais por ser como pessoa ali naquele grupo, de não se sentir encaixada. Nessa situação foi isso.

COLETA 5

1. Em João Pessoa, você fez amizades com pessoas que também são da sua cidade ou estado natal?
 - Se sim, nota alguma facilidade maior de interagir com essas pessoas em relação aos pessoenses?
 - Se não, acredita que teria mais facilidade de interagir com essas pessoas do que com os pessoenses?

I1 (53.2%) – Sim. Eu morei com um. Eu morei com pessoas... não da cidade natal, mas do estado, né? Dividi quase dois anos a casa... e ele ainda achava pouco e tinha amizade do curso dele de Pernambuco, aí juntava todo mundo. Era muito bom. É porque o pessoal de Pernambuco se atrai. Do nada a gente se encontra por aí e faz amizade, né? Esse saudosismo atrai a gente.

E – Além dessa amizade, você fez outras do seu estado de origem?

I1 – Sim. Sim. Pra você ver como me atrai. A primeira experiência dividindo uma casa tinham duas pernambucanas já. Aí uma delas eu odiei e a outra delas eu amei pela minha vida até hoje. Fora que tem outras pessoas que surgem e a gente descobre que é do mesmo local e tenta se aproximar. Primeiro é mais fácil a comunicação. Primeiro porque a gente tem assunto em comum pra falar. E segundo porque acho que os pernambucanos são mais abertos. Os paraibanos pra conseguirem falar de coisas mais pessoais... serem mais abertos, é mais difícil. É muito mais fácil você descobrir a vida de um pernambucano do que de um paraibano se você sentar pra conversar.

I2 (24.3%) – Sim. Tinha minha vizinha. Minha vizinha de porta. Ela é de lá de Recife, mas ela se mudou essa semana – voltou pra lá. É porque ela trabalhava, assim, sempre que a gente podia a gente

conversava um pouco, mas não muito, porque ela trabalhava e chegava à noite. / Não. Quando faço amizade, acho que é por igual. Não tem isso não.

I3 (66.7%) – Não. Na verdade, tem uma amiga minha que... a gente se conheceu em Recife, que ela veio morar aqui e nos últimos tempos a gente estava se encontrando por ser amiga e por estar morando aqui. [...] Essa é a única pessoa que é de Recife. Teve um casal de amigos da gente que morou um tempo aqui também, que era de Recife, e que voltou. A gente fez amizade aqui. [...] Quando a gente ia pra a casa deles a gente se sentia em casa, né? Tava tocando frevo (risos) [...] / Sim. Acho que tem essa facilidade justamente por essa conexão de a gente entender referências, né, talvez assim, da cidade, da cultura, [...] acredito que sim.

I4 (8.9%) – Não. Acho que não. Eu tenho mui- quer dizer... eu não tenho muitos amigos aqui mas eu tenho alguns. Ah, minha orientadora é de São Paulo. Ela é a minha amiga. É, é. Ela é a única pessoa do meu estado com quem eu convivo. Os meus amigos são todos de fora, mas não de São Paulo, são de outros lugares. Ou de outros estados ou do interior da Paraíba. De João Pessoa mesmo acho que só tenho dois amigos. / Eu acho que não. Não tenho mais facilidade em interagir com pessoas do meu estado do que com pessoenses, mas tenho dificuldade em interagir com pessoenses. Então tenho mais facilidade de interagir com outras pessoas que também estão aqui na condição de forasteiros, digamos.

I5 (11.1%) – Ah, sim. A maior parte das pessoas que eu me tornei amiga sim – são de São Paulo. Eu fiz amizades com algumas pessoas do Sul; a maior parte é de São Paulo, acho que seria cinquenta, sessenta por cento de São Paulo, aí o restante seria alguns da Paraíba, alguns do Sul e alguns de Minas. / Sim, porque a gente tinha as mesmas referências. Também reparava em coisas similares. Às vezes eu sentia algum incomodo, alguma coisa, era mais fácil conversar com alguém que tinha a mesma referência que eu. Mas eu conheci muitos paraibanos legais, eu só acabei não me aproximando... eu me aproximei de uns dois, três.

I6 (50.7%) – Não, não fiz. Acho que o primeiro contato que fiz com gente que é da minha cidade natal foi esse ano com um aluno meu, que não dá pra chamar de amizade – é relação professor-aluno; ele é do sétimo ano; se mudou pra cá esse ano com a família. O mais próximo de amizade que eu fiz foi com [fulana] que morou comigo, dividindo apartamento, que ela veio do interior de São Paulo, do estado – não era da mesma cidade mas era do estado; e a gente ficou muito, muito próximo... muito mesmo, e eu queria levar pra a vida, mas ela voltou [...] e depois ela sumiu. Mas não, não tive contato com gente da minha cidade não. / Não. Eu interajo muito bem com as pessoas em geral e não é uma questão. Não é por ser de tal lugar que vai ser mais fácil. O que eu noto é que as pessoas daqui- eu acho que já te falei isso... elas são mais na delas; elas se abrem muito menos. Então, o caminho que levaria pra ter uma proximidade maior com alguém aqui é muito mais longo, mas não é porque é mais difícil. Mas tem essa coisa de temperamento mesmo, que é diferente; exige mais tempo.

I7 (77.3%) – Por incrível que pareça aqui tem muitos paulistas... muitos. Inclusive, quarta-feira eu recebi uns amigos que trabalham comigo que saíram do trabalho e vieram aqui pra casa. E aí um desses amigos chamou outro amigo que é de São Paulo. Tem muitas pessoas, muitos paulistanos aqui. / Noto, porque... eu não sei, mas, é muito regional, né? A gente conversa da cidade, a rotina como era lá. Eu achei assim, aqui o pessoal é muito acolhedor, mas também não é totalmente. É como eu já falei anteriormente, o pessoal é muito bruto, muito grosso. Pelo menos essa é a minha experiência, né, não sei se eu tô conhecendo errado. [...] Eu faço parte de uma conexão na igreja e o nome da minha conexão é peregrinos, que são as pessoas que mais combinam... então, são pessoas de vários locais [...] entendesse? “Entendesse”, eu já peguei, ó!

2. Quantas novas amizades você diria que fez aqui em João Pessoa, de modo geral? Quantos desses amigos são nativos da região?

I1 (53.2%) – Rapaz, só no meu condomínio já tem um bocado. Mas eu acho que mais de... umas cinquenta pessoas, vamos dizer essa média. / trinta e cinco.

I2 (24.3%) – Amizade, amizade mesmo não. Eu tinha muitos colegas no tempo da faculdade, mas é isso... a faculdade acabou, cada um vai pro seu canto. Então, aqui, amizade mesmo são poucas. Amizade aqui do bloco eu tenho uns três, e da faculdade, que eu ainda mantenho contato, eu acredito

que uns seis... por aí. / Todos, porque o único tinha de fora que eu conheci era a minha vizinha... e ela foi embora.

13 (66.7%) – Olhe... amizade, amizade mesmo, eu fiz umas... entre cinco e dez. Agora assim, amizade de pessoas que eu falo, que a gente tem uma boa convivência, ou que é aniversário e chama, ou vai fazer alguma coisa marca encontro, chama pra ir pra casa, mas... não é uma coisa próxima assim de tipo, “ah, toda semana estou vendo essa pessoa”. A gente fala em WhatsApp, a gente interage em redes sociais. Mas são pessoas que, vamos dizer, se acontecesse alguma coisa aqui comigo e eu falasse com elas “vem me socorrer”, viriam. Acho que entre cinco e dez. / Acho que tirando essa minha amiga que é de Recife e está morando aqui, acho que todos os outros são daqui de João Pessoa... ou vieram de outro lugar e estão há muito tempo em João Pessoa. Tem uma amiga minha que é de Brasília e tá morando aqui há uns bons anos... é, enfim.

14 (8.9%) – Em João Pessoa umas seis, talvez. Mas eu fiz alguns amigos em Campina Grande, também. / Dois são de João Pessoa. Os outros todos são de fora. Inclusive os de Campina não são de Campina. Tem do Ceará, tem do Piauí, tem do interior.

15 (11.1%) – Eu fiz poucos amigos, né? (risos) [...] vou chutar uns dez assim, uns dez. / Acho que uns dois, três.

16 (50.7%) – Talvez uma dezena de pessoas. / Todos. Quem não é nativo da cidade é do estado.

17 (77.3%) – Até hoje... amigos, amigos que eu levei pra mim... só na minha conexão são vinte e três pessoas. Aí tem... vinte e oito pessoas ao todo. Fora colegas, né? Meus colegas de faculdade. / Acho que uns vinte, ou dezoito. Entre dezoito e vinte pessoas... são do estado, né, Campina Grande e João Pessoa.

3. Quais são algumas das coisas que você mais gosta na cultura local de João Pessoa? Alguma delas teve um impacto significativo na sua identidade?

11 (53.2%) – Eu acho que uma das coisas é palavrão. Não é muito comum os paraibanos falarem palavrão assim como se fosse um bom dia e pernambucano fala muito mais palavrão. Então, quando eu cheguei aqui eu era uma boca podre. Palavrão um atrás do outro, porque é mais comum. E tanto que tinha uma carioca que estudava comigo e que ela também era palavrão até umas horas. Aí, depois de um tempo, já depois de um ano aqui... pessoas que tiveram contato comigo desde o início da minha chegada falaram: “ah, tu parou mais de falar palavrão”, “tu diminuiu”. Tanto aí ó, eu tô trocando por “pinóia”. [...] e eu acho uma cultura, querendo ou não... depende do lugar, porque você tá irado e não solta um palavrão pra mim já não é normal (risos), mas no dia a dia assim é tranquilo e eu acho que é até um respeito pelo próximo. Um respeito que tá se perdendo aos poucos, mas que ainda persiste.

12 (24.3%) – Acho que o artesanato aqui é muito forte. Acho que eu já tinha falado isso, né? A questão da festa junina que eu gosto muito. Então, aqui é bastante forte. Aqui é o São João e lá em Pernambuco é o carnaval, né? / Essa parte dessa cultura do forró, dessas coisas aqui eu gosto demais. E a parte de artesanato, na praia mesmo, quando vou na praia eu fico encantada ali. Eu saio olhando tudo... eu gosto de comprar também (risos).

13 (66.7%) – Eu acho que a coisa mais forte que eu vejo assim de João Pessoa é essa cultura da praia. Né? De uma coisa de... temos um litoral aqui na cidade muito bom e qualquer praia que você for vai ser boa. E tem essa coisa de ir à praia e ter gente fazendo múltiplas atividades. Ou estando na praia, ou correndo, ou bebendo. Eu acho que isso é uma coisa muito positiva, porque é a vida da cidade, ali naquele pedaço de praia e essa forma de lidar com a praia... de valorizar a praia... que é uma coisa que em Recife a gente não tem por conta de ataques de tubarão, enfim. Eu não lembro nem a última vez que fui em Boa Viagem nem pra molhar os pés, sabe? Então (risos), enfim, eu acho que isso mudou bastante essa relação minha com a praia. Eu gosto muito de praia, mas não sou uma assídua frequentadora. Mesmo morando aqui em João Pessoa e sendo uma cidade de praia que me proporciona isso, não era um local que eu ia com frequência [...] pelo distanciamento que eu tinha com a praia por conta de Recife e tubarões, meio que me aproximou, assim, né, de tipo: eu gosto de praia, gosto de ir à praia, gosto de tomar um sol, tomar um banho de mar, ficar ali e tal. Que antes não era uma coisa que eu curtia. Era de vez em quando e incorporei em mim essa coisa meio praieira, assim... que estando

em João Pessoa eu gosto de fazer e as pessoas que vêm aqui ou que a gente combina rolê, é sempre ir à praia.

I4 (8.9%) – Comida, primeiro de tudo. Eu amo a comida daqui. Apesar de ter algumas diferenças e às vezes estranhar algumas coisas, eu adoro a comida daqui. Eu gosto de algumas coisas que são muito singelas, assim, sabe? Por exemplo, eu tava observando como as pessoas aqui são mais relaxadas e descontraídas, menos tensas e menos preocupadas com a coisa do se vestir, por exemplo. Em São Paulo parece que a gente tá sempre meio tenso como tem que se vestir, que as coisas têm que combinar, que você tem que passar uma mensagem. Aqui as pessoas são mais tranquilas, uma camiseta, uma bermuda, uma sandália [...] eu acho maravilhoso porque eu sempre me desencaixei em São Paulo nisso. Eu nunca tive muita paciência pra essa coisa de ficar elaborando uma roupa. Eu quero estar confortável, e acho que aqui as pessoas valorizam muito mais isso, eu acho tão legal. Eu gosto do fato das pessoas conversarem no ônibus, conversarem na fila. Eu acho que é um povo mais aberto, mais descontraído, menos tenso, assim, mais relaxado mesmo. Não relaxado de desleixado, mas relaxado de boa mesmo, de não ter essa “fritação” (risos).

E – Você pode fazer uma relação mais direta de como isso afetou sua identidade?

I4 – A parte do vestir, eu me sinto muito mais em casa da forma como eu me visto e menos cobrada de ter que estar, nossa, combinando, enfim, [...] hoje na cozinha mesmo, e cozinha é uma coisa bem importante pra mim, [...] eu pratico na minha casa hoje uma cozinha muito híbrida, assim, sabe? Eu trago muitas coisas e receitas e ingredientes e produtos e sabores que são da minha terra, mas eu misturo com coisas daqui, sabe? E isso com certeza transformou minha identidade e não importa onde se vou continuar em João Pessoa quando o doutorado acabar. Eu acho que vou acabar levando isso pra onde quer que eu vá. [...] Essa forma mais descontraída de se vestir. Esse jeitinho mais simpático de cumprimentar o vizinho, de passar e perguntar do cachorro da dona Maria [...] é o tipo de coisa que eu nunca fiz em São Paulo. Eu morei anos no mesmo prédio e eu não sei o nome dos meus vizinhos de porta [...] e aqui eu sei o nome de todos os vizinhos [...] então isso de fato mudou a minha identidade de alguma maneira. Pra melhor, eu acho.

I5 (11.1%) – O que eu mais gostei foi o forró. De longe, disparado. Eu sempre gostei de forró, eu sempre quis aprender a dançar, mas eu sempre fui muito tímida. E aí, em João Pessoa eu aprendi a dançar e surpreendentemente eu tive mais facilidade do que eu achava que teria, então descobri uma nova habilidade, sabe? Percebi que tenho mais habilidade corporal do que eu achava. Tipo, agora me deu vontade de aprender outras danças, que é uma coisa que nem passava pela minha cabeça.

I6 (50.7%) – Se a gente for pensar cultura como música, teatro, arte em geral, eu diria que não mais do que a cultura que eu tava cercado antes. Mas, se a gente pensar cultura como a maneira de se fazer repetidas coisas e tudo mais... aqui, quando eu vim pra cá, eu vi que eu mudei muito na maneira em que eu lido com o tempo e isso se deve à cidade. Então se a gente pensar a maneira com que vocês lidam com o tempo como algo cultural como a gente olha pro ritmo, assim, pra a vida mesmo do cotidiano, tem uma influência muito grande. De desacelerar, de opa... não precisa ser tão rígido, tão burocrático, tão chato. E eu acho que isso tem a ver com cultura. Eu acho que eu sou muito mais calmo agora do que eu era.

I7 (77.3%) – Eu gosto da comida. Tem muita coisa que eu não comia em São Paulo, cheguei aqui não comendo mas que hoje eu como; cuscuz, eu não comia cuscuz.

E – E você acha que voltando pra São Paulo você continuaria fazendo cuscuz?

I7 – Faria, faria. Carne de bode, eu detestava. Hoje em dia eu como. Tomar café; o pessoal aqui tem café da manhã farto: é cuscuz, é carne cozida. Eu não comia. Hoje em dia, não como tão pesado, mas eu tomo café da manhã, que não é um costume que a gente tem tanto em São Paulo. Lá o pessoal acorda muito cedo, então...

4. Você notou mudanças na sua relação com a cultura paraibana ao longo do tempo?

I1 (53.2%) – x

12 (24.3%) – Não, algo que... é como se eu fosse gostando cada vez mais. É a facilidade de encontrar as coisas que você gosta. Saber o local certo, aonde ir, sempre tem um ponto turístico, sempre tem algo novo pra se ver aqui. É isso que eu gosto daqui. Eu digo que aqui sempre tem algo que falta você conhecer.

13 (66.7%) – Não muito, assim, infelizmente (risos). Porque eu acho que eu sou muito ligada à cultura pernambucana, então acho que foi uma mistura de: nem estou tão aberta a isso e também como se não chegasse até mim, assim, para além de praia, o que que tem em João Pessoa; para além de forró, o que que tem em Campina Grande. Sabe? Essas coisas que é importante a gente pensar, assim, né? A cidade, a cultura para além dessas coisas que são já taxadas. E eu acho que foi os dois movimentos assim... nem eu me abri... o fato de eu ser muito caseira dificulta muito esse acesso, porque se eu fosse mais de sair, com certeza eu teria acesso a mais coisas e conseguiria entender melhor, e acho que é isso.

E – Você tem sentido a vontade de retornar pra Recife? Pode me detalhar isso um pouco?

13 – A gente tá pensando, né, eu e minha companheira. Ela porque faz teatro e tem um coletivo de teatro. Se apresenta lá, então, normalmente ela precisa fazer um bate-volta. E também tá perdendo de se envolver mais com a cultura e essa galera do teatro lá. E eu por oportunidade mesmo. Além de doutorado e estudar pra concurso, eu não tô conseguindo emprego na minha área, então iria pra Recife porque é isso... toda a minha rede de apoio, a maioria dos meus amigos e família tá todo mundo lá, então eu teria um suporte que aqui eu não tenho. E aí todo o resto de estar em Recife é só um bônus. É uma coisa meio consciente de vida adulta. Preciso buscar coisas melhores pra mim, profissionalmente.

14 (8.9%) – Cada dia que passa eu sou um pouco mais paraibana e menos paulista. Eu não sei se isso é possível, mas eu sinto isso assim, sabe? Um pouco mais adaptada às coisas da terra – os horários, a rotina, a forma de viver. [...] Eu me sinto cada vez mais em casa e isso é um processo gradual, com certeza.

15 (11.1%) – Quando cheguei eu me apaixonei muito pela cidade, por tudo, foi uma coisa muito louca. E aí eu comecei a fazer aula de forró pouco tempo depois, assim, foi uns dois meses depois que eu cheguei. E aí, enquanto eu tava fazendo aula de forró e frequentando os espaços eu me sentia mais conectada. E aí, quando eu comecei a parar de dançar, comecei a diminuir, tal... voltei a ficar um pouco mais introspectiva, eu comecei a sentir distanciamento, assim. Por isso eu acho que o forró foi o que mais me marcou. Porque eu me sentia parte, de certa forma, quando eu tava indo dançar, conhecendo gente. E aí quando eu me retirei desse espaço eu me senti completamente deslocada. Não consegui encontrar outro lugar que me fizesse sentir assim... em relação à Paraíba, né?

16 (50.7%) – Eu não percebi nenhum pico; a partir desse acontecimento mudou. Mas olhando agora eu vejo que sou bem diferente de como eu era. Tanto em coisas cotidianas, assim, de como armazenar alimento, quanto do que comer – cultura alimentar também, né? Mudou demais. E são mudanças que a gente vai absorvendo e não percebe. Quando a gente para e olha pra trás e compara fica muito visível.

17 (77.3%) – Sim, com certeza. Logo que eu cheguei aqui, acho que por conta de algumas experiências logo de cara, eu era muito preconceituosa. Eu tinha um preconceito, assim... enquadrava os paraibanos num quadro geral, por conta de algumas pessoas. Hoje em dia eu sou mais receptiva. Eu também tinha muito preconceito porque assim, eu falava “ah, é Nordeste, cidade pequena, interior”. Hoje em dia não; hoje em dia eu gosto mais da cidade. [...] Eu fui chegando, fui conhecendo o lugar, fui me adaptando, que é muito importante. Me adaptando ao estilo de vida, como as pessoas viviam aqui; peguei algumas coisas pra mim, algumas coisas eu não quero pegar. Mas, fui aceitando mais, foi bem gradativo. Comecei a ir pra igreja, comecei a ter um círculo de pessoas ali mais íntimas de se ver toda semana.

5. Você já passou por alguma situação em que sentiu dificuldade em se comunicar (entender ou ser entendido/a) com alguém em João Pessoa? E em outras cidades que já tenha visitado?

11 (53.2%) – Então, tem só alguns termos que eu falo ou então escuto que eu estranho. Por exemplo: piloto. Piloto eles chamam de... caneta de quadro. Banca, o povo não usa banca, que é aquelas cadeiras

de escola, né? Eu uso ainda, e as pessoas estranham, não entendem. Aí tem também pirulito que chama de cabeção.

I2 (24.3%) – Não, acho que não. Pelo meu sotaque? Ser compreendida... Não.

I3 (66.7%) – Acho que no início, quando eu cheguei, que tinha algumas gírias... algumas formas de falar, algumas palavras que eu trouxe de Recife... e algumas palavras aqui que tinha e que eu não entendia, mas não é um entender de “realmente não tô conseguindo entender”. Sei lá, eu tinha o péssimo hábito de dizer “misera” e aqui é uma palavra muito feia, né? E às vezes quando eu dizia o pessoal se assistia e ficava “meu Deus, que horror”, aí eu “minha gente, desculpa”. Sei lá, não sei se o “boy” [...] não é falando de um garoto mesmo, é “boy” tipo só uma gíria. / Eu senti essa estranheza assim quando eu fui pra São Paulo e pra Porto Alegre. Apesar de São Paulo ter muito nordestino, mas não sei se em alguns locais que eu fui o pessoal já olha meio tipo: “eita, o nordestino”. E a gente tentando falar de alguma forma e às vezes não conseguir entender [...] acho que principalmente em Porto Alegre porque eles têm uma forma de falar... um sotaque, essa coisa meio gaúcha [...] por aí, assim, acho que é muito pela forma de falar, vocabulário, enfim, que dá uma dificultada.

I4 (8.9%) – Eu tenho, às vezes, mais dificuldade de entender as pessoas do que as pessoas me entenderem. Talvez porque as pessoas falem mais rápido um pouco. Eu falo um pouco mais devagar e isso facilita. Talvez porque de modo geral as pessoas que atendem e trabalham com o público estão acostumadas a lidar com turistas, aí estão mais familiarizadas a ouvir, assim. Às vezes eu tenho um pouco de dificuldade, principalmente quando tá muito barulho, de entender o que a caixa do supermercado falou ou usa alguma palavra ou algum regionalismo que eu não entendo, e aí eu tento pescar pelo contexto, assim. Eu lembro de uma situação onde eu não fui entendida, que foi engraçada, talvez eu já tenha até contado aqui, que foi a do pãozinho. A gente chama o pão francês de pãozinho. Aí eu cheguei no mercado e pedi pro rapaz, sei lá “me dá cinco pãezinhos”. Aí o cara me olhou confuso e falou assim: “não tem do pequeno não, moça, só tem do normal só”. Aí eu: “ah, que pena, então me dá do normal mesmo” (risos)! / Em outras cidades a minha vivência sempre foi muito diferente da minha vivência aqui, onde eu vivo dentro da cidade e não na zona turística da cidade. Porque em outros lugares quando você vai pra outro estado, geralmente você fica num hotel, frequenta atrativos turísticos, e essas pessoas estão muito acostumadas a lidar com pessoas que vêm de fora e a comunicação sempre é mais simplificada, né? Talvez esses enrosocos linguísticos que eu tenho acontecem mais aqui no meu bairro do que no bairro, por exemplo. Porque na orla as pessoas estão mais acostumadas a lidar com pessoas de outros lugares e aí estão mais preparadas mesmo pra fazer essa comunicação.

I5 (11.1%) – Aconteceu os dois. Eu só não lembro a situação, mas eu lembro que foram situações recorrentes e aí... tanto que foi antes... é que teve uma transição, assim. Quando eu tava fazendo as aulas e frequentando os espaços de forró a maior parte das pessoas que eu conversava eram paraibanos, né, então eu fui aprendendo e tal, porque eu perguntava pros meus amigos: “eu falei isso, o que que a pessoa entendeu?”. Aí tipo, a pessoa entendeu outra coisa e era completamente diferente do que eu tava falando. E aí eu fui aprendendo a ser um pouco mais delicada talvez, menos direta; só que não é o meu jeito, entendeu? Eu gosto de ser mais... sabe? Foi uma coisa meio natural assim, eu fui me aproximando das pessoas de São Paulo, podia ser direta e não tava ofendendo ninguém sendo do jeito que eu sou, então aconteceram várias vezes, mas enquanto eu tinha os amigos mais próximos paraibanos eu tinha um tradutor (risos).

I6 (50.7%) – Eu falei que vocês lidam com o tempo de um jeito diferente de mim – que eu lidava, né, agora menos – mas, marcar uma coisa e começar as coisas no horário. Vocês não entendem isso como se rolar um certo atraso como algo grave, como algo desrespeitoso. Eu demorei uns bons meses pra perceber que quando eu ficava bravo, estressado, com uma reunião que começava alguns minutos depois [...] que pra vocês era normal e que não era ofensivo. Eu acho que isso vai muito da perspectiva do olhar de mundo de vocês e de como é lá na minha cidade. / --

I7 (77.3%) – O pessoal fala muita gíria.

E – Além das gírias, há algo mais que afeta o entendimento?

I7 – Sim! Nossa, muito, muito! O pessoal aqui fala muito rápido! Muito rápido! / Eu acho que falar tão rápido, essa questão não. Mas acontece de questão de gírias, né? Cada estado tem um jeito.

6. Você acha fácil compreender pessoas de outras partes do país?

I1 (53.2%) – Depende. Depende muito. Quando é coisa assim mais simples, mas tem termos que a gente não sabe o que significa.

I2 (24.3%) – Não. Não acho difícil. Só algumas gírias, algumas coisas assim, que a gente não sabe. Quando eu vim pra cá eu fui pra uma entrevista em que ficaram falando que tal hora é hora do baleado, porque lá em Recife é queimado. É um jogo de bola, com bola. E eu fiquei “meu Deus, o que é baleado?”. Aqui “mofi” eu não sabia o que era “mofi”, porque lá não tem. Só algumas gírias locais, que daí eu acho que é normal pra todo mundo... todo estado tem o seu.

I3 (66.7%) – Acho. Acho que não deveria ser uma coisa tão difícil, assim. Acho que é isso... tem gírias e formas de falar, um vocabulário meio específico em algumas situações, mas eu não acho difícil não, só acho diferente (risos).

I4 (8.9%) – Acho que não tenho muita dificuldade. Às vezes tenho, é uma palavra ou outra, é um som ou outro que bate diferente assim e me confunde, mas no geral não tenho dificuldade não. Sabe um sotaque que eu acho muito difícil de entender é o do Ceará. Acho que ele é o que bate mais difícil pra mim porque o pessoal lá fala bem rápido e aí eu me perco.

I5 (11.1%) – Depende. Eu acho que conversando um a um, ok. Mas, se tem um grupo conversando eu não consigo entender nada. Se tem um grupo animado, tal. De qualquer lugar que eu já fui eu não consigo entender nada... outro idioma. [...] Eu vivia perguntando no meu trabalho: “o que que significa isso?”.

I6 (50.7%) – Nem sempre. Tanto pela questão linguística... Eu morei durante uns meses, quando eu dividia apartamento, com um moço [...] do sertão do Ceará. Era muito difícil! Eu gosto muito dele [...] e mesmo quando ele vem, a gente se conhecendo, conversando eventualmente, é difícil compreender pela questão linguística. Ele fala muito rápido; as palavras se unem.

I7 (77.3%) – Acho que sim. Porque assim, a gente não se comunica só com a fala. E eu por ser enfermeira, eu acho que sou um pouco mais sensível a outros tipos de comunicação. Comunicação expressa, expressão. Jeito do corpo, tudo. E eu tenho mais facilidade em me comunicar com pessoas.

7. Quando você viaja, há algo específico que as pessoas percebem na sua forma de falar?

I1 (53.2%) – Sim. A puxada do “s”. E dizem que a gente fala cantando; sempre estranham.

I2 (24.3%) – Já chegaram a dizer que meu sotaque tá mudando. “Olha, já tá falando bem paraibano”. Já chegaram a citar essas coisas, mas eu não percebo. Mas aqui já dizem: “ah, tu é de Recife, né?”, “tu é de Pernambuco, né?”. Dizem que eu falo chiando; chiando pelo “s” (risos). Eu não percebo nada disso.

I3 (66.7%) – Assim, normalmente é isso... é o sotaque. Essa forma de falar é muito diferente, assim, nesses locais que eu falei. Cada um tem uma forma de falar e acho que é isso: vê que eu tô falando diferente e já diz “ah, é do Nordeste”; não é uma coisa meio que “ah, é de Recife” ou de João Pessoa ou Natal.

I4 (8.9%) – Se percebem nunca comentaram. Nunca rolou de falarem alguma coisa diretamente pra mim. Ah não, a minha família, da última vez que eu fui... eu não vou lembrar o que foi, mas a minha mãe estranhou alguma coisa que eu falei que era uma palavra daqui e eu tive que explicar. Eu não vou lembrar o contexto. Mas de comentar diretamente pra mim assim acho que nunca rolou.

E – Nem de lá e nem de outros locais?

I4 – Nem de outros locais.

I5 (11.1%) – Eu falo baixo. É sempre “como?”, “que?”, “que que você falou?”. Assim, todo lugar que eu vou eu já me preparo pra falar mais alto. Ah, o pessoal costuma comentar do meu “r”, que é arrastado... “São Bernardo”, “porta”... Na Paraíba comentavam bastante, assim, né, me imitavam. Acho que chama bastante atenção. O pessoal sempre me pergunta se eu sou do Paraná (risos). [...] Aqui em São Paulo o pessoal fala muito que eu sou do interior, [...] rola uma zoeira assim, né. Também me copiam; é muito comum.

I6 (50.7%) – Percebem. Eu percebi que o meu “i”... apontaram pra mim e eu percebi que é verdade... O povo daqui zoa o povo de lá porque a gente fala [ˈtʃi.tʃi.ɐ], é o “i” assim né? E aqui vocês reforçam como se fosse [ˈdi.ɐ] e não [ˈdʒi.ɐ]. E vira e mexe eu faço esse “i” sem perceber. E não é em palavras específicas, simplesmente sai. E aí apontaram isso das últimas vezes que eu estive lá. E o povo daqui fala que meu sotaque tá menos forte.

I7 (77.3%) – Sim. Sotaque paulista, a gente puxa muito o “r”. E ainda mais eu que tinha família no interior, sabe? Então quem fala comigo já percebe de cara: “tu não é daqui, né?”. “Não, sou de São Paulo”.

8. Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?

I1 (53.2%) – Rapaz. Algumas pessoas dizem que é bonito. Outras pessoas só estranham mesmo, mas não dizem nada específico não. [...] repetem o que eu falo: “escola”.

I2 (24.3%) – Eu tenho um colega que até hoje ele ri. Mas ele de vez em quando, quando eu falo alguma coisa, como “cuscuz”, aí ele ri, mas diz que é bonitinho. Ele sempre ri aí diz: “repete”, porque acha bonitinho. E teve uma colega da faculdade que ela também uma vez ficou rindo – parecido com o que ele faz.

I3 (66.7%) – Assim... comentou, elogiou, ou criticou eu acho que ninguém não, mas sempre comentam assim, né, que é ou engraçado ou é bonitinho. Acho que é assim. Ou é engraçado ou é bonitinho.

E – Aqui em João Pessoa acontece?

I3 – No início eu sentia que sim. Acho que nos primeiros contatos que eu tive com pessoas de João Pessoa foi na faculdade; eu vim pra estudar. Então tinha essa coisa de “tu é de Recife, né?”, porque fala assim... “fala a palavra esporte”, enfim.

I4 (8.9%) – Elogiar, criticar, comentar, não. Mas rir, não da minha forma de falar, mas às vezes eu uso algumas expressões que meus amigos daqui acham engraçado. Algumas gírias também que vêm de lá e eu uso aqui, daí... Às vezes quando eu falo “porta”, essas coisas bem puxado aqui, o povo tira um sarro também, mas de boa assim, sabe?

I5 (11.1%) – Ah, já rolou tudo. Já rolou uma vez, a menina no trabalho mandou eu falar direito. Isso já aconteceu na Paraíba. Como assim eu falar direito? Aí esse dia eu fiquei muito chateada. Nunca falaria isso pra alguém. Mas também já rolou, como eu falei, meu colega falar “ah, é bonitinho”, “ah, é legal”. Tinha umas brincadeiras, tipo, “quando que você vai pegar nosso sotaque?”. Pra mim essa brincadeira não tem nenhum sentido.

I6 (50.7%) – Algumas pessoas no trabalho, tanto de superiores mesmo, quanto meus alunos, falando que eu falo muito devagar e articulo todos os fonemas, todas as sílabas; o que não é verdade. Ah, e isso foi usado tanto de forma elogiosa quanto de forma não elogiosa – “nossa dá sono o jeito que você fala, você tem que falar com mais energia”. Basicamente é isso.

I7 (77.3%) – Já. Tem muita gente que acha bonito o sotaque paulista, mas tem muita gente que também tira onda. Logo que eu cheguei, inclusive, foi uma das minhas experiências ruins, eu fui comprar pão e a pessoa que iria me vender o pão pediu pra eu falar “porta”, “porteira”, “portão”. E eu estressada, tinha acabado de chegar. Eu: “moça, eu só quero comprar pão”. Mas ela tipo tirando onda, entendeu? [...] Eu tinha acabado de chegar. Eu já não tava me sentindo muito aceita, não tava me

encaixando aqui. Porque quando a gente acaba de se mudar, toda mudança é um pouco desconfortável, né? É tudo novo e você sente muita falta de onde você estava antes. E aí foi totalmente desconfortável. Eu me senti excluída, sabe? Eu falei: “pô, será que eu vou me adaptar ou todas as pessoas vão ser assim?”.

9. Você pode compartilhar uma experiência em que sua forma de falar tenha causado uma reação inesperada (positiva ou negativa) em alguém?

I1 (53.2%) – Teve, mas eu não lembro o termo que eu utilizei. Eu estava em um evento e teve um debate, né? Eu com outra pessoa. Aí a pessoa me pegou de surpresa, aí eu meti um “oxe” e um outro termo que não lembro agora... e todo mundo caiu na gargalhada, porque todo mundo achou engraçado a minha reação. Na verdade, foi um pouco de tudo: foi as expressões que eu utilizei e a entonação.

I2 (24.3%) – Não, só essa mesmo, desse meu colega, mas eu vejo como algo natural. Ele ri assim, mas não é algo que... pra me irritar.

I3 (66.7%) – Acho que não. É só realmente esses momentos pontuais.

I4 (8.9%) – O pãozinho, claro. Eu nunca vou esquecer essa história do pãozinho.

I5 (11.1%) – Ah, acho que a pior foi essa de “fala direito”. Positiva acho que... ah, só quando eu tava entre amigos, e aí algum imitava o jeito que eu falava e falava “nossa que diferente” e tal. Aí é legal, mas não lembro de algum específico.

I6 (50.7%) – Ah, pronto. Eu acho que consegui o trabalho que tô hoje por causa da forma que eu falo. Além de mandar o currículo, participar de entrevista, quando eu fiz a aula teste... eu sou professor [...] e aí falaram isso no final me dando feedback: “é bom porque os alunos vão entender bem direitinho e não vão confundir mais com mas”.

I7 (77.3%) – A pessoa que eu tô conhecendo, a primeira vez que a gente se falou ele gostou do meu sotaque [...] “ah porque o seu sotaque é bonito, eu gostei”.

10. Você já mudou sua forma de falar para se adaptar ao seu entorno?

I1 (53.2%) – Eu tento falar mais devagar. Mais lento dependendo da determinada situação. Contigo, aqui, eu tô falando normal – rápido, às vezes devagar – eu falo rápido, mas, por exemplo, em uma defesa, uma apresentação de trabalho, um evento, eu tenho que me policiar pra falar mais devagar. Mas eu queria mesmo é falar rápido.

I2 (24.3%) – Não. Não, porque, independentemente de onde eu for... sou eu. Eu aprendi assim e sou eu. É o meu jeito de ser, então não tem por que estar mudando por outras pessoas.

I3 (66.7%) – Eu acho que não. Assim, eu entendo que é uma coisa comum de... dependendo da convivência você passar a falar no mínimo de forma mais neutra ou tentar acompanhar a forma em que as outras pessoas falam. Eu vejo por que minha companheira trabalha pra uma agência de São Paulo, então a maioria das pessoas são de São Paulo. Tem algumas pessoas do Nordeste. E de vez em quando eu vejo ela falando algumas coisas que o pessoal de São Paulo faz, sei lá, um “mano”. A gente até conversou sobre isso, porque é meio que... você acaba pegando um pouco da forma de falar, mas pra ela não é uma coisa de “ah, eu preciso falar assim pra me adaptar”; é pela convivência mesmo.

I4 (8.9%) – Sabe uma coisa que eu me percebi. Eu me percebi me corrigir porque... talvez ninguém falou mas eu senti que talvez pudesse incomodar as pessoas aqui – eu tenho o hábito, um pouco regional, porque acho que em São Paulo a gente fala muito, mas eu sempre falei muito palavrão. E aqui as pessoas não têm esse hábito. Elas não têm esse costume. E às vezes parece meio ofensivo e eu senti que isso... Ninguém nunca falou: “nossa, fala muito palavrão, que coisa feia” e tal, mas eu senti que isso talvez pudesse incomodar as pessoas porque eu realmente não ouço isso aqui, então soa estranho. E aí eu me policio no sentido de não falar muitos palavrões. Nem sempre eu consigo, se eu tiver muito relaxada, muito distraída sai vinte palavrões por minuto, mas na medida do possível eu tento dar uma segurada porque eu sei que talvez possa incomodar as pessoas.

I5 (11.1%) – Ah, sim. Quando eu cheguei na Paraíba... é que assim, eu cheguei... aí esse negócio do forró, tal... aí eu comecei a absorver muito do vocabulário – comecei a falar “aperreado”, “atarantado”, “pronto”. E eu absorvi o sotaque também. Quando eu voltei pra São Paulo pela primeira vez, todo mundo... eu percebia que eu tava falando diferente. Mas depois, enfim, a vida foi acontecendo, e aí eu voltei a ter o meu sotaque do jeito que eu falo e é isso. Mas de vez em quando eu falo meio cantado... não sei explicar.

I6 (50.7%) – Sim. Acho que todo mundo muda a forma de falar de acordo com a situação, né? Variação de registro. Eu não falo dando aula como eu falo contigo agora. Com meus amigos talvez seja mais próximo do que eu tô falando contigo agora, mas ainda assim é bem diferente. Sim, sim. Mas não é algo que eu fico monitorando todo o tempo. É natural, a gente tende a fazer isso naturalmente, a menos quando é uma situação altamente formal em que a gente tá monitorando o tempo todo.

I7 (77.3%) – Já. Com certeza. Eu acho que todos fazemos isso, né? Independente. Quando a gente fala “ah, fulano foi pra tal canto e pegou o sotaque – pegou o sotaque de lá”... Eu acho que é uma coisa que a gente faz inconsciente. Então a gente acaba pegando o sotaque de certa região que a gente passa um tempo prolongado pra meio que se adaptar. A gente acaba absorvendo gírias, sotaque, tudo, pra se adaptar, se encaixar naquela região que a gente tá.

E – Você se lembra de alguma situação em que fez um movimento consciente de ajustar a fala?

I7 – Que eu me lembre não, porque eu gosto demais do meu sotaque paulista. Então por mim eu nem pegava o paraibano, né?

11. Há alguma expressão ou gíria que você deixou de usar desde sua vinda para João Pessoa?

I1 (53.2%) – Ah, muita coisa. “Boyzinha” e “boyzinho” – é muito de Recife. “Pirralho”, “pirralha”, “vou chegar”, “na real de mesmo”. Tem um monte que eu deixei de usar e só uso aqui em casa. Até meu esposo estranha.

I2 (24.3%) – Acho que não. Não que eu lembre agora. Que eu recorde não. Até porque assim, o contato que eu tenho mais é com meu esposo, então, ele também é de Pernambuco. É a mesma coisa, sabe? O mesmo sotaque. E como eu te disse, assim, a gente tá indo sempre de quinze em quinze dias, e quando não é isso, a gente se fala todos os dias por telefone com a família.

I3 (66.7%) – Acho que foi “misera” mesmo (risos).

I4 (8.9%) – Eu acho que tem palavras, expressões, palavrões e gírias que eu evito na medida de que isso é uma decisão consciente. Quando eu estou pensando sobre o que eu vou falar eu tento evitar. Agora, na minha comunicação cotidiana naturalmente relaxada tomando cerveja com os amigos não é uma coisa sobre a qual eu pense, assim. Até porque eu não tenho nenhum problema de explicar o que eu quis dizer quanto de perguntar o que a pessoa quis dizer se eu não entender. Então, eu acho que não.

I5 (11.1%) – Eu lembro que teve alguma, sim, que eu deixei de falar porque as pessoas entendiam outra coisa. Aí eu falei: “tá, essa eu não posso usar porque vai causar confusão”, mas eu não consigo lembrar qual que era.

I6 (50.7%) – Lembro não. Nem vou tentar porque não lembro. Ainda mais... eu passava muito tempo na internet; agora menos, mas, muitas gírias que eu conheço vêm desse contato online, e tá sempre mudando, né? Muda muito rápido.

I7 (77.3%) – “Mano”, eu parei de usar. “Papo dez” eu não uso. “Corre”, eu não uso mais.

COLETA 6

1. Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira como falam? De que maneira(s)?

I1 (51%) – Rapaz, julgadas não. Só estranham mesmo. Mas julgar, julgar não. É um estranhamento só de tirar um riso, de uma puxada de um “s”, algo assim, mas julgar por causa do sotaque não.

I2 (32.4%) – Às vezes sim, muitas vezes. Principalmente a gente da área do Nordeste, assim. Eu vejo muito isso. É só a gente... é o sotaque, aí já: “Ah! É nordestino”, sabe? “Ah, é isso, é aquilo”; “É burro!”, como geralmente julgam, né? Acho que sim.

I3 (40.5%) – Hmm... Acho que sim, dependendo da localização de onde a pessoa esteja, de quanto diferente é essa forma de falar. Eu acho que acontece isso sim. [...] Eu acho que uma coisa meio de preconceito, assim, de localização mesmo, sabe? Vamos dizer, você, nordestino, chegar no Sul que é uma forma de falar bem diferente [...] tem uma coisa meio xenofóbica mesmo.

I4 (28.3%) – Acho. Eu acho que a gente ainda é uma sociedade que tem muito preconceito com algumas coisas, assim. Quando, por exemplo, a pessoa fala errado, tem problemas de concordância, de plural, de conjugação de verbo, por exemplo, a pessoa já é tido como ignorante, burra, ou pobre, ou de uma classe inferior. Acho que a gente ainda tem algum preconceito nesse sentido. Eu acho, de uma maneira um pouco mais sutil talvez, mas a gente ainda tem muito preconceito com sotaques, também. Acho que aqui na Paraíba talvez menos, mas, por exemplo, em São Paulo, em relação ao sotaque paraibano ou nordestino no geral, há algum preconceito sim. Algum tipo de julgamento, né? Acho que sim, infelizmente ainda vivemos em uma sociedade que julga muito a forma com que a gente fala.

I5 (5.3%) – Sim. Acho que sim. Eu acho que depende de onde você está. As pessoas vão assumir várias coisas com base no seu sotaque. E também acho que muita gente assume que quem fala de um jeito mais simples ou alguma coisa assim é como se não tivesse algo pra acrescentar, sabe? E eu não concordo com isso. Como se tivesse um certo e um errado. Eu acho que sim, eu não consigo ver como as pessoas não seriam julgadas.

I6 (44.6%) – Total. Acho que- mais do que acho, tenho certeza. Acho que a fluência verbal determina se você vai ser ouvido ou não. Até as inflexões que você faz, as pausas e um aspecto mais concreto, mais visível, a gente vê que a língua é ponto de discriminação. Se você escuta alguém que não fala de acordo com a norma ou comete muitos desvios, erros de acordo com a gramática normativa, você nota que os olhares – a pessoa já trata essa pessoa de forma diferente. Então, sim, as pessoas são julgadas pela maneira que falam.

I7 (65.2%) – Sim. Eu já dei inúmeros exemplos pra você. O exemplo mais vívido foi o da padaria.

2. Alguém já a/o julgou dessa forma?

I1 (51%) – Sim, constantemente. Toda vez que eu puxo o “s”. Principalmente quem não é muito próximo. Quem já tá comigo no dia a dia já se acostuma, né, mas quem tem pouco contato sente mais.

I2 (32.4%) – Não que eu lembre. Eu só disse a tu, já das outras vezes, que às vezes ficavam rindo do meu sotaque. Às vezes riam porque achavam bonitinho... mas eu não... é minha raiz, é meu sotaque, pode rir aí à vontade.

I3 (40.5%) – Não. Não, porque eu nunca realmente tive experiências de estar em locais tão diferentes do meu sotaque. Normalmente o que eu faço muito de viagem é Nordeste, realmente, e eu já fui pra São Paulo, Rio, Porto Alegre, mas isso não aconteceu não.

I4 (28.3%) – Eu acho que não. Eu acho que tô num lugar muito privilegiado, também, né? De uma pessoa branca, de classe média que teve acesso a uma escolarização, então, acho que não. Não que eu saiba ou me recorde, mas suponho que não.

I5 (5.3%) – Ah, sim. Eu acho que já, mas não é algo que me afetou muito. Em São Paulo as pessoas zoavam o jeito que eu falava como se fosse meio caipira, tal, mas eu não sei se alguém me tratou mal ou se me achou menos. Não sei, eu não senti assim. [...] várias vezes as pessoas me perguntavam se eu era professora, em viagens, assim, Natal (RN), e eu ficava “não, porque?”, aí eles falavam assim:

“porque você fala bem direitinho”. E “direitinho”, sabe? Eu sei lá, não sei se eu falo direitinho. O que que é o direitinho? Então eles já assumiam um personagem. Não que seja algo negativo, mas é um julgamento.

I6 (44.6%) – Acho que sim. Acho que sim. Talvez não nesse ponto. Não me vejo sendo vítima de preconceito nesse viés de ter minhas opiniões desconsideradas, mas eu acho que [...] na faculdade mesmo, ou mesmo no meu trabalho, quando eu comecei a trabalhar lá, agora não, “olha como ele fala certinho”. Aí depois o povo fala: “ah, do jeito que você fala eu achei que você fosse esnobe”. Então, acho que tem uma primeira impressão por ser diferente da maioria daqui. Mas, não sei. Não é uma coisa que fica; pelo menos eu acho que não.

I7 (65.2%) – Sim. É porque assim, o sotaque paulista é muito diferente do sotaque daqui. A gente puxa muito o “r”; a entonação nas palavras; até... a gente costuma muito falar gesticulando e aqui não vejo muito.

3. Você considera alguns dialetos, falares ou sotaques mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

I1 (51%) – Com certeza. Eu acho que aqui na região do Nordeste, eu acredito que é uma linguagem muito mais difícil pra se compreender do que pra quem é de fora. Por exemplo, temos mania de sempre estar contradizendo. Por exemplo, temos mania de sempre estar contradizendo. Você pergunta “tu vai sair hoje?”, aí eu digo “vou não”. Pessoas de outro estado não diriam “vou não”, o positivo na frente e o negativo em seguida. Isso é uma marca forte do nordestino.

E – E mais bonitos ou melhores?

I1 – Pernambucano, lógico.

E – O que você destaca no falar pernambucano?

I1 – Primeiro o ritmo que a gente fala. A gente não fala normal, é porque tem uma proximidade entre a Paraíba e Pernambuco, mas pra quem é de estado mais distante consegue identificar um ritmo. E eu acho também a intensidade. A gente puxa o “s” porque a gente bota muita intensidade no “s” que vira o “x”. A intensidade das sílabas ditas por um pernambucano é muito mais forte, muito mais intensa, e consequentemente muito mais bonita.

I2 (32.4%) – É porque geralmente você não percebe muito o seu sotaque, né? Mas o dos outros você percebe. Mas, eu acho que, quando você quer, com esforço você consegue ir entendendo. Eu acho até curioso você tentar entender os outros sotaques de outras regiões; aprender a conviver. Eu acho até interessante, curioso, interessante, legal. [...] O nosso sotaque, da região Nordeste, pra mim é o mais bonito, é o melhor (risos). O arrastado. Como dizem, né, arrastado.

I3 (40.5%) – Não. Talvez tudo seja possível de compreender. E também não acho que seja mais bonito ou mais feio, cada um tem sua forma de falar.

I4 (28.3%) – Mais bonitos, definitivamente não. Melhores, também não. Mais fáceis de entender, com certeza. Quando a gente tem nosso ouvido acostumado a um tipo de palavra, a um grupo de palavras, ou alguma sonoridade específica e de repente tem que conversar com outras pessoas que falam de outra maneira é um pouco mais difícil de entender. [...] O de São Paulo pra mim é o que bate mais fácil no meu ouvido – eu sou criada lá, então obviamente... – hoje eu já acho que entendo muito bem o daqui também, mesmo um pedaço de conversa – alguém passando na rua – eu já consigo pegar bem o que as pessoas tão dizendo. Eu acho que os mais fáceis na verdade, no geral, são aqueles com os quais a gente tem mais familiaridade, então, mas só isso.

I5 (5.3%) – Ah, eu vou achar mais fácil de entender o meu sotaque, né? Porque eu cresci lá. Então, Santo André, eu me vejo conversando com as pessoas de uma forma diferente. É isso. Por mais que seja uma coisa de detalhe, eu percebo, então pra mim mais fácil vai ser o meu sotaque. Mas mais bonito eu não sei, eu acho todos bem legais. Eu só não sou muito chegada no carioca, talvez por ter

visto muita novela, talvez... não sei. Deve ser alguma coisa, tipo, deu uma desgastada... por algum motivo.

I6 (44.6%) – Mais bonito não. Eu acho muito bonita a variedade de sotaques. Sempre que eu escuto um diferente do que eu tô acostumado eu paro pra prestar atenção. Fico até tentando descrever mentalmente quais são os processos que rolam ali. Mais bonito não. Mas mais fácil ou mais difícil de entender, sim. Acho que já te contei do [rapaz] que morou comigo, que era do interior do Ceará. E era muito difícil a comunicação com ele, porque eu não entendia. A melodia era diferente, algumas palavras [...] mas era muito diferente!

I7 (65.2%) – Não. Eu gosto muito do meu, que é o paulista. Mas eu não considero ele mais bonito do que outros. E eu acho que assim, a forma de falar... é que eu sou filha de professor, né, então eu cresci escutando: “português certo é aquele que a gente entende”. Minha mãe sempre falou isso. Então, dando pra entender, pra mim tá na forma correta. E sotaque acho que não tenho um preferido. Eu só não gosto do sotaque carioca. [...] É porque é muito marrento, né? Você já reparou. É cheio de marra e não sei o que... não!

E – Você falou que o falar paulista é mais bonito. Ele é também mais fácil de entender do que outros ou não?

I7 – Ah não, é. Mais fácil de entender, é! Porque assim, logo que eu cheguei aqui eu tinha muita dificuldade porque o pessoal aqui fala muito rápido. A gente que é paulista não, a gente não fala rápido. A gente fala de uma forma que dá pra entender, né? É tudo muito explícito, bem detalhado. E aqui o pessoal fala muito rápido.

4. Você acredita que, estando aqui na Paraíba, as pessoas podem identificar de onde você é simplesmente pela maneira como fala? Por quê?

I1 (51%) – Sim, direto. O povo já diz: “pernambucana”; “você é de Recife”, “você é pernambucana”. / Eu acho que justamente por causa do “s”, porque eles sempre falam que a gente puxa demais. A primeira coisa que identificam é esse “s”. Inclusive hoje estou com a camisa de Pernambuco. Encontrei uma pernambucana na academia, agora [...] por causa da camisa, aí já há uma identificação.

I2 (32.4%) – Sim, várias vezes. Várias vezes as pessoas dizem: “é de Pernambuco, né?” Assim como algumas pessoas lá já disseram: “passou já esses anos na Paraíba, já tá trazendo um sotaquezinho de lá”. Eu não percebo, mas muitas vezes aqui em João Pessoa, as pessoas já disseram “é de Pernambuco”. / Eles dizem que a gente fala arrastado. A gente puxa às vezes muito pelo “s”. Fala de um jeito mais arrastado. Já me disseram isso, né? Eu não percebo.

I3 (40.5%) – Acho que agora não mais porque talvez eu tenha perdido um pouco o sotaque, a forma de falar, algumas... enfim... realmente gírias e falas de quando você mora no local. Mas, quando eu cheguei existia uma coisa de o povo dizer “ah tu é de Recife”; identificar ou perguntar de onde é. / Eu acho que era muito pelo “ti” do recifense de falar “esporte”, sei lá, tem muito isso de puxar o “ti” em algumas coisas que não necessariamente pedem o “ti”. Acho que é isso, que meio que foi se perdendo, enfim, foi neutralizando.

I4 (28.3%) – Eu não sei se todas as pessoas identificam de onde eu sou pela maneira que eu falo, mas no geral, as pessoas identificam que eu não sou daqui no primeiro bom dia que eu dou pra elas. Eu não tenho muita facilidade de passar desapercibida como uma forasteira. / Uma coisa que eu percebo muito – inclusive uma vizinha minha já me falou isso – é esse “dʒi”; o bom dia... eu acho que isso é muito marcante. O “r” também, né? E eu nem falo “po[r]ta”, mas “po[r]ta”... só esse “r” também é mais fácil de entender. Acho que o ritmo de fala também, a velocidade, as entonações, acredito que seja isso. Mas uma coisa que eu reparo muito é o “dʒi” é onde eu me entrego, assim, com certeza.

I5 (5.3%) – Não. As pessoas achavam que eu era do Paraná. Eu achei muito engraçado a primeira vez que me falaram, aí depois de várias... tipo assim, aconteceram várias vezes, entendeu? Várias pessoas perguntaram se eu era do Paraná. E ninguém perguntava se eu era de Santo André, que é uma coisa meio específica, né?

I6 (44.6%) – Às vezes sim. Eu digo às vezes por que, por exemplo, quando eu entro num Uber, quase sempre percebem que eu não sou natural daqui. Mas aí eu falo: “adivinha de onde eu sou” e aí, sei lá, cinquenta por cento das vezes erram a primeira e a segunda tentativa. Então, não sei se eu falo muito diferente dos meus ou se as pessoas daqui não têm uma clareza tão grande de como falam os da minha terra. / [...] meu irmão de consideração fala que é por causa do meu “r”, porque eu pronuncio todas as sílabas. Mas eu não sei se é verdade. Agora a pouco, por exemplo, eu falei “ma eu”... eu não pronuncio todas as sílabas (risos). Mas eu acho que esse “r” é muito marcado. Muito mais marcado do que do pessoal daqui.

I7 (65.2%) – Não, porque eles confundem muito o sotaque carioca com o sotaque paulista.

E – Você acha que tem algo específico que revela o fato de você não ser daqui?

I7 – O “r”.

5. O que você acha da sua forma de falar?

I1 (51%) – Eu acho que eu posso melhorar em alguns aspectos. Por exemplo, eu falo muito rápido. Muito apressadamente. Justamente porque a nossa mente tá sempre à frente, então a gente quer logo esgotar. [...] Como eu disse pra vocês, vocês pensam demais antes de fazer e falar. Vocês falam muito mais lentamente. [...] Pernambucano tem pressa até pra falar... quer logo terminar o que tem que ser dito; aí eu acho que eu deveria melhorar, porque isso dificulta o entendimento, né?

I2 (32.4%) – Eu acho normal, pra mim é normal. Tranquilo.

I3 (40.5%) – Eu gosto, assim, acho que eu (risos)... eu gosto do meu sotaque, da minha forma de falar. Acho que eu consigo me fazer entender, que eu acho que é o mais importante. Eu gosto e é isso.

I4 (28.3%) – Eu nunca parei pra pensar sobre isso, eu acho. Eu acho... sei lá, é a minha forma de falar. [...] eu não acho ela certa nem errada, eu não acho ela boa ou ruim, eu acho que ela é o que ela é. Esses dias eu tava pensando que talvez eu seja um pouco prolixa e aí eu deveria repensar um pouco isso. Quando eu quero explicar alguma coisa, às vezes eu quero explicar nos mínimos detalhes e talvez eu seja enfadonha nesse sentido. Mas, de resto, acho que ela é normal, é só a minha forma de falar. Não sei se tem um polo positivo ou negativo.

I5 (5.3%) – Ah, okay. Acho que é meio enrolado, mas tá okay. Às vezes eu tenho que repetir a palavra, né? Mas acho que isso é meio de dicção. Não acho nada...

E – Você tende a ter uma visão mais positiva ou negativa da sua forma de falar?

I5 – Ah, mais positiva. Mais positiva. Mas acho que tipo, por um período meio que eu mudei um pouco o meu sotaque, sabe? Pra ficar mais paulistano, tal, e eu falei “não”.

I6 (44.6%) – Natural, normal. Não tenho opinião formada. Sequer penso a respeito.

I7 (65.2%) – Eu acho mais fácil de entender, né? Tô acostumada, também, né? Eu acho que a minha forma de falar é mais amplamente divulgada. Porque geralmente a gente vê em novela o sotaque paulista; música... [...] eu gosto da minha forma de falar, eu gosto do meu sotaque.

6. Há algo específico de que você gosta na sua forma de falar?

I1 (51%) – Acho que o ritmo. Não o ritmo de velocidade, mas o ritmo sonoro.

I2 (32.4%) – Eu gosto porque é a linguagem que eu aprendi. É a linguagem que eu trago de herança. É o que me fez desde que eu nasci e aprendi a falar até agora. Então é assim... as pessoas que eu convivi que me fizeram assim, com essa forma de falar... esse sotaque. Então, é algo de herança. Então eu não tenho como não gostar.

I3 (40.5%) – Não. Eu acho que o que eu gosto, assim, é que normalmente eu tento falar de uma forma que todo mundo entenda. E eu digo todo mundo, seja na academia – na vida acadêmica – que exige

que você fale de uma forma rebuscada, à pessoa que eu encontro no meio da rua e que eu não sei nem de onde vem, mas eu consiga me comunicar com ela. Então, acho que é o que eu mais gosto, assim, de conseguir me comunicar com as pessoas de forma a ser compreendida em todos os locais, âmbitos e coisas da vida.

I4 (28.3%) – Eu acho que eu sou uma pessoa que se faz entender com alguma facilidade, apesar de prolixa. Acho que são duas faces da mesma moeda e acho que me comunico bem, assim, eu gosto de falar [...].

I5 (5.3%) – Não sei. Nunca prestei atenção, não. Não sei, acho que não.

I6 (44.6%) – Eu acho que eu gosto como eu congreguei, aglutinei, sei lá... trouxe pra mim algumas expressões e sons que eu acho bonito, de lugares que eu gosto. Acho que quando eu uso o diminutivo é muito parecido com o que meus amigos de Minas Gerais usam – a maneira que eles usam. Eu acho que algumas coisas daqui de João Pessoa eu acabei incorporando. E não é consciente, mas depois que alguém aponta eu começo a perceber que é verdade, que nem o “oxe”, que nem o “di”, em alguns casos. E eu nem sei determinar o porquê sai em alguns e não sai em outros. Acho que é isso. Acho que eu gosto disso, dessa mistura, porque me parece resultado dos afetos que eu tenho, pensando nas pessoas de onde vem, as pessoas que eu gosto, e coisa assim.

I7 (65.2%) – A entonação. Eu acho que traz mais credibilidade, sabe? Discussão... se você tá discutindo ali um assunto e você me vem com entonação. Às vezes você nem sabe do que que você tá falando, mas se você mostra que sabe, pronto, deu tudo certo.

7. Há algo específico de que você não gosta na sua forma de falar?

I1 (51%) – A velocidade (risos). A velocidade.

I2 (32.4%) – Não. Acho que algo que falte, mas assim, tipo, questão de vocabulário mesmo. Mas sei que aí também é mais uma questão de leitura. Não que eu não goste, é algo que falte. É como se fosse mais aquele vocabulário simples, mas eu sei que ele pode ser ampliado.

I3 (40.5%) – Não (risos). Não, tô de boa (risos).

I4 (28.3%) – Já falamos sobre isso, sou prolixa. E às vezes eu acho também, quando eu tô meio ansiosa que, sei lá, eu quero contar uma história que é muito legal e muito rápido, ou eu preciso passar uma informação com muita urgência, às vezes eu me embolo [...] e aí também eu acho que falo muito rápido em alguns momentos de urgência ou de empolgação.

I5 (5.3%) – Ah, não sei, eu acho que às vezes eu enrolo algumas palavras e acho que tem dias que minha língua não funciona e fico com a língua presa. Mas são dias muito específicos, eu não sei o que acontece. [...] Eu tentava falar às vezes mais paraibano, sei lá, e eu via que algumas coisas eram mais gostosas de falar. Eram mais confortáveis de falar e eu não sei explicar. Quando eu tava com meus amigos – um grupo mais de paraibanos – eu tentava conversar e... não sei. Tem umas palavras tipo “go[ʃ]toso”. Eu acho muito mais gostoso falar “go[ʃ]toso” do que “go[s]toso”. Sabe uma coisa assim? É um movimento mais confortável. Tinham outras palavras, mas eu esqueci.

I6 (44.6%) – Não sei. Não sei... Acho que não é algo específico, é mais em relação a situações, porque não é a maneira que eu falo, não são as palavras que eu uso, mas tem situações que parece que eu não coloco nem um pouquinho de cor ou empolgação no que eu tô falando, aí tudo fica num tom monocromático que... sabe quando você se vê assim de fora? Eu fico “meu Deus! Eu tô entediando quem tá me ouvindo! Eu tô me sentindo entediado!”, e enfim. Isso acontece de vez em quando.

I7 (65.2%) – Tem. É... eu não gosto da minha forma de falar às vezes que eu não consigo encurtar muito as coisas – resumo... sou péssima. [...] O “r” eu não gosto não (risos). Porque todo mundo descobre pelo “r”. Eu acho que eu não gosto do “r” porque... não sei... me incomoda um pouquinho. Não tem um motivo específico. Ah, e dessa questão do “r”, eu me incomodo da minha forma de falar; quando eu escuto eu não me incomodo, mas eu falando, eu acho um pouquinho feio.

8. Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?

I1 (51%) – Sim, o pernambucano. Tenho sotaque pernambucano. Inclusive tenho mais do que meu esposo. Todo mundo que conhece a gente diz que eu puxo mais do que ele. Aí eu fico me achando porque pra mim ele é “peba” (risos).

I2 (32.4%) – Esse sotaque recifense mesmo, como eu já te disse. Que o povo comenta, porque a gente não percebe. É algo arrastado, puxando mais pelo “s”. Eu mesma não consigo perceber.

I3 (40.5%) – Agora eu considero realmente mais neutro, mas sim, eu acho que eu tenho um pouco ainda de sotaque recifense, de algumas formas de falar.

I4 (28.3%):

Sim, com certeza o sotaque da Zona Leste de São Paulo, que é bem específico. Não e nem o sotaque da cidade de São Paulo, porque eu acho que existem vários.

I5 (5.3%) – Ah, sim, do ABC paulista.

I6 (44.6%) – Oxe, quem não tem? Tenho. Eu tenho sotaque de onde eu vim. Quando eu tô lá dizem que eu tenho sotaque daqui; meus amigos, minha família de lá dizem isso. Tenho, tenho sotaque. Inocente aquele que pensa que não tem.

I7 (65.2%) – Paulista.

9. O que você acha do seu sotaque?

I1 (51%) – Eu acho ele representativo, tanto culturalmente, quanto historicamente e geograficamente. Inclusive tem até uma referência de Gilberto Freyre, [...] que ele fala um pouco justamente desses dialetos, desses vocábulos que a gente utiliza e que representam a nossa cultura. Inclusive chamar de “o Recife”, como se Recife fosse uma entidade.

I2 (32.4%) – Acho lindo, maravilhoso (risos)! Eu acho o máximo! É raiz, não tem por que mudar não. É minha origem e vou levar onde for. Se eu negar meu sotaque eu tô me negando, tô negando minhas raízes.

I3 (40.5%) – Também gosto. Acho... tô de boa (risos). Acho bonito e é isso. [...] Não sei, o tipo de pessoa que é muito orgulhosa das minhas origens, raízes, enfim. Então, eu realmente valorizo e acho que é isso que com certeza me deixa de boa, de achar bonito e achar okay.

I4 (28.3%) – Acho... que ele é o meu sotaque. Essa pergunta é muito difícil. Tem uma coisa que eu já pensei a respeito dele... acho que a gente até conversou, assim. Não é exatamente o sotaque, mas às vezes eu acho que ele passa uma impressão um pouco desleixada ou mais suja, assim, eu falo muito palavrão – até que eu tenho me policiado na história dos palavrões – muita gíria, assim. Isso não era muito adequado, por exemplo, numa fala de autoridade ou uma pessoa formal. Ele é bem informal. Nesse sentido talvez ele passe uma impressão meio negativa, né?

I5 (5.3%) – Eu acho okay. Eu acho que mostra que eu cresci lá e eu gosto de ter crescido lá, então tudo bem, sabe?

I6 (44.6%) – Normal, natural, qualquer coisa.

I7 (65.2%) – Eu gosto. Eu gosto do meu sotaque. Só o “r” que me incomoda, assim, eu falando. Só em algumas frases, pra mim. Em algumas palavras como “po[ɾ]ta”. Eu acho feio esse “r” de “po[ɾ]ta”... eu falando, agora, eu escutando, não.

10. Quando compara a fala (modo de falar) das pessoas de sua terra, com a fala das pessoas da PB, você pode dizer que aqui as pessoas falam: a) depressa; b) muito depressa; c) devagar; d) arrastado.

I1 (51%) – Tá vendo como sou acelerada? Eu já respondi as questões antes de tu perguntar (risos). Arrastado, mas nem tanto. É... devagar. Acho que devagar; também não é tão arrastado quanto um baiano não.

I2 (32.4%) – Rapaz, é como eu disse a tu, eu não reparo muito isso. Os outros que reparam em mim. Mas eu acho que... depressa. O que eu percebo aqui é uma forma mais agressiva. É uma forma mais bruta de falar com o outro. Eu percebo isso aqui. Principalmente no estabelecimento de comércio, sabe? Mas com relação ao sotaque... é... acho que um pouco ligeiro.

I3 (40.5%) – Falam um pouco depressa. Acho que um pouco rápido pra normal. Porque assim, eu também acho que, na verdade assim, o povo de Recife fala um pouco arrastado, meio que mastigando a palavra. E aqui eu acho que é meio que um pouquinho mais rápido, meio que uma coisa que parece como se tivesse um raciocínio muito rápido que a boca não conseguisse acompanhar, sabe? Tipo, tenho muitas coisas a falar. Mas, não é nada que seja fora de compreensão, é um pouco mais rápido.

I4 (28.3%) – Eu acho que elas falam depressa. [Isso já] gerou problema de entendimento. Hoje gera menos.

I5 (5.3%) – Nossa, muito mais rápido! Muito mais rápido! Tipo, várias vezes eu ficava assistindo, assim, e eu não entendi nada. Eu me sentia uma estrangeira mesmo, assim, sabe, você não entende bulhufas. Então (risos), isso era algo realmente marcante pra mim.

I6 (44.6%) – Eu nunca comparei nesses termos. O pessoal aqui fala mais devagar. Eu não acho arrastado, mas é mais devagar em comparação com o pessoal de lá de São Paulo.

E – Pra você, isso gera alguma dificuldade de compreensão?

I6 – Nenhuma. Mas no ano que me mudei pra cá me gerava uma certa ansiedade por estar acostumado com um dinamismo maior, com a agilidade na fala maior. Isso reflete outras coisas também, né? Aí eu ficava agoniado se eu fosse pedir informação, se eu fosse perguntasse alguma coisa, até chegar onde eu queria. [...] Não me lembro quando exatamente isso sumiu – essa angústia, essa aflição – porque faz muito, muito tempo. Quando eu cheguei era muito frequente.

I7 (65.2%) – Muito depressa. Muito depressa.

11. Você gostaria de falar como os pessoenses ou paraibanos? Por quê?

I1 (51%) – Não. Quer dizer, a única coisa que eu queria era justamente a velocidade. Não tão devagar não, tá? Mas um mediano, um equilíbrio (risos). Mas não... justamente porque eu gosto de me sentir representando o lugar de onde eu vim.

I2 (32.4%) – É como eu disse, eu não gostaria de mudar o meu sotaque, mas às vezes na convivência, sem você perceber, você acaba entrando em outra linguagem que é a deles. Eu não me importo, porque querendo ou não eu já me sinto também um pouco paraibana. Eu gosto demais daqui (risos).

I3 (40.5%) – Hm, é como eu falei, eu sinto que eu neutralizei. Eu nem falo muito mastigado nem falo muito rápido. Eu acho que eu tô no meio, né? Então eu acho, da mesma forma que eu dou valor à minha forma de falar, meu sotaque, enfim, também dou o maior valor à forma de falar daqui de algumas pessoas. Acaba que João Pessoa tá virando uma cidade bem mista, às vezes você não consegue nem talvez identificar quem é realmente de João Pessoa, então acaba que a gente perde um pouco da referência. Quem é de João Pessoa e que sempre falou assim mais agoniado.

E – Apenas reforçando a pergunta inicial para deixar a resposta mais clara e objetiva, você gostaria de falar igual aos pessoenses ou paraibanos? Por quê?

I3 – Certo. Não, por conta de toda essa minha fala de realmente me identificar e valorizar muito minha forma de falar, meu sotaque, minha origem. E eu acho que o porquê é justamente isso, né? Porque eu me identifico de onde eu venho e da forma que eu falo então não acho que tem como “ah eu gostaria de falar assim”, até porque pra mim, eu

sinceramente não vejo tanta diferença; não é como se fosse um sotaque de São Paulo em que eu ia começar a falar muito diferente.

I4 (28.3%) – Eu acho que seria uma coisa até meio babaca da minha parte ter a pretensão de imitar ou adquirir... acho que adquirir até talvez seja um processo natural se eu passar vinte, trinta anos aqui. Neste momento acho que seria uma coisa meio babaca da minha parte tentar performar e falar de uma forma que não é natural só pra parecer daqui; eu nunca vou ser daqui – eu posso parecer daqui. Então, gostaria de falar como uma pessoa daqui? Até gostaria, assim, acho que a minha vida seria mais fácil, chamaria menos atenção, passaria mais despercebida, agora, farei algum movimento no sentido de? Acho que não, porque na minha cabeça não faz sentido. [...] Eu acho que algumas pessoas têm uma preocupação de manter o sotaque como forma de resistência mesmo. “Não, eu sou de lá, eu vou manter o meu sotaque”. Não é uma coisa que é relevante pra mim. Não acho que eu preciso preservar minha paulistanidade aqui. Mas também acho que seria cafona da minha parte ficar imitando a forma do paraibano falar só pra parecer daqui.

I5 (5.3%) – É, eu acho que seria legal aprender, assim. Porque eu acho que é um dialeto novo pra mim. E eu acho que realmente é quase como se fosse uma língua diferente. [...] Eu tentei aprender, mas eu achei muito difícil. Então eu falei, “ah tá, deixa pra lá”. Quando eu tentava às vezes eu gaguejava porque é muito rápido, mas só isso assim, mas as palavras soltas, eu achava, como falei, mais confortável de falar.

I6 (44.6%) – Não é exatamente um desejo nem algo que eu ambicione, que eu queira e que eu me esforce pra acontecer, mas eu gostaria sim, porque eu gosto daqui... bastante, e eu acho que ia fazer com que eu fosse visto de uma maneira mais igual pelos outros daqui. Como eu te falei, eu abro a boca, quase sempre notam que eu sou de outro lugar. Sei lá, eu tô aqui há tanto tempo, partilho tanta coisa. Seria bacana.

I7 (65.2%) – Não. Cada pessoa tem sua individualidade e eu acho necessário preservar a individualidade. Já pensou se fôssemos todos iguais, o quão chato seria? E por mais que meu sotaque seja paulista, eu não falo igual a todos os paulistas. Cada paulista fala de uma forma, entendeu? O sotaque é parecido, é igual, mas a forma de falar é diferente. Cada pessoa tem uma forma e isso vem da formação de tudo, do convívio com as pessoas, das coisas que lê. Isso tudo me formou, né? Assim como formou você.

12. Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos? Acredita que sua fala já mudou? Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?

I1 (51%) – Rapaz, eu moro aqui desde 2017, na Paraíba. E eu não modifiquei... só alguns termos que eu utilizo, mas em relação ao sotaque em si, não mudei. Já o meu esposo ele mudou, aí, enfim... vai de cada pessoa, né? Acho que porque conscientemente eu já deixo fixado... não fixado, mas enraizado, meu sotaque. Eu faço questão de não perder. Acho que é isso que faz a diferença. / Não. Só alguns termos, mas em relação ao sotaque, não. / Sim. Através de alguns vocábulos, né? Só alguns termos que eu utilizo.

I2 (32.4%) – Falando totalmente não, mas a gente adquire alguns costumes, incluindo esse, né, linguístico. Às vezes é algo natural, né? Não é algo que você force, que você tente. É vivência... / Eu acredito. Assim, eu não percebo, mas eu acredito que tenha mudado um pouco, não muito... / Como eu te disse, algumas pessoas lá já falaram, em Pernambuco, “eita, já tá começando a falar feito um paraibano”, do mesmo jeito que eles aqui reconhecem que sou de Pernambuco. Então, ou seja... mudou.

I3 (40.5%) – Considerando que talvez, eu não passando [no concurso] eu vou continuar em João Pessoa e vou seguir aqui e enfim. Eu tenho minha casa aqui e é isso, boto meus planos pra Recife no futuro. Acredito que com o passar do tempo não vá... eu acho que não, assim, eu acho que cheguei em um estágio que eu tô neutralizada e como Recife é muito perto e eu tenho convivência com família, com tudo, então, não é uma coisa que eu me isolasse completamente e passasse a conviver só com pessoas daqui e acabasse pegando o hábito e sotaque e tal. / É, acho que um pouco. Neutralizou alguma forma de falar. A forma de falar mastigada, mais lenta, do recifense, mas é isso, eu acho que tô meio

lá meio cá na forma de falar, talvez. / Não. Ninguém nunca comentou nada, realmente. Nunca ninguém falou assim de achar diferente, não.

14 (28.3%) – Eu acho que com o passar dos anos eu vou adquirir mais coisas. Mais palavras, mais expressões, talvez um pouco mais do ritmo ta fala ou do sotaque. Agora, eu não sei se é possível eu perder cem por cento do meu sotaque. Acho que há uma tendência de [mudar], mas ser cem por cento... [não]. / Acredito. Algumas coisas. Eu acho que sotaque e ritmo não, mas palavras – adquirir expressões. Algumas coisas sintáticas também; a negativa, por exemplo, a gente usa “não vou” e aqui vocês usam “vou não” e eu me percebo muitas vezes falando “vou não”, “quero não”, e essa é uma que peguei muito, assim, então uso muito essa. E é natural [...] / Algumas coisas. Os meus pais principalmente, com quem eu mais converso, já comentaram algumas coisas.

15 (5.3%) – Ah, eu acho que não. Quando eu mudei eu absorvi bastante o sotaque e eu percebi uma aceitação externa, mas depois eu decidi falar do jeito que eu falo mesmo e ser do jeito que eu sou, mesmo sendo mais introvertida, mesmo sendo mais quieta, sabe? E aí, tipo, eu acho que não. Eu me aterei às minhas raízes, digamos assim. Mas as palavras eu absorveria com certeza. As palavras, os provérbios, tem uns provérbios muito legais. Essas coisas com certeza. Talvez, depois de dez ou quinze anos, numa distância bem maior... eu acho que eu conseguiria entrar numa conversa dessas que ficam falando rápido, mas eu acho que eu falaria do meu jeito, só que rápido, seria uma coisa meio assim. / Não, acho que não. Acho que só acrescentou vocabulário mesmo. / Ah, sim. No começo foi muito impactante pra minha família, né, mas depois eles só perceberam [...] às vezes eu falo “pronto”, eu continuo falando assim, às vezes eu falo “certo”. Algumas pessoas já falam que eu comecei a falar isso, mas eu não tinha percebido. Não sabia que isso era algo daí.

16 (44.6%) – Não, não acredito. Eu acho que é possível que eu absorva mais coisas e que meu sotaque enfraqueça, como já enfraqueceu nesses anos que eu estou aqui – eu acho que é possível. Mas, falar como alguém nativo daqui eu não acho que é possível não, porque a língua que eu aprendi não foi a língua daqui. E eu acho que a gente carrega isso [...], e além disso as pessoas com quem eu tenho contato todo dia, que são pessoas da minha família, me lembram... me fazem, talvez inconscientemente, falar como eles falam. E com os meus amigos eventualmente também; é que com eles eu não falo todo dia. / Já. Já mudou um bocado. Como eu te falei anteriormente, tem a questão do “i”, que em algumas palavras sai diferente; tem algumas vogais abertas que ficam mais abertas do que era; tem umas coisas que eu não percebo e não sei descrever por que fonética não era o meu forte e que quando eu tô em São Paulo, meus amigos ou alguém, da minha família fica repetindo a palavra ou apontando que tá engraçado – que eu nem acho que esteja – então sei que mudou. Sei que mudou, e também se não soubesse eles me lembrariam. / Já. Minha tia, irmã mais nova da minha mãe, [...] me chamava de paraibinha quando eu tava lá, [...] mas não era de um jeito não, era paraibinha falando que eu tinha me convertido, mudado – que agora eu não era mais paulistano como eles.

17 (65.2%) – Não, porque eu vou pro Rio, né? [Se eu não fosse]... acho que não, acho que não. Assim, algumas gírias daqui eu já tô pegando: “visse”, “oxente”, mas falar igual paraibano acho que não. [...] a gente acaba pegando algumas gírias, né, principalmente aquelas mais repetidas, mas como eu ainda tenho muito contato com o pessoal de São Paulo, né – minha família por parte de pai e eu ainda tenho amigos lá – então eu acho que não. / Acredito. Vocabulário, né? Mais uma vez, essa questão de gírias daqui, de outras formas de falarem que vai adicionando. / Já, já. Meus avós, meu primo, meu melhor amigo lá. “Eita, tu tá virando paraibana, né?”; aí eu “vem pra cá escutar!”. Mas é porque é diferente da forma que eu falava, né? Quem tá de fora, e ainda mais quem fica um tempinho sem se falar... nitidamente, né? Percebe logo.

Comentários:

14: Eu tenho um comentário que eu percebi nessa viagem. Quando eu morava em São Paulo e convivia muito pouco com nordestinos, e eu acho que é uma coisa muito de São Paulo, a gente imagina que exista um sotaque nordestino – uma fala, uma forma de falar nordestina – que é uma bizarrice, porque são vários estados, várias cidades, várias formas. Acho que mesmo dentro da Paraíba existem muitas formas de falar. Mas acho que era também um pouco de falta de treino do meu ouvido, né? E aí, nesses três anos aqui eu tive muito pouco contato com outros nordestinos. Eu saí muito pouco da Paraíba nesses três anos que eu tô aqui e dentro do Nordeste mesmo, não me lembro de ter saído a não ser pra

Pipa (RN) ou pra Recife (PE). E aí, indo pra a Bahia eu percebi o quanto é diferente. É muito diferente. É gritantemente diferente. Em Salvador é muito diferente [...].

ANEXOS

